

**Universidade de São Paulo**  
**Museu de Arqueologia e Etnologia**  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

**PAISAGENS DO PODER NA CIDADELA  
MICÊNICA DE MIDEA (1310 A.C. - 1190 A.C.):  
CAMINHOS, VISIBILIDADE ARQUITETÔNICA  
E ALINHAMENTOS CELESTES**

Midea. Fonte: Vassanakis-Mitos (2017)

**Gustavo Jorge Peloso Peixoto**

Orientadora:  
**Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari**  
Linha de pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo - 2022

labeca



GUSTAVO JORGE PELOSO PEIXOTO

**Paisagens do poder na cidadela micênica de Midea (1310 a.C.-1190 a.C.): caminhos,  
visibilidade arquitetônica e alinhamentos celestes**

**Versão Original**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Nicolau Kormikiari

Linha de pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Peixoto, Gustavo Jorge Peloso  
Paisagens do poder na cidadela micênica de Midea  
(1310 a.C.-1190 a.C.): caminhos, visibilidade  
arquitetônica e alinhamentos celestes / Gustavo  
Jorge Peloso Peixoto; orientadora Maria Cristina  
Nicolau Kormikiari. -- São Paulo, 2022.  
319 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e  
Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Midea. 2. Micenas. 3. Tirinto. 4. Micênicos.  
5. Arqueologia da Paisagem. I. Kormikiari, Maria  
Cristina Nicolau, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:  
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: PEIXOTO, Gustavo Jorge Peloso

Título: Paisagens do poder na cidadela micênica de Midea (1310 a.C.-1190 a.C.): caminhos, visibilidade arquitetônica e alinhamentos celestes

Dissertação apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

*À minha esposa Lilian e nosso pequeno Daniel.*

*Em uma manhã meu filho Daniel de 3 anos  
olhou para um livro com a figura do palácio de  
Tirinto e me perguntou:*

*- Pai, o que é isso?*

*- Filho, é o sítio que o papai estuda.*

*Daniel:*

*- Parece um labirinto.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a Jesus e a Nossa Senhora, pelas bênçãos recebidas em minha vida e por possibilitarem a realização desse trabalho.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos, minha orientadora, pelo constante auxílio, pelas conversas e discussões e pelos ensinamentos ao longo do mestrado. Agradeço pela viabilização desse projeto e por me ajudar a manter o foco sempre no essencial da pesquisa.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elaine Farias Veloso Hirata, pelos ensinamentos e pelo apoio em diversos momentos de minha vida acadêmica. Agradeço por me possibilitar atuar como estagiário no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA) e no projeto de estatuetas de terracota do Museu de Arqueologia e Etnologia. Essas experiências marcaram profundamente minha trajetória.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Borba Florenzano, pelo acolhimento junto ao LABECA e pelas inúmeras ocasiões de aprendizado.

Ao Prof. Dr. Francisco William da Cruz Junior, professor do Instituto de Geociências, pela abertura para diálogos e colaborações e os inúmeros ensinamentos.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Katie Demakopoulou, pela disponibilidade e a concessão de informações inéditas sobre o sítio arqueológico de Midea.

Aos membros, alunos e pesquisadores que conheci no LABECA, Ana Paula Moreli Tauhyl, Estevam de Argos, Rodrigo de Lima, Viviane Lo Mônaco, Claudio Duarte, Lilian Laky, Scheila Rotondaro Koch, Christiane Custodio, Danilo Tabone (*in memoriam*), Marcos Vanin, Juliana da Hora, Isabel Catânio, Vinícius Dian Martin, Felipe Perissato e Guilherme Rodrigues.

Aos membros e alunos do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP) e do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo.

Aos pesquisadores Marcos Davi Duarte Cunha e José Leandro Campos pelas discussões e aprendizados nos campos da arqueoastronomia e do paleoclima.

Aos docentes e funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e da seção de Pós-Graduação do MAE pelo constante auxílio. Aos funcionários da biblioteca do MAE, Eleuza Gouveia, Alberto Bezerra, Hélio Miranda e Marta pela ajuda e conversas ao longo da minha vida acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro que possibilitou a realização da pesquisa.

Aos meus amigos Vera Souza, Marcos Magri e Tatiane de Souza pela força constante nos momentos mais adversos.

À minha amada família, fonte de força e inspiração, à minha esposa Lilian Gobby Amstalden Peixoto, meu filho Daniel Amstalden Peixoto, meus pais Gildo Jorge Peixoto e Sandra Regina Peloso Peixoto, minha irmã Tamires Peloso Peixoto, minha amada avó Rachel Helena Violante Peloso, meus sogros Maria de Fátima Gobby Amstalden e Walter Luis Amstalden, meus cunhados Livia Gobby Amstalden Mendes, Ricardo Mendes e Lucila Gobby Amstalden Lussier e minhas sobrinhas Melissa Mendes, Maya Latif, Júlia Amstalden Lussier e Letícia Amstalden Lussier.

## RESUMO

PEIXOTO, Gustavo Jorge Peloso. **Paisagens do poder na cidadela micênica de Midea (1310 a.C.-1190 a.C.):** caminhos, visibilidade arquitetônica e alinhamentos celestes. 2022. 319 f. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A dissertação investiga a ideologia das elites presente no ambiente construído das cidadelas micênicas. Realizamos um estudo de caso sobre a cidadela micênica de Midea na Argólida. Em Midea analisamos as técnicas de construção (alvenaria ciclópica), os caminhos internos, a visibilidade (*viewshed analysis*) ao longo desses caminhos, identificando os edifícios que se destacam na paisagem, e a orientação de edifícios e muralhas e sua relação com eventos astronômicos. Em seguida, comparamos os dados obtidos em Midea com o de outras cidadelas micênicas na Argólida, no caso Micenas e Tirinto. Ao longo das análises notamos que os edifícios de armazenamento se encontram nas proximidades das portas e que há caminhos preferenciais para os palácios, onde há um acúmulo de pontos de controle de fluxo e elementos simbólicos ligados à religião e aos antepassados. No caso de Midea e Micenas constatamos que o traçado das muralhas obedece a eventos lunares e solares, servindo como marcadores na paisagem para esses fenômenos. Portanto, as cidadelas micênicas não possuíam apenas a função militar de defesa, mas estavam integradas a uma paisagem sagrada, sendo possivelmente utilizadas como pontos de observação astronômica e áreas de culto. Além disso, constatamos que o Santuário de Midea e os palácios de Micenas e Tirinto possuem um alinhamento com o Cinturão de Órion.

Palavras-chave: Midea. Micenas. Tirinto. Micênicos. Argólida. Muralhas. Alvenaria Ciclópica. Arqueologia da Paisagem. SIG. Arqueoastronomia. Idade do Bronze. Paralisação Lunar. Solstício



## ABSTRACT

PEIXOTO, Gustavo Jorge Peloso. **Landscapes of power in the Mycenaean citadel of Midea (1310 BCE-1190 BCE):** paths, architectural visibility, and celestial alignments. 2022. 319 f. Master Thesis in Archaeology. – Museu de Arqueologia e Etnologia, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This Master thesis investigates the elite ideology present in the built environment of Mycenaean citadels. We conduct a case study on the Mycenaean citadel of Midea in Argolida. In Midea, we analyze techniques of construction (Cyclopean masonry), internal paths, visibility (viewshed analysis) along these paths, identifying buildings that stand out in the landscape, and the relationship between the orientation of buildings and astronomical events. Then, we compare the data obtained at Midea with the Mycenaean citadels of Mycenae and Tiryns. Throughout the analyses, we noticed that storage buildings are next to the gates and preferential paths to the palaces have an accumulation of flow control points and symbolic elements linked to religion and ancestors. In the case of Midea and Mycenae, we find that the layout of the walls follows lunar and solar events, thus, serving as markers in the landscape for these phenomena. Therefore, Mycenaean citadels do not have only military usage but were integrated into a sacred landscape, possibly used as astronomical observation points and worship areas. Furthermore, we discovered that the Sanctuary of Midea and the palaces of Mycenae and Tiryns are aligned with Orion's Belt.

Keywords: Midea. Mycenae. Tiryns. Mycenaean. Argolida. Walls. Cyclopean masonry. Landscape archaeology. GIS. Archaeoastronomy. Late Bronze Age. Lunar standstill. Solstice. Orion's Belt.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo da Cidade-Templo. ....	27
Figura 2 – Tipos de fundações .....	35
Figura 3 – Tipos de muros .....	36
Figura 4 – Tipos de arcos corbelados micênicos .....	38
Figura 5 – Convenção utilizada para a coleta de azimutes .....	44
Figura 6 – Solstícios e Equinócios ao longo do ano.....	46
Figura 7 – Posições do Sol a partir de um ponto no Hemisfério Norte.....	47
Figura 8 – Planta do templo solar em Malta .....	48
Figura 9 – Templo de Malta iluminado pelo Solstício de Verão .....	48
Figura 10 – Fases da Lua .....	49
Figura 11 – Paralisações lunares .....	50
Figura 12 – Comparação entre as pinturas de <i>Lascaux</i> e a constelação de touro .....	52
Figura 13 – Tipos de Portas .....	56
Figura 14 – Poterna da extensão Nordeste de Micenas .....	57
Figura 15 – Exemplo de quatro baluartes no Castillo de San Marcos na Florida. ....	58
Figura 16 – Baluartes em Micenas e Midea.....	59
Figura 17 – Torres e baluartes de Tirinto .....	60
Figura 18 – Centro de Culto em Micenas .....	65
Figura 19 – Modelo de identificação de oficinas de Tournavitou .....	66
Figura 20 – Planta dos mégara de Micenas, Tirinto e Pilos .....	68
Figura 21 – <i>Building T</i> de Tirinto.....	69
Figura 22 – Impressão de selo CMS VS3 237 .....	70
Figura 23 – Visibilidade entre sítios na Argólida (1300 a.C.-1200 a.C.).....	75
Figura 24 – Fotografia aérea de Midea.....	77
Figura 25 – Planta de Midea .....	78
Figura 26 – “Terraço sacrificial” .....	79
Figura 27 – Planta das Trincheiras A e Aa .....	79
Figura 28 – Conta de vidro egípcia localizada na Trincheira Aa.....	80
Figura 29 – Mapa dos edifícios e trincheiras nas proximidades da Porta Leste .....	81
Figura 30 – Placa de ouro com o motivo de argonautas ( <i>Room 6</i> ) .....	82
Figura 31 - Placa de vidro com figuras antropomórficas (Trincheira 12) .....	82
Figura 32 – Planta do Complexo de construções da Porta Oeste.....	84

Figura 33 – Impressão de selo com o ideograma (GRA), selo com representação de minotauro e selo com representação humana rodeada de serpentes. ....	85
Figura 34 – Estatueta feminina (Phi) e jarro com alça em estribo com a inscrição wi-na-jo. ...	86
Figura 35 – Construções do Terraço Sudoeste.....	87
Figura 36 – Planta do Santuário .....	88
Figura 37 – Detalhes do jarro com alça em estribo MidW 20 visto de cima.....	89
Figura 38 – Planta do Complexo do mégaron.....	90
Figura 39 – Pomos de espada em <i>lapis lacedaemonius</i> (esquerda) e alabastro (direita) .....	91
Figura 40 – Mapa do Instituto Sueco em Atenas com a indicação do palácio na Acrópole Baixa.....	94
Figura 41 – Planta de Midea com a localização das impressões de selos .....	98
Figura 42 – Impressões de selos encontrados em Midea.....	99
Figura 43 – Três áreas de fiação e tecelagem próximos da Porta Leste.....	103
Figura 44 – Resultado do <i>scanner</i> na área da Porta Leste.....	109
Figura 45 – Modelo de estradas na Argólida .....	112
Figura 46 – Planta com a rua micênica e ruas contemporâneas em Midea. ....	114
Figura 47 – Planta do trecho visível da rua micênica em Midea .....	115
Figura 48 - Planta da Porta Oeste.....	116
Figura 49 – Planta da Porta Leste.....	117
Figura 50 – Fotografias das portas de Midea.....	118
Figura 51 – Mapa com ruas escavadas ou visíveis.....	119
Figura 52 – Rotas em direção ao Complexo do mégaron.....	120
Figura 53 – Perfil de elevação até a Porta Norte.....	121
Figura 54 – Edifícios na entrada do Complexo do mégaron .....	122
Figura 55 –Altar semicircular ( <i>Room XX</i> ) e cabeça de serpente ( <i>Room XVIII</i> ).....	123
Figura 56 – Perfil de Elevação da área externa à Rota 2.....	124
Figura 57 – Planta da Trincheira 11 .....	124
Figura 58 – Relevo em marfim encontrado na Trincheira 11 .....	125
Figura 59 – Santuário (Rota 2).....	125
Figura 60 – Mesa de oferenda em terracota ( <i>Room VIII</i> ).....	126
Figura 61 – Caminho de entrada do Complexo do mégaron .....	127
Figura 62 – Declividade do acesso à Porta Oeste .....	128
Figura 63 – Construções no Terraço Sudoeste.....	129
Figura 64 – Relação entre comprimento do trajeto e o destino .....	130

Figura 65 – Relação entre elevação média de um caminho e o seu comprimento.....	132
Figura 66 – Análise dos vizinhos próximos.....	133
Figura 67 – Análise dos vizinhos distantes.....	133
Figura 68 – Comparação entre o <i>viewshed</i> e o <i>Street View</i> .....	135
Figura 69 – Visibilidade a partir da Protusão Oeste.....	136
Figura 70 – Visibilidade da Rota 1.....	138
Figura 72 – Visibilidade na Rota 2.....	140
Figura 71 – Fotografia da estrutura na Trincheira L (Acrópole Alta).....	142
Figura 73 – Visibilidade na Rota 3.....	143
Figura 74 – Visibilidade da Rota 4.....	145
Figura 75 – Densidade <i>Kernel</i> dos azimutes encontrados.....	147
Figura 76 – Lua Gibosa no Lunistício Maior a partir da Protusão Leste.....	150
Figura 77 – Eventos lunares na Protusão Leste.....	151
Figura 78 – Lunistício menor na Protusão Leste.....	152
Figura 79 – Eventos astronômicos na Protusão Oeste.....	153
Figura 80 – Vistas da Protusão Oeste.....	154
Figura 81 – Fogo central elíptico do <i>Room XXXII</i> .....	155
Figura 82 – Vista do Cinturão de Órion a partir do Santuário.....	156
Figura 83 – Pôr do sol no Equinócio a partir do Complexo do mégaron.....	157
Figura 84 – Orientações de edifícios na Acrópole Alta.....	158
Figura 85 – Eventos astronômicos em edifícios da Acrópole Alta.....	159
Figura 86 – Alinhamentos celestes no Terraço Sudoeste.....	160
Figura 87 – Alinhamento do <i>Room IX</i> com Vênus e a Paralisação Lunar (Terraço Sudoeste) .....	162
Figura 88 – Alinhamentos do <i>Room XII</i> (Sírius).....	163
Figura 89 – Porta Interna na Paralisação Lunar Maior.....	164
Figura 90 – Vista das Constelações na Porta Norte.....	164
Figura 91 – Alinhamento do <i>Room 8</i> com Vênus.....	165
Figura 92 – Alinhamentos no Complexo de Construções.....	167
Figura 93 – Alinhamento do <i>Room VIII</i> com o Equinócio.....	168
Figura 94 – Tipos de muros identificados por Heinrich Schliemann.....	169
Figura 95 – Muro de Tirinto com blocos retangulares.....	170
Figura 96 – Porta Oeste de Tirinto (Entrada Simples). .....	172
Figura 97 – Grande Porta de Tirinto.....	173

Figura 98 – Entrada principal em Tirinto (Entrada em L).....	174
Figura 99 – Vista externa do baluarte na Porta Oeste de Midea.....	175
Figura 100 – Trajetos na cidadela de Micenas.....	176
Figura 101 – Reconstituição do Círculo Tumular A.....	177
Figura 102 – Planta do palácio de Micenas.....	178
Figura 103 – Mapa dos trajetos em Tirinto.....	179
Figura 104 – Caminho de acesso ao palácio de Tirinto.....	180
Figura 105– mégaron no Centro de Culto (Micenas).....	182
Figura 106 – Alinhamentos da Porta dos Leões.....	184
Figura 107 – Alinhamento da estrutura semi-circular com o Pólo Celeste.....	185
Figura 108 – Alinhamento da <i>House of Tsountas</i> no Centro de Culto.....	185
Figura 109 – Alinhamento do Quarto com os Afrescos no Centro de Culto.....	186
Figura 110 – Reconstituição das representações nas paredes da <i>House with Frescoes</i> . .....	187
Figura 111 – Detalhe da figura feminina com os ramos de trigo.....	188
Figura 112 – Alinhamento do Templo Gamma no Centro de Culto.....	188
Figura 113 – Alinhamento do mégaron de Micenas.....	189
Figura 114 – Alinhamento do mégaron e do Grande Propileu de Tirinto.....	190
Figura 115 – Alinhamento do <i>Room 110</i> e do <i>Room VI</i> em Tirinto.....	191

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronologia baseada em tipos cerâmicos .....	20
Tabela 2 - Cronologia relativa do período Heládico na Grécia Continental .....	76
Tabela 3 - Campanhas arqueológicas e locais explorados em Midea .....	92
Tabela 4 - Alinhamentos de maior frequência no sítio.....	148
Tabela 5 - Comparação entre elementos do circuito murado .....	171

## ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Archäologischer Anzeiger.
Aegaeum	Aegaeum: Annales d'archéologie égéenne de l'Université de Liège.
AJA	American Journal of Archaeology.
Archaeology	Archaeology Magazine. Archaeological Institute of America.
ArchDelt	Archaeologikon Deltion.
AR	Archaeological Reports (Suplemento do JHS).
BAR	British Archaeological Reports International Series.
BCH	Bulletin de Correspondance Hellénique.
BICS	Bulletin of the Institute of Classical Studies.
BSA	The Annual of the British School of Athens.
Hesperia	The Journal of the American School of Classical Studies at Athens.
JHS	Journal of Hellenic Studies.
OJA	Oxford Journal of Archaeology.
OpAth	Opuscula Atheniensa.
OpAthRom	Opuscula: Annual of the Swedish Institutes at Athens and Rome.
RA	Revue Archéologique.
SIMA	Studies in Mediterranean Archaeology.
WorldArch	World Archaeology.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1: OS PALÁCIOS E A ALVENARIA CICLÓPICA .....</b>	<b>22</b>
1.1 O PALÁCIO MICÊNICO.....	22
1.1.1 <i>Palácio: definição e origem do termo</i> .....	22
1.1.2 <i>O sistema palacial: origem e limitações do conceito</i> .....	24
1.2 ALVENARIA CICLÓPICA.....	32
1.2.1 <i>Muralhas Ciclopicas e a tradição Literária</i> .....	33
1.2.2 <i>Técnicas Construtivas</i> .....	34
<b>CAPÍTULO 2: MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>40</b>
2.1 FERRAMENTAS PARA A ANÁLISE ESPACIAL.....	40
2.2 ANÁLISE ARQUEOASTRONÔMICA .....	43
2.2.1 <i>Metodologia</i> .....	43
2.2.2 <i>Ciclos solares</i> .....	45
2.2.3 <i>Ciclos lunares</i> .....	49
2.2.4 <i>Outros fenômenos celestes e fontes literárias</i> .....	51
2.3 ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS.....	53
2.3.1 <i>Estruturas no Circuito Murado</i> .....	55
2.3.2 <i>Estruturas no interior da cidadela</i> .....	62
2.3.3 <i>Discussão sobre o conceito de mégaron</i> .....	67
<b>CAPÍTULO 3: MIDEA .....</b>	<b>75</b>
3.1 ÁREAS ESCAVADAS NO SÍTIO.....	77
3.1.1 <i>“Área do Palácio” e “Terraço Sacrificial”</i> .....	77
3.1.2 <i>Construções na Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa)</i> .....	79
3.1.3 <i>Complexo de Quartos</i> .....	80
3.1.4 <i>Complexo de Construções</i> .....	83
3.1.5 <i>Construções no Terraço Sudoeste</i> .....	86
3.1.6 <i>Santuário (Área de culto)</i> .....	88
3.1.7 <i>Complexo do mégaron</i> .....	90
3.2 HISTÓRICO DE ESCAVAÇÕES.....	91
3.3 ESTUDOS TEMÁTICOS.....	97
3.3.1 <i>Selos e impressões de selos</i> .....	97
3.3.2 <i>Análise cerâmica</i> .....	100
3.3.3 <i>Têxteis</i> .....	100
3.3.4 <i>Alimentação</i> .....	105
3.3.5 <i>Efeitos de terremotos na cidadela</i> .....	107
<b>CAPÍTULO 4: PAISAGEM DO PODER EM MIDEA .....</b>	<b>112</b>
4.1 TRAJETOS .....	112
4.1.1 <i>Estradas e ruas micênicas</i> .....	112
4.1.2 <i>Portas de Midea</i> .....	115
4.1.3 <i>Rotas para o mégaron</i> .....	119
4.1.4 <i>Rotas em outras direções</i> .....	130
4.2 VISIBILIDADE DAS ROTAS EM MIDEA.....	134
4.2.1 <i>Considerações iniciais</i> .....	134
4.2.2 <i>Visibilidade na Rota 1</i> .....	137
4.2.3 <i>Visibilidade na Rota 2</i> .....	139



4.2.4	<i>Visibilidade na Rota 3</i>	142
4.2.5	<i>Visibilidade na Rota 4</i>	145
4.2.6	<i>Considerações sobre o Palácio</i>	146
4.3	PAISAGEM CELESTE EM MIDEA	147
4.3.1	<i>Protusão Leste</i>	149
4.4.2	<i>Protusão Oeste</i>	153
4.4.3	<i>Santuário</i>	155
4.4.4	<i>Complexo do mégaron</i>	157
4.4.5	<i>Construções e vestígios da Acrópole Alta</i>	157
4.4.6	<i>Construções no Terraço Sudoeste</i>	160
4.4.7	<i>Alinhamento das portas</i>	163
4.4.8	<i>Complexo de Quartos</i>	165
4.4.9	<i>Complexo de Construções</i>	166
4.4.10	<i>Considerações sobre os alinhamentos em Midea</i>	168
<b>CAPÍTULO 5: ESTUDO COMPARATIVO E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>		<b>169</b>
5.1	VIAS DE ACESSO	169
5.2	TRAJETOS EM MICENAS, MIDEA E TIRINTO	175
5.3	PAISAGEM CELESTE: ABORDAGEM COMPARATIVA	183
5.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
<b>REFERÊNCIAS</b>		<b>194</b>
FONTES TEXTUAIS		194
BIBLIOGRAFIA		194
SITES E BASES DE DADOS		205
<b>ANEXOS</b>		<b>209</b>
ANEXO I – ELEVAÇÃO E DISTÂNCIA DAS ROTAS		209
ANEXO II – CONTEÚDO DAS IMPRESSÕES DE SELOS EM MIDEA		210
ANEXO III – E-MAIL DA PROFA. DRA. KATIE DEMAKOPOULOU		211
ANEXO IV – BANCO DE DADOS		212
	<i>Portas</i>	213
	<i>Acrópole Alta (Trincheiras e edifícios)</i>	222
	<i>Área da Porta Leste</i>	229
	<i>Área da Porta Oeste</i>	245
	<i>Construções do Terraço Sudoeste</i>	268
	<i>Santuário</i>	293
	<i>Complexo do mégaron</i>	297
ANEXO V - AZIMUTES		315



## INTRODUÇÃO

A cultura micênica se desenvolveu em um espaço geográfico que compreende o Mar Egeu e suas margens entre uma janela cronológica ampla, que, em linhas gerais, se inicia em 1700 a.C. e tem um controverso declínio por volta de 1100 a.C. Os micênicos, também conhecidos como pré-gregos, habitam o imaginário popular como os povos retratados nos poemas épicos da *Ilíada* e da *Odisseia* por Homero.

No entanto, essa visão difundida dos micênicos é uma representação do passado criada pelos arqueólogos e classicistas do final do século XIX. O termo “micênico” é uma invenção moderna (CASTEDLEN, 2005, p. 1), uma denominação utilizada para classificar um povo e seus vestígios materiais que, em tese, compartilhariam determinadas características. Nesse sentido, “cultura micênica” abarcaria tudo aquilo produzido por esse “povo”, sobretudo a sua cultura material. Logo, “micênico” é um termo generalizante, que não abarca a variabilidade própria dos modos de vida no período (NAKASSIS, 2021, p. 21).

Micênico, deriva de Micenas, um dos principais sítios arqueológicos da Grécia Continental na Idade do Bronze<sup>1</sup>. O nome do sítio torna-se assim o nome de um povo inventado. Essa escolha é baseada na tradição épica, onde, na Guerra de Troia, aqueus<sup>2</sup>, dânaos e argivos eram lideradas por Agamemnon, rei de Micenas<sup>3</sup>.

Logo, a tradição épica datada possivelmente do século VIII a.C., passou a ser utilizada como base para explicar os vestígios arqueológicos encontrados na Idade do Bronze. O ciclo épico exerce ainda hoje um peso excessivo nos estudos do Egeu e na percepção que temos desse passado.

Por exemplo, no Museu de Atenas a máscara de ouro encontrada por Heinrich

---

<sup>1</sup> CHADWICK, John. **The Mycenaean World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976, p. 12. “Todo sul da Grécia, pelo menos tão a norte como a Beotia, e possivelmente incluindo Tessália, foi o lar de uma sociedade grega avançada, à qual nos qualificamos com o nome de micênica (*Mycenaean*) em razão de Micenas, o primeiro e mais importante local a ser minuciosamente escavado”. Tradução nossa.

No excerto Chadwick explica a origem do termo micênico, mas revela sua concepção de que eles seriam uma “sociedade grega avançada”, o que, de acordo com o autor é sustentado pelo argumento de que eles se comunicariam por meio de um dialeto grego. Nota-se que a escolha do nome para o “povo” deriva de uma convenção que é passível de crítica, pois não expressa o modo como os habitantes desse. O problema é que pela própria multiplicidade de organizações estatais no período não há um termo genérico adotado por essas culturas.

<sup>2</sup> Na *Ilíada* e na *Odisseia* parte dos guerreiros que vão para Troia são denominados de aqueus. Curiosamente há registros hititas da Idade do Bronze que se referem ao toponímio Ahhiyawa, que seria um reino localizado à oeste da Anatólia. Jorrit M. Kelder (2018, p.200) indica que há um consenso de que “o topônimo hitita Ahhiyawa deve referir-se a uma parte, ou partes, do mundo micênico. Várias localidades dentro do Egeu foram sugeridas como prováveis candidatas, das quais Micenas e Tebas destacam-se em termos de riqueza material, tamanho, e provas de contactos com o estrangeiro”. Kelder (2018, p. 204) indica que o único termo próximo à Ahhiyawa encontrado em Linear B refere-se ao tablete C914 de Cnossos, que menciona o local “a-ka-wi-ja-de” como “uma destinação para o envio de produtos” e que Ahhiyawa deveria estar no “Egeu e Grécia Continental”.

<sup>3</sup> Na tradição épica os aqueus e argivos seriam organizados em reinos que articulavam determinadas cidades. Não haveria um reino único, mas uma espécie de confederação enviada para enfrentar os troianos. O Catálogo das Naus no Canto II da *Ilíada* costuma ser utilizado para sustentar essa interpretação.

Schliemann no Círculo Tumular A, ainda é denominada de “máscara de Agamemnon”, assim como a tumba monumental encontrada nas proximidades de Micenas é chamada de “Tesouro de Atreu”, sem haver qualquer relação entre o personagem épico e o vestígio arqueológico. Afinal, vestígios materiais geralmente não vem com a etiqueta do dono.

Há, portanto, um peso interpretativo, herdado da tradição literária e da arqueologia histórico-cultural do século XIX e início do XX, sobre os vestígios que tratamos nesta dissertação. Essas tradições criaram a terminologia da disciplina e formas de periodização que privilegiam determinadas interpretações sobre os materiais arqueológicos.

Anteriormente mencionamos que a cultura micênica era pré-grega. Consideramos os micênicos como “pré-gregos”, pois eles utilizavam um dialeto do grego em seus textos, o chamado “grego micênico”.

Durante as escavações dos sítios de Pilos e Cnossos, os arqueólogos Carl Blegen e Arthur Evans, encontraram uma série de inscrições em tabletes de argila. Essa escrita possuía caracteres silábicos, ideogramas e números (CHADWICK, 1987, p. 22). Pelo fato de os caracteres estarem dispostos em linhas, e existir um tipo de escrita cretense de período anterior denominado de Linear A, essa escrita foi denominada de Linear B.

O Linear B, foi decifrado pelo arquiteto Michel Ventris em 1952. Para decifrá-lo Ventris comparou o Linear B com o Cipriota, outra escrita silábica, identificando inicialmente topônimos, nomes de locais, e padrões no final de palavras, indicando que os textos estavam em uma língua que possuía declinação, assim como o grego<sup>4</sup> (CHADWICK, 1987, 17-20).

Após a identificação de que a língua presente no Linear B tratava-se de uma forma de grego, o dialeto denominado “grego micênico”, os textos foram traduzidos e estudados, revelando aspectos de um mundo diverso daquele imaginado pelos classicistas. Ao invés de revelar conteúdos relacionados à tradição épica ou religiosa, os textos apresentavam listas com dados administrativos de entidades políticas.

No caso de Pilos, na Messênia, os textos revelaram que a entidade política, denominada de Pu-ro (Pilos), exercia o domínio de um território dividido em duas partes, “esta província” (*hither province*) e a “outra província” (*further province*), que exploravam recursos através de taxas cobradas em espécie (gado, lã e alimentos) ou na forma de trabalho (CHADWICK, 1976, p. 43 e 45).

A partir da tradução do Linear B, os estudos sobre a Idade do Bronze na Grécia passaram a dar menor ênfase à tradição épica, privilegiando as informações presentes na fonte recém-

---

<sup>4</sup> Sobre as etapas do deciframento do dialeto presente no Linear B ver em: CHADWICK, John. **The decipherment of Linear B**. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

traduzida. Apesar dessa fonte conter dados fragmentários de contextos diferentes, os acadêmicos continuaram a vislumbrar uma homogeneidade “pré-grega” entre os sítios do período<sup>5</sup>. Entretanto, a tradução desses textos contribuiu para a gradual desconstrução da perspectiva dos classicistas e arqueólogos do século XIX, que defendiam a ideia de que o mundo “pré-grego” seria aquele retratado nos poemas de Homero e Hesíodo.

Os estudiosos passaram a comparar os documentos em Linear B e a arquitetura monumental de sítios micênicos com a escrita e a arquitetura observadas no Oriente Próximo. Assim, os poemas épicos deixaram de ser a principal fonte para compreender os sítios da Idade do Bronze.

Como consequência disso, os estudiosos começaram a defender a ideia de que os poemas homéricos, criados ao longo do século VIII a.C., possuiriam ecos da Idade do Ferro ou a “Idade das Trevas”, enquanto a Idade do Bronze passou a ser vista como uma derivação dos modelos orientais. Moses Finley (1963, p. 2) defende que o “nascimento da sociedade grega” teria ocorrido apenas na Idade do Ferro:

O antigo mundo micênico, apesar da língua grega dos palácios, tem sua maior semelhança com seus pares contemporâneos, estados altamente centralizados e burocráticos no Leste, no Norte da Síria e na Mesopotâmia. O novo mundo, o mundo grego histórico, era, portanto, diferente economicamente, policamente e culturalmente.

O autor enfatiza o caráter de ruptura entre os períodos, minimizando possíveis continuidades no plano econômico e cultural. Assim, o período micênico passou a ser visto quase como um produto “alheio” ou não grego. O chamado “sistema palacial” seria uma imitação do Oriente, enquanto o período da descoberta do ferro iniciaria “o verdadeiro mundo grego”. Isto é problemático, pois a definição do que é “grego” ou “não-grego” não é pautada pela língua, mas por um conjunto de práticas econômicas, políticas e culturais, que mesmo em período Arcaico ou Clássico não eram uniformes.

Para Nakassis, essa divisão arbitrária teria um viés Orientalista, ao valorizar um período reivindicando-o como começo do Ocidente (Idade do Ferro), enquanto o outro período teria menor importância devido sua proximidade com o Oriente<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> CHADWICK, John. **The Mycenaean World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976, p.15.

Chadwick argumenta sobre o Linear B que “nossas informações são extremamente fragmentárias, e em alguns casos não é seguro generalizar a partir delas; mas a homogeneidade da cultura micênica é tão marcada, que seria estranho as outras partes da Grécia se comportarem diferentemente”. Assim, o autor, apesar de reconhecer a heterogeneidade do que está representado na fonte escrita, continua defendendo um modelo que enxerga os materiais por um viés generalizante, como se pertencessem a um mesmo tipo de cultura, negligenciando, assim, especificidades regionais.

<sup>6</sup> NAKASSIS, D. The Mycenaeans in Greek History: Orientalism and Master Narratives. **British School at Athens**. BSA Upper House Seminar Monday, 29 feb. 2016. YouTube, 2016. Disponível em:

Assim, o modelo explicativo palacial, fundamentado nos paralelos com o Oriente, passou a figurar como um modelo dominante na disciplina, gerando, inclusive, formas de periodização: período proto-palacial, palacial e pós-palacial. Tanto essa periodização, como o modelo de ruptura elaborado por Finley entre “o antigo mundo micênico” e o “o mundo grego histórico”, são criticadas pelos estudos de Dimitri Nakassis (2021) e de Timothy Earle (2011).

Nas discussões contemporâneas, o mundo micênico não é entendido como uma unidade, tampouco a reprodução do modelo Oriental na Grécia. Ele seria composto por entidades políticas centralizadas que mobilizavam recursos de comunidades para atender demandas dos grupos no poder (EARLE, 2011, p. 239). Essas entidades políticas teriam relações comerciais e diplomáticas baseadas em laços de afinidade/parentesco (*kinship*) e coletariam recursos de comunidades locais (*damos*), que possuiriam certo grau de autonomia (HALSTEAD, 2011, p. 231).

Essas entidades políticas possuiriam elites conectadas com o comércio e a diplomacia entre Estados no Mediterrâneo, sem, no entanto, formarem um único reino. Nesse contexto, as entidades políticas realizariam o intercâmbio de produtos e tecnologias necessárias para assegurar os interesses da elite governante.

As elites construíram assentamentos de caráter monumental para proteger e armazenar itens, produzir bens de luxo, consumidos por outras elites interligadas pelas rotas de comércio de longa distância, e organizar o aparato burocrático necessário para a administração do território.

As cidadelas micênicas, datadas do LH IIIB (1310 a.C.-1190 a.C.), teriam sido criadas, portanto, para proteger esse aparato burocrático e sua elite governante. Elas teriam uma função adicional de demonstrar o poder dessa elite, tornando-se marcos de poder na paisagem. Temos diversos exemplos de cidadelas que se desenvolveram no Egeu nesse período, dentre elas Argos, Micenas, Tirinto, Midea, Atenas, Gla e Araxos (*Teichos Dymaion*).

O estudo do ambiente construído nessas cidadelas pode nos revelar a ideologia das elites que as financiaram e construíram<sup>7</sup>. Acreditamos que as cidadelas se constituem como marcos do poder na paisagem<sup>8</sup>, seus caminhos internos seguem um traçado idealizado para conter

---

<https://www.youtube.com/watch?v=9z1At9yHVEs>. Acesso em: 14 fev. 2022. YouTube Video.

Para uma discussão sobre a invenção do mundo grego e sua importância sobre o pensamento ocidental ver em: BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization: The Fabrication of Ancient Greece**. vol. 1. London: Vintage, 1987.

<sup>7</sup> RAPOPORT, A. **House form and Culture**. Prentice-hall Inc, 1969, p. 2. “Os edifícios monumentais... são construídos para impressionar tanto a população com o poder do patrono, como o grupo de conhecedores e projetistas, a fim de demonstrar a inteligência do projetista e o bom gosto do patrono”. Tradução e adaptação nossa.

<sup>8</sup> SMITH, A. **The Political Landscape: Constellations of Authority in Early Complex Polities**. Londres: University of California Press, 2003, p. 7-8. Para Adam T. Smith a paisagem política “descreve o ordenamento

elementos simbólicos e favorecer comportamentos, que impactavam no cotidiano das pessoas. Por isso, o estudo da arquitetura dessas cidadelas e de seus caminhos oferece uma oportunidade para a compreensão dos valores dessas elites e das necessidades das pessoas que habitavam e trabalhavam nesses locais.

Nesta pesquisa selecionamos o sítio de Midea, uma das cidadelas da região da Argólida na Grécia, a fim de realizarmos um estudo de caso sobre os elementos ideológicos contidos nas rotas que partem da área externa até o mégaron. Após analisarmos as particularidades do sítio e suas limitações interpretativas, realizaremos paralelos entre as rotas e a visibilidade em Midea com as de Micenas e Tirinto. A seguir realizamos um breve resumo dos assuntos tratados ao longo da dissertação.

No Capítulo 1 discutimos o conceito de sistema palacial e a relação entre a alvenaria ciclópica e os discursos de poder. Traçamos um panorama histórico do conceito de “sistema palácio” e exploramos os mecanismos administrativos de economias antigas de acordo com Karl Polanyi e os estudos do Fórum “*Redistribution in Aegean Palatial Societies*” de 2009. Em seguida, exploramos os aspectos técnicos da arquitetura presente nas muralhas ciclópicas e sua relação com a monumentalidade e os discursos de poder.

No Capítulo 2 apresentamos os métodos e materiais utilizados na pesquisa. No início do capítulo tratamos dos métodos ligados ao georreferenciamento e à arqueoastronomia. Na segunda parte do capítulo abordamos os materiais selecionados, discutindo o modo como as informações dos relatórios de escavação de Midea foram organizados e a tipologia adotada na classificação de estruturas.

No Capítulo 3 realizamos um panorama das principais áreas escavadas de Midea, apresentamos o histórico de escavações no sítio e criamos subcapítulos com os estudos temáticos contemporâneos desenvolvidos a partir dos materiais do sítio, dentre eles estudos de cerâmica, de produção têxtil, de alimentação e de arqueosismologia.

No Capítulo 4 analisamos os trajetos de Midea começando pela parte exterior do sítio e suas conexões com outros sítios da Argólida. Em seguida, descrevemos as portas do sítio e as principais rotas de acesso ao mégaron. Neste capítulo, discutimos ainda aspectos ligados à visibilidade nas rotas, mostrando o papel essencial da Acrópole Alta no discurso de poder. Por fim, apresentamos um estudo de arqueoastronomia no sítio, que revelou o alinhamento de diversos edifícios com eventos celestes.

No Capítulo 5 discutimos a monumentalidade presente nos sítios de Micenas e Tirinto

---

físico do ambiente criado por forças políticas”. Essa paisagem “evoca respostas afetivas e emoções geradas por respostas sensoriais às formas e à estética a serviço da política”.

por meio da análise de aspectos arquitetônicos, analisamos os trajetos possíveis da área externa desses sítios, realizando paralelos com Midea, e, por fim, fizemos um levantamento de estruturas alinhadas com eventos celestes em Micenas e Tirinto, indicando que, assim como em Midea, diversos edifícios estão voltados para fenômenos celestes solares, lunares e estelares<sup>9</sup>.

### Nota sobre a periodização adotada

A cronologia utilizada neste trabalho busca se aproximar daquela apresentada nos relatórios de escavação do sítio de Midea. Nos relatórios é utilizada a cronologia relativa baseada em tipos cerâmicos e estratigrafia, contudo seus valores absolutos são discutidos pela comunidade acadêmica. A cronologia é dividida em três períodos básicos Heládico Antigo, Heládico Médio e Heládico Recente. A divisão em três períodos foi inspirada na periodização da História do Egito, que é dividida em: Reino Antigo, Reino Médio e Reino Novo (MANNING, 2010, p.11).

Tabela 1 - Cronologia baseada em tipos cerâmicos

Minoico Recente	Anos (a.C.)	Heládico Recente	Anos (a.C.)
<b>LM IA</b>	1630-1510	LH I	1600-1500
<b>LM IB</b>	1510-1450	LH IIA	1500-1460
<b>LM II</b>	1450-1420	LH IIB	1460-1420
<b>LM IIIA1</b>	1420-1380	LH IIIA1	1420-1380
<b>LM IIIA2</b>	1380-1310	LH IIIA2	1380-1310
<b>LM IIIB</b>	1310-1200	LH IIIB1	1310-1240
		LH IIIB2	1240-1210
<b>LM IIIC</b>	1200-1100	Transição entre o LH IIIB2 e o LH IIIC Recente	1210-1190
		LH IIIC Inicial	1190-1140
		LH IIIC Médio	1140-1090
<b>Subminoico</b>	1100-1000?	LH IIIC Final	1090-1060
		Submicênico	1060-1040

<sup>9</sup> Para estudos sobre arqueoastronomia ver os trabalhos de Marcos Davi Duarte Cunha. O autor discute o alinhamento de sítios em Creta no seguinte artigo: CUNHA, M. D. D. da. Orientações da Arquitetura Minoica e os Corpos Celestes pela Astronomia: Observações sobre a Construção Oblíqua XXIII do Palácio de Malia. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 8, n. 9, p. 69-96, 2018. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v8i9p69-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/143313>. Acesso em: 27 maio. 2021



Legenda: Nas colunas da esquerda temos os períodos de cronologia relativa adotados em Creta (Minoico), enquanto nas colunas da direita os aplicados para a Grécia Continental (Heládico).  
Fonte: Hope Simpson e Hagel (2006, p.21)<sup>10</sup>.

Para a obtenção de valores para os períodos cerâmicos há estudos de cronologia absoluta que utilizam as fontes escritas de dinastias no Oriente Próximo, e outros que se baseiam em datação de C<sup>14</sup> e estudos de pólen e dendrologia (MANNING, 2010, p.18). Há essencialmente dois tipos de cronologia, a baixa e a alta. A cronologia alta se baseia na datação feita por carbono radioativo (C<sup>14</sup>), enquanto a baixa se fundamenta em estilos cerâmicos (MANNING, 2010, p.22).

O período de interesse dessa pesquisa, o LH IIIB (Heládico Recente IIIB), onde as cidadelas foram construídas, teria ocorrido, de acordo com cronologia alta, entre 1330/1315 a.C. e 1200/1190 a.C., enquanto a cronologia baixa, baseada na cerâmica, situa o LH IIIB entre 1300 a.C. e 1200 a.C. Essa variação nos valores da cronologia alta ocorre pois há uma margem de erro envolvida na datação do C<sup>14</sup>.

Para períodos mais recuados como na erupção de Thera, as cronologias alta e baixa são mais discrepantes. A cronologia alta situa a erupção entre 1645 a.C. e 1611 a.C., enquanto a cronologia baixa data o evento entre 1525 a.C. e 1500 a.C., ou seja, há uma janela de mais de um século entre as duas cronologias (MANNING *et al.*, 2006, p.568).

Pelo fato de a cronologia alta estar em desenvolvimento e possuir uma margem considerável de erro, e em razão dos relatórios de escavação adotarem a cronologia baseada em estilos cerâmicos, adotamos a cronologia proposta por Hope Simpson e Hagel (2006, p.21) (Tabela 1). Nela os valores para os anos estão entre a cronologia alta e baixa, situando o LH IIIB (Heládico Recente IIIB) entre 1310 a.C. e 1190 a.C.

---

<sup>10</sup> HOPE SIMPSON, R.; HAGEL, D. Mycenaean fortifications, highways, dams and canals. **Studies in Mediterranean Archaeology**, v. CXXXIII. Sävedalen: Paul Aströms Förlag, 2006. De acordo com Richard Hope Simpson, essa seria uma cronologia aproximada para os períodos. Ela é uma cronologia baixa baseada em tipos cerâmicos e estratigrafia. Na tabela 1 traduzimos o nome do período, mas deixamos as siglas originais em inglês para facilitar a identificação desse período em outras obras.

## CAPÍTULO 1: OS PALÁCIOS E A ALVENARIA CICLÓPICA

### 1.1 O PALÁCIO MICÊNICO

#### 1.1.1 Palácio: definição e origem do termo

Palácio é um termo que deriva de “Palatino”, monte romano onde existiam diversas residências de imperadores<sup>11</sup>. Esse termo é genericamente utilizado para designar a “habitação de um rei ou tirano, de um imperador ou do seu representante; veio a designar em francês (*palace*) um edifício que constitui a sede do poder” (GINOUVÈS *et al.*, 1998, p. 155).

No contexto da Idade do Bronze no Mediterrâneo, “palácio” é um termo utilizado para designar “uma estrutura monumental que define e domina um centro administrativo ou um Estado” (SHELMERDINE, 2010, p. 290). Assim, o termo possui uma “ambiguidade”, pois se refere ao mesmo tempo a um conceito arquitetônico e outro sociopolítico.

O conceito arquitetônico diz respeito às características próprias da construção. No Oriente Próximo a classificação de um conjunto de estruturas como um palácio é feita de acordo com o “tamanho e número de quartos, a força de suas paredes, a presença de estruturas defensivas e o uso de materiais valiosos” (LEICK, 2002, p. 155).

Enquanto, no Egeu, além da presença de uma estrutura monumental com vários quartos, uma das formas arquitetônicas utilizadas para classificar um conjunto de construções como um palácio é o mégaron. O mégaron pode ser brevemente definido como “uma estrutura tripartite formada por pórtico e/ou antessala e sala principal” (SHELMERDINE, 2010, 249-250)<sup>12</sup>.

No entanto, a escolha dessa tipologia baseada em critérios arquitetônicos possui alguns problemas. No Oriente Próximo, de acordo com Gwendolyn Leick (2002, p. 155) “nem toda a construção que possui essas características pode ser uma residência real”. Para o autor há exemplos de santuários com a arquitetura similar à de palácios. Podemos indicar que algo similar ocorre no contexto micênico, uma vez que estruturas monumentais com vários quartos e edifícios com o formato de mégaron podem ser áreas de culto e não residências reais.

Por sua vez, o conceito sociopolítico diz respeito ao papel administrativo, político e econômico dos palácios. Os palácios consistem em uma “organização social, uma configuração de poder econômico e político concentrada em um único centro” (SHELMERDINE, 2010, p. 290)<sup>13</sup>. No caso mesopotâmico, o palácio concentraria funções de residência, arsenal, tribunal, local de culto e de armazenamento de itens (LEICK, 2002, p. 155).

No caso micênico esse papel administrativo é atestado nos tabletas com inscrições em

---

<sup>11</sup> Palace | architecture | Britannica. In: **Encyclopædia Britannica**. 2021.

<sup>12</sup> Na seção 2.3.3 discutiremos o conceito de *mégaron* em detalhe.

<sup>13</sup> Tradução nossa.

Linear B<sup>14</sup>. Os tabletas indicam que os palácios seriam responsáveis por “redistribuir” os recursos e a força de trabalho. Dentre as atribuições dos palácios no Egeu como centros “redistributivos”, temos a administração de pessoas, terras, bens agrícolas, matérias-primas e de produtos criados em oficinas. Dentre esses produtos, podemos citar, óleos perfumados, objetos em metal, vasos decorados, móveis e tecidos (SHELMERDINE, 2010, p. 298).

No Egeu, o palácio servia de residência para o *wanax*, o soberano micênico, responsável por “mobilizar recursos humanos e materiais para preencher as necessidades da economia política”, além de exercer uma função religiosa em festivais, banquetes e sacrifícios (SHELMERDINE, 2010, p. 290-291).

Abaixo do *wanax* (wa-na-ka), havia um corpo de oficiais e funcionários. Dentre esses oficiais temos o *lawagetes* (ra-wa-ke-ta), líder das pessoas, envolvido com atividades militar e atuante, junto com o *wanax*, em festivais religiosos, os *hequetai* (seguidores) responsáveis por contingentes militares e sacrifícios, por fim, os coletores<sup>15</sup>, responsáveis por coordenar a produção e arrecadar taxas (SHELMERDINE, 2010, p. 292-294).

Além desses oficiais, existiam outros geralmente ligados à rituais, como, por exemplo, o sacerdote (*pakijane*), o portador da chave (*key-bearer*), que provavelmente cuidava do acesso ao templo, o “*hieroworgos*”, um tipo de sacerdote especializado em sacrifícios, o *sphageus*, aquele que “sacrifica algo”, os “servos do deus”, o “portador da pele” e os “guardiões do fogo”, cuja função era a de manter o fogo sagrado nos ritos (LUPACK, 2010, p. 272).

Apesar da aparente semelhança entre a figura do *wanax* e a do rei, há diferenças significativas entre eles. Embora nos dois casos o poder parece ser transmitido por meio de uma dinastia, uma família ou linhagem (PALAIMA, 2006, p. 53), uma vez que o termo *wanax* se relaciona com “nascimento e fertilidade”, há duas diferenças expressivas.

A primeira é a ligação direta entre o *wanax* e a esfera religiosa, uma vez que essa figura

---

<sup>14</sup> O Linear B é um sistema de escrita silábico do grego micênico, que possui ideogramas, logogramas e sinais numéricos. As tábuas de argila ou inscrições em vasos em Linear B e demais suportes (nódulos), serviam para registrar informações administrativas, registros de produtos, pagamento de tributos e de rações. Sobre o *corpus* documental disponível em Linear B e o funcionamento desses registros ver em: MONZANI, Juliana Caldeira. O sistema administrativo micênico a partir dos documentos em Linear B. *Heródoto*, v. 5, n. 1, p. 43-59, 2020.

<sup>15</sup> MONZANI, Juliana Caldeira. **A administração micênica em Creta**. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B. 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2020.tde-27022020-141638. Acesso em: 23 nov. 2021, p.39. Há dois sistemas principais realizados pelos centros administrativos, o *tarasija* e o *o-no*. Sobre o papel dos coletores (*tarasija*) nos trabalhos de John Bennet, Pierre Carlier, Louis Godart, Jan Driessen e John Killen ver o Capítulo II de Juliana Monzani (2019).

O sistema “*tarasija*” consistiria na coleta de matéria-prima “na forma de impostos e de sua distribuição para trabalhadores dependentes ou semidependentes” (MONZANI, 2019, p. 39) ou “distribuição (*allotment*) de matérias-primas e coleta de produtos finais” (SHELMERDINE, 2006, p. 81). Enquanto, o sistema “*o-no*” seria uma espécie de “benefício” ou “forma de pagamento dada a trabalhadores independentes pelo fornecimento de certos itens” (MONZANI, 2019, p. 39).

tomava parte e controle de rituais importantes para o palácio religiosa (PALAIMA, 2006, p. 57). A segunda é que há poucas pessoas e bens que são atribuídos ao poder do *wanax* nos tabletes, indicando que o setor “real” ou controlado pelo *wanax* “representaria apenas uma pequena parte das atividades controladas pelo palácio” (DARCQUE, 1999, p. 143)<sup>16</sup>.

Por fim, outro personagem que aparece nos tabletes e possui uma função administrativa é o *qa-si-re-u*, que inicialmente foi comparado com o *basileu* homérico. Enquanto o *basileu* homérico possui uma função real, como rei e líder dos guerreiros, o termo no dialeto micênico parece indicar “chefes, especialmente de grupos de ferreiros, dignitários provinciais ou simples funcionários locais” que estão subordinados ao *wanax* (DARCQUE, 1999, p. 143).

### 1.1.2 O sistema palacial: origem e limitações do conceito.

Em linhas gerais, sistema palacial seria um modelo no qual uma organização política, o palácio, atuaria como um centro redistributivo, alocando recursos naturais e a força de trabalho<sup>17</sup>. Neste sistema, o palácio reuniria funções diversas relacionadas “à monumentalidade, ao convívio, à sacralidade, à administração, à economia centralizada e à educação” (VAN EFFENTERRE, 1987, p. 175)<sup>18</sup>.

Esse conceito foi amplamente difundido na segunda metade do século XX, destacando-se o papel do Colóquio de Estrasburgo na França de 1985 intitulado *Le système palatial en Orient, en Grèce et à Rome*. A revisão do conceito e a discussão do modelo de economia redistributiva, foram abordadas principalmente no 110º encontro anual do Instituto Arqueológico Americano na Filadélfia em 2009, publicado sob o título de *Redistribution in Aegean Palatial Societies* no *American Journal of Archaeology*.

Com o objetivo de compreendermos o conceito de “sistema palacial” e suas limitações, a seguir apresentaremos um panorama dos modelos explicativos sobre o tema. Para isso, inicialmente apresentaremos as discussões sobre a origem do Estado e o funcionamento da

<sup>16</sup> DARCQUE, P. Le linéaire B et l’administration des palais mycéniens. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 11, n. 11/12, p. 139–147, 1999. DOI: 10.24277/classica.v11i11/12.453. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/453>. Acesso em: 28 out. 2021. Tradução nossa.

<sup>17</sup> DARCQUE, Pascal. Le développement du système palatial mycénien en Grèce continentale. *Ktema*, v. 26, n. 1, p. 101-108, 2001, p. 101. Embora o sentido de “sistema palacial” tenha variado ao longo do tempo, acreditamos que a concepção de Pascal Darcque sintetiza os principais aspectos do conceito. Nessa concepção o palácio seria responsável pela “gestão de um território por uma administração que recolhe riqueza e redistribui parte da mesma a uma população dependente; esta administração mantém a contabilidade da circulação de bens e pessoas”. Tradução nossa.

<sup>18</sup> VAN EFFENTERRE, Henri. Les fonctions palatiales dans la Crète minoenne. In: LÉVY, E. (Ed.). *Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome*: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 173-185, Strasbourg: AECR, 1987.

economia na Antiguidade<sup>19</sup>.

No século XIX surgiram conceitos que procuravam explicar a origem do Estado. Podemos destacar o “modo de produção asiático”, de Marx e Engels, e os “tipos ideais” do sociólogo Max Weber. Na primeira metade do século XX destacam-se os estudos da Assiriologia sobre o templo-Estado e a cidade-templo. Enquanto, na segunda metade do século XX, destacam-se os estudos antropológicos de Karl Polanyi, sobre as formas de troca. O conceito de “sistema palacial” foi o produto da combinação entre os modelos da cidade-templo de Anton Deimel (1931) e da economia “redistributiva” de Karl Polanyi<sup>20</sup>.

O modelo marxista de “modo de produção asiático” foi concebido para compreender a emergência do Estado nas regiões da China e da Índia e, posteriormente, aplicado para compreender a Mesopotâmia e o Mediterrâneo<sup>21</sup>. Para Marx e Engels<sup>22</sup>, o Estado teria surgido na Pérsia, Índia, Tartária e nas terras altas na China com a finalidade de “promover obras públicas” relacionadas a canais de irrigação em regiões onde a agricultura era dificultada pelo terreno e pelas condições climáticas (JESSOP; WHEATLEY, 1999, p. 38).

Neste modelo, o “despotismo Oriental” teria surgido para garantir a subsistência de grupos humanos em locais onde era difícil a realização da agricultura. A ausência de informações sobre a propriedade da terra levou os autores a crer que não haveria propriedade privada, e que o Estado possuiria a totalidade das terras. Nesse modelo, embora, não houvesse a “propriedade privada”, existiriam comunidades economicamente autônomas que contribuiriam com mão de obra e recursos para o Estado (JESSOP; WHEATLEY, 1999, p. 40).

---

<sup>19</sup> Neste ponto há um extenso debate entre autores primitivistas, aqueles que acreditam em características específicas na economia no mundo Antigo, e os modernistas, que acreditam que a economia na Antiguidade funcionaria com as mesmas regras do mundo moderno. Karl Polanyi e Moses Finley são autores que defendem o substantivismo/primitivismo e criticam a aplicação do “modelo neoclássico da teoria econômica” (formalistas/modernistas) para sociedades pré-capitalistas. Sobre o formalismo e o substantivismo ver em MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. Karl Polanyi e o "Grande Debate" entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. **Economia e Sociedade**, v. 21, p. 165-195, 2012.

<sup>20</sup> Para a discussão do modelo redistributivo ver em: POLANYI, K. Dahomey and the Slave Trade: An Analysis of an Archaic Economy. **American Ethnological Society Monograph**, v. 42. Seattle: University of Washington Press, 1966.

Para a discussão sobre as diferentes formas econômicas ver em:

POLANYI, K. **Primitive, Archaic, and Modern Economies**: Essays of Karl Polanyi. Edited by G. Dalton. Garden City, N.Y.: Anchor Books, 1968.

<sup>21</sup> TOLEDO de, Thomas. Antigo Egito: as origens do Estado, do dinheiro e do assalariamento. **Princípios**, n. 146, 2017, p. 61. Este conceito foi elaborado por Marx para compreender a economia da China e Índia durante o domínio colonial britânico. Historiadores marxistas passaram a utilizar o conceito para caracterizar sociedades pré-colombianas e da Antiguidade. O historiador brasileiro Ciro Flamarion Cardoso utilizava o conceito de “modo de produção asiático” para caracterizar o modelo econômico e político do Egito Antigo.

Neste texto de Thomas de Toledo o autor aborda a questão do “assalariamento” pago em espécie e como esse elemento turva o conceito de servidão presente na definição clássica do modo de produção asiático.

<sup>22</sup> Sobre os modos de produção pré-capitalistas ver em: MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 - esboços da crítica da economia política. Boitempo editorial, 2015.

Do “modo de produção asiático”, o “sistema palacial” herdou o princípio de que o palácio, centro do Estado, seria o detentor da totalidade das terras e que sua função seria a de promover o bem-estar coletivo, por meio da realização de obras hidráulicas.

Por sua vez, Max Weber<sup>23</sup> foi um dos primeiros sociólogos a desenvolver uma tipologia evolucionista dos estados no Mundo Antigo. Weber defendia a existência de 7 tipos (SMELSER; SWEDBERG, 2010, p. 142; WEBER, 69-76): i) vilas cercadas por muros com a propriedade nas mãos de fazendeiros livres; ii) pequenas cidades governadas por dinastias de reis; iii) pólis aristocráticas, nas quais pequenos clãs dominavam o poder político; iv) “Reinos com burocracia” (*bureaucratic city kingdom*) e “reis semidivinos ou divinos”; v) Estados monopolistas com a presença de trabalho compulsório (*authoritarian liturgical state*); vi) pólis hoplítica, onde o Estado passa a ser controlado por cidadãos que participavam do exército e detinham a posse das terras; vii) cidades autônomas com regimes democráticos, nas quais o direito à cidadania independe da posse de terras. Para Weber, a forma mais evoluída de Estado seria o das cidades com regimes democráticos.

A abordagem de Weber teve pouco impacto na historiografia mesopotâmica, em razão da publicação de estudos de documentos em escrita cuneiforme que relativizaram a concepção “evolutiva” proposta pelo sociólogo (SMELSER; SWEDBERG, 2010, p. 144). Contudo, o modelo de evolução do Estado em conjunto com as teorias de Karl Polanyi, foram fundamentais para o trabalho de Moses Finley<sup>24</sup> sobre a economia antiga e o caráter “redistributivo” dos palácios.

Na Assiriologia foram criados dois conceitos fundamentais, que posteriormente, foram aplicados para explicar o funcionamento dos palácios no Egeu, o de templo-Estado e de cidade-templo. O templo-Estado (*Tempelstadt*), foi um conceito elaborado por Anna Schneider (1920) para investigar a administração de recursos em templos na Suméria.

O templo-Estado seria uma “instituição complexa” que combinava as esferas “religiosa, política e econômica”, e que “exercia um controle absoluto dos recursos produtivos”, englobando recursos naturais e o trabalho (REDE, 2007, p. 26).

Em seguida, surgiu o conceito de cidade-templo, proposto por Anton Deimel (1931) e aprofundado por Falkeinstein (1954) com o objetivo de compreender os palácios de Gemdet

---

<sup>23</sup> WEBER, M. **The Agrarian Sociology of Ancient Civilizations**. London: NLB, 1976.

<sup>24</sup> Para mais informações sobre as concepções de Finley sobre a economia na Antiguidade consultar as seguintes obras:

FINLEY, Moses. **Early Greece: the bronze and archaic ages**. Chatto & Windus, 1970.

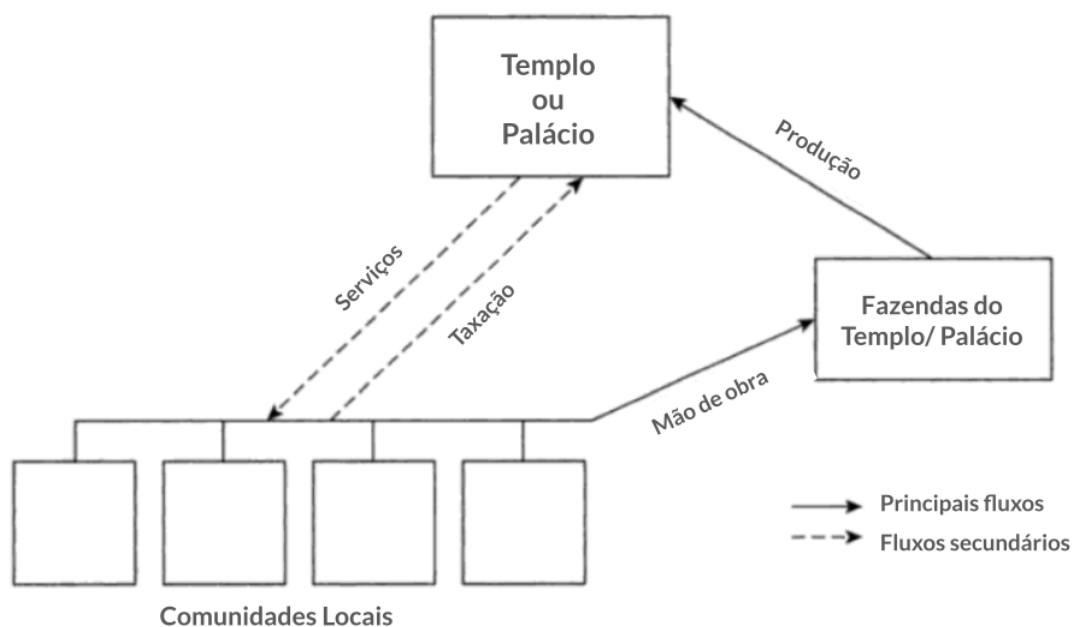
FINLEY, Moses. **The Ancient Economy**. University of California Press, 1999.

FINLEY, Moses. **The Ancient Greeks**. New York: the Viking Press, 1963.

Nasr, Eridu e Kish e a terceira dinastia de Ur (Ur-III) (LIVERANI, 2009, p. 171). Neste modelo, o palácio, residência real e centro administrativo, seria responsável pelas atribuições do templo no antigo modelo do “templo-Estado”.

Na cidade-templo, o palácio seria responsável pela administração de recursos, terras e trabalho, assim como pelo pagamento de alimentos (*rations*) para os trabalhadores (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 179; REDE, 2007, p.26). Desse modo, os templos nas cidades teriam atribuições religiosas e econômicas, cuidando da “legitimação divina do poder”, enquanto o palácio se configuraria como centro do poder (LIVERANI, 2009, p. 170) (Figura 1).

Figura 1 – Modelo da Cidade-Templo.



Fonte: Adaptado de Liverani (2005, p. 52).

Marcelo Rede (2007, p. 26-27) argumenta que esses modelos de compreensão do surgimento e funcionamento do Estado mesopotâmico, enfatizam o papel do templo e do palácio, negligenciando, assim, outras formas de apropriação da terra e a atuação de grupos de comerciantes. As críticas iniciais a esses modelos vieram da Assiriologia marxista de Igor Diakonoff<sup>25</sup>, que relativizou o controle excessivo do Estado.

<sup>25</sup> Mario Liverani (2005) faz uma análise dos seguintes trabalhos de Igor Diakonoff:

DIAKONOFF, Igor M. Sale of land in pre-Sargonic Sumer. **Papers presented by the Soviet delegation at the XXIII International Congress of Orientalists**. Moscow: Pub. House of USSR Academy of Sciences, 1954. p. 5-32.

DIAKONOFF, Igor M. The structure of Near Eastern society before the middle of the 2nd millennium BC. **Oikumene**, v. 3, p. 7-100, 1982. Infelizmente não conseguimos obter o acesso direto às obras supracitadas do autor russo.

Diakonoff argumenta que o templo administrava diretamente uma porção do território, enquanto as demais partes eram ocupadas por comunidades que lhe deviam tributos (LIVERANI, 2005, p. 49). As ideias do autor retomavam o “modo de produção asiático” elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX, mas procuravam diminuir a ênfase no controle estatal. O próprio Diakonoff não utilizava o conceito de “modo de produção asiático” por ser um “*taboo*” na União Soviética no momento em que produziu suas obras (LIVERANI, 2005, p. 50).

Nas décadas seguintes, após os trabalhos de Diakonoff, o modelo marxista e o de cidade-templo sofreram revisões e críticas, sobretudo de estudos que enfatizam o mercado e a propriedade privada<sup>26</sup>.

Por sua vez, a caracterização da economia política dos palácios como “redistributiva” seria uma herança dos trabalhos de Karl Polanyi e de Moses Finley (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 177). Polanyi criou uma tipologia das formas de trocas para compreender a economia em diferentes sociedades. Para o autor, haveria formas de troca baseadas na reciprocidade, na redistribuição e no mercado (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 178).

Teóricos da antropologia neoevolucionista, sobretudo Fried, Sahlins (1958) e Service (1975) se apropriaram das ideias de Polanyi (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 178) e elaboraram paralelos entre a forma de troca e o tipo de sociedade.

Nessa perspectiva, a reciprocidade seria o principal meio de troca em sociedades igualitárias, a redistribuição existiria em locais com a centralização de poder e sociedades hierarquizadas (chefaturas) e, por fim, o meio de troca de mercado surgiria com a preponderância da economia capitalista, que se baseia na propriedade privada e no uso da moeda como meio de troca (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 278; MANNING; MORRIS, 2005, p.143).

Para Karl Polanyi, o modelo redistributivo ocorreria em chefaturas. Nessas sociedades, a maior parte da produção comunitária seria controlada pelo centro político (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 278)<sup>27</sup>. Desse modo, o modelo “redistributivo” enfatizava o papel do centro político na coleta, por meio de taxas, e na distribuição, por meio de

---

<sup>26</sup> Mario Liverani (2005, p. 50) entende que a separação entre propriedade pública e privada é problemática para o Antigo Oriente. O autor coloca que na Idade do Bronze havia “restrições para vender uma propriedade para fora da família”. Portanto, a propriedade “privada” nesse período era “mais da família do que de um indivíduo”, o que difere do sentido contemporâneo de “propriedade privada”, onde o indivíduo pode alienar e vender seus bens para qualquer pessoa.

<sup>27</sup> Tradução nossa. Chefatura foi a tradução adotada para *chiefdom*. O autor formula o modelo redistributivo para explicar o funcionamento econômico e político do reino do Daomé no Benin no século XVIII.



pagamentos (rações e/ou produtos) de recursos naturais e do trabalho.

A teoria de Polanyi sobre as formas de troca em economias pré-capitalistas foi combinada às teorias anteriores sobre o funcionamento dos palácios no Oriente Próximo, sobretudo ao modelo de cidade-templo. O “sistema palacial” de caráter redistributivo se tornou o conceito hegemônico utilizado para explicar o funcionamento político e econômico de organizações políticas minoicas e micênicas.

Autores como Moses Finley, Michael Ventris e John Chadwick (1987)<sup>28</sup>, Klaus Kilian (1987)<sup>29</sup>, Pascal Darque (2001), Jean-Pierre Olivier (1987)<sup>30</sup> compartilhavam da visão de que os palácios se constituíam como locais de captação e redistribuição de recursos, que ofereciam alimentos para manter os trabalhadores (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 179).

A tipologia elaborada por Polanyi foi gradualmente criticada devido a suas limitações, surgindo, assim, algumas visões que buscaram desenvolver os pontos expressos pelo autor. No marxismo destaca-se a figura de Mario Liverani, que elaborou o “modo de produção palacial” para abarcar o funcionamento dos palácios no Oriente Próximo, enquanto no Egeu, surgiram trabalhos influenciados por Timothy Earle.

Mario Liverani indica limitações do “modo de produção asiático”, em razão do contexto no qual foi concebido, mas defende que certos princípios marxistas são categorias analíticas válidas. O autor defende as seguintes categorias: o “tipo de propriedade dos meios de produção”, a “relação entre os meios e força produtiva” e a “centralização de recursos” pelas instituições (LIVERANI, 2009, p. 52).

Nesta perspectiva, o sistema “redistributivo” teria se iniciado com a urbanização no Oriente Médio. No “modo de produção palacial”, os meios de produção seriam controlados pela elite do palácio ou do templo, o trabalho seria especializado, enquanto “as instituições” seriam responsáveis pela coleta e redistribuição dos recursos acumulados (LIVERANI, 2009, p. 52).

---

<sup>28</sup> CHADWICK, John. L'économie palatiale dans la Grèce mycénienne. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: Actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 283-290, Strasbourg: AECR, 1987, p. 289. Neste artigo John Chadwick aponta que a economia palacial era não-monetária e não possuía mercados regulares.

<sup>29</sup> KILIAN, Klaus. L'architecture des residences mycéniennes: origine et extension d'une structure du pouvoir politique pendant l'âge du bronze récent. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 203-225, Strasbourg: AECR, 1987, p. 205. O palácio é considerado “o centro da economia redistributiva (estocagem de produtos diversos, distribuição de matérias-primas e produção de artigos de luxo), o ponto de controle para o comércio e local de culto exclusivo”. Tradução nossa.

<sup>30</sup> OLIVIER, Jean-Pierre; LÉVY, Edmond. Structure des archives palatiales en linéaire A et en linéaire B. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 227-235, Strasbourg: AECR, 1987, p. 232. O autor entende o palácio como “centro administrativo do Estado” e de um território. Contudo, ele argumenta que há diferentes sistemas administrativos, o sistema minoico, baseado nas informações encontradas no Linear A e o sistema micênico, baseado no Linear B.

Esse modo de produção, conviveria com o chamado “modo de produção doméstico”. Neste último, as redes de trocas seriam “multidirecionais” e “recíprocas”, haveria uma baixa especialização das atividades e uma “paridade” entre “unidades e setores sociais produtivos” (LIVERANI, 2009, p. 52).

Assim, o autor revisa a abordagem marxista e elabora uma visão “historicista” dos fenômenos, capaz de lidar com a variabilidade local e a complexidade social (LIVERANI, 2009, p. 51). Os modelos de Liverani nascem da junção entre o marxismo e as formas de troca propostas por Karl Polanyi. O “modo de produção palacial”, se aproximaria do tipo de troca redistributiva, enquanto o “modo de produção doméstico”, teria como eixo a reciprocidade. É interessante notar que a solução encontrada pelo autor foi a criação de um novo “modo de produção” para contemplar as informações obtidas nos documentos, sobre o regime de propriedade privada e de trocas que não eram controladas pelas entidades políticas.

Por sua vez, Dimitri Nakassis, William Parkinson e Michael Galaty (2011) discutem o modelo de “redistribuição” e as limitações do conceito de “sistema palacial”. A crítica é inspirada pelo conceito de “mobilização” proposto por Timothy Earle<sup>31</sup>. Neste modelo, ao invés dos palácios atuarem como centros “redistributivos”, que centralizam e distribuem recursos, eles funcionariam como sistemas de “mobilização”.

Timothy Earle (2011, p. 238) defende que qualquer modelo econômico que queira abarcar sociedades “arcaicas” deve compreender que a economia é resultado do “entrelaçamento”<sup>32</sup> de setores políticos, econômicos, religiosos, comunitários e de trocas, assim, cada um desses setores teria um “grau de independência”.

Nos sistemas de mobilização “os produtos fluiriam em direção aos palácios para suportar a elite e seus associados” (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 180), que utilizavam esses recursos a fim de consumir itens de prestígio e de capital simbólico, promover festivais, estabelecer alianças e legitimar seu próprio poder. Nessa perspectiva, o palácio estaria mais à serviço das elites do que imbuído de preocupações com o “bem-estar” público, como na visão redistributiva de Polanyi ou no “modo de produção asiático” (HALSTEAD, 2011, p. 230).

---

<sup>31</sup> Timothy Earle, adota o conceito para compreender a circulação de recursos nas chefaturas complexas do Havaí. Ver em EARLE, T. **Economic and Social Organization of a Complex Chiefdom**: The Halelea District, Kaua'i, Hawaii. Anthropological Papers 63. Ann Arbor: Museum of Anthropology, University of Michigan, 1978.

<sup>32</sup> POLANYI, Karl. **The great transformation**: The political and economic origins of our time. Boston: Beacon, 2001. O conceito de “entrelaçamento” defendido por Earle tem origem nos trabalhos de Karl Polanyi que defendia que em sociedades que não são de mercado os diversos campos da vida social, como a política, a religião e os laços comunitários estão “engastados/embebidos” (*embeddedness*) nas relações econômicas. Polanyi (2001, p.64) argumenta que “costumes e direito, religião e a magia contribuem igualmente para o resultado (das transações econômicas), que é o de restringir atos de intercâmbio no que diz respeito a pessoas e objetos, tempo e ocasião”. Tradução e parêntesis nossos.

Além disso, nesses sistemas, a filiação (*membership*) ou o pertencimento a um grupo seria fundamental na interação entre indivíduos e na organização política. Por exemplo, os “trabalhadores dependentes do palácio receberiam sua subsistência”, trabalhadores de alto *status* receberiam terras ou produtos, enquanto os membros de grupos de parentesco (*kin groups*) receberiam e contribuiriam de acordo com os direitos de sua comunidade familiar (*household*) (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 181). Além disso, a comunidade familiar patrimonial (*patrimonial householding*) teria “coexistido” com a mobilização dos palácios, baseada na “taxação” e na “produção de itens de alto valor” (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 181).

Há diversas críticas à ideia de que os palácios teriam o controle estrito de um território e seus habitantes. Estudos sobre o funcionamento da economia de santuários (LUPACK, 2011) e das comunidades produtivas (*damos*)<sup>33</sup>, indicam que esses locais possuíam “um relativo grau de independência política e econômica” em relação aos palácios (HALSTEAD, 2011, p. 231).

Modelos econômicos consistem em simplificações da realidade, que podem ser úteis para comparar sociedades, mas que são problemáticos na análise de casos específicos (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011, p. 177 e p. 180). O que observamos é que há uma quantidade significativa de estudos que utilizam o rótulo de “sistema palacial” e economia “redistributiva” para classificar casos relativamente distintos.

Para abarcar essa variabilidade, Halstead (2011) indica que o conceito de “redistribuição” não precisa ser abandonado, mas deve ser inclusivo e aberto<sup>34</sup>, enquanto outros como Nakassis, Parkinson e Galaty (2011) defendem que o uso do termo “redistribuição” é inadequado, pois seria limitante, uma vez que os palácios não controlavam todas as esferas da economia (SHELMERDINE, 2010, p. 307-308).

O argumento de Dimitri Nakassis (2021, p. 21) é de que os estudos do Egeu na Idade do Bronze continuam centrados nos palácios e numa pretensa “homogeneidade cultural” proveniente dos autores do século XIX. Isso tem limitado a exploração de temas como a “periferia micênica”, regiões não-palaciais, como a Arcadia, e a “heterogeneidade” cultural e

---

<sup>33</sup> SHELMERDINE, Cynthia W. Mycenaean palatial administration. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. **Ancient Greece: from the Mycenaean palaces to the age of Homer**. Edimburg: Edinburgh University Press, 2006, p. 74-75. “O *damos* (comunidade distrital) era uma entidade administrativa que supervisionava a propriedade de ke-ke-me-no (terra comunal)”. Cynthia Shelmerdine se indaga: se a autoridade local (*damos*) “controlava o acesso à terra” qual era o papel do palácio? A autora concorda com o modelo redistributivo em conjunto com o de “mobilização”: “O sistema é o que marca os palácios como pontos focais da economia redistributiva, operando majoritariamente para os interesses dos membros das elites” (SHELMERDINE, 2006, p. 76). Para a autora o sistema de taxaço do palácio seria indireto, uma vez que a maior parte da cobrança direta ocorreria nos distritos.

<sup>34</sup> Timothy Earle tentou combinar os conceitos de redistribuição e mobilização. “A redistribuição é então melhor vista como um sistema de mobilização controlada de excedentes para o financiamento institucional. Ela nunca foi uma economia total” (EARLE, 2011, p.239). Tradução nossa.

administrativa dos palácios.

Para o autor, com base nos documentos em Linear B, não há “um único sistema administrativo micênico”, mas formas diferentes de sistematizar dados administrativos e dos “centros manejarem seu território” (NAKASSIS, 2021, p. 23). Por isso, Nakassis utiliza o termo “sistemas palaciais”, buscando criticar a suposta homogeneidade inerente ao conceito. Essa observação já havia sido realizada por Jean-Pierre Olivier (1987, p. 227), que denomina de “sistemas palaciais” as formas administrativas contidas em Linear A<sup>35</sup>, o “sistema minoico” e em Linear B, denominado “sistema micênico”.

Essa heterogeneidade dos sistemas se expressaria de modo diacrônico (HALSTEAD, 2011, p. 231), ou seja, por meio da variabilidade administrativa ao longo do tempo – entre o Heládico Antigo e o Heládico Recente - e sincrônico, por meio das diferenças presentes entre “sistemas” de locais distintos, como, por exemplo, entre as administrações de Cnossos e de Pilos.

Por esses motivos, o conceito de “sistema palacial” pode corresponder a uma gama de modelos explicativos. Para evitar o termo alguns autores preferem utilizar “economia política” e “economia redistributiva” (NAKASSIS; PARKINSON; GALATY, 2011) para se referirem à administração, ou “unidade palacial”, “centro palacial” ou “complexos palaciais” (SHELMERDINE, 2010) quando a ênfase está no aspecto político e arquitetônico dos palácios. Neste trabalho compreendemos que há “sistemas palaciais” e o convívio de formas econômicas diferentes na Idade do Bronze.

## 1.2 ALVENARIA CICLÓPICA

Os discursos de poder da elite micênica se expressam pelo ambiente construído na cidadela, por seus caminhos e a relação entre os diferentes edifícios. Por sua vez, a monumentalidade das construções é percebida no modo como muros, portas, galerias, torres, baluartes e o próprio palácio são construídos. Em alguns trechos das cidadelas de Micenas, Tirinto, Midea, Gla e Araxos, os muros chegam a ter 7m de altura, impressionando o visitante contemporâneo. Spyros Iakovidis (1999, p. 200) estima que as muralhas desses sítios deveriam ter entre 8 e 10m de altura.

Entendemos essas cidadelas e suas estruturas como monumentais pelo fato de

---

<sup>35</sup> Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Linear A and Linear B". **Encyclopedia Britannica**, 18 Jun. 2007. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Linear-A>. Acesso em 3 nov. 2021. O Linear A foi uma forma de escrita desenvolvida em Creta e algumas ilhas do Egeu entre 1850 a.C. e 1400 a.C., ela possui alguns caracteres similares ao Linear B, mas devido ao número relativamente baixo de tabletes encontrados essa escrita não foi completamente decifrada.

excederem “tanto em escala quanto em qualidade de construção as necessidades funcionais de um edifício” (HIRATA, 2009, p. 122). Além de atenderem aos propósitos básicos de construção, como, por exemplo, de defenderem recursos importantes, as muralhas monumentais também servem para impressionar os visitantes e habitantes do assentamento.

Essas construções demonstrariam o “consumo conspícuo”, que se contrapõe ao princípio do “menor esforço” (HIRATA, 2009, p. 122). O consumo conspícuo<sup>36</sup>, consiste em uma forma de “consumo extraordinário” que demonstra a capacidade das elites em mobilizar recursos humanos e naturais. Assim, essas construções de caráter monumental teriam um objetivo propagandístico-ideológico (HIRATA, 2009, p. 122).

Embora as cidadelas micênicas tivessem sido construídas no Heládico Recente IIIB (1310 a.C. – 1190 a.C.), seu aspecto monumental impressionava os habitantes de períodos posteriores. Isso fez com que essas muralhas fossem interpretadas como obra de seres mitológicos portadores de grande força física, os ciclopes.

No século XIX arqueólogos como Henrich Schliemann, que trabalhou em Micenas, Tirinto, Troia e Ítaca, e Wilhelm Dörpfeldt, arquiteto que escavou em Tirinto, passaram a utilizar a categoria de “ciclópica” para designar os muros monumentais dessas cidadelas. Esse termo passou a ser compreendido como uma técnica de construção, a alvenaria ciclópica (LOADER, 1995; HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006).

Neste subcapítulo abordaremos os mitos que envolvem a construção das cidadelas monumentais micênicas, e, em seguida, enquanto discutiremos os aspectos arquitetônicos relacionados à alvenaria ciclópica.

### 1.2.1 Muralhas Ciclópicas e a tradição Literária

Na tradição literária atribui-se a construção das muralhas de Tirinto aos ciclopes, seres mitológicos, portadores de grande força e que possuíam apenas um olho na face. O geógrafo Estrabão (VIII, 6, 11) indica que:

Tirinto foi usado como base de operações por Proetus, e foi amuralhado por ele através da ajuda dos ciclopes, que eram sete em número, e foram chamados de "mãos de estômago" (γαστερόχειρας) porque recebiam a sua comida de sua arte (τέχνης), e vieram da Lícia a convite (de Proteu). E talvez as cavernas perto de Nauplion e as obras alí tenham o seu nome (ciclópicas)<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Para detalhes do conceito de monumentalidade e consumo conspícuo ver em TRIGGER, Bruce G. Monumental architecture: a thermodynamic explanation of symbolic behaviour. *World archaeology*, v. 22, n. 2, p. 119-132, 1990.

<sup>37</sup> Tradução nossa a partir do inglês.

O mito aponta que os ciclopes teriam migrado da Lícia e foram pagos para a construção dos muros monumentais de Tirinto. É interessante notar que essa história faz uma conexão entre a Anatólia (Lícia) e a Grécia Continental, o que pode ser uma memória mitológica utilizada para indicar que a técnica de construção utilizada em Tirinto tinha sua origem na tradição arquitetônica da Anatólia.

Esse ponto tem sido explorado por alguns autores que comparam as técnicas da alvenaria ciclópica com a tradição de construção entre os hititas. Outro ponto interessante dessa passagem de Estrabão é a ideia de que “cavernas” e locais em Nauplion teriam seu nome em razão dos ciclopes. Curiosamente temos uma série de *tholoi*, monumentos funerários, datados da Idade do Bronze no sopé do Monte Palamidi na cidade de Nauplion.

Durante sua visita à Argólida, o viajante e geógrafo Pausânias (115 – 180) d.C. faz referência à técnica de construção empregada pelos ciclopes:

O muro (em Tirinto), que é a única parte das ruínas que ainda restam, é uma obra dos ciclopes feita de pedras não trabalhadas (ou brilhantes) (ἀργῶν λίθων), sendo cada pedra tão grande que um par de mulas não conseguia mover a menor do seu lugar ao mais pequeno grau. Há muito tempo atrás, as pedras pequenas estavam tão inseridas que cada uma delas unia firmemente os blocos grandes. (PAUSÂNIAS, II, 25, 8).

Neste trecho Pausânias detalha a técnica de construção utilizada em Tirinto, destacando o tamanho dos blocos e o uso de pedras menores nos interstícios dos blocos maiores, algo que é fundamental para a definição da alvenaria ciclópica.

Sobre a criação de muralhas monumentais em outros sítios temos a obra de Apollodoro (Biblioteca, II, 2.4), indicando que “Perseu reinou sobre Tirinto, depois de fortificar também Midea e Micenas”. Contudo, na passagem não há menção aos ciclopes, indicando apenas, que Perseu, filho de Zeus e Danae, teria fortificado Midea e Micenas.

### 1.2.2 Técnicas Construtivas

A “alvenaria ciclópica” é um termo genérico para designar um estilo (IAKOVIDIS, 1983, p. 1) ou um conjunto de técnicas de construção de caráter monumental utilizado em estruturas funerárias (*tholos*), pontes<sup>38</sup>, estradas, represas e fortificações (LOADER, 1995, p. 15). Em linhas gerais, esse estilo de construção estaria baseado na:

Alvenaria de grandes blocos de forma irregular, geralmente em pedra calcária, não trabalhados ou rudemente preparados, e montados sem argamassa, mas com pequenas pedras inseridas nas fendas entre eles (LOADER, 1995, p. 15).

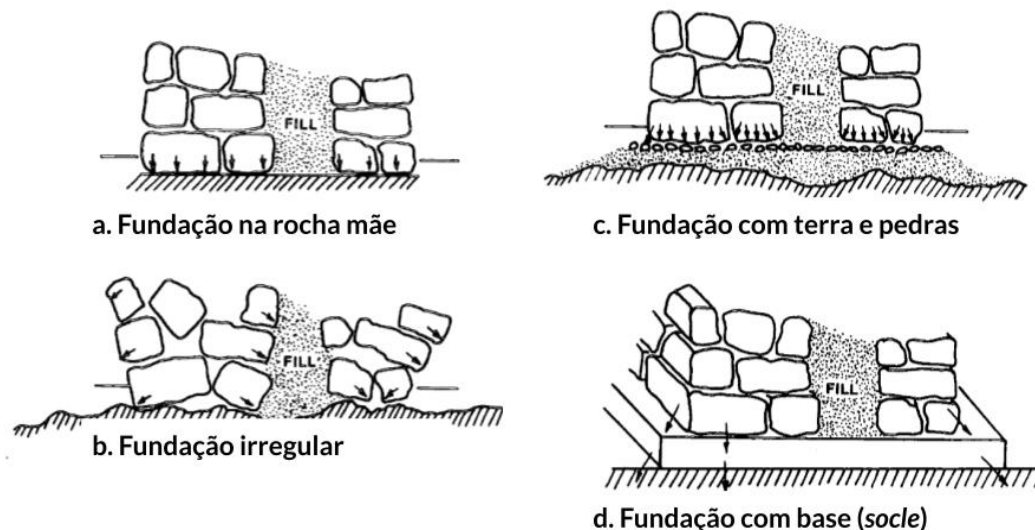
<sup>38</sup> Um dos exemplos é a ponte de Kazarma que liga a Argólida ao Leste do Peloponeso.

Nessa definição, os grandes blocos seriam agregados por meio de uma mistura de pequenas pedras com solo e argila (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 25). A alvenaria ciclópica estaria presente em construções ao longo do Mediterrâneo, no Egeu, na Anatólia<sup>39</sup>, na Palestina e no Sul da Europa (LOADER, 1995, p. 18). Assim, embora o conceito seja utilizado para descrever técnicas construtivas micênicas, ele abarca construções de outras culturas.

Para comportar paredes que chegam até 8m de altura, como, por exemplo, em Micenas, é necessária uma fundação sólida que consiga suportar o peso dos blocos de pedra. Por essa razão, uma parcela das muralhas construídas em alvenaria ciclópica se alicerça diretamente sobre a rocha mãe, seguindo o curso natural do relevo.

Há outros tipos de fundação para essas muralhas e geralmente, em uma mesma fortificação, são utilizados tipos diferentes de fundação por causa das variações no terreno. Como mencionado anteriormente, há a fundação erguida diretamente na rocha mãe, que pode ser aplainada ou não, há casos em que é construída uma cama de pedras e terra para oferecer suporte e, por fim, há a possibilidade de ser erguida uma plataforma ou base (*socle*) para suportar o peso da estrutura (Figura 2) (LOADER, 1995, p. 19).

Figura 2 – Tipos de fundações



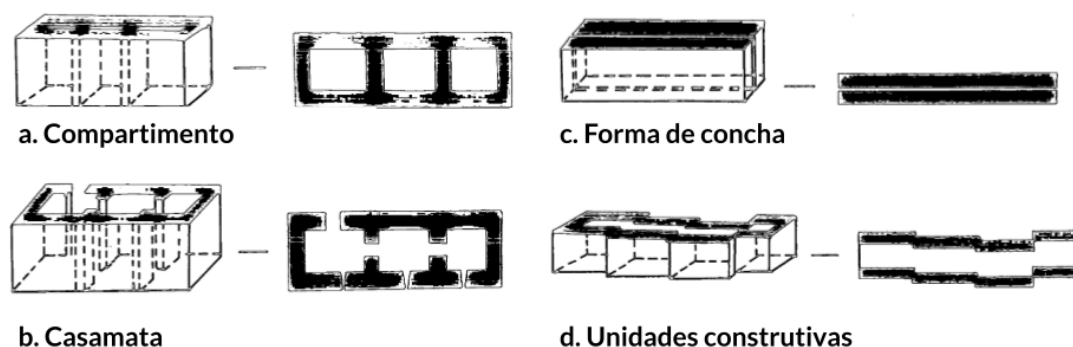
Fonte: Adaptado de Loader (1995, fig. 2.2).

No caso dos muros, frequentemente há duas camadas de muros em pedra (externa e interna), enquanto a parte interna (núcleo) é preenchida com uma mistura de pedras menores e

<sup>39</sup> LOADER, Nancy Claire. **The definition of cyclopean:** An investigation into the origins of the LH III fortifications on mainland Greece. 1995. Tese de Doutorado. Durham University, p. 14. Exemplos de outros locais com esse tipo de alvenaria: “Crete: Ayia Triada, Gortyn, Juktas. Turkey: Bogazkoy, Miletus, Kalabaktepe, Troy”.

argila. A parte interna dos muros pode assumir as seguintes formas: compartimentada, principalmente na Anatólia<sup>40</sup>, em forma de casamata, como em Chipre e na Palestina, em formato de concha (Chipre) e na forma de pequenas unidades interligadas, como ocorre na Grécia Continental, por exemplo, nas primeiras fases de construção de Tirinto (Figura 3) (LOADER, 1995, p. 70). No caso de Midea a construção seria similar ao tipo de pequenas unidades, mas a muralha respeitaria o terreno, por isso, as unidades não seriam segmentadas (LOADER, 1995, p. 76).

Figura 3 – Tipos de muros



Fonte: Adaptado de Loader (1995, fig. 6.2).

Os muros possuem cerca de 6,25m de espessura média em Midea, 5,0m em Micenas, e 7,5m em Tirinto. As fachadas que compõem os muros possuem algumas diferenças. As fachadas externas tendem a possuir pedras maiores do que as da fachada interna, isso ocorre, possivelmente para mostrar o poder dos seus dirigentes (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 23) e dar a impressão de que as muralhas seriam impenetráveis (LOADER, 1995, p. 24). Além de se concentrarem na fachada externa, os blocos maiores eram comuns nos locais onde a muralha mudava de curso, justamente para fortalecer pontos de maior vulnerabilidade (LOADER, 1995, p. 25)

O tipo de material utilizado é variado. Na fachada externa, sobretudo em locais de

<sup>40</sup> MANER, Ç. A Comparative Study of Hittite and Mycenaean Fortification Architecture. In: STAMPOLIDIS, N.; KANTA, A.; GIANNIKOURI, A. (eds.). *Athanasia: The Earthly, the Celestial and the Underworld in the Mediterranean from the Late Bronze Age and the Early Iron Age*, p. 53-64, 2012, p. 56 e p. 64.

Sobre essas técnicas há um debate sobre a origem delas e sua difusão. As teses difusionistas argumentam que essas técnicas foram criadas na Anatólia no século XVI a.C. e teriam sido importadas para o Egeu por meio do intercâmbio de artesãos. No entanto, Maner argumenta que as técnicas utilizadas eram diferentes nas duas regiões, sobretudo nos tipos de muro, compartimentado (*kastenmauer*) entre os hititas e em unidades em “zigzag” entre os micênicos, e na composição da superestrutura dos muros. Nos hititas a superestrutura dos muros seria de tijolos e de madeira, enquanto nos micênicos seria feita de blocos de grandes dimensões. Por isso, Maner argumenta que as técnicas micênicas não seriam simples transposições das hititas, mas elementos “adaptados... para sua própria cultura”. Contudo, o autor elenca alguns aspectos que seriam comuns na construção monumental hitita e micênica: o uso de abóboda corbelada e de pedras de conglomerado (rocha sedimentar formada por fragmentos de rochas menores) nos batentes de portas principais.



passagem, como portas de acesso, ou nos cantos, os blocos tendem a ser organizados em linha (*course*) e podem ter forma retangular, possibilitando o encaixe quase exato dos blocos (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 23). Nesses tipos de fachada, os blocos menores intersticiais localizavam-se apenas na camada que preenche o interior dos muros. Essa técnica de construção pode ser observada na Porta dos Leões em Micenas.

No topo dessas estruturas existiriam caminhos e plataformas para os defensores. Esses caminhos eram feitos de tijolos ou argila, que infelizmente não sobreviveram ao tempo, por serem destruídos em razão de intemperismo físico-químico (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 25). Além disso, os muros seriam vedados com argila e terra, escondendo assim, grande parte dos pequenos blocos intersticiais que hoje estão expostos nas muralhas (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 25).

Outro tipo de estrutura comum em fortificações e passagens é o arco corbelado ou abóboda corbelada (*corbelled arch/ corbelled vault*). Esses arcos possuem forma triangular ou ogival e são formados pela gradual projeção interna dos lados das paredes de uma passagem. De acordo com Maner (2013, p. 241), nas construções micênicas há quatro tipos: abóboda corbelada ogival sem pedra angular (*key stove*), abóboda corbelada ogival com pedra angular, abóboda ogival com uma laje quadrangular no topo (silhar) e abóbodas mistas (Figura 4).

A diferença entre os dois primeiros tipos deve-se à presença ou não de uma pedra angular no topo. No primeiro tipo temos a poterna de Micenas, enquanto no segundo tipo, a Porta Oeste de Tirinto. Por vezes, a pedra angular pode ser substituída por uma laje quadrangular (silhar/ *ashlar*), isso é observado na poterna de Midea.

Por fim, o tipo misto possui mais de um tipo de abóboda em uma mesma estrutura, como, por exemplo, na cisterna de Micenas, onde há uma abóboda corbelada sem pedra angular na entrada e uma abóboda com uma laje quadrangular (silhar) no interior da estrutura (MANER, 2013, p. 421).

O arco corbelado está presente em pontes, cisternas, galerias e poternas micênicas datadas do século XIII a.C. Essa técnica de construção já era conhecida na Anatólia desde o Reino Antigo no século XVI a.C. e é encontrada em poternas, fontes subterrâneas, e passagens em Alaca Hüyük, na entrada de Yerkapi em Bogazköy, em Hüyük Tepe e na fonte subterrânea de Oymağaç<sup>41</sup> (LOADER, 1995, p. 150 e p. 153; MANER, 2013, p.421). Apesar da técnica

---

<sup>41</sup> MANER, Ç. Corbelled Vaults in Hittite and Mycenaean Fortification Architecture. In: BOMBARDIERI, L. *et al.*, SOMA 2012: Proceedings of the 16th Symposium on Mediterranean Archaeology, Florence, Italy. **BAR**, v.2581, n. I, p.419-426, 2013, p. 420. No caso da arquitetura hitita, além dos tipos apresentados no texto teríamos a abóboda verdadeira e a abóboda parabolóide. Esse último tipo ocorre nas portas principais de Bogazköy (porta dos leões e porta das esfinges).

hitita e micênica ser similar, nas estruturas micênicas o arco corbelado é construído na rocha mãe ou diretamente na muralha (Figura 4), enquanto nas construções hititas a fundação ocorre sobre um monte artificial de terra (*rampart*) (MANER, 2013, p; 421).

Figura 4 – Tipos de arcos corbelados micênicos<sup>42</sup>



Legenda: Em sentido horário a partir do topo na esquerda: abóboda corbelada ogival sem pedra angular

<sup>42</sup> Neste exemplo, podemos notar que o arco corbelado na poterna de Micenas se afunila na parte mais alta da passagem, enquanto em Ugarit esse afunilamento parte da base. Além disso, nota-se a presença de uma pedra horizontal (*key stone*) em Ugarit. A presença dessa pedra horizontal não é uma exclusividade da Anatólia e do Levante, há exemplos de poternas em Mídea e Tirinto que possuem esse tipo de recurso no topo do arco.

(Micenas); abóboda corbelada ogival com pedra angular (Porta Oeste em Tirinto); abóboda ogival com silhar (poterna de Midea); abóboda mista (cisterna em Micenas).

Fontes: Sonia Halliday Photo Library, Domínio Público e Ministry of Culture and Tourism<sup>43</sup>.

Para a criação dos blocos seria utilizado a chamada “serra de pêndulo” (BLACKWELL, 2014). Essa ferramenta consistiria em um machado com ponta de bronze, que faria movimentos pendulares, se aproveitando da gravidade para exercer a pressão necessária para criar sulcos em blocos de pedra<sup>44</sup>.

Na montagem das muralhas seriam utilizadas ferramentas como martelos, machados, picaretas, cinzéis (LOADER, 1995, p.35). Para a colocação dos blocos uma das propostas seria o do uso de rampas de madeira com cilindros de madeira, que se deslocariam quando os blocos fossem puxados por bois (LOADER, 1995, p.60).

Quando refletimos sobre as características arquitetônicas da alvenaria ciclópica é interessante notarmos que elas são monumentais por “excederem as funções práticas”. A função prática seria criar uma barreira para invasores e proteger a produção agrícola e a população em tempos de guerra (HOPE SIMPSON; HAGEL, 2006, p. 23). Enquanto a função simbólica seria a de mostrar o poder das elites governantes, capazes de construir obras de grandes dimensões e de alta complexidade.

Esse aspecto é visível na face externa das muralhas, onde os blocos eram maiores do que na parte interna, e nas áreas de passagem, como as portas, onde em certos casos, os muros possuem blocos retangulares perfeitamente encaixados<sup>45</sup>. Se considerarmos apenas uma função prática, não haveria motivo para o uso de blocos retangulares em portas principais, seria mais econômico, por exemplo, o uso de pedras grandes ligadas por pequenas pedras e argila, como ocorre na maior parte do circuito murado. Em razão desse tratamento arquitetônico diferenciado em portas, argumentamos que há uma mensagem clara de grandeza e poder que excede à funcionalidade da construção, tornando-a, assim, monumental.

<sup>43</sup> Sonia Halliday Photo Library. Southeast postern, Mycenae, Greece. 2021. Disponível em: <http://www.soniahalliday.com/category-view3.php?pri=GR1169-7FHC.jpg>. Acesso em: 16 nov. 2021.

West Gate in Tyrins. 2016. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/%CE%A4%CE%B9%CF%81%CF%85%CE%BD%CE%B8%CE%B1.jpg>. Acesso em: 17 nov. 2021.

File:Underground Cistern of Mycenae, entrance, 201542.jpg - Wikimedia Commons. 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Underground\\_Cistern\\_of\\_Mycenae,\\_entrance,\\_201542.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Underground_Cistern_of_Mycenae,_entrance,_201542.jpg). Acesso em: 17 nov. 2021.

<sup>44</sup> SCIENCE NEWS. Watch a pendulum saw in action | **Science NewsYouTube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XfoWqzHJPg>. Acesso em: 18 nov. 2021. YouTube Video. No vídeo há uma demonstração do funcionamento da ferramenta por meio de arqueologia experimental.

<sup>45</sup> Ver as imagens da Porta dos Leões e da Porta Norte em Micenas. Na Porta dos Leões, a porta principal, não observamos os blocos intersticiais, enquanto na Porta Norte, a porta secundária, há uma quantidade expressiva desses pequenos blocos. Assim, o uso de blocos regulares sem a presença de pedras intersticiais excede a função prática.

## CAPÍTULO 2: MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta seção apresentaremos os materiais selecionados para a análise das paisagens de poder no sítio arqueológico de Midea, os *softwares* e os métodos utilizados e as limitações e aproximações presentes nessas abordagens. Inicialmente discutiremos os métodos de análise espacial adotados, como, por exemplo, a análise de vizinhos próximos e de visibilidade a partir de um determinado ponto.

Em seguida, discutiremos os métodos e a teoria utilizada para a análise de arqueoastronomia, e, por fim, discutiremos os critérios para a seleção dos dados de edifícios em Midea.

### 2.1 FERRAMENTAS PARA A ANÁLISE ESPACIAL

A fim de investigarmos o ambiente construído no sítio de Midea, desenvolvemos um conjunto de mapas no *QGIS* (*Quantum Gis* versão 3.10.12) com os possíveis trajetos de fora da cidadela até o Complexo do mégaron e no *Google Earth Pro* para analisar a visibilidade (*viewshed analysis*) nesses trajetos.

O *QGIS* é um *software* gratuito de GIS (*Geographic Information System*), ou, em português, SIG (Sistema de Informações Geográficas). O SIG é um termo genérico para designar um banco de dados georreferenciado, que permite “armazenar, alterar, manipular ou analisar” dados no espaço (CHAPMAN, 2011, p. 14-15).

Em arqueologia, o SIG é utilizado principalmente em estudos que envolvem a cartografia, a paisagem ou mesmo para prever<sup>46</sup> a existência de sítios em uma área (CHAPMAN, 2011, p. 9 e p. 17). Essas abordagens são possibilitadas pelas ferramentas contidas em *softwares* de SIG como, por exemplo, o *ArcGIS* e o *QGIS*, que permitem visualizar a “distribuição de materiais humanos na paisagem” (BAHN, 1992, apud CHAPMAN, 2011, p. 11). Entendemos paisagem aqui como “o mundo como é conhecido para aqueles que moram nele, que habitam os lugares e jornadaem os caminhos que os conectam” (INGOLD, 1993, p. 154).

Nesse sentido, os caminhos e lugares consistiriam em paisagem de tarefas (*taskscape*), nas quais as pessoas em suas atividades cotidianas produzem a vida social (INGOLD, 1993, p. 157), atribuindo significados aos lugares (DAVID; THOMAS, 2016, p. 32)<sup>47</sup>, na medida em

---

<sup>46</sup> CHAPMAN, H. **Landscape Archaeology and GIS**. Gloucestershire: The History Press, 2011, p. 17. Na arqueologia preditiva são utilizados modelos estatísticos que extrapolam os dados inseridos no banco e conseguem indicar a possível presença de sítios em uma determinada área.

<sup>47</sup> Os autores enfatizam a emergência de estudos cosmológicos e simbólicos sobre a paisagem: “A arqueologia da paisagem passou a se referir aos lugares que são significativos para as pessoas e, ao fazê-lo, à arqueologia dos

que habitam e trabalham o ambiente ao seu redor. Nessa pesquisa, temos o objetivo de explorar essas paisagens, por meio de modelos construídos com o auxílio de ferramentas de SIG.

Além da investigação de caminhos, analisaremos a visibilidade contida em pontos no sítio. A arqueologia da paisagem estuda “como as pessoas visualizam o mundo”, tanto o ambiente manipulado pelos humanos de modo intencional e não intencional, refletindo a “ordem social e gênero”, como o “significado dos lugares”, sua relação com a sociedade que produziu esses significados e a visão de mundo das pessoas (DAVID; THOMAS, 2016, p. 32; INGOLD, 1993, p. 157-158).

Embora seja problemático acessar esses significados, acreditamos que um primeiro passo para a interpretação dessa “visão de mundo” seria por meio da análise espacial e da visibilidade de um indivíduo percorrendo diferentes pontos do sítio.

Com o objetivo de explorarmos a paisagem de Midea no final da Idade do Bronze, produzimos mapas no *QGIS* com os caminhos entre as portas da cidadela e o mégaron, enquanto para os aproximarmos um pouco da percepção de como “as pessoas visualizavam o mundo”, criamos mapas no *Google Earth* com a análise de visibilidade (*viewshed analysis*).

Compreendemos que o estudo da paisagem é vasto e implica na consideração de elementos simbólicos presentes nesses caminhos e pontos de vista. Para isso, recorreremos às inscrições encontradas em materiais no sítio e à análise arqueoastronômica. No entanto, esses recursos são limitados para uma compreensão ampla da visão de mundo da população que habitava o assentamento.

Para a construção dos caminhos em Midea, utilizamos como base um mapa oferecido pelo *Google Satellite* através do *plugin QuickMapServices* no *QGIS*. Nesse mapa criamos camadas com vetores na forma de pontos e linhas<sup>48</sup>. Convencionamos o uso de pontos para marcar portas e estruturas, enquanto utilizamos as linhas para indicar os trajetos.

Não há um estudo sistemático sobre as vias de circulação em Midea, assim, os trajetos foram elaborados com base na topografia do sítio, indicada pela sequência de terraços artificiais, e em vestígios de ruas encontradas durante as escavações. Portanto, gostaríamos de explicitar que quanto menor é a área escavada, mais especulativo é o trajeto construído na

---

significados (*meaningfulness*)” (DAVID; THOMAS, p. 2016, 38).

<sup>48</sup> CHAPMAN, H. **Landscape Archaeology and GIS**. Gloucestershire: The History Press, 2011, p. 15 e p. 49. No GIS os dados podem ser armazenados na forma de vetores (pontos, linhas e polígonos) e de *raster* (camada com duas dimensões composta por pequenos *pixels*, que pode ser utilizado para marcar cores e elevações). Em arqueologia utiliza-se camadas *raster*, por exemplo, para criar modelos de densidade *Kernel* de materiais arqueológicos ou modelos digitais de elevação (MDE). Os mapas de densidade são utilizados após prospecções (*surveys*) arqueológicas a fim de classificar uma determinada área como um sítio. Enquanto o MDE pode ser utilizado para análises topográficas ou de “*cost-surface*” que quantifica o esforço necessário para atravessar uma área.

pesquisa.

Com base nas linhas podemos comparar trajetos diferentes e ao analisarmos os pontos (construções), podemos discutir a ordem de edifícios que aparecem em um caminho, identificando assim a recorrência de edifícios em certos locais e a presença de estruturas de caráter monumental.

Um dos recursos mais interessantes do SIG é a possibilidade de tratar de modo quantitativo os dados inseridos. Neste trabalho utilizamos a ferramenta de régua para medir distâncias, o *plugin HCMGIS* para a criação de mapas de análise de vizinho próximo e distante a partir de um determinado ponto.

Por sua vez, a análise de visibilidade (*viewshed analysis*) permite quantificar a área visível em um determinado ponto de vista no espaço (CHAPMAN, 2009, p. 22). Esse recurso permite mensurar as áreas visíveis e invisíveis para um pedestre em um ponto. Isso é fundamental para identificarmos os edifícios mais visíveis ao longo de trajetos e interpretar os discursos de poder expressos a partir de um determinado local.

Para a construção de mapas de visibilidade no SIG é necessário um Modelo Digital de Elevação (MDE) da área. No entanto, no caso de Midea não encontramos um MDE com a escala adequada para analisarmos a topografia do sítio. Por essa razão, optamos pela criação dos mapas de visibilidade no *Google Earth Pro*. Embora o *software* tenha menos recursos estatísticos em relação ao *QGIS*, ele consegue produzir mapas com análise de visibilidade na escala adequada para nossa pesquisa.

Para a construção dos mapas de análise de visibilidade habilitamos a camada “terreno” no *Google Earth Pro*, a fim de produzir um Modelo Digital de Elevação (MDE) com base em imagens de satélite capturadas em 9 de fevereiro de 2018<sup>49</sup>. Em seguida, criamos pontos ao longo dos caminhos elaborados na etapa anterior, simbolizados com uma representação humana colorida em verde. Em cada local plotado configuramos o ponto de vista de uma pessoa com 2m de altura em relação ao solo (altura mínima exigida pelo programa). Por fim, para criarmos a análise de visibilidade, adicionamos a opção “mostrar enquadramento visual”.

A análise em diferentes pontos de um caminho permite identificar as áreas que são recorrentemente visíveis, e que, podem abrigar edifícios de importância significativa. Contudo, esse tipo de estudo considera a paisagem contemporânea do sítio, ou seja, a altura original dos

---

<sup>49</sup> As imagens de melhor definição para o sítio encontram-se nessa data. As datas encontram-se no canto inferior da tela de navegação do *Google Earth Pro*. Ao longo da pesquisa comparamos as imagens tiradas por satélites em fevereiro de 2018 com o de períodos recuados a fim de identificar edifícios escavados que foram cobertos pela vegetação do sítio. Para acessar imagens de períodos anteriores basta acessar o item localizado no topo da aba de navegação “Mostrar imagens históricas”.

edifícios não é levada em conta, assim como elementos naturais como rochas, sombras e árvores também são desconsiderados pelo modelo.

Ao longo da pesquisa realizamos alguns testes de análise de visibilidade considerando polígonos em 3D. No entanto, após construirmos os polígonos de edifícios e das muralhas do período analisado considerando alturas aproximadas (8m para as muralhas) (IAKOVIDIS, 1999, p. 200), notamos que o *Google Earth* apresenta duas limitações para esse tipo de análise: a primeira é que os polígonos têm uma altura fixa em relação ao solo, ou seja, os polígonos não acompanham mudanças na topografia; a segunda é que as análises de visibilidade criadas desconsideram os polígonos criados manualmente.

Por isso, a criação de polígonos, embora seja interessante do ponto de vista qualitativo, por possibilitar a criação de hipóteses sobre o aspecto visual dos edifícios, não pode ser analisada do ponto de vista quantitativo devido aos motivos apresentados anteriormente.

Além da análise de visibilidade, utilizamos o *Google Earth* para medir distâncias, coletar coordenadas, obter azimutes de construções<sup>50</sup>, a fim de realizarmos comparações com fenômenos celestes e construir o perfil de elevação de determinados caminhos. Utilizamos os perfis de elevação para analisar sistematicamente as funções de cada porta e sua ligação com edifícios vizinhos. Para isso, elaboramos uma planilha no *Excel* (ANEXO I) com o nome da Porta, o local de destino de um caminho, o comprimento dele e a elevação média desse caminho<sup>51</sup>. Com esses dados medidos no *Google Earth*, construímos gráficos no *software Orange* para avaliar os caminhos mais propícios, ou seja, aqueles com menor distância e inclinação, ao longo de Midea.

## 2.2 ANÁLISE ARQUEOASTRONÔMICA

### 2.2.1 Metodologia

O estudo da paisagem celeste no sítio avalia a relação entre a orientação de estruturas que fazem parte do circuito murado ou que estão dentro da cidadela e fenômenos astronômicos. Para isso coletamos os azimutes<sup>52</sup> e a altura das estruturas no *Google Earth* e comparamos com

<sup>50</sup> O azimute é utilizado para comparar a orientação de um edifício com um determinado ponto no céu. No *Google Earth* o azimute encontra-se na ferramenta régua sobre o nome de “Título”.

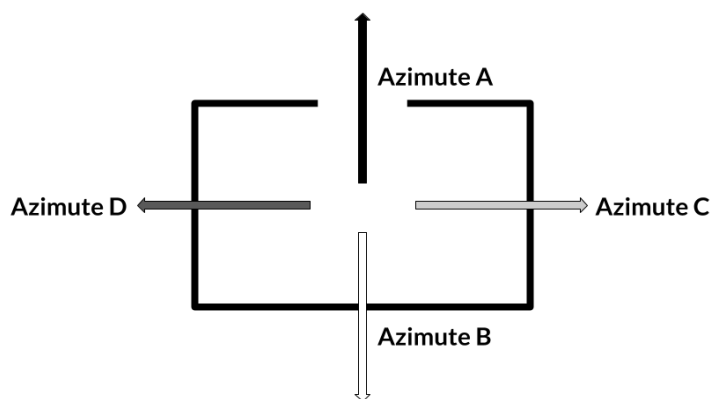
<sup>51</sup> Disponível no material suplementar (ANEXO I).

<sup>52</sup> MAGLI, G. **Archaeoastronomy**: introduction to the science of stars and stones. Springer Nature, 2020, p. 4. O azimute consiste numa medida a partir de um ponto escolhido que é medido a partir do Norte 0° até completar 360° em sentido horário. Assim o azimute descreve a posição de um astro a partir de um ângulo a partir do solo. Definição dada pelo autor: “Dado um ponto S no céu, cujas coordenadas desejamos encontrar, imaginemos traçar agora o plano vertical que passa por este ponto. Este plano intersecta o horizonte do observador em um ponto, digamos S\*; o azimute A é o ângulo entre o norte e o ponto S\* no horizonte, contando positivamente de norte para leste (em outras palavras, no sentido horário)”. Tradução nossa.

os azimutes de fenômenos astronômicos medidos no *Stellarium*, com o auxílio do *plugin* Arqueolinhas desenvolvido por Georg Zotti (2016). Esse *plugin* é capaz de calcular as órbitas de eventos astronômicos ao longo do tempo.

Para a coleta dos azimutes em estruturas criamos a seguinte convenção tomando como referência o centro da estrutura e sua porta de entrada. Do centro da estrutura até a porta de acesso temos o azimute A, do centro ao lado oposto da porta temos o azimute B, do centro até a direita em relação à porta, temos o azimute C, enquanto do centro até a esquerda nomeamos de azimute D (Figura 5). No caso de muralhas o azimute A consiste no ponto que vai de dentro da área murada até a parte externa do sítio, enquanto o azimute B parte da área externa para a interna da muralha.

Figura 5 – Convenção utilizada para a coleta de azimutes



Fonte: Elaborado pelo autor no *Google Apresentações* (2022).

Após a coleta dos azimutes em uma planilha do *Excel*, comparamos os azimutes das construções com os seguintes fenômenos astronômicos no ano de 1250 a.C.: equinócios (outono e primavera), solstícios (verão e inverno), o lunistício maior (paralisação lunar maior), o lunistício menor (paralisação lunar menor), o polo celeste (ponto fixo no céu), a posição de Vênus e, eventualmente, estrelas e constelações de alta visibilidade como Órion, Leão Maior e menor, Cães de caça, Ursa maior, Ursa menor, dentre outras.

Para obtermos os azimutes dos eventos celestes em Midea, inserimos as coordenadas<sup>53</sup> do sítio no *Stellarium*, simulamos o céu em 1250 a.C. e, por fim, coletamos os ângulos (azimutes) de fenômenos celestes citados anteriormente utilizando a ferramenta “marcação da bússola” utilizando em uma paisagem genérica sem elevações (mapa de *Guéreins*). Infelizmente, nessa etapa não é possível avaliar com precisão o ponto no qual os astros nascem e se põem de acordo com um ponto de vista de alguém em Midea, uma vez que as sinuosidades

<sup>53</sup> As coordenadas geográficas dos edifícios de Midea foram coletadas no *Google Earth*.



do relevo não estão presentes no modelo oferecido pelo *software*.

Em seguida, comparamos os azimutes dos eventos astronômicos com os de edifícios de Midea e selecionamos as estruturas que possuíam azimutes próximos desses eventos. Após a triagem desses locais, geramos panoramas 3D (360°) a partir um ponto de vista dentro de um sítio. Esses modelos consideram de modo preciso o relevo e o local onde os astros nascem e se põem.

Para carregarmos um panorama no *Stellarium* a partir do *Google Earth*, primeiro utilizamos um programa desenvolvido por Georg Zotti (2016) que gera pontos de vista a partir de um ponto no *Google Earth*<sup>54</sup>. Em seguida, salvamos as imagens individuais de pontos de vista e juntamos as mesmas no programa *Hugin* para criarmos um panorama de 360°. Após criarmos o panorama, editamos a imagem retirando o céu, para que ele seja substituído pelo céu do *Stellarium*, para isso utilizamos o *open source GIMP 2.10.12*<sup>55</sup>.

Por fim, criamos um *script* de comando dentro de uma pasta do *Stellarium* para o programa reconhecer a altura e as coordenadas do panorama elaborado. Nota-se que o processo demanda uma sequência de etapas trabalhosas, o que dificulta a criação de vários panoramas. Por isso, realizamos uma triagem inicial e criamos apenas os panoramas dos locais onde há um número significativo de eventos astronômicos. Contudo, esse método permite avaliar os eventos celestes considerando os acidentes geográficos a partir de um ponto de vista.

### 2.2.2 Ciclos solares

Ao longo da pesquisa analisamos o funcionamento de fenômenos astronômicos nos sítios selecionados. Dentre os fenômenos escolhidos nos concentramos naqueles de maior visibilidade, como os solstícios, equinócios e lunistícios, e naqueles mencionados em fontes antigas como a posição de constelações e estrelas. Primeiro descreveremos a incidência de fenômenos solares.

A Terra descreve uma órbita elíptica ao redor do Sol, que se posiciona em um dos focos da elipse (MAGLI, 2020, p. 3). Pelo fato de a Terra possuir uma inclinação axial (obliquidade) de aproximadamente 23,5°, ao realizar sua órbita (ELKINS-TANTON, 2006, p. 15), os Hemisférios recebem uma quantidade diferente de energia solar. Por essa razão, existem as estações do ano que se comportam de maneira oposta no Hemisfério Norte e no Hemisfério Sul.

---

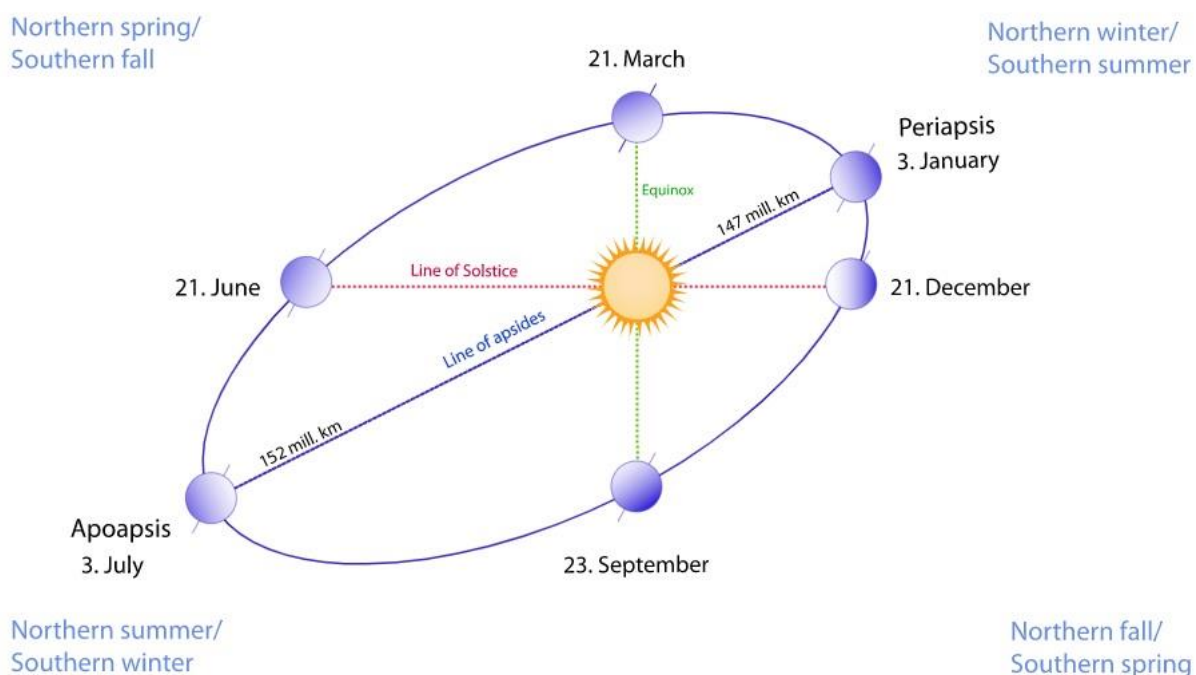
<sup>54</sup> ZOTTI, G. **Make Stellarium panoramas from Google Earth**, 2013. Disponível em: <https://homepage.univie.ac.at/Georg.Zotti/php/panoCam.php>. Acesso em: 13 jun. 2022.

<sup>55</sup> Essa atividade pode ser feita com diversos editores de imagem como o *Adobe Photoshop*.

As estações são divididas por eventos astronômicos como os solstícios e os equinócios. Os solstícios, são momentos no qual o Sol permanece alguns dias imóvel em um ponto do céu, por isso seu nome deriva de *sun still* (Sol que permanece). No Hemisfério Norte o Solstício de Verão, o “dia mais longo do ano”, ocorre entre os 21±1 de junho (ELKINS-TANTON, 2006, p. 16). Enquanto o Solstício de Inverno ocorre no dia 21±1 de dezembro, consistindo na noite mais longa do ano (ELKINS-TANTON, 2006, p. 16). O nascimento da própria disciplina de arqueoastronomia ocorreu por meio da análise desse tipo de fenômeno solar.

Os equinócios consistem em fases de transição nas quais o dia e a noite possuem duração similar, por isso o termo “*aequinoctium* ou noite igual” (KELLEY; MILONE, 2005, p. 17). No Hemisfério Norte o Equinócio de Primavera ocorre no dia 23±1 de março e o Equinócio de Outono no dia 23±1 de setembro (ELKINS-TANTON, 2006, p. 14) (Figura 6).

Figura 6 – Solstícios e Equinócios ao longo do ano



Fonte: Domínio Público<sup>56</sup>.

Para um observador em um ponto fixo a trajetória do Sol no céu será alterada ao longo do ano. No Solstício de Inverno, o Sol irá descrever a menor trajetória no céu e estará mais próximo do horizonte, enquanto no Solstício de Verão ele descreverá a maior órbita no céu e, por essa razão, ocorre o dia mais longo do ano. Ou seja, no Solstício de Inverno há menor insolação, o que gera o esfriamento da superfície de um local, enquanto no de Solstício de Verão

<sup>56</sup>

File:Seasons1.svg

Wikimedia

Commons.

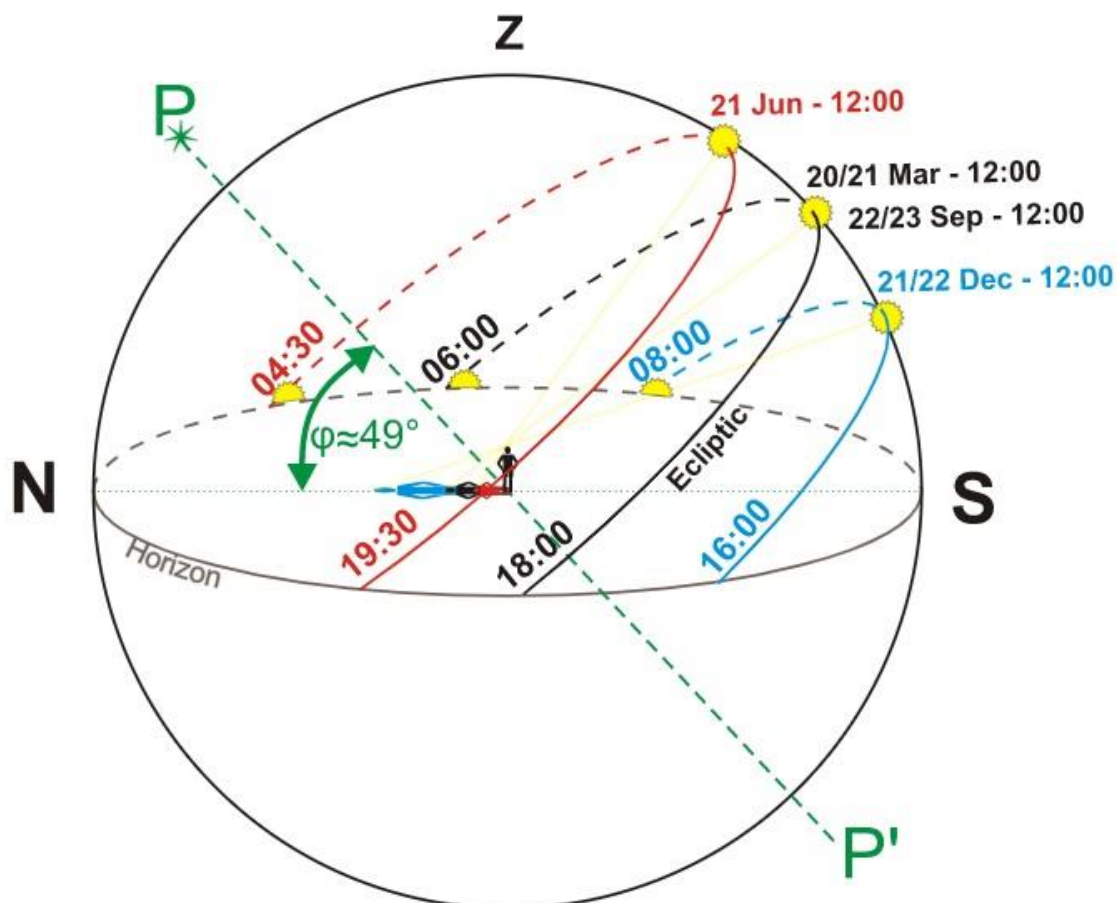
2020.

Disponível

em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seasons1.svg>. Acesso em: 18 jun. 2021.

o Sol permanece um maior tempo sobre o céu, aumentando a energia recebida em um determinado ponto. Por sua vez, o equinócio consiste em um ponto médio entre esses dois solstícios (Figura 7).

Figura 7 – Posições do Sol a partir de um ponto no Hemisfério Norte.



Fonte: Domínio Público<sup>57</sup>.

Os primeiros experimentos de pesquisadores que relacionam a orientação de edifícios com fenômenos celestes datam do século XIX, a partir da publicação de *Dawn of Astronomy* de Lockye em 1894 (KELLEY; MILONE, 2005, p. 1). Contudo, foi apenas com o desenvolvimento de computadores, no final da década de 1960 que os modelos matemáticos astronômicos ficaram acessíveis.

Essa nova arqueoastronomia tem como expoente Gerald Hawkins, que realizou estudos sobre as linhas de Nasca (MAGLI, 2020, p. 109) e sobre Stonehenge em 1968. Para Hawkins Stonehenge seria um “computador neolítico, capaz não só de observar os ciclos do Sol da Lua, mas de prever eclipses” (MAGLI, 2020, p. 105). O campo da arqueoastronomia se desenvolveu

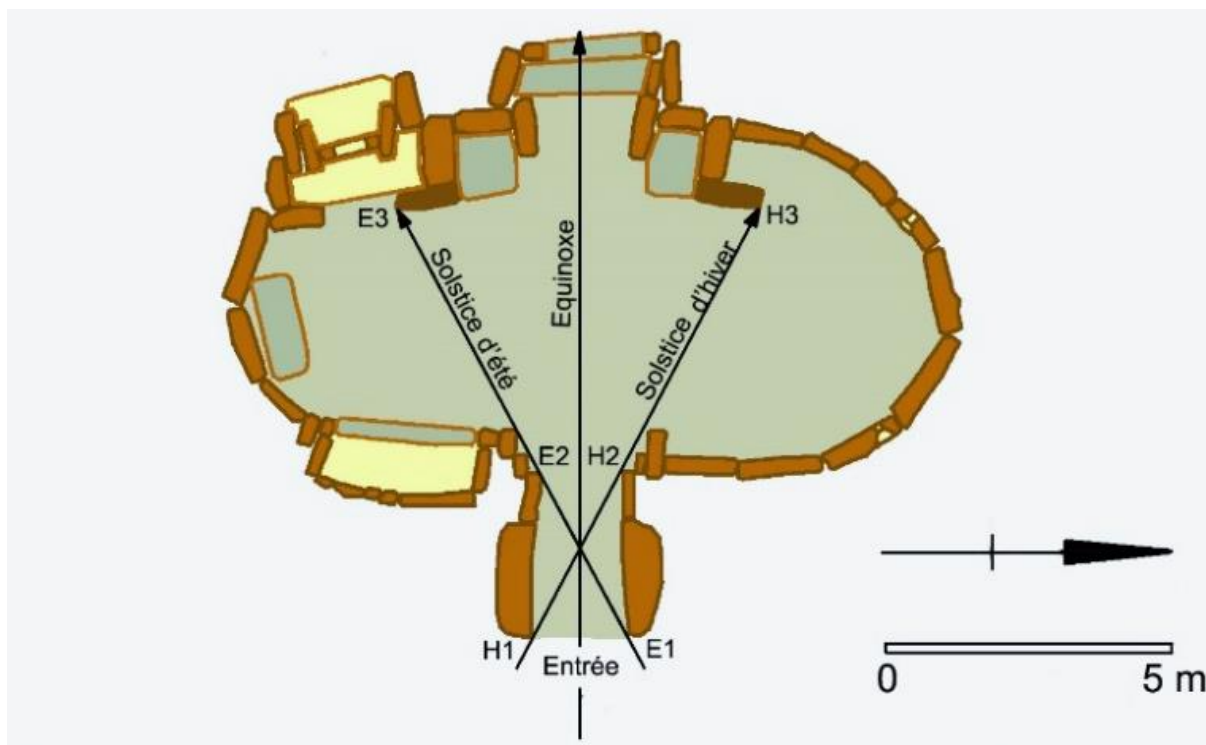
<sup>57</sup> File: Solstice and Equinox.svg - Wikimedia Commons. 2009. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solstice\\_and\\_Equinox.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solstice_and_Equinox.svg). Acesso em: 18 jun. 2021.

nas décadas de 1980 e 1990 por meio de estudos que comparavam a posição do Sol e da Lua e estrelas e a orientação de edifícios, embora na academia fosse um campo encarado com desconfiança (CUNHA, 2017, p. 69).

No caso do Mediterrâneo foram publicadas pesquisas sobre estruturas megalíticas na Itália como as tumbas dos gigantes e os nuraghis na Sardenha (MAGLI *et al.*, 2011; HOSKIN; ZEDDA *et al.*, 1996; ZEDDA, 2005) e o estudo da relação entre templos e pirâmides no Egito e a paisagem celeste (BOUSIKAS; RUGGLES, 2011; MAGLI, 2009).

Cabe destacar os estudos (SERIO; HOSKIN; VENTURA, 1992) realizados no complexo de templos de Mnajdra (3600 a.C. –3200 a.C.) na ilha de Malta dedicados à deusa mãe (MAGLI, 2020, p. 65), que em razão de suas janelas e aberturas funcionava como um “verdadeiro calendário solar” (MAGLI, 2020, p. 71) (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Planta do templo solar em Malta

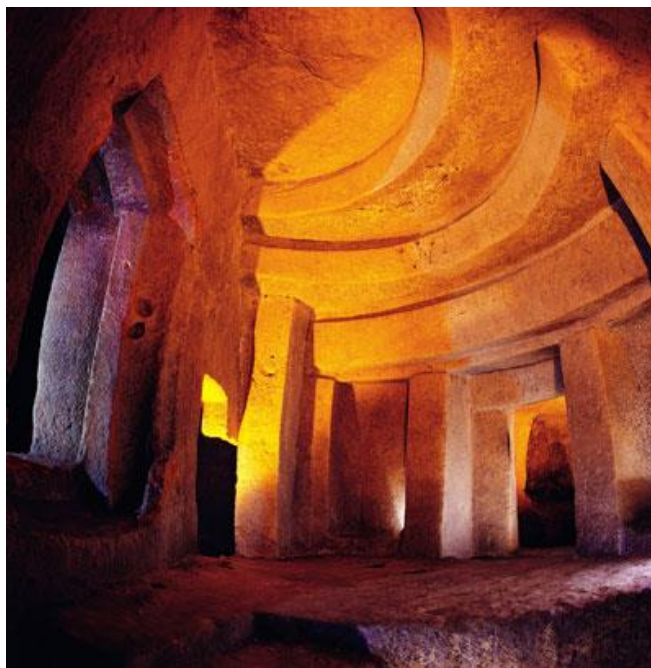


Legenda: No templo Solar de Mnajdra a luz incide em determinados pontos do edifício de acordo com a época do ano. Tradução: Solstício de Verão (*Solstice d'été*), Equinócio (*Equinoxe*) e Solstício de Inverno (*Solstice d'hiver*).

Fonte: Domínio Público<sup>58</sup>.

Figura 9 – Templo de Malta iluminado pelo Solstício de Verão

<sup>58</sup> Templo de Malta. Wikicommons. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Temple\\_solaire\\_Mnajdra.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Temple_solaire_Mnajdra.jpg). Acesso em: 19 jun. 2021.

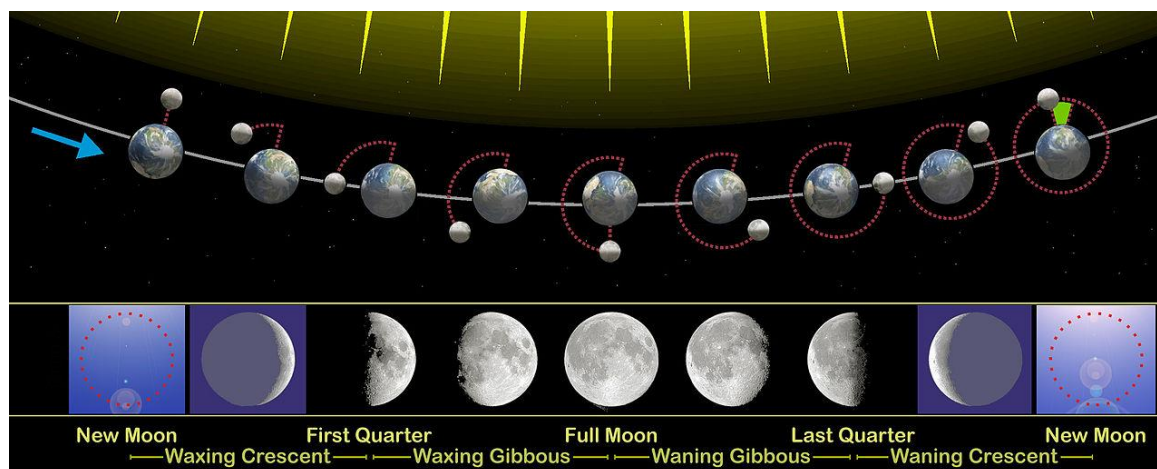


Fonte: World Archaeology (2012)<sup>59</sup>.

### 2.2.3 Ciclos lunares

Outros fenômenos fundamentais para a experiência da paisagem celeste são os ciclos lunares. O primeiro, mais conhecido, consiste no ciclo de luação, que tem uma duração de ~29,54 dias (RUGGLES, 2014, p. 11 e p. 466), formando um mês (*month* - palavra derivada de *moon*), que consiste em um importante marcador de tempo que estimulou a criação de calendários lunares. As fases lunares consistem em Lua nova, crescente, quarto crescente, crescente gibosa, cheia, minguante gibosa, quarto minguante e Lua minguante (Figura 10).

Figura 10 – Fases da Lua



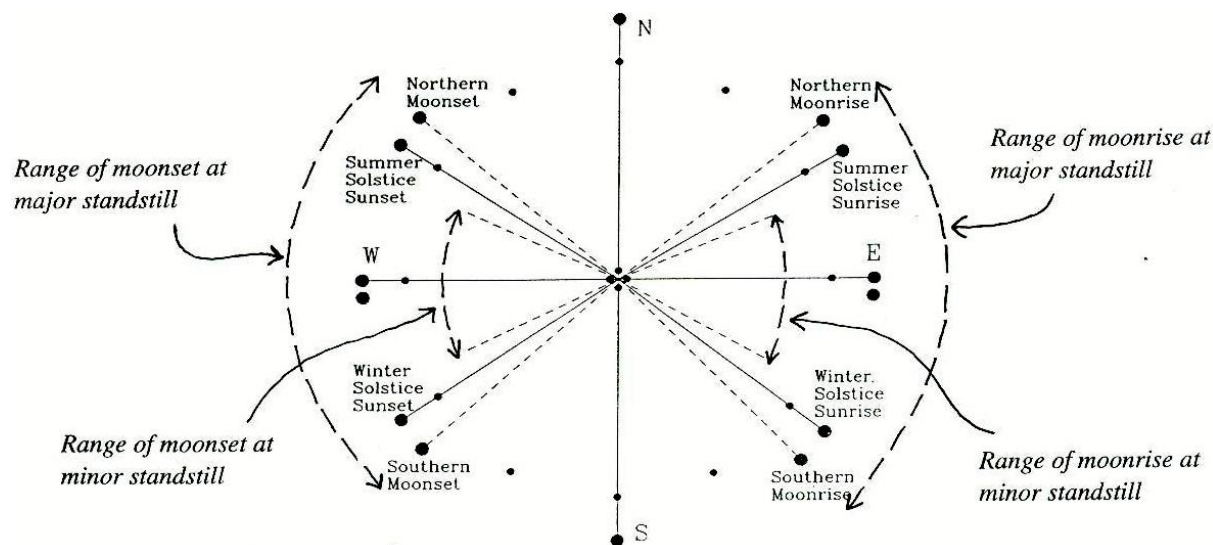
<sup>59</sup> Malta: For the Summer Solstice at Mnajdra Temple - World Archaeology. 2012. Disponível em: <https://www.world-archaeology.com/travel/malta-for-the-summer-solstice-at-mnajdra-temple/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

Fonte: Domínio público<sup>60</sup>.

Ao longo da luação a Lua crescente aparece no Oeste logo após o pôr do Sol. Conforme os dias passam ela gradualmente se move para o leste e se põe logo após o Sol. Quando se torna cheia ela “nasce no pôr do sol” e se põe na direção do “nascer do sol” (RUGGLES, 2014, p. 466), ficando a maior parte da noite visível no céu. Durante a fase minguante, gradualmente a Lua se deslocará para oeste, diminuindo seu tempo de aparição no céu noturno até ficar invisível e se pôr antes do Sol (RUGGLES, 2014, p. 466).

Além do ciclo de luação, há a paralisação lunar (*lunar Standstill*)<sup>61</sup>, ou lunistício. Esse ciclo gerado pelo movimento de precessão dura ~18,6 anos. Para um observador em um ponto fixo neste período a Lua fica parada por alguns dias, assim como no Solstício, em pontos mais afastados no horizonte (Paralisação Lunar Maior) ou entre pontos relativamente próximos (Paralisação Lunar Menor) (Figura 11).

Figura 11 – Paralisações lunares



Fonte: YOUNG (2011)<sup>62</sup>.

Assim para um observador, na Paralisação Lunar Maior a Lua descreverá a maior trajetória no ciclo de 18,6 anos e na paralisação menor, a menor distância percorrida no céu. Nota-se que esses dois extremos se encontram entre a declinação dos solstícios. Além de

<sup>60</sup> Wikimedia. File: Moon phases en.jpg. 2021. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File: Moon\\_phases\\_en.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File: Moon_phases_en.jpg). Acesso em: 19 jun. 2021.

<sup>61</sup> SIMS, L. What is a lunar standstill? Problems of accuracy and validity in ‘the Thom paradigm. *Mediterranean Archaeology & Archaeometry*, Special Issue, n. 6, v.3, 157-163, 2006, p.157. A definição de Lunistício é “a medida de declinação dos extremos geocêntricos da Lua”. Tradução nossa.

<sup>62</sup> YOUNG, J. *Major Lunar Standstill* -- Moon Teachings for the Masses. 2011. Disponível em: <https://www.umass.edu/sunwheel/pages/moonteaching.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

diversas estruturas megalíticas da Idade do Bronze europeia como *Stonehenge*, que possui orientações ligadas aos ciclos da Lua, na Sicília em Akragas foi comprovado que a orientação do templo de Deméter e Perséfone coincide com a posição da Paralisação Lunar Maior (ORLANDO, 2017, p. 95).

#### 2.2.4 Outros fenômenos celestes e fontes literárias

Além dos movimentos e orientações do Sol e da Lua, investigamos o movimento de Vênus, que é o planeta de maior visibilidade no céu, conhecido como estrela da manhã ou estrela vespertina (RUGGLES, 2014, p.469). Quanto às estrelas e as constelações, investigamos o cinturão de Órion, cujo nascimento se coincide com o solstício de Verão, a estrela de Sírius, a mais brilhante do céu (ELKINS-TANTON, 2006, p. 20), cujo nascer helíaco<sup>63</sup> ocorre “50 dias após o solstício de verão, durante a parte mais quente da estação” (ORLANDO, 2017, p. 172)<sup>64</sup>, as Pleiades, o polo celeste, as constelações da Ursa Maior e Ursa Menor, que eram utilizados como pontos de referência para navegação, e as Híades, estrelas que fazem parte da constelação de touro. No caso das Pleiades, elas eram marcadoras do momento de arar e semear o solo no Inverno quando as estrelas se põem no amanhecer e na colheita no Verão quando nascem no amanhecer (FINKELBERG, 2011, p. 675).

Desejamos analisar a constelação de touro e as Híades em razão de encontrarmos representações delas desde o Neolítico. Essa constelação, consiste em um importante ponto de referência no céu noturno no Hemisfério Norte. Há registros dessas representações em pinturas rupestres em Lascaux na França que datam de aproximadamente 17.000 BP pertencentes à Cultura Magdaleniana (DOBROSAVLJEVIC-GRUJIC; GRUJIC, 2017, p.409), que representam o cinturão de Órion, as Híades (cabeça do touro) e as Pleiades (Figura 12).

Assim, acreditamos que esses agrupamentos estelares eram importantes pontos de referência que também eram utilizados pelas culturas mediterrânicas de período posterior. Na tradição poética homérica encontramos alguns exemplos de menções a essas constelações (ORLANDO, 2017, p. 171-174):

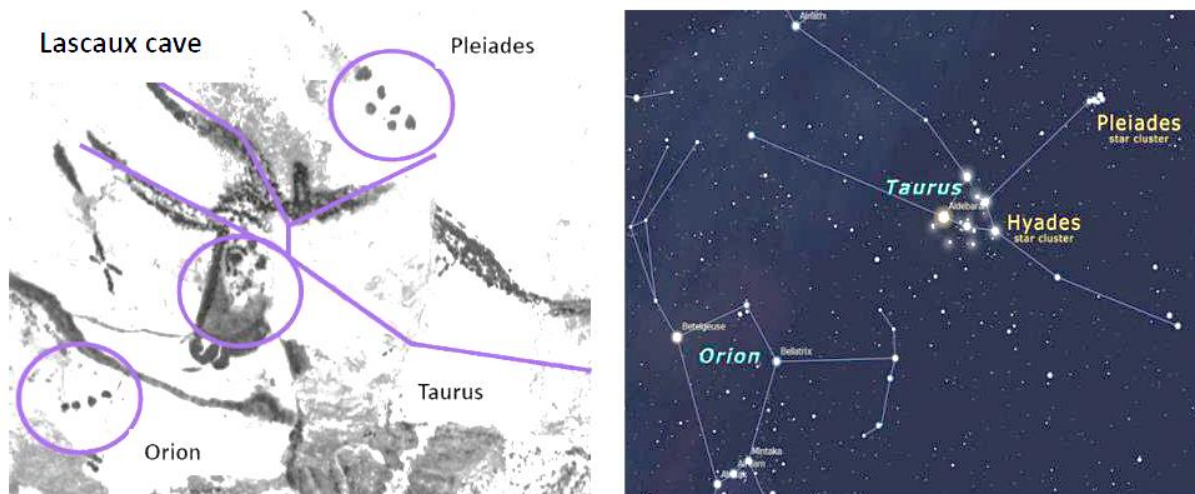
“Nele forjou a terra, o céu e o mar; o sol incansável e a lua cheia; e todas as constelações, grinaldas do céu: as Plêiades, as Híades e a Força de Oríon; e a Ursa, a que chamam Carro, cujo curso revolve sempre no mesmo sítio, fitando Oríon. Dos astros só a Ursa não mergulha nas correntes do Oceano.”<sup>65</sup> (Ilíada, XVIII, 483-489).

<sup>63</sup> Quando um corpo celeste se torna visível imediatamente antes do nascer do Sol. Nascer acrônico é quando o astro aparece no final do dia em oposição ao Sol.

<sup>64</sup> Tradução nossa.

<sup>65</sup> Tradução de Frederico Lourenço.

Figura 12 – Comparação entre as pinturas de *Lascaux* e a constelação de touro



Fonte: Wibowo (2021).

Na passagem selecionada, Hefesto decora o escudo criado para Aquiles, notamos que algumas dessas constelações eram importantes para a localização, como é o caso da Ursa que “revolve sempre no mesmo sítio”, ou seja, que gira em torno do pólo celeste, o ponto imóvel no céu noturno. Na Odisseia as constelações são mencionadas durante o retorno do herói da ilha de Calipso para Ítaca:

“Enquanto olhava para as Plêiades, para o Boieiro que desce tarde no horizonte e para a Ursa, a que chamam Carro, cujo dorso revolve sempre no mesmo lugar, fitando Órion. Dos astros só a Ursa não mergulha nas correntes do Oceano. Era esta a constelação que lhe dissera Calipso, divina entre as deusas, que mantivesse do lado esquerdo enquanto navegava”.

(Odisseia, V, 472-476).

Nesse trecho novamente a constelação da Ursa surge como um ponto de referência para a navegação uma vez que “não mergulha nas correntes do Oceano”, ou seja, está sempre visível e seu dorso está virado para o pólo celeste. Cabe ressaltar que neste trecho a constelação de Boieiro também funciona como um ponto de referência.

Quanto às evidências arqueológicas, há alguns edifícios no Mediterrâneo que estão alinhados com o Cinturão de Órion. Podemos mencionar como exemplos, um templo dedicado à Baal em Motya que está alinhado com a constelação no Solstício de Inverno (SILVA *et al.*, 2016), o templo de Zeus Nemeios no Peloponeso, assim como duas pirâmides encontradas na Argólida (LIRITZIS; VASSILIOU, 2003, p. 98).



### 2.3 ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS

Com o objetivo de investigarmos o ambiente construído ao longo dos trajetos de Midea e elementos associados à paisagem celeste, criamos inicialmente fichas para sistematizarmos informações sobre os edifícios escavados no sítio. Essas informações encontram-se em relatórios publicados pelos periódicos *Opuscula Atheniensia* (1953-2007) e *Opuscula* (2008-atualmente)<sup>66</sup> do Instituto Sueco de Atenas e do Instituto Sueco de Roma. Esses volumes foram encontrados em formato *online* e na Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Para identificarmos os discursos do poder é necessário discutirmos a função dos edifícios que se encontram nesses caminhos planejados. Embora grande parte de edifícios em Midea pareçam ser oficinas multifuncionais, servindo como centros de produção, armazenamento e habitação (BRYSSBAERT, 2014), os vestígios materiais encontrados nesses espaços podem suscitar discussões sobre a funcionalidade deles.

Por essa razão, adotamos a coleta sistemática de informações utilizando fichas para podermos discutir a funcionalidade dos edifícios e compará-los com outros edifícios de Midea.

As informações foram sistematizadas dentro de um arquivo no *Microsoft Word* (ANEXO IV). Embora o programa não seja específico para Banco de Dados, ele permite o armazenamento de imagens, possui uma plataforma de desenvolvimento de manuseio simples e intuitiva e o valor de sua licença é adequado para o porte da pesquisa.

Anteriormente realizamos testes com o *Filemaker Pro 18* e com o *MySQL workbench*. Dois fatores inviabilizaram a utilização do *Filemaker*: o custo elevado de sua licença de utilização e o fato das caixas de texto cortarem informações no caso de impressão do Banco de Dados. Por outro lado, o *MySQL* é um *software* aberto e gratuito, mas sua manipulação envolve o domínio da linguagem *SQL* e a exibição dos dados inseridos nele envolve o desenvolvimento de um *backend*, um local para exibir as informações no banco, como, por exemplo, no formato de uma página na internet. Após alguns testes nestes *softwares* optamos pela alternativa mais prática e viável.

No arquivo criamos uma ficha individual para cada edifício escavado no sítio de Midea. No interior de cada ficha há espaços para descrições (na aba comentários) dados qualitativos (técnica de construção e materiais) e imagens.

A seguir adicionamos um esquema com os campos da ficha que desenvolvemos para a

---

<sup>66</sup> Para verificar os volumes publicados pelos periódicos ver em: **Opuscula Atheniensia**. 2019. Disponível em: <http://ecsi.se/publications/opath/>. Acesso em: 23 set. 2021. Para os volumes disponíveis online ver em: **Opuscula. Annual of the Swedish Institutes at Athens and Rome**. 2019. Disponível em: <http://ecsi.se/publications/opathrom/>. Acesso em: 23 set. 2021.

realização da pesquisa:

### **Campos da ficha:**

**1. Nome:** Nome da estrutura de acordo com os relatórios de escavação.

**2. Unidade Construtiva:** Opções: área de culto, Complexo do mégaron, complexo de construções (Terraço Sudoeste), complexo de construções (Porta Oeste), complexo de quartos (Porta Leste), edifícios na acrópole alta e fortaleza. Esse campo serve para identificar a área na qual um determinado quarto se encontra. A nomenclatura dessas áreas é derivada dos relatórios de escavação.

**3. Local:** (Opções: Circuito Murado ou Intramuros)

a) **Circuito Murado:** estruturas que estão integrados às muralhas.

c) **Intramuros:** edifícios dentro da cidadela, mas que não fazem parte da muralha.

**4. Estrutura**<sup>67</sup>:

a) **Circuito Murado:** (Opções: baluarte, porta, poterna, sala de guarda, torre e cisterna).

b) **Tipo de Porta:** (Opções: Entrada simples, portão de entrada única, portão de duas entradas, portão de três entradas, portões duplos e entrada em forma de L).

c) **Intramuros:** (Opções: área de culto, celeiro, cisterna, estrutura funerária, forja, mégaron, oficina e pátio).

**5. Datação:** Para a datação das construções, recorreremos à cronologia relativa (MANNING, 2010, p. 18)<sup>68</sup>. Nos relatórios de escavação a cronologia utilizada segue a tipologia cerâmica (Tabela 1).

**6. Vasos:** Campo com a presença de recipientes em cerâmica e outros materiais em uma determinada estrutura.

**7. Estatuetas:** Campo com a presença de estatuetas em terracota e outros materiais.

**8. Ferramentas:** Engloba ferramentas utilizadas para a preparação de alimentos e atividades artesanais, como, por exemplo, lâminas, pedras de moer, almofariz, pistilo, entre outros.

**9. Outros:** Campo destinado à presença de materiais diferentes dos campos anteriores.

**10. Comentários:** Local reservado para a adição de citações relacionadas aos materiais

---

<sup>67</sup> A classificação dessas estruturas é baseada nas plantas e relatórios de escavação. Dentre os critérios para a classificação da função de um edifício temos as características arquitetônicas e os materiais encontrados. Dentre os elementos comuns em santuários micênicos destacam-se a presença de bancadas, um volume considerável de estatuetas, vasos votivos (em miniatura), rítos, cálices e vasos com a base furada para libações, altares e depósitos com ossos de animais (LUPACK, 2010, p. 270).

<sup>68</sup> Para os autores, o recorte cronológico dessa pesquisa encontra-se no LH IIIB que teria ocorrido entre 1310 a.C.-1190 a.C. Essa cronologia estaria entre uma cronologia baixa (1300 a.C. – 1200 a.C.), baseada em tipos cerâmicos, e uma cronologia alta (1330 a.C. – 1190 a.C.), baseada na análise de <sup>14</sup>C e dendrologia.

encontrados na estrutura.

**11. Imagens/plantas:** Fotografias e plantas da estrutura e dos materiais encontrados nela. Neste campo há dados sobre o autor da imagem, o ano e a referência ou link da imagem.

**12. Bibliografia:** Fontes utilizadas para preencher a ficha.

Maner (2012, p. 62) considera como “unidades construtivas” que fazem parte das fortificações micênicas: “torres, portas, poternas (*sally ports*) e baluartes”. Como analisamos as estruturas que fazem parte do circuito murado e não somente as estruturas de defesa, adicionamos os campos *syrix* (cisterna) e “sala de guarda” (*guardroom*)<sup>69</sup>. Assim, temos como opções do campo circuito murado: baluarte, Porta, poterna, sala de guarda, torre e cisterna. A seguir descreveremos as categorias utilizadas nas opções dos campos.

### 2.3.1 Estruturas no Circuito Murado

#### Tipos de Porta

As portas consistem nas vias de entrada no interior de uma cidadela<sup>70</sup>. Adotamos o termo “porta”<sup>71</sup>, para indicar entradas de grandes dimensões, como tradução de *gate* do inglês, que significa “uma abertura em um muro ou cerca”, ou “a entrada protegida de uma cidade ou castelo”<sup>72</sup>. Utilizaremos o mesmo termo (porta) como tradução de “*door*”, utilizado para designar pontos de controle presente na entrada ou no interior de edifícios. Assim, o termo “porta” servirá tanto para marcar vias de entrada em fortificações, como para indicar pontos de controle em edifícios.

No campo “Tipo de Porta” adotamos a tipologia utilizada no trabalho sobre fortificações de Nancy Loader (1995). Para a autora há os seguintes tipos: “entrada simples, portão de entrada única, portão de duas entradas, portão de três entradas, portões duplas e entrada em forma de L” (Figura 13).

A entrada simples consiste em uma “porta que garante o acesso à parte interna do assentamento por meio de uma pequena passagem no muro” (LOADER, 1995, p. 81). Essa

<sup>69</sup> Em Mídea, de acordo com as interpretações arqueológicas (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 21), há uma estrutura denominada “sala de guarda” (*guardroom*) para armazenamento e possível controle de entrada que faz parte do circuito murado e se conecta com a Porta Oeste.

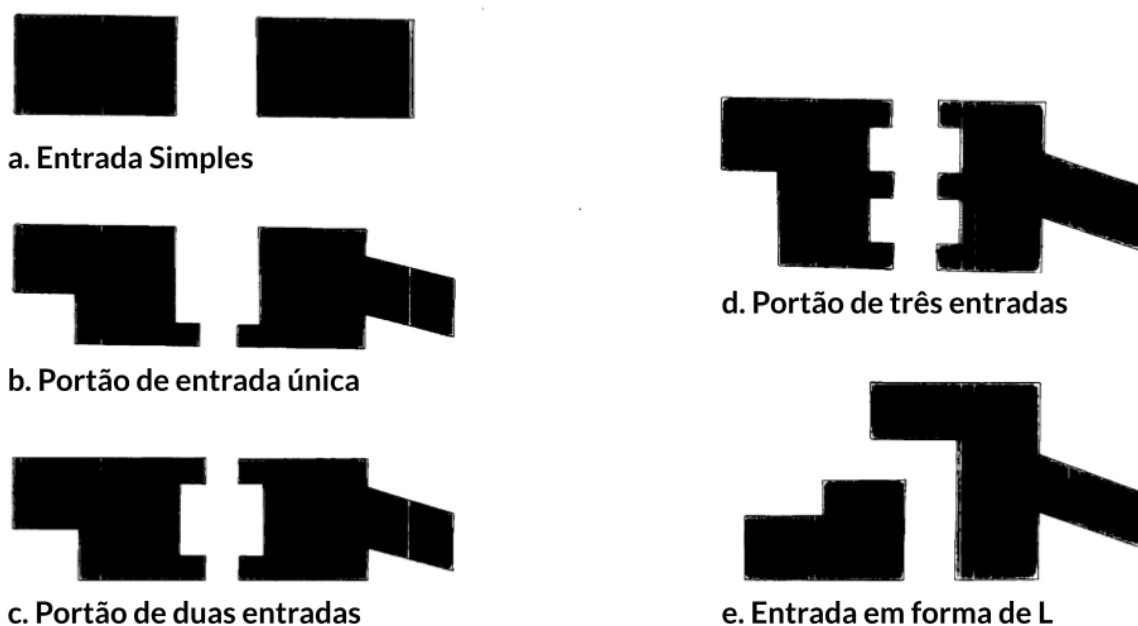
<sup>70</sup> GINOUVÈS, René *et al.* **Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine**. Tome III. Espaces architecturaux, bâtiments et ensembles. Roma: Publications de l'École Française de Rome, 1998, p. 21. A cidadela é entendida como “uma fortaleza integrada a uma vila”, neste caso se refere a um assentamento fortificado.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 26. Para Ginouvès *et al.* o termo *gate* (inglês) e *porte* (francês) são indicados como estruturas que possibilitam o ingresso “no interior da fortificação”.

<sup>72</sup> **Merriam-Webster Dictionary**. 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gate>. Acesso em: 13 out. 2021.

passagem é utilizada, por exemplo, em poternas. As poternas (*sally port*) consistem em “portas de pequenas dimensões... muitas vezes escondidas, para servirem de saída” em fortificações (GINOUVÈS *et al.*, 1998, p. 27). As poternas micênicas constituem-se em entradas simples, que são construídas por meio da técnica do arco corbelado, formando topos triangulares.

Figura 13 – Tipos de Portas



Fonte: Adaptado e traduzido a partir de Loader (1995, p. Figure 6.24).

Como outros exemplos de entradas simples, temos em Mídea a Porta Oeste, a Porta Norte e a poterna na Acrópole Baixa, em Micenas a poterna da extensão Nordeste (Figura 14) e em Tirinto, a Porta Oeste na Cidade Baixa (LOADER, 1995, p. 81). No caso da Porta Norte de Mídea acreditamos se tratar de uma entrada simples, contudo, para adotarmos uma classificação apropriada é necessário aguardarmos a publicação dos dados relativos a essa estrutura<sup>73</sup>.

Por sua vez, o portão de entrada única possui “uma profundidade maior do que a largura do recinto” e as “paredes laterais” da porta são maiores do que as do circuito murado, se destacando dele (LOADER, 1995, p. 83). Como exemplos temos a Porta Norte e a Porta dos Leões em Micenas (LOADER, 1995, p. 83) (Figura 16).

O portão de duas entradas é similar ao portão de entrada única, mas possui duas

<sup>73</sup> DEMAPOULOU, K. **Mídea - North Gate**. Destinatário: Katie Demakopoulou, 27 de mai. 2021. 4 mensagens eletrônicas (ANEXO III). De acordo com Katie Demakopoulou, as informações sobre a Porta Norte serão publicadas posteriormente em relatórios de escavação. Possivelmente esses relatórios serão publicados na revista *Opuscula (OpAthRom)*, que centraliza os relatórios de Mídea.

passagens estreitas “separados por uma câmara interna” (LOADER, 1995, p. 84). Esse tipo de portão está presente na entrada oeste de Gla e na Porta Leste de Tirinto (LOADER, 1995, p. 84).

Figura 14 – Poterna da extensão Nordeste de Micenas



Legenda: Nota-se a presença de arcos corbelados com o topo triangular. Neste trecho as muralhas chegam a ter 7-8m de altura.

Fonte: Zafiris (2019)<sup>74</sup>.

O portão de três entradas possui três passagens e duas câmaras internas. Neste caso a maior parte das construções que possuem esse tipo de porta estão na Síria e na Turquia, como é o caso de Alaca Hüyük (LOADER, 1995, p. 85). A entrada em forma de L, possui uma mudança de 90° em seu curso, como exemplo, temos a Porta Leste de Midea (LOADER, 1995, p. 88). Além disso, no caso da Porta Leste, seu formato é de tipo afunilado tendo 2,0m de largura na face externa e 2,30 na face interna (LOADER, 1995, p.89).

Por fim, temos os portões duplos (*double gates*), que consistem em um tipo de entrada onde a passagem é dividida em dois caminhos por uma estrutura denominada *central pier*. Nesse tipo de entrada cada passagem leva a uma área diferente do sítio. Esse tipo de entrada ocorre apenas na Porta Sudeste de Gla e na seção noroeste de Araxos (Teichos Dymaion) (LOADER, 1995, p. 87).

<sup>74</sup> ZAFIRIS, Angela. Mycenae/Μυκίηνες. 2019. Disponível em: <https://mycreativewayz.wordpress.com/2019/11/07/mycenae-%CE%BC%CF%85%CE%BA%CE%AE%CE%BD%CE%B5%CF%82/>. Acesso em: 1 out. 2021.

## Baluartes e torres

O baluarte pode ser formado por uma “protuberância no percurso” das muralhas “posicionado de modo que sua parede forme um ângulo com o circuito superior a 90 graus” (LOADER, 1995, p. 92)<sup>75</sup>. Para Quentin Hughes (1974, p. 17 *apud* LOADER 1995, p. 91) o baluarte verdadeiro teria sido somente inventado no século XV por engenheiros da Península Itálica na forma de uma protusão, uma parte que avança para fora da muralha, construída sobre a junção de muralhas formando um determinado ângulo (Figura 15). Esse tipo de estrutura serve para proteger os locais frágeis da muralha e servir como plataformas de ataque durante um período de sítio.

Figura 15 – Exemplo de quatro baluartes no Castillo de San Marcos na Florida.



Fonte: Domínio Público (2016)<sup>76</sup>.

De acordo com René Ginouvès *et al.* (1998 p. 23-24), baluartes consistem em:

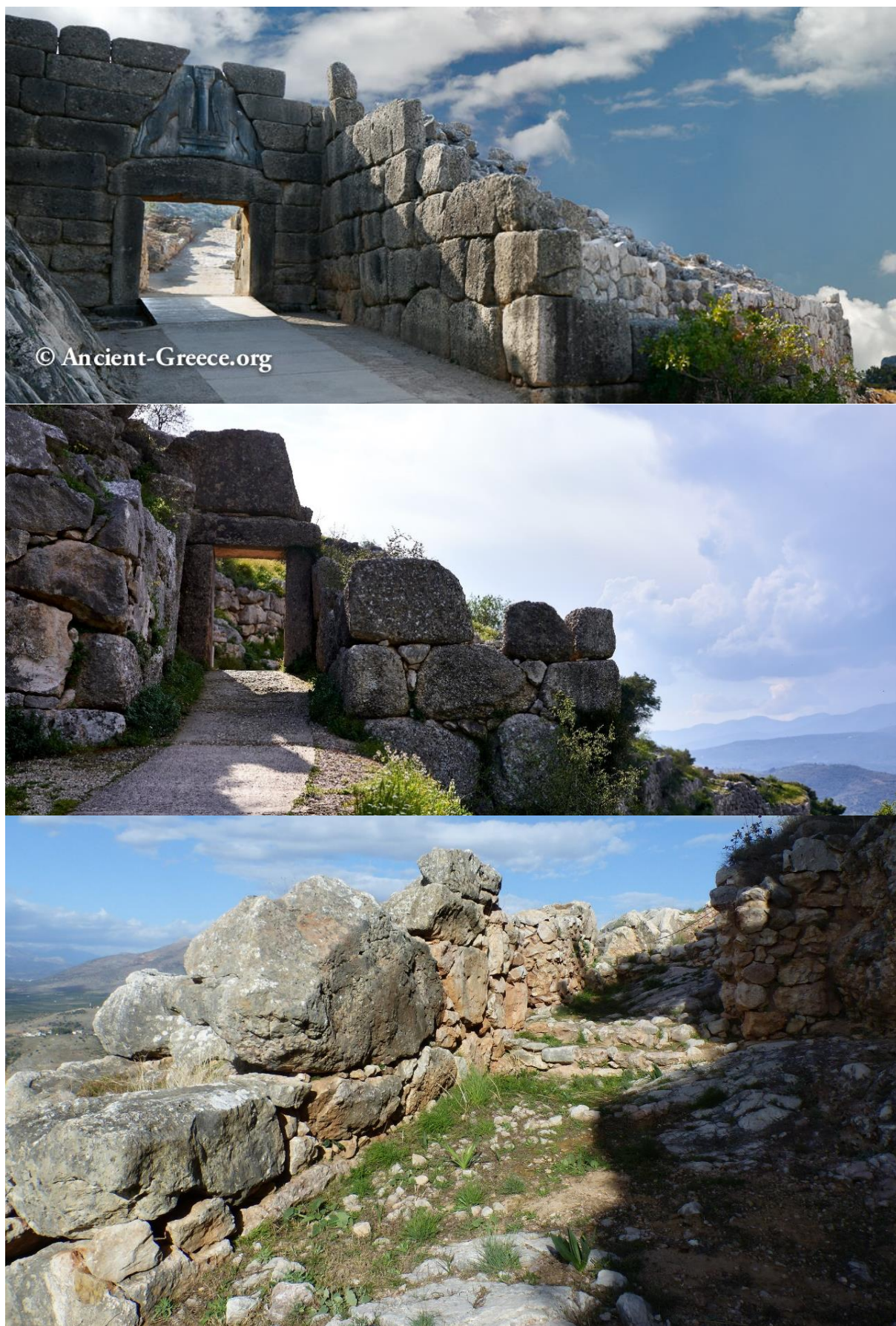
Dispositivos obtidos por um aumento de espessura da parede, com ou sem projeção no exterior, frequentemente de forma irregular e colocados ao longo das paredes que conectam muros, nos cantos ou utilizados para a proteção das portas. Sempre maciços e cheios de terra, concentram uma grande plataforma de defensores<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> Tradução nossa.

<sup>76</sup> Bastion. **Wikimedia Commons**. 2022. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Bastion#/media/File:Castillo\\_de\\_San\\_Marcos.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Bastion#/media/File:Castillo_de_San_Marcos.jpg). Acesso em: 13 fev. 2022.

<sup>77</sup> Tradução nossa.

Figura 16 – Baluartes em Micenas e Midea



Legenda: Acima o baluarte da Porta dos Leões em Micenas. No centro o baluarte da Porta Norte em Micenas. Abaixo o baluarte da Porta Oeste em Midea.

Fontes: Sakoulas (2021); Koronaios (2019); Yiannis Mitos (2017)<sup>78</sup>.

No caso das fortificações micênicas oferecemos como alguns exemplos baluartes monumentais que defendem as portas principais de Micenas e Tirinto (LOADER, 1995, p. 97) e o baluarte da Porta Oeste em Midea (Figura 16). As protusões se assemelham a “pequenos baluartes” (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 16). Elas ocorrem nos pontos onde a “muralla muda de direção” formando cantos de aspecto arredondado (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 16).

Por sua vez, as torres são “estruturas altas, projetando-se distintamente para além da largura e altura da parede com quartos interiores frequentemente, mas não necessariamente, no nível do chão” (LOADER, 1995, p. 91-92). Assim, o principal aspecto que diferencia uma torre de um baluarte é a presença de câmaras internas vazias na estrutura. Exemplos de torres retangulares são encontrados na cidadela alta nas seções sudoeste e noroeste de Tirinto (MANER, 2012, p. 62).

Figura 17 – Torres e baluartes de Tirinto



Fonte: Adaptado de World Heritage Journeys of Europe (2021)<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> SAKOULAS, Thomas. **Mycenae**. 2021. Disponível em: <https://ancient-greece.org/archaeology/mycenae.html>. Acesso em: 1 out. 2021.

**File: The North Gate of Mycenae on 26 March 2019.jpg - Wikimedia Commons**. 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The\\_North\\_Gate\\_of\\_Mycenae\\_on\\_26\\_March\\_2019.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_North_Gate_of_Mycenae_on_26_March_2019.jpg). Acesso em: 1 out. 2021. Fotografia de George Koronaios.

**Vici.org - Archaeological Atlas of Antiquity**. 2017. Disponível em: <https://vici.org/image.php?id=11630>. Acesso em: 1 out. 2021.

<sup>79</sup> **The Archaeological Site of Tiryns | World Heritage Journeys of Europe**. 2021. Disponível em:



No entanto, Nancy Loader (1995, p. 92) indica que dificilmente conseguimos identificar “a altura” e o “arranjo interno” de quartos e espaços nas torres devido ao estado de conservação delas. Por isso, a autora sugere que uma torre seria “uma estrutura distinta, claramente perceptível na planta saliente a um comprimento superior aos limites da parede” (LOADER, 1995, p. 92). Para a autora, há dois tipos frequentes de torres micênicas, a semi-circular (ou em forma de ferradura de cavalo) e a retangular (LOADER, 1995, p. 93-94), que geralmente se posicionam nos pontos de acesso à cidadela.

### Cisternas

Um dos aspectos marcantes nas cidadelas micênicas é a presença de estruturas monumentais de captação de água. A cisterna pode estar integrada ao circuito murado, consistindo em uma passagem dentro do muro que leva a um reservatório subterrâneo de água, ou ela pode assumir a forma de poços na área intramuros. Outra estratégia para captação de água seria o uso de *pithei* para armazenar a água da chuva (LOADER, 1995, 101).

As cisternas monumentais (*syrinx*) ocorrem em apenas 12% dos sítios micênicos. Neste caso, apenas em Atenas, Micenas (KARO, 1934), Tirinto (há duas cisternas na Cidade Baixa) e Teichos Dymaion (Araxos) (LOADER, 1995, p. 100). Essas cisternas são construídas no próprio circuito murado por meio de passagens subterrâneas que utilizam a técnica do arco corbelado. A água passa por um processo de filtragem por meio do gotejamento na estrutura e pela presença de pedras na “piscina” (reservatório subterrâneo) (LOADER, 1995, p.101-102; SHOWLEH, 2007, p. 79).

Em Micenas, a estrutura está na extensão Noroeste à 18m abaixo do solo. A cisterna possui 40m de comprimento e em seu “trecho final e na área do poço” as paredes possuem *stucco* à prova de água (SHOWLEH, 2007, p. 79). Por sua vez, em Tirinto há duas *syringes* paralelas na acrópole baixa. Estas foram cavadas à 20m de profundidade (LOADER, 1995, p. 101).

Em Midea a equipe de escavação defendeu por alguns anos que havia uma cisterna desse tipo na acrópole baixa próxima à Porta Oeste. Contudo, em 2009, após trabalhos de escavação e limpeza da estrutura, ela passou a ser classificada como uma poterna, uma entrada simples para a fortificação. Os argumentos para a classificação da estrutura como uma poterna são de que a estrutura possui “pequenas dimensões” e seu “método de construção” (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 12) se relaciona ao de uma poterna. Um aspecto

interessante ligado ao método de construção é o de que o topo da estrutura utilizava “pedras horizontais” quadrangulares (silhar) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 12), diferentemente de cisternas e poternas de Tirinto e Micenas que utilizam o arco corbelado com o topo triangular.

Contudo, essa interpretação possui limitações devido a um terremoto que atingiu Midea<sup>80</sup>. Este teria sido responsável por “distorcer” a estrutura, impossibilitando a escavação das áreas baixas pelo estreitamento da passagem (DEMAKOPOULOU *et al.* 2010, p. 12). Além disso, a saída dessa poterna para a parte externa das muralhas não foi encontrada.

Por sua vez, há outros sistemas de captação de água, mas que não fazem parte do circuito murado. Em Midea, no interior das cidadelas há duas cisternas, datadas entre o Heládico Médio II e o Heládico Recente II (1900-1420 a.C.), ligadas por dutos de água que se encontravam em funcionamento no LH BIII2 (1240-1210) a.C. a fim de garantir o abastecimento de água no Complexo do mégaron. Nos relatórios de escavação há a indicação que a Cisterna 1 foi coberta pelo *Room XXIII* e *Room VIII*, possivelmente um santuário, durante o LH IIIB2 (1240-1210) a.C., as paredes do poço eram revestidas com argila “resistente à água (*plesia*)” (WALBERG, 2007, 68).

A autora indica que “o sistema de manejo de água” teria sido reformado nesse período, alterando-se “o modo de extrair a água” (WALBERG, 2007, p. 197), indicando, assim, que dutos próximos da Cisterna 1 continuariam garantindo o abastecimento de água aos edifícios próximos ao Complexo do mégaron.

### 2.3.2 Estruturas no interior da cidadela

No interior da cidadela adicionamos os seguintes campos com base nos tipos de edifícios encontrados em cidadelas micênicas: área de culto, celeiro, cisterna, estrutura funerária, forja, mégaron, oficina e pátio.

---

<sup>80</sup> DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. **Opuscula**, v.3, 2010, p. 7. O terremoto teria atingido a cidadela no final do século XIII a.C., sendo responsável por distorcer as muralhas e por ter possivelmente “soterrado” uma criança. Na área da poterna foi encontrada um esqueleto de criança coberto por pedras, sem a presença de oferendas.

HINZEN, K.-G. *et al.* Reassessing the Mycenaean Earthquake Hypothesis: Results of the HERACLES Project from Tiryns and Midea, Greece. **Bulletin of the Seismological Society of America**, v. 108, n. 3a, p. 1046-1070, 2018, p. 1056 e p. 1060. Os estudos de arqueosismologia encontraram evidências de bioperturbação que podem ter gerado as distorções nos muros. Além disso, embora um terremoto possa ter atingido a cidadela em 1250 a.C., os autores acreditam que é pouco provável que este fator tenha ocasionado o abandono do sítio. Outra evidência interessante levantada pelos autores é de que as camadas com vestígios de incêndio encontram-se abaixo dos blocos que se soltaram da muralha. Isso indica que o incêndio teria sido anterior à queda dos blocos, tornando, assim, pouco provável a tese de que um terremoto teria provocado incêndios e o abandono de Midea.

## Celeiro

Celeiros consistem em locais de armazenamento para grãos, legumes e frutas provenientes das zonas produtivas. Temos como exemplos os celeiros localizados nas proximidades da Porta dos Leões e da Porta Norte em Micenas. Esses locais podem conter vasos de grandes dimensões como *pithoi* enterrados no chão. No caso de Midea há edifícios que combinam a função de armazenamento e a produção de itens, por isso, foram classificados como oficinas multifuncionais, como será discutido adiante.

## Estrutura Funerária

Por sua vez, a opção “estrutura funerária” serve para designar edifícios monumentais como o Círculo Tumular A em Micenas ou mesmo sepulturas individuais como ocorre na Acrópole Alta em Midea (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 34). As estruturas funerárias constituem “espaços imbuídos de memória” (BRYSSBAERT, 2014, p. 37) que servem para conectar os vivos com seus antepassados.

Dependendo das estruturas em questão, seu posicionamento e monumentalidade, elas podem servir para legitimar o poder político vigente, como no caso do tesouro de Atreu, do Círculo Tumular A e do Círculo Tumular B em Micenas. No entanto, em Midea, não foram localizadas estruturas funerárias monumentais no interior da acrópole até o momento, somente na área extramuros em Dendra.

## Forja

A forja consiste em um espaço onde ocorrem atividades ligadas à metalurgia. No caso de Midea não há nenhum edifício classificado como uma forja, mas foram encontrados dois cadinhos (*crucibles*<sup>81</sup>) um no *Room XVIII* e outro no *Room XX* nas proximidades do Complexo do mégaron, locais classificados como uma área de culto devido à presença de bancadas e de um poço. Por essa razão, Gisela Walberg (2007, p. 187) levanta a hipótese de que as atividades metalúrgicas poderiam estar associadas com cultos no sítio.

No caso de Tirinto, na Cidade Baixa, há uma área que engloba o *Room 78a* e o *Room 1/02* que consistiria em uma área de atividade metalúrgica. A área possui uma fogueira (*fireplace*), um canal para escoamento de água, vestígios do trabalho em metal como superfícies

---

<sup>81</sup> **Merriam-Webster Dictionary**. 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/crucible>. Acesso em: 6 out. 2021. **Crucible** (cadinho): um vaso feito com um material refratário (como a porcelana) utilizado para derreter e calcinar uma substância que requer um alto nível de calor. Tradução nossa.

de chumbo com marcas de corte, grampos de chumbo (BRYSSBAERT, 2014, p. 43) e suportes de parede, este último indicador de atividades de culto (MARAN, 2008, p.55-56).

Em Tirinto, as atividades metalúrgicas estariam ligadas possivelmente a elementos de culto, o que seria um elemento favorável à hipótese de Gisela Walberg de que rituais estariam ligados às atividades metalúrgicas no sítio de Midea. No entanto, o tema ainda é controverso e necessitaria de um maior aprofundamento.

### Áreas de culto

Na religião micênica os cultos ocorriam no mégaron, centros de culto dentro de cidadelas, como, por exemplo, o Centro de Culto em Micenas (Figura 18), e em santuários em locais abertos (RUTHERFORD, 2013, p. 263-264).

A classificação de uma área como religiosa ou de culto é determinada pelos materiais e contextos arqueológicos encontrados. Não há uma tipologia unificada para a classificação de uma área de culto. A literatura dos sítios micênicos costuma classificar uma área como religiosa quando ela possui determinados elementos arquitetônicos e certos vestígios materiais.

Dentre os elementos arquitetônicos utilizados para a classificação de um espaço de culto temos altares, fogos centrais (*hearth*), plataformas, bancadas, suportes de paredes e poços de oferendas. No caso de elementos materiais temos ossos de animais, cerâmica associada a banquetes, concentração de estatuetas em terracota<sup>82</sup>, vasos especializados para uso em libações (rítion e cálice) e oferendas (vasos em miniatura) (CLINE, 2010, p. 263), além de afrescos e tabletes de Linear B com menção a termos religiosos. Em alguns casos o culto envolvia o sacrifício, utilizando o fogo, enquanto em outros as oferendas eram na forma de cereais ou líquidos (CLINE, 2010, p. 270). Ian Rutherford indica (2013, p. 265)<sup>83</sup> que:

Os tabletes de linear B demonstram a prática de enviar oferendas para santuários, especificando por vezes que são "qe-te-jo" ("pagamento" ou mesmo "multa (*fine*)"). As ofertas enviadas são principalmente óleo, mel, cereais e lã, menos frequentemente animais e mesmo seres humanos.

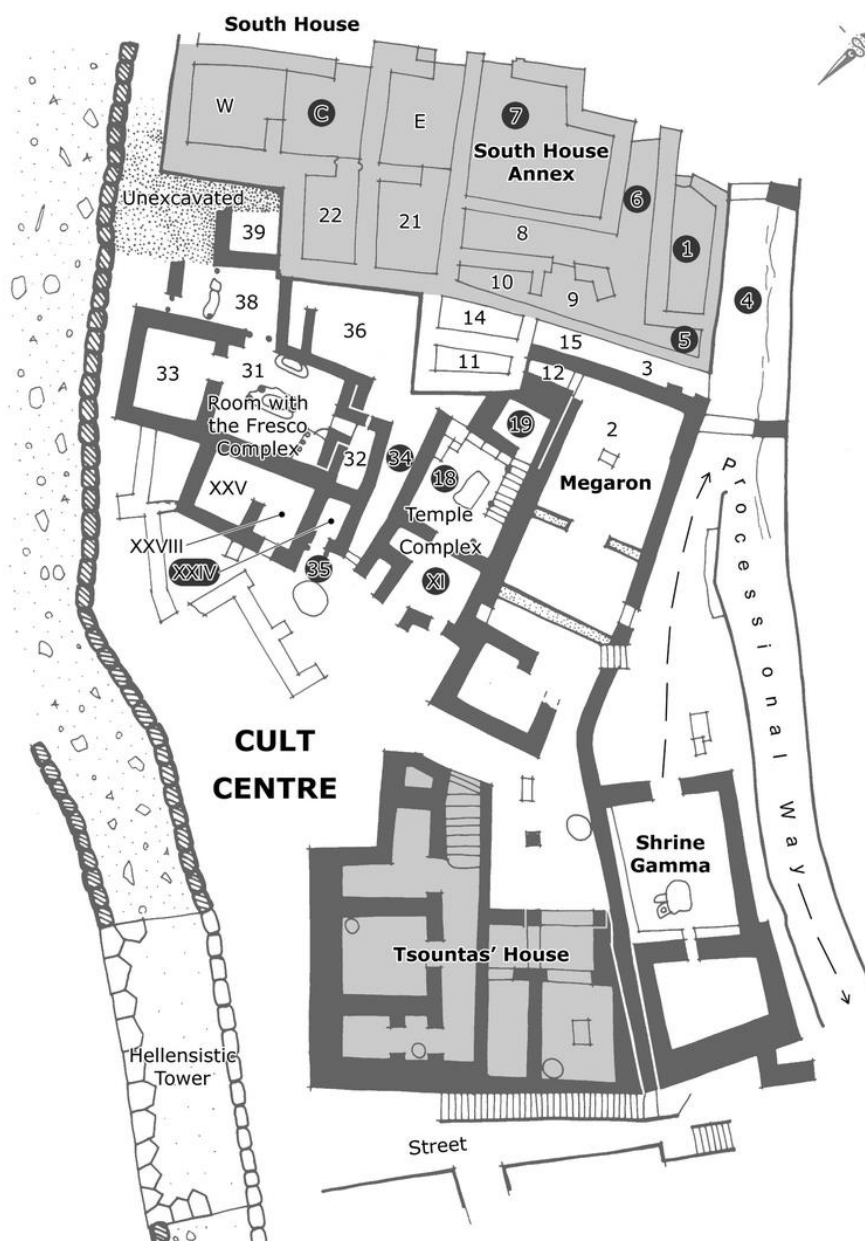
A maior área religiosa micênica encontrada até o momento é o Centro de Culto de Micenas. Essa área é formada pelos seguintes edifícios: *Room with the Fresco Complex*, *Temple*

<sup>82</sup> Nos locais de culto há um adensamento de estatuetas de figuras humanas dos tipos “phi”, “psi” e “tau” (RUTHERFORD, 2013, p. 259), além de animais como touros e cobras enroladas. No centro de culto em Micenas, por exemplo, no *Room 19*, foram encontradas 19 estatuetas humanas e 15 estatuetas de cobras enroladas (CLINE, 2010, p. 266)

<sup>83</sup> Tradução nossa. Outras oferendas atestadas no Linear B incluem “óleos perfumados, temperos e vasos de ouro”. (CLINE, 2010, p. 271).

*Complex (House of Idols), mégaron, Tsounta's House e Shrine Gamma.* Nela, os edifícios estão conectados à via processional, um caminho em parte coberto (CLINE, 2010, p. 165), cuja largura possibilita a realização de procissões, e um espaço aberto onde há um altar circular e um poço com oferendas queimadas (CLINE, 2010, p. 266). No caso de Midea temos uma área de culto<sup>84</sup> nas proximidades do Complexo do mégaron. Detalharemos o conteúdo de suas estruturas e seus achados na seção 3.1.6.

Figura 18 – Centro de Culto em Micenas



Fonte: French, Stockhammer e Damm-Meinhardt (2009, p. 186).

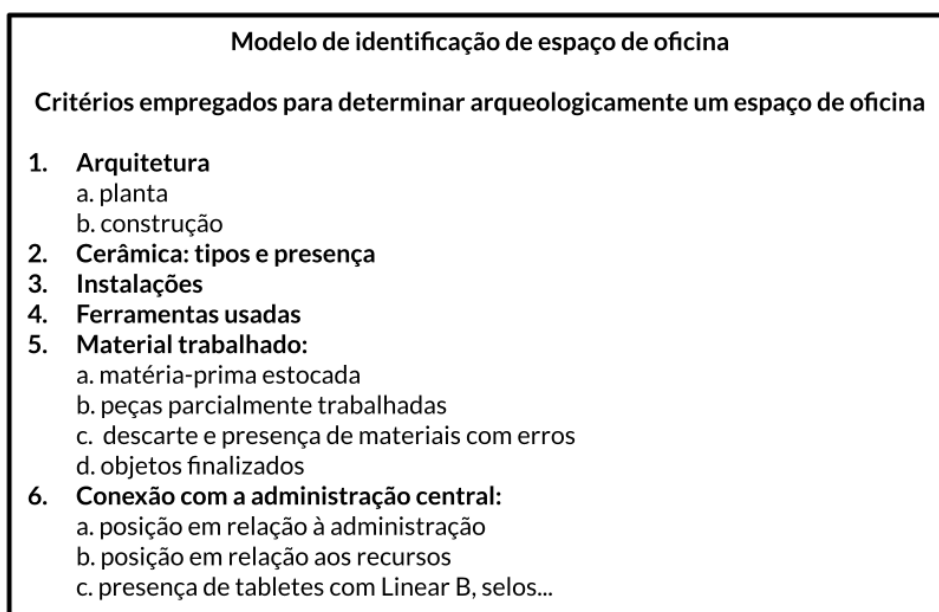
<sup>84</sup> Gisela Walberg (2007) denomina esse espaço de “*shrine area*”, que pode ser traduzido como “área de santuário, área do templo ou mesmo área de culto”. Adotamos o termo “área de culto” por ser mais abrangente que os anteriores e pelo fato de as estruturas possuírem dimensões relativamente pequenas. Outra opção seria traduzir “*shrine*” por capela, mas este último termo está intrinsecamente ligado à tradição cristã.

## Oficinas

O modelo de oficina multifuncional micênica proposto por Ann Brysbert (2014) consiste em um desenvolvimento do modelo de classificação de oficinas de Iphigenia Tournavitou (1988). Tournavitou classifica as oficinas em dois tipos: domésticas e permanentes. Na oficina permanente as atividades seriam realizadas por especialistas na “maior parte do ano”. (BRYSBAERT, 2014, p 39).

As oficinas permanentes poderiam ser divididas em “oficinas palaciais”, consideradas aquelas próximas e dependentes dos palácios e “oficinas não-palaciais”, relacionadas “indiretamente” com os palácios. Nas oficinas não-palaciais as matérias-primas seriam obtidas “fora da esfera palacial” (BRYSBAERT, 2014, p. 40). Enquanto, as oficinas palaciais seriam divididas em Tipo A aquelas que “não precisam de construções fixas, somente ferramentas” e Tipo B, aquelas que necessitam de instalações para suas atividades (BRYSBAERT, 2014, p. 40). A seguir estão listados os principais critérios para a identificação de oficinas no trabalho de Tournavitou (Figura 19):

Figura 19 – Modelo de identificação de oficinas de Tournavitou



Fonte: Adaptado e traduzido de Ann Brysbaert (2014, p. 40).

Ann Brysbaert argumenta que apesar desse modelo poder ser utilizado em um primeiro momento para caracterizar um edifício, os critérios utilizados não contemplam aspectos variados da cadeia operatória (*chaînes opératoires*) que envolve a produção de certos itens.

Inicialmente, Brysbaert (2014, p. 45) critica a distinção entre uma oficina doméstica e outra permanente em razão da escassez de fontes e o fato de que, em período histórico, o

aprendiz costumava morar na oficina, tornando-se, portanto, um espaço de habitação.

Sobre a existência de oficinas palaciais e não-palaciais, a autora defende que os critérios de distinção desses tipos não são claros, uma vez que as oficinas podem depender em certa instância do palácio, no caso de matérias-primas de alto valor que necessitem de comércio de longa distância (metais, faiança e vidro), mas, por outro lado, podem suprir de modo autônomo a obtenção de ferramentas, água e combustíveis (BRYLSBAERT, 2014, p. 45).

Além disso, a posição da oficina em si não seria indicadora que ela seria uma oficina palacial, uma vez que, de acordo com os tablets em Linear B, a produção de vários itens coordenados pelo palácio ocorria em vilas no exterior da cidadela. Por isso, a autora defende uma abordagem “mais flexível” para caracterização de uma oficina de acordo com sua posição.

No caso do uso de ferramentas para a caracterização de uma oficina, o critério pode ser problemático, uma vez que as ferramentas e objetos cerâmicos podem ser utilizados em diversas etapas da cadeia operatória, como armazenagem e processamento.

Por fim, a autora conclui que o critério mais importante para a caracterização de uma oficina seria a presença de objetos parcialmente terminados e vestígios de descarte de atividade produtiva (BRYLSBAERT, 2014, p. 47). Na definição de Brylsbaert as oficinas multifuncionais englobariam um conjunto de atividades, de materiais, de ferramentas e de determinadas instalações, fornecendo um modelo flexível necessário para a investigação dos contextos arqueológicos.

### 2.3.3 Discussão sobre o conceito de mégaron

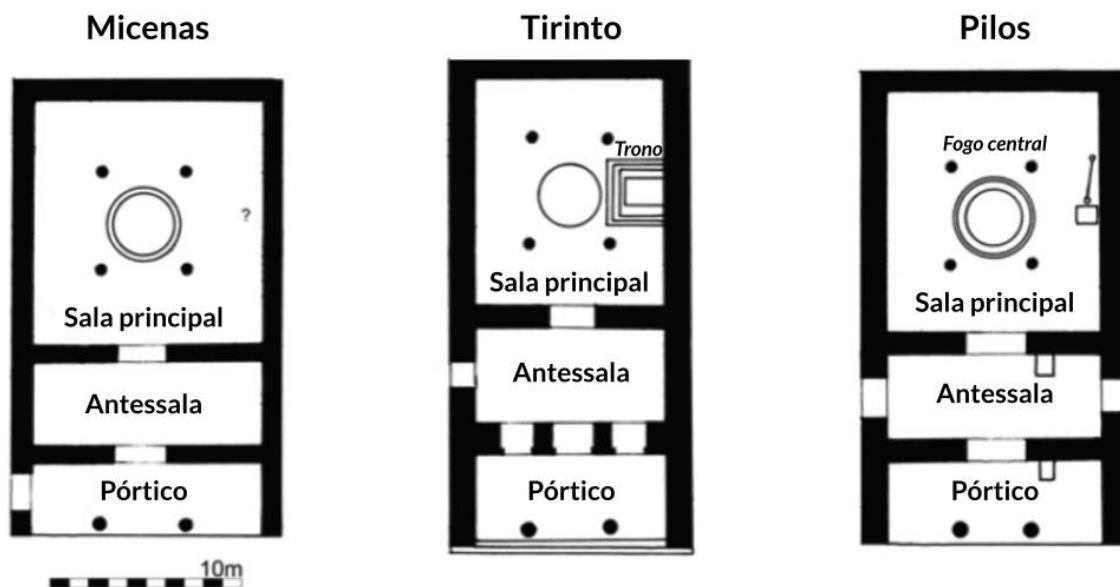
#### Mégaron: definição

O mégaron é uma estrutura retangular composta pelas seguintes partes: um pórtico, uma antessala e uma sala com um fogo central (*hearth*), colunas e um trono, posicionado no centro da parede do lado direito (Figura 20) (SHELMERDINE, 2010, 249-250). Por vezes, o mégaron pode possuir apenas uma sala principal precedida de uma antessala ou de um pórtico (SHELMERDINE, 2010, p. 197).

O pórtico consiste em um “um edifício coberto, normalmente fechado na parte de trás... por uma parede sólida, aberta na frente por uma colunata” pode servir como “uma *stoa*... um local de encontro, aberto ao ar livre e à vista, e protegido da chuva, do sol e do vento” (GINOUVÈS *et al.*, 1998, p.74).

Após a entrada pelo pórtico temos uma antessala, também chamada de vestíbulo ou προθάλαμος (protáلامος), que consiste em um local “destinado a receber pessoas que entram na casa, antes de irem a um para um local específico” (GINOUVÈS *et al.*, 1998, p.157).

Figura 20 – Planta dos mégara de Micenas, Tirinto e Pilos



Fonte: Adaptado de Mylonas (1966).

Na sala principal há um fogo central (*hearth*), geralmente redondo com uma base cerâmica, rodeado por colunas que se assemelham a vértices<sup>85</sup> de um quadrado ou retângulo. No teto dessa sala haveria uma abertura para facilitar a saída da fumaça (WRIGHT, 2006, p. 9).

Além da forma “quadrada” a colunata pode assumir a forma de um eixo. Esse tipo de arranjo axial das colunas ocorre em Korakou, Eutreusis, Eleusis, Agios Kosmas, em edifícios do LH IIIC (1210-1090) a.C. em Tirinto<sup>86</sup> (Figura 21) e Midea<sup>87</sup> e no período Geométrico nos sítios de Zágora e Empório (KNOX, 1973, p. 5; MAZARAKIS-AINIAN, 2011, p. 375).

O número de portas que conectam as partes do mégaron com outras partes do palácio é variável. Há uma porta que conecta a sala principal com a antessala e geralmente portas laterais

<sup>85</sup> Pontos de intersecção dos lados de uma forma geométrica.

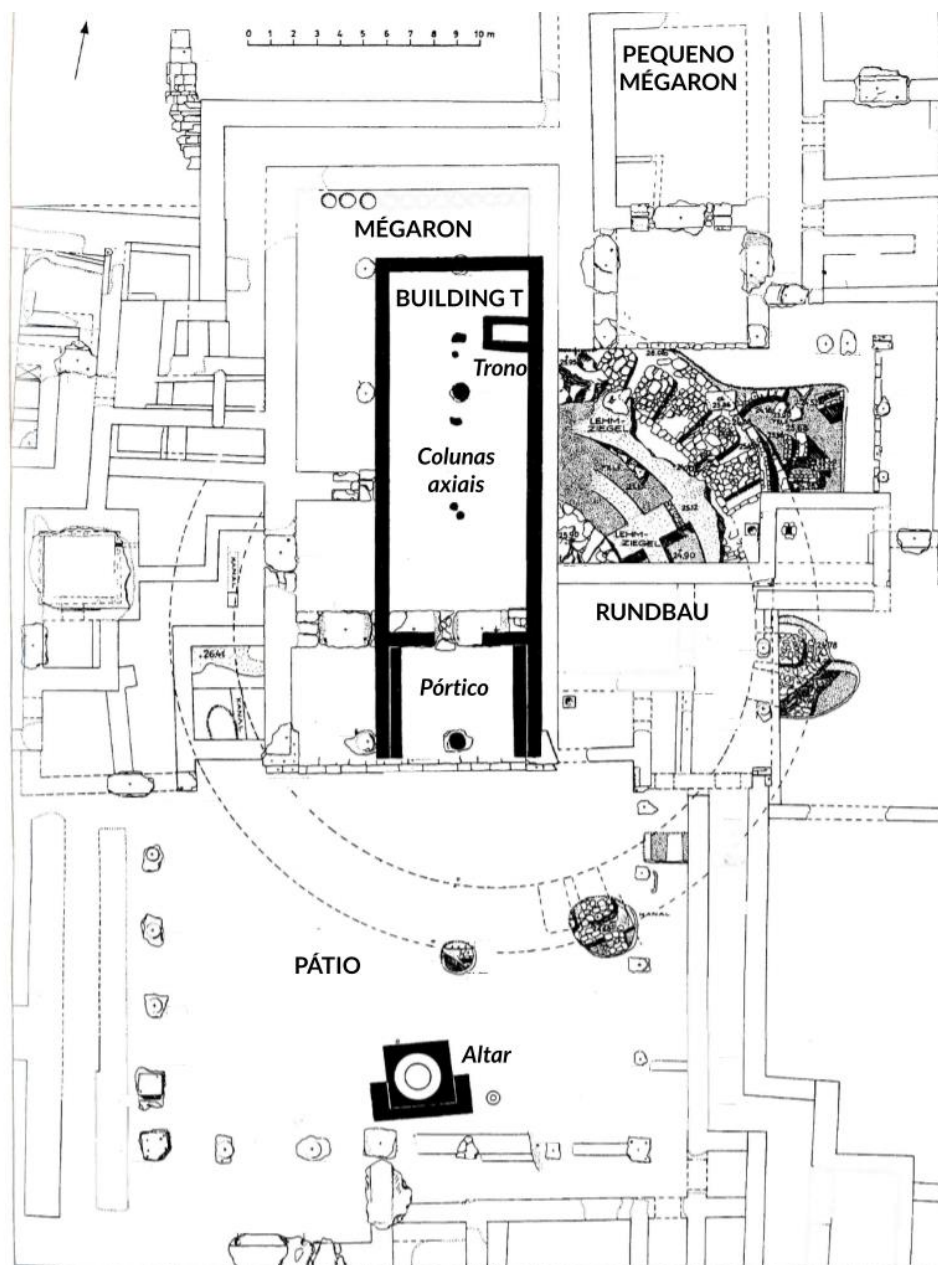
<sup>86</sup> MAZARAKIS AINIAN, Alexander. From Rulers' Dwellings to Temples: Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.). *Studies in Mediterranean Archeology* XXI, Jonsered, 1997, p. 161. Mazarakis-Ainian indica que a *Building T* em Tirinto teria mantido a função de residência no LH IIIC, mas, posteriormente, na metade do século VIII a.C. teria sofrido reformas e “se transformado em um templo” dedicado à Hera.

<sup>87</sup> Após os mégara de Midea e Tirinto serem destruídos no final do LH IIIB, foram construídas estruturas similares (*Building T* em Tirinto) de dimensões reduzidas no LH IIIC. Nelas, a ordem e a quantidade de colunas diferiam das estruturas originais. Na Figura 21 vemos a sobreposição da *Building T* sobre o antigo mégaron, com detalhe para o *Rundbau*, construção circular datada do Heládico Antigo (3000-2000 a.C.), e o pequeno mégaron. Ver em: WALBERG, Gisela. *Midea: The Megaron complex and shrine area*. INSTAP Academic Press (Institute for Aegean Prehistory), 2007 e MARAN, Joseph. Political and religious aspects of architectural change on the Upper Citadel of Tiryns. The case of Building T. Potnia: Deities and Religion in the Aegean Bronze Age, *Aegaeum*, v. 22, p. 113-122, 2001.



que conectam a antessala (como em Tirinto e Pilos) ou o pórtico (como em Micenas) com outros edifícios do palácio. Em Midea há uma passagem na antessala e duas possíveis entradas no pórtico.

Figura 21 – *Building T* de Tirinto



Fonte: Adaptado de Maran (2001, pl. XXXIII).

No interior da sala principal do mégaron, o fogo central indicaria o “culto ao poder e à autoridade”<sup>88</sup> (WRIGHT, 1994, p. 58 *apud* MAZARAKIS-AINIAN, 2006, p. 184). No interior

<sup>88</sup>NAGY, Gregory. **Greek mythology and poetics**. Cornell University Press, 1992, p. 143. Gregory Nagy defende a associação entre o fogo central e a autoridade do *wanax* utilizando como exemplo uma passagem da obra *Electra* de Sófocles: “Clytemnestra sonha que Agamémnon voltou dos mortos para o reino da luz. O rei pega o cetro... e

do palácio o mégaron exerceria uma “organização centrípeta” sobre o espaço, ou seja, os caminhos seriam projetados de modo a convergirem para ele e a praça central. Assim, as procissões poderiam convergir para o mégaron, ou mesmo saírem dele (procissão centrífuga) em direção a um recinto de culto localizado no interior ou exterior da cidadela (MARAN, 2006, p. 78).

O mégaron é um tipo de edifício classificado de acordo com determinadas características arquitetônicas. É importante ressaltar que a presença de uma construção classificada como um mégaron não implica necessariamente que ela seja um centro administrativo. Há edifícios que possuem esse formato e podem estar em outras áreas e ter funções diferentes, como, por exemplo, em Micenas o “mégaron” no Centro de Culto (Figura 18) ou a *Building K* localizada perto da Porta dos Leões.

### O mégaron nas fontes textuais

O termo mégaron possui ocorrências na tradição épica e uma única menção no Linear B. A menção em Linear B foi encontrada em Midea em um nódulo de argila que contém uma impressão de selo retratando um cão ou leão atacando um touro<sup>89</sup>. A inscrição possivelmente significa “contribuição de Aioniso para o mégaron” (o-pa / me-ka-ro-de / a<sub>3</sub> -so-ni-jo) (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22) (Figura 22).

Figura 22 – Impressão de selo CMS VS3 237



Fonte: Arachne (2021).

O termo seria derivado do adjetivo “*megas*”, que pode assumir os significados de

---

coloca-o firmemente no fogo real, a hestíā (ἑφέστιον | πῆξαι). Do braseiro, brota então do cetro um cabo (broto) tão vigoroso que cobre com a sua sombra todo o reino de Micenas... (Neste trecho) o símbolo da “lareira” (hestíā) é visto como a geratriz da autoridade real”. Tradução e adaptação nossa.

<sup>89</sup> Impressão de selo: CMS VS3 237 e inscrição: Wv 6. Para acessar a impressão de selo ver em: **Arachne**. 2011. Disponível em: <https://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/196>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Para a inscrição ver Anexo II ou em:

**LiBER** | Database. 2021. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/list.pl?choice=all>. Acesso em: 1 abr. 2021.

“muito, grande, sublime (*lofty*), importante e poderoso” (PALAIMA, 2016, p. 144). Para Louis Deroy (1948, p. 527) ele poderia ser derivado do termo “*agarram*” do sânscrito que significa “quarto ou casa” ou do tema “\**neg-r-*” também do sânscrito que significa “fogo ou fuligem”. Para Deroy (1948, p. 529) mégaron poderia ser traduzido como “grande sala” ou “sala do fogo”, que seria o equivalente grego ao termo latino “*atrium*”, que possui ligação com o termo “forja”.

Thomas Palaima (2016, p. 146) indica que é possível realizarmos um paralelo entre o mégaron e o termo egípcio “faraó” que significa literalmente “grande casa” ou “a maior casa” e que era também utilizado como forma de designar uma pessoa. Assim, o termo “faraó” tinha os significados de uma construção, um título e uma pessoa. Com base nesta comparação, Palaima (2016, p. 146) argumenta que o termo mégaron poderia combinar os significados da “figura do poder micênico” com a “grande casa”.

O mesmo tipo de comparação pode ser feito entre o mégaron e o termo “casa” ou “palácio” no contexto mesopotâmico. Em sumério, o termo “é” designa templos, palácios e casas, estas últimas compreendidas como “unidades produtivas” e “células básicas da sociedade”. Liverani (2009, p. 170) argumenta que o “palácio” é entendido como uma “casa grande” (sumério *é-gal* ou acádio *ekallum*), possuindo um sentido literal próximo ao de mégaron (grande casa).

Nesse sentido, embora estejam em contextos diferentes, os símbolos de poder relacionados às elites do Mediterrâneo poderiam compartilhar de elementos comuns, assim como encontramos, por exemplo, na iconografia religiosa ou nos bens de prestígio que circulavam pelo comércio de longa distância.

Na tradição épica grega de período posterior - a partir pelo menos do século VIII a.C. - o termo mégaron é utilizado para designar a casa<sup>90</sup> como um todo ou a câmara principal de uma casa ou do palácio (KNOX, 1973, p. 2; WACE, 1951, p. 210). Por essa razão, notamos que o tipo de construção “mégaron”, formado por sala central, vestíbulo e/ou pórtico, não equivale ao termo mégaron presente nas fontes textuais (MAZARAKIS-AINIAN, 2011, p. 375).

Mazarakis-Ainian (2011, p. 380) defende que as descrições arquitetônicas do mégaron nos poemas homéricos estariam mais próximas das residências das elites (*ruler's dwellings*) na Idade do Ferro do que com as construções micênicas. Um dos argumentos do autor é o de que o pórtico (*aithousa* e *prodomos*) nos poemas seria utilizado para abrigar viajantes, como, por

---

<sup>90</sup> MAZARAKIS-AINIAN, A. Early Greek Temples. In: MILES, Margaret (Ed.). **A companion to Greek architecture**. John Wiley & Sons, 2016, p. 1. Na tradição épica os seguintes termos são utilizados para designar casas: *do* (moradias ricas geralmente pertencentes ao domínio de uma divindade), *dôma* (casa), *domos* (casa), *klisiê* (moradia temporária ou tenda), *oikos* (compreende a casa e domínios dessa casa como habitações, animais e terras) e mégaron.

exemplo, Telêmaco em Esparta e Odisseu no palácio de Alcínoo (MAZARAKIS-AINIAN, 2011, p. 378).

De acordo com o autor a ideia de um pórtico ser utilizado para dormir faria mais sentido nas habitações de elites da Idade do Ferro<sup>91</sup>, como, por exemplo, o *Heröon* em Lefkandi, do que no contexto micênico, onde o mégaron era cercado de vários quartos.

Por outro lado, Mary Knox (1973, p. 21) argumenta que o cenário arquitetônico presente no palácio de Odisseu e de Alcínoo faria referência ao período micênico. Para a autora, a presença de corredores, de diferentes andares e de água canalizada seriam evidências de que os palácios retratados seriam da Idade do Bronze (KNOX, 1973, p. 21).

Outro elemento que aproxima a arquitetura micênica com o cenário retratados nos poemas homéricos é a relação espacial entre o mégaron e o pátio, utilizado para reuniões e rituais. Essa relação espacial é perceptível em Tirinto (Figura 21), onde o pátio e o altar estão posicionados na frente do mégaron. Na *Odisseia* (XXII, 334)<sup>92</sup> há a menção de um altar dedicado à Zeus no pátio localizado na frente do mégaron de Odisseu.

### **O conceito de mégaron deveria ser abandonado?**

Para o arqueólogo Pascal Darcque (1990, p. 21) os problemas do conceito “mégaron” derivam de sua imprecisão terminológica, por isso o autor sugere o abandono do termo. Em vez de mégaron, o autor prefere os termos “unidade principal” para se referir à arquitetura do palácio e “sala principal” (*pièce principale*) para indicar o maior edifício no palácio.

Essa imprecisão terminológica provém de uma tentativa problemática de aproximar os poemas homéricos da arquitetura micênica. Essa aproximação remonta ao início da Arqueologia como uma disciplina e aos trabalhos de Schliemann em Tirinto (DARCQUE, 1990, p. 22), que utilizavam os vestígios materiais para “ilustrar” e “comprovar” os episódios

<sup>91</sup> Para a discussão das habitações das elites ver em: MAZARAKIS AINIAN, Alexander. From Rulers' Dwellings to Temples: Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.), **Studies in Mediterranean Archeology** XXI, Jonsered, 1997.

Em português ver: MARTIN, Vinicius Dian. **Os sentidos da monumentalidade em sítios gregos da Idade do Ferro Inicial** (séculos XII-VIII a. C.). 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, University of São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.71.2015.tde-18052015-154936. Acesso em: 2021-10-12.

<sup>92</sup> HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020. Durante o massacre dos pretendentes de Penélope:

“Com a lira de límpidos sons nas mãos (Fêmio) colocara-se perto da poterna (ὄρσοθύρη) hesitava em sua mente entre duas alternativas: ou sair discretamente da sala (μεγάροιο) e refugiar-se no altar (βωμὸν) de Zeus, que fora erigido no pátio, e onde em tempos passados Ulisses e Laertes ofereceram em sacrifício muitas coxas de bois, ou então atirar-se para frente e agarrar os joelhos de Ulisses” (*Odisseia*, XXII, 332-337). Notamos que neste caso, o mégaron compreende a “casa” como um todo e consiste num espaço interno oposto ao pátio externo.

Os termos em grego foram obtidos em: **Perseus Digital Library**. 2019. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso em: 13 out. 2021.

descritos nos poemas<sup>93</sup>.

A preferência da fonte textual em detrimento da fonte material tornou a arqueologia da pré-história na Grécia dependente dos termos presentes nas fontes de período posterior. Dessa herança são provenientes problemas interpretativos como, por exemplo, o não reconhecimento de pisos superiores no palácio de Tirinto e a concepção equivocada de que o pequeno mégaron de Tirinto e de Pilos pertenceriam à rainha desses locais (WACE, 1951, p.203).

Pascal Darcque (1990, p. 22-23) defende que não há uma equivalência entre o mégaron em Homero, entendido como “sala de reunião dos homens, habitação das mulheres, quarto de dormir... casa grande ou palácio” e o conceito arquitetônico, “um pórtico com colunas, um vestíbulo e uma grande sala, onde há um fogo circular cercado por quatro colunas”. Se o termo presente na tradição épica não condiz com o conceito arquitetônico, então, por que utilizá-lo?

Outro problema do conceito arquitetônico do mégaron é que ele por vezes serve para designar qualquer edifício em formato quadrangular<sup>94</sup> em janelas cronológicas amplas que partem desde o Neolítico (DARCQUE, 1990, p. 21-22). Kjell Werner (1993), por exemplo, emprega o conceito de construção “megaróide” para classificar edifícios no Egeu e Anatólia em longos períodos. Enquanto, Jayne Warner (1979, p.83) aplica o conceito para construções na Grécia, Trácia e Anatólia, e procura diferenciá-lo da casa absidial.

Por outro lado, Mazarakis-Ainian (1997, p. 38) adota o termo mégaron apenas para se referir à “unidade principal dos centros administrativos micênicos” empregando aspas para indicar edifícios nos quais essa classificação poderia ser debatida. Além disso, o autor procura diferenciar o conceito arquitetônico do mégaron do sentido presente na tradição épica, adotando uma convenção, o uso do itálico no último caso, para diferenciar os conceitos<sup>95</sup>.

De acordo com Pascal Darcque (1990, p. 31) outro problema do conceito arquitetônico do mégaron é que ele tem servido para sustentar teses de caráter difusionista. O autor defende que alguns trabalhos interpretam a presença de um edifício do tipo mégaron como evidência de que os micênicos exerceriam domínio sobre a região estudada, ou que teriam de alguma forma

---

<sup>93</sup> MACDONALD, W. A.; THOMAS, C. **Progress into the Past**. The Rediscovery of Mycenaean Civilization. Bloomington: Indiana University Press, 1990, p.50. De acordo com os autores, o objetivo de Schliemann em escavar Troia seria o mesmo dos sítios micênicos, ilustrar os poemas de Homero.

<sup>94</sup> DARCQUE, Pascal. Pour l'abandon du terme ‘mégaron’. **Suppléments au BCH**, v. 19, p. 21-31, 1990. Pascal Darcque indica que edifícios de pequenas dimensões, sem colunas, ou com simples formato quadrangular têm sido classificados como mégara. O autor cita exemplos de trabalhos em Enkomi no Chipre e em Phylakopi nas Cíclades (DARCQUE, 1990, p. 29-31) onde a presença de uma estrutura de tipo mégaron foi interpretada como um traço do domínio político desses sítios pelos micênicos.

<sup>95</sup> A diferença entre o conceito arquitetônico de mégaron e seu sentido nas fontes escritas também é debatido por Mary Knox (1973). Para diferenciar os termos a autora utiliza “mégaron” para se referir ao tipo arquitetônico e “μέγαρον” para o conceito homérico.

“exportado” essa forma arquitetônica (DARCQUE, 1990, p. 31)<sup>96</sup>. Nesse sentido, René Treuil defende que ao invés de uma difusão de um tipo arquitetônico, a presença dessa forma de construção “ilustraria uma tendência” no Mediterrâneo em um período de tempo (DARCQUE, 1990, p. 24).

Apesar dos argumentos de Pascal Darcque, o conceito arquitetônico continua em voga na literatura. Ainda assim, as críticas do autor foram fundamentais para a definição de critérios precisos e reflexões sobre os espaços cronológicos nos quais esse conceito arquitetônico seria válido.

Além disso, nas últimas décadas as teses difusionistas passaram por revisão e o assunto mantêm-se em debate<sup>97</sup>. Há trabalhos que defendem a importação de técnicas de construção e estilos arquitetônicos da Anatólia, e outros que entendem o aparecimento da forma mégaron como derivada de um vocabulário arquitetônico pré-existente (PALAIMA, 2016, p. 145).

---

<sup>96</sup> MÜLLER, Valentin. Development of the "Megaron" in Prehistoric Greece. **American Journal of Archaeology**, v. 48, n. 4, p. 342-348, 1944. O trabalho de Müller utiliza o mégaron como elemento para sustentar teses que envolvem a migração de povos. O autor atribui a origem do mégaron à parte europeia da Rússia durante o Paleolítico Superior. Neste trabalho Müller estabelece uma seriação dos “tipos de mégaron” a fim de estabelecer relações entre povos.

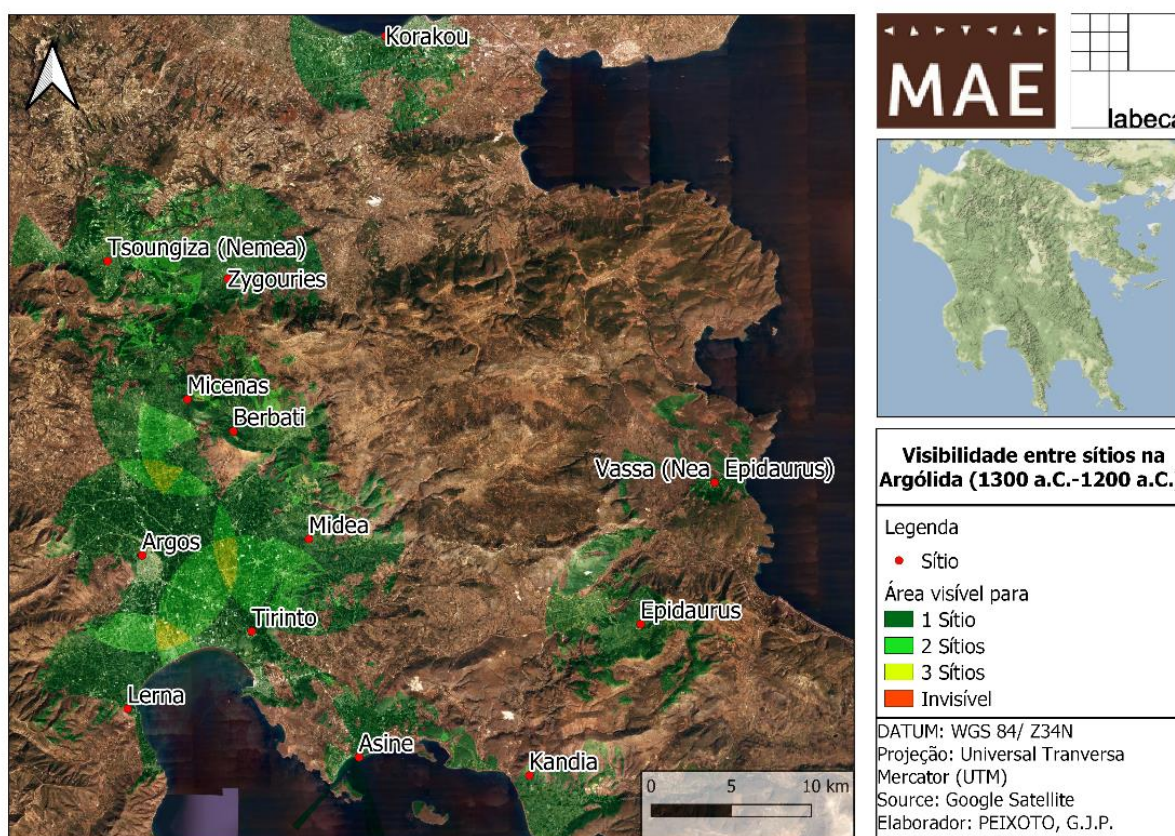
<sup>97</sup> WERNER, Kjell. The megaron during the Aegean and Anatolian Bronze Age: a study of occurrence, shape, architectural adaptation, and function. **Studies in Mediterranean archaeology**, v. 108. Paul Åströms Förlag, 1993.

No Capítulo 1 Werner trata brevemente do debate acerca da origem local ou externa do conceito arquitetônico de mégaron, entendido como uma “tendência” ou uma “tradição”. De acordo com Werner alguns autores atribuem a origem dessa forma arquitetônica nas “*long houses*” no norte da Europa, na região do Danúbio. Neste trabalho uma das categorias utilizadas é construção “megaroide”, ou seja, trata-se de um conceito inclusivo que abarca diversas variantes do tipo arquitetônico mégaron.

### CAPÍTULO 3: MIDEA

Midea é uma das três cidadelas micênicas que se localizam na unidade regional da Argólida na Grécia<sup>98</sup>. O sítio encontra-se entre as cidadelas de Tirinto e Micenas e está relativamente próximo da cidade litorânea de Nauplion. Midea fazia parte de uma rede de sítios micênicos (Figura 23), localizando-se em um ponto estratégico: uma elevação cônica de 268m de altura próxima ao mar e voltado para a planície argiva.

Figura 23 – Visibilidade entre sítios na Argólida (1300 a.C.-1200 a.C.)



Legenda: O mapa mostra o grau de visibilidade entre sítios diferentes. Notamos que determinadas áreas eram visíveis por mais de um sítio arqueológico (cor verde clara e amarela) e que a localização dos sítios fazia com que grande parte da planície argiva pudesse ser observada por um dos sítios, assim, o posicionamento dos assentamentos consistiria em um fator estratégico de defesa mútua contra invasores vindos de outros locais.

Fonte: Elaborado pelo autor no QGIS.

O sítio foi construído sobre uma encosta de pedra calcária cristalizada<sup>99</sup> altamente corroída (Figura 24) (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 12). As construções e as muralhas localizam-se no lado menos íngreme da encosta, enquanto o lado mais íngreme serve de uma

<sup>98</sup> As outras duas são Micenas e Tirinto. Na região há outros sítios não murados como Epidaurou.

<sup>99</sup> HINZEN, K.-G. *et al.* Reassessing the Mycenaean Earthquake Hypothesis: Results of the HERACLES Project from Tiryns and Midea, Greece. **Bulletin of the Seismological Society of America**, v. 108, n. 3a, p. 1046-1070, 2018, p.1050. O relevo carstico é formado pela erosão de rochas calcárias.

barreira natural que evita o acesso ao sítio. Em razão da declividade do local, foram erguidos uma série de terraços que possibilitaram a construção de edifícios em áreas relativamente planas.

A área murada de Midea é de 24.000m<sup>2</sup> e é dividida internamente por um muro de retenção<sup>100</sup>, que separa o sítio entre Acrópole Alta e Baixa (Figura 24). A ocupação do sítio cobre um vasto período que parte do Neolítico até o período Bizantino, embora os terraços tenham continuado em uso com finalidade agrícola até o período contemporâneo.

Na Acrópole Alta, em razão de processos erosivos intensificados, foram encontrados vestígios de períodos recuados como do Heládico Antigo (III milênio a.C.) e Heládico Médio (2000 a.C. -1700 a.C.) (Tabela 2). Enquanto na Acrópole Baixa, a maior parte das construções e dos vestígios são datados do Heládico Recente (1700 a.C. – 1100 a.C.) (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 9 e p. 34).

Tabela 2 - Cronologia relativa do período Heládico na Grécia Continental

Heládico Antigo (HA) ( <i>Early Helladic</i> )	HA I	3000–2650 a.C.
	HA II	2650–2200 a.C.
	HA III	2200–2000 a.C.
Heládico Médio (HM) ( <i>Middle Helladic</i> )	HM I	2000–1900 a.C.
	HM II	1900–1800 a.C.
	HM III	1800–1700 a.C.
Heládico Recente (HR) ( <i>Late Helladic</i> )	HR I	1700–1600 a.C.
	HR II	1600–1400 a.C.
	HR IIIA	1400–1300 a.C.
	HR IIIB	1300–1200 a.C.
	HR IIIC	1200–1100 a.C.

Fonte: Tradução de Cline (2010, p.24)<sup>101</sup>.

As muralhas em Midea foram construídas no início do século XIV a.C. e foram ampliadas na segunda metade deste mesmo século (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 11). As

<sup>100</sup> DEMAKOPOULOU, K. The Mycenaean acropolis of Midea. Atenas: Ministério de Cultura e Turismo, 2012, p.11. A seguir uma lista em ordem decrescente da área murada em alguns sítios micênicos: Gla (Beócia) 200.000m<sup>2</sup>; Micenas 35.000m<sup>2</sup>; Atenas 25.000m<sup>2</sup>; Midea 24.000m<sup>2</sup>; Tirinto 22.000m<sup>2</sup>; Teichos Dymaion (Araxos) ~8.000m<sup>2</sup> (esta última medida foi realizada no *Google Earth Pro*).

<sup>101</sup> Cronologia baixa baseada em tipos cerâmicos e estratigrafia, utilizada neste trabalho para efeito comparativo entre o LH IIIB e períodos recuados na Grécia Continental. Tradução e adaptação nossa.



muralhas protegem quase toda a encosta. Apenas na região sul, onde há o topo da acrópole, não há a presença de muralhas. Os muros seguem o curso natural da elevação e em certos trechos possuem uma altura conservada de 7m (PERSSON, 1942, p.3).

Figura 24 – Fotografia aérea de Midea



Fonte: Greek High Definition (2020)<sup>102</sup>.

### 3.1 ÁREAS ESCAVADAS NO SÍTIO

#### ACRÓPOLE ALTA

##### 3.1.1 “Área do Palácio” e “Terraço Sacrificial”

A Acrópole Alta foi inicialmente explorada pelo arqueólogo sueco Axel W. Persson do Instituto Sueco em Atenas (*Swedish Institute at Athens*), que também realizou trabalhos no cemitério micênico de Dendra (PERSSON, 1942) e no sítio arqueológico de Asine (FRÖDIN; PERSSON, 1938).

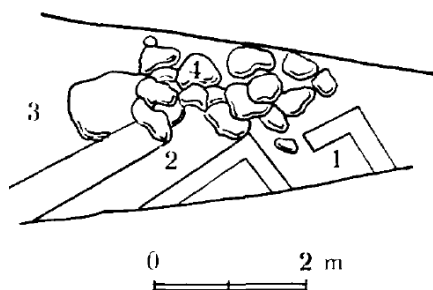
Na Acrópole Alta, o arqueólogo identificou um *plateau* à 50m à leste do topo da acrópole, onde possivelmente estaria o palácio micênico (PERSSON, 1942, p. 7). Por isso, ele

<sup>102</sup> The Mycenaean acropolis of Midea and the necropolis of Dendra. **Greek High Definition**. 2018. Disponível em: <https://www.greecehighdefinition.com/blog/2018/12/20/the-mycenaean-acropolis-of-midea-and-the-necropolis-of-dendra>. Acesso em: 16 maio. 2021.



Infelizmente as escavações posteriores não acessaram essa área novamente. Indicamos sua localização aproximada na Figura 25.

Figura 26 – “Terraço sacrificial”.

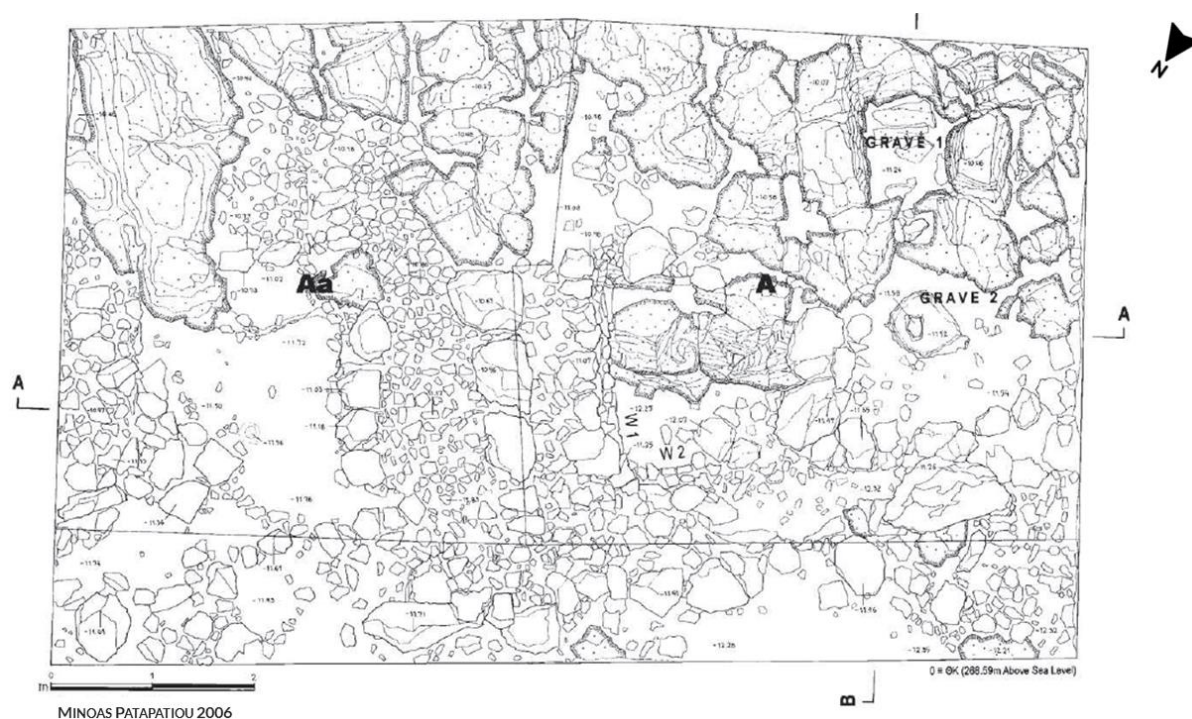


Fonte: Persson (1942, fig. 9).

### 3.1.2 Construções na Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa)

Nesta área escavada pela equipe grega coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Katie Demakopoulou, foram encontrados diversos fragmentos cerâmicos datados em sua maioria do Heládico Antigo II-III (2650a.C. – 2000a.C.) e do Heládico Médio (2000a.C. - 1700a.C.). Além disso, na Trincheira A foram escavadas duas tumbas provavelmente do Heládico Antigo III (2200a.C. - 2000a.C.), uma delas retangular (*Grave 1*), onde foram encontrados um machado em pedra, um copo e uma base de pedestal, e outra tumba em um poço (*Grave 2*) com um amuleto em pedra (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 23).

Figura 27 – Planta das Trincheiras A e Aa



Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 2).

Na Trincheira A foram localizados ainda estatuetas em terracota, dois mós, um socador, um selo cônico, dentre outros. Dentre os elementos arquitetônicos perceptíveis foram encontrados restos de muros (W1 e W2) que parecem formar um quarto (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 23).

Por sua vez, a Trincheira Aa revelou fragmentos cerâmicos do Heládico Antigo II-III (2650 a.C. – 2000 a.C.) e do Heládico Recente (LH IIIB2) (1240 a.C. -1190 a.C.), como uma base cerâmica para um fogo central (*hearth*), tigelas, alabastra, jarros e *pithoi*, fragmentos de estatuetas, socadores e pilões em pedra, fusaiolas, um fragmento de chifre de cervo, possivelmente com uso ritual, e uma conta de vidro egípcia (Figura 28), indicando o contato entre o sítio e o Egito (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, p. 13). Em razão dos achados Katie Demakopoulou acredita que um palácio estaria nas proximidades.

Figura 28 – Conta de vidro egípcia localizada na Trincheira Aa



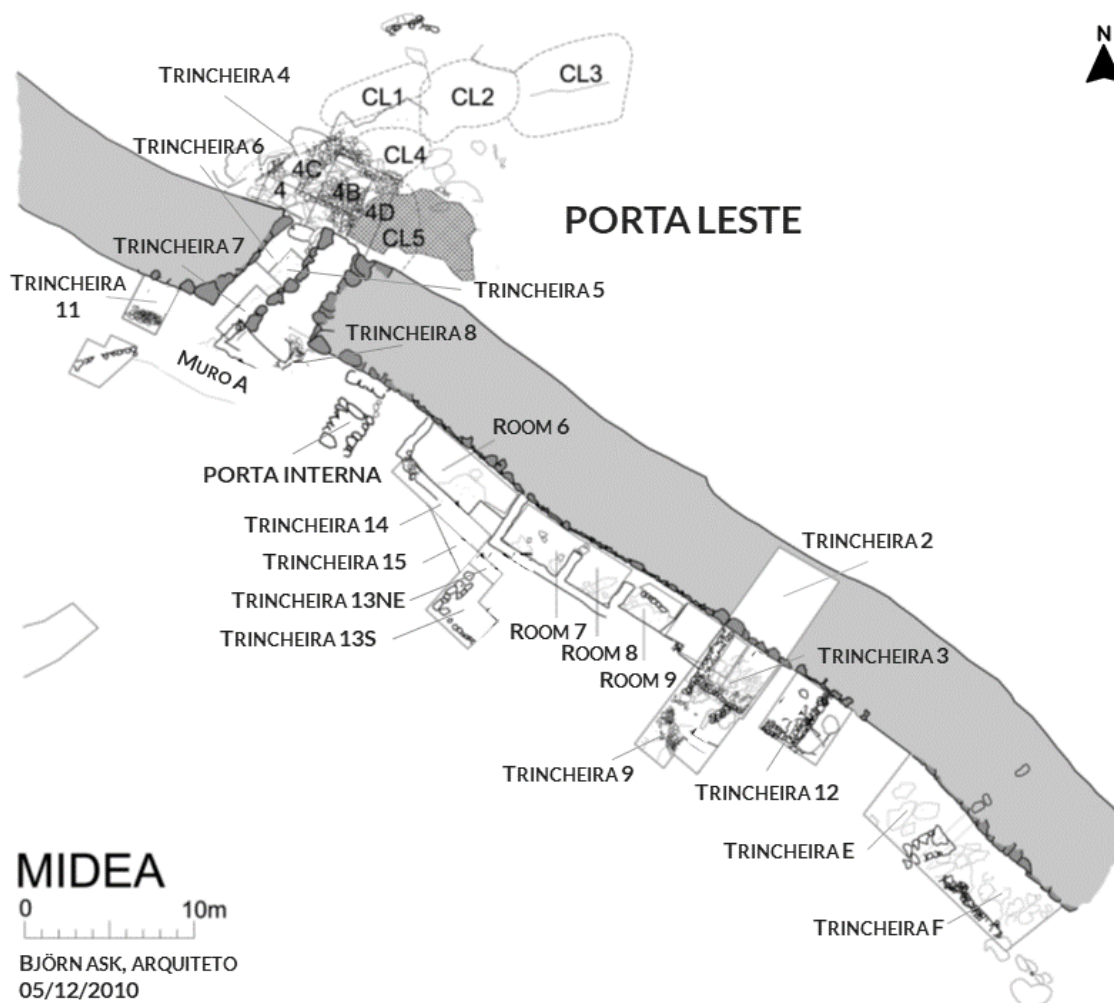
Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 23).

Por sua vez, a Trincheira B localizada na Acrópole Baixa após a parede de retenção que divide a acrópole em duas partes (alta e baixa), revelou vestígios cerâmicos do Heládico Antigo ao Heládico Recente IIIB2 (LH IIIB2) (3000 a.C.- 1200 a.C.), fragmentos de lascas de obsidiana, madrepérola e uma estatueta em formato Psi. No entanto, nenhuma construção foi encontrada no local.

### 3.1.3 Complexo de Quartos

A partir da Porta Leste em direção à Acrópole Alta encontramos uma Porta Interna escavada pela equipe sueca coordenada por Åstrom em 1987 e, na sequência, uma série de oficinas e locais de armazenamento adjacentes às muralhas. Esses edifícios foram denominados de “Complexo de Quartos” e compreendem a área dos *Rooms* 6, 7, 8, 9 e possivelmente um outro quarto que ainda não foi totalmente escavado entre as trincheiras 3 e 12 (Figura 29). Após essas construções há ainda duas trincheiras (E e F) com vestígios de outras construções.

Figura 29 – Mapa dos edifícios e trincheiras nas proximidades da Porta Leste



Legenda: Os locais indicados por CL indicam limpezas (*cleanings*) realizadas na área externa da muralha. O muro A é datado do LH IIIC (1210-1090) a.C., período posterior ao do escopo da pesquisa. Fonte: Adaptado de Schallin (2016, p. 169).

Esses edifícios são datados do Heládico Recente IIIB2 (LH IIIB2) (1240 a.C. -1190 a.C.) e possuem vestígios de materiais cerâmicos, ferramentas em pedra e bronze, uma quantidade relevante de fusaiolas, pesos de tear, agulhas em bronze e osso e fragmentos de estatuetas. A presença de itens como uma placa de ouro com o motivo de argonautas (Figura 30) no *Room 6*, vasos de chumbo no *Room 7*, um selo em hematita e uma conta de faiança no *Room 8*, um anel de chumbo, um molde em vidro com figuras antropomórficas (Figura 31) e contas de faiança azul na Trincheira 12 indicam que o “Complexo de quartos” era um centro de produção de itens têxteis e de artigos preciosos<sup>103</sup> (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p.

<sup>103</sup> SCHALLIN, Ann-Louise. Identities and 'precious' commodities at Midea and Dendra in the Mycenaean Argolid. In: ASLAKSEN, O. (ed.). **Local and Global Perspectives on Mobility in the Eastern Mediterranean**. Papers and Monographs from the Norwegian Institute at Athens, v. 5, The Norwegian Institute at Athens, 2016, p. 159. Os itens considerados preciosos seriam feitos de materiais como ouro, vidro, faiança e marfim, pois eram

27; DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p.73-74; SCHALLIN, 2016).

Figura 30 – Placa de ouro com o motivo de argonautas (*Room 6*)



Fonte: (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 33).

Figura 31 - Placa de vidro com figuras antropomórficas (Trincheira 12)



Fonte: (DEMAKOPOULOU, 2010, p. 77).

Na área há duas plataformas cuja função é desconhecida, uma na Trincheira 14 e outra na Trincheira 13. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 29). Na Trincheira 12 destaca-se a existência de um poço coberto por uma pedra. Neste local foram encontrados vestígios cerâmicos micênicos, uma braçadeira (*clamp*) de chumbo e fragmentos de ossos de animais, sobretudo de pequenos roedores (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 26).

Na seção sudoeste da Trincheira 12 foram encontrados fragmentos de osso trabalhado e de gesso (*plaster*) e três objetos de chumbo (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 28). O edifício revelado nas escavações parte da trincheira 3 e segue até a trincheira 12 (Figura 29). De acordo com as autoras, esse espaço seria um depósito ou armazém de itens (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 29).

## ACRÓPOLE BAIXA

### 3.1.4 Complexo de Construções

Assim como o Complexo de Quartos, na Acrópole Baixa, nas proximidades da Porta Oeste, foram localizados inúmeros edifícios de produção, armazenamento e habitação adjacentes às muralhas. Denominado de “Complexo de Construções” o conjunto de 14 edifícios foi construído ao longo dos terraços, alguns possivelmente com dois andares, divididos em duas áreas separadas por uma rua (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 26) (Figura 32).

Nas proximidades das muralhas temos os *Rooms* I, II, III, IV, V, VIa, VIb, VII, VIIIa, VIIIb, XIII e XIV, enquanto, do outro lado da rua encontram-se os *Rooms* IX, X, XI e XII. Embora não estejam indicados na figura abaixo, o *Room* I e o *Room* II<sup>104</sup> encontram-se adjacentes às muralhas à leste da Trincheira S, assim como em algumas áreas escavadas talvez existam edifícios não classificados, como no centro da Trincheira Sg (Figura 32).

Esses edifícios revelaram um volume considerável de materiais cerâmicos, como vasos de armazenamento (*pithoi* e jarros com alça em estribo) e para cozinhar, vasos de chumbo, estatuetas em terracota, ferramentas variadas para corte e processamento agrícola como pedras para moer e socadores, contas de vidro e faiança, frutas e cereais carbonizados, além de fragmentos de gesso pintado e madrepérola (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 27).

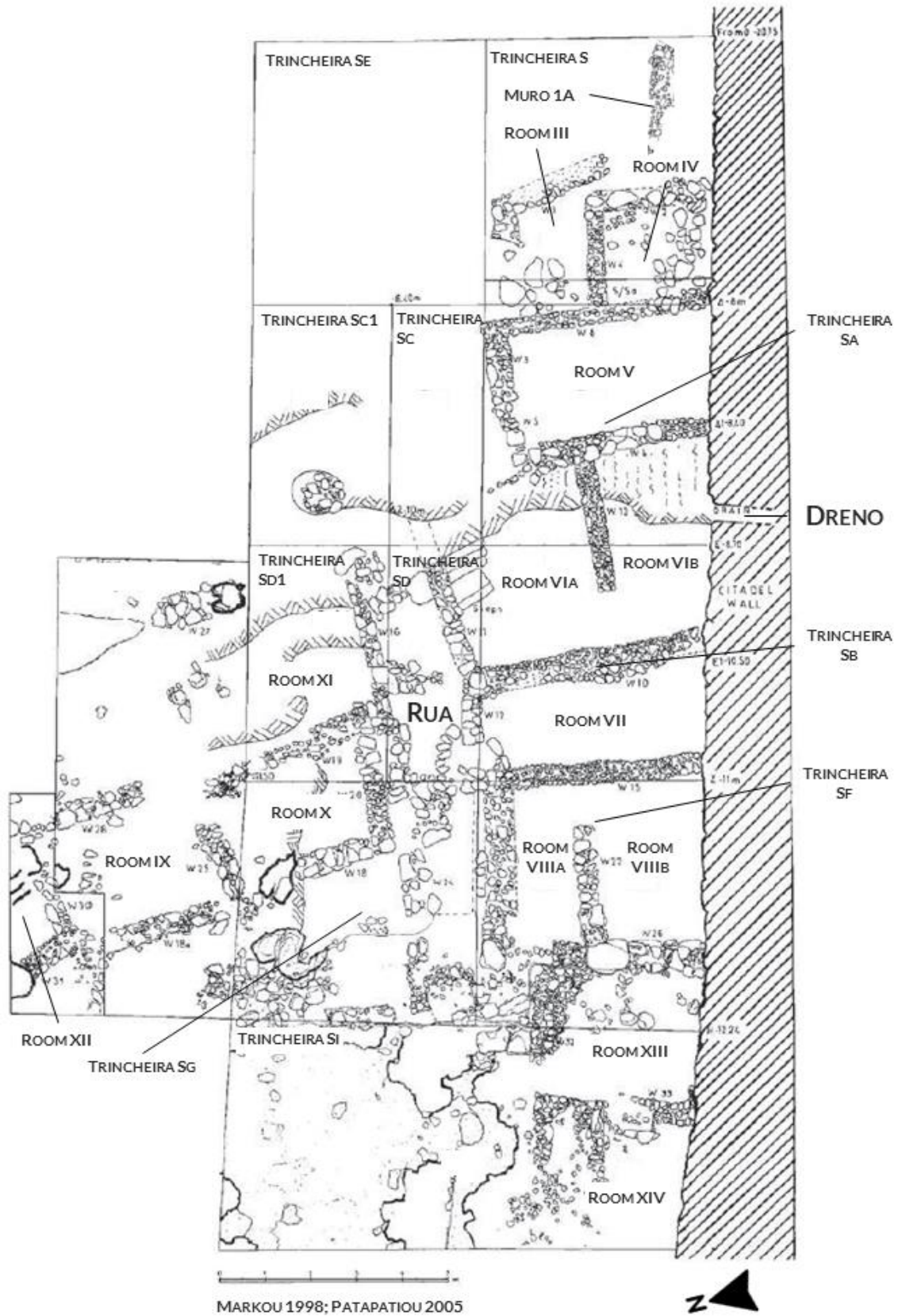
Ao longo do “Complexo de construções” foram encontrados diversos selos e impressões de selo, que serviriam para documentar transações comerciais ou serviriam de lacres para produtos<sup>105</sup>. Nesta área destaca-se uma impressão de selo (CMS-VS3-236) com a representação de uma aranha e o ideograma (GRA) (*Room* VI), que significa o termo grão, possivelmente associado a produtos alimentícios armazenados em vasos vizinhos (Figura 33).

Outros achados interessantes incluem um selo com a representação de um minotauro (CMS-VS3-223) e um escudo em oito encontrado nas proximidades do Muro 1A na Trincheira S (DEMAKOPOULOU; DIVARI-VALAKOU; WALBERG, 1994, p. 25-26). Igualmente interessante é um selo com um rosto humano, de braços abertos e uma serpente em torno da imagem, indicando uma cena religiosa (*Room* XIV).

<sup>104</sup> DEMAKOPOULOU, K; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. *Opuscula Atheniensia*, v. 20, p. 19–41, 1994, p. 20. Os muros do *Room* II não sobreviveram ao tempo, apenas fragmentos deles e linhas de corte na rocha mãe que sustentavam as antigas paredes.

<sup>105</sup> KRZYSZKOWSKA, O. *Aegean Seals: An Introduction*. Londres: Wiley, 2005, p.2. Um selo consiste em um material com “desenhos esculpidos em uma ou mais faces” que são pressionadas sobre a argila para gerar uma marca. As impressões de selos (*sealings*) consistem em pedaços de argila que foram pressionados por um selo. As impressões de selos eram utilizadas como tampa ou lacre de um objeto (vaso), “etiqueta” (*label*) ou comprovante de transação comercial.

Figura 32 – Planta do Complexo de construções da Porta Oeste



Fonte: Planta adaptada e traduzida (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 24).



Figura 33 – Impressão de selo com o ideograma (GRA), selo com representação de minotauro e selo com representação humana rodeada de serpentes.



Fontes: (ARACHNE, 2021; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig. 11)<sup>106</sup>.

Além disso, foram encontrados um espelho de bronze (*Room VI*), um jarro com alça em estribo (Figura 34), com a inscrição *wi-na-jo* (*Room VI*), proveniente de Creta, indicando o contato comercial com a ilha, um ríton em ametista no formato de uma concha de tritão, uma estatueta feminina oca utilizada para libações (*Room VI*), um modelo de marfim de um escudo em oito (*Room VIII*), além de um molde no formato de palma, utilizado para fazer joias (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 26-31).

Sobre o jarro mencionado acima, é importante indicar que há outros dois com a mesma inscrição, um encontrado em Cnossos e outro em uma sepultura em Armêni. O termo “*wi-na-jo*” pode se referir a um “antropônimo masculino”, que seria o indicativo da produção desses jarros em uma oficina específica de Creta. (MONZANI, 2019, p. 136 e p. 155).

Em 2006, a equipe grega coordenada por Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou realizou trabalhos no *Room XIII* e no *Room XIV*. Foram investigadas estruturas com vestígios de cerâmica incluindo *pithoi*, crateras, tigelas e jarros. Nesta área foram localizados dois esqueletos, o de um adolescente e o outro, de uma criança, possivelmente vítimas de um terremoto no final do século XIII a.C. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 18).

<sup>106</sup> **Arachne** - Individual object 166543: Siegel CMS VS3 223 - Akropolis, Westtorbereich. 2022. Disponível em: [https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view\[section\]=uebersicht&view\[layout\]=objekt\\_item&view\[caller\]\[project\]=&view\[page\]=11&view\[category\]=overview&search\[data\]=ALL&search\[mode\]=meta&search\[match\]=similar&view\[active\\_tab\]=overview&search\[constraints\]=Midea](https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view[section]=uebersicht&view[layout]=objekt_item&view[caller][project]=&view[page]=11&view[category]=overview&search[data]=ALL&search[mode]=meta&search[match]=similar&view[active_tab]=overview&search[constraints]=Midea). Acesso em: 6 jan. 2022.

**Arachne** - Individual object 166556: Siegelabdruck CMS VS3 236 - unbekannt. 2022. Disponível em: [https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view\[section\]=uebersicht&view\[layout\]=objekt\\_item&view\[caller\]\[project\]=&view\[page\]=24&view\[category\]=overview&search\[data\]=ALL&search\[mode\]=meta&search\[match\]=similar&view\[active\\_tab\]=overview&search\[constraints\]=Midea](https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view[section]=uebersicht&view[layout]=objekt_item&view[caller][project]=&view[page]=24&view[category]=overview&search[data]=ALL&search[mode]=meta&search[match]=similar&view[active_tab]=overview&search[constraints]=Midea). Acesso em: 6 jan. 2022.

Figura 34 – Estatueta feminina (Phi) e jarro com alça em estribo com a inscrição wi-na-jo.



Fontes: Domínio Público<sup>107</sup> e Demakopoulou *et al.* (2017, fig. 4).

Abaixo do “Complexo de Construções” foi escavada a Trincheira Sj que possivelmente fazia parte do conjunto de construções mencionadas acima. Neste local foram encontrados os seguintes materiais: cerâmica do Heládico Recente IIIB2 (LH IIIB2 – 1240a.C – 1210 a.C.), fragmentos de estatuetas femininas e de animais, pedaços de chumbo e bronze, uma conta de esteatito, socadores, um fragmento de machado, lâminas em obsidiana, conchas, madrepérola e ocre (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, p. 33). Os materiais são similares aos encontrados em outros edifícios do “Complexo de Construções”, indicando que na Trincheira Sj havia um local de oficinas e de armazenamento de produtos.

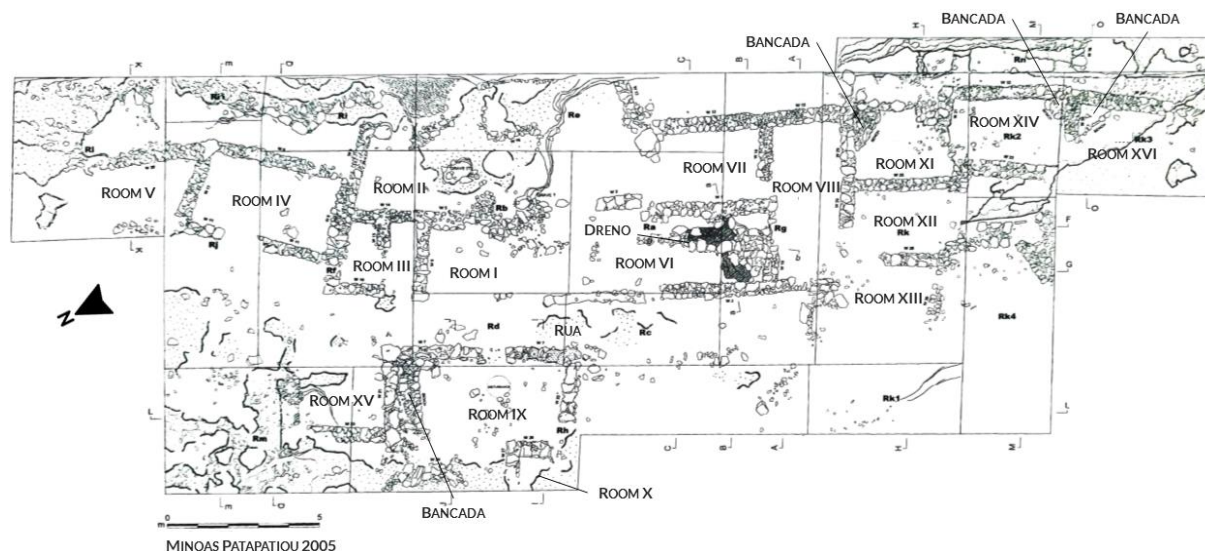
### 3.1.5 Construções no Terraço Sudoeste

Nas proximidades da Porta Oeste e ao norte do Complexo de Construções localiza-se um terraço com três conjuntos de construções separados por uma rua. Dois conjuntos de construção ficam ao leste em relação à rua, enquanto um conjunto fica na porção oeste. As

<sup>107</sup> File: **Terracotta figure of a goddess**, Midea, 1250-1200 BC, AM of Nafplio, 202152.jpg - Wikimedia Commons. 2020. Disponível em: [https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta\\_figure\\_of\\_a\\_goddess,\\_Midea,\\_1250-1200\\_BC,\\_AM\\_of\\_Nafplio,\\_202152.jpg](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_figure_of_a_goddess,_Midea,_1250-1200_BC,_AM_of_Nafplio,_202152.jpg). Acesso em: 6 jan. 2022.

construções totalizam 16 edifícios, que consistem em espaços de habitação e produção (oficinas) (Figura 35). À leste da rua localizam-se a maioria dos edifícios (*Rooms* I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, XI, XII, XIII, XIV e XV), enquanto na parte oeste localizam-se apenas três edifícios escavados até o momento (*Rooms* IX, X e XV).

Figura 35 – Construções do Terraço Sudoeste



Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 2).

Dentre os aspectos arquitetônicos dessas construções, destaca-se o fato de algumas delas possuírem espaços com bancadas com possível uso religioso (*Room* IX, *Room* XI, *Room* XIV e *Room* XVI), enquanto um dos quartos possui um sistema de drenagem de água (*Room* VI) (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 11). Além de possuir uma bancada em pedra, o *Room* IX possui duas bases de coluna no chão e é um dos maiores edifícios encontradas na Acrópole Baixa (5,50m x 2,85m) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 9 e p. 12).

Quanto aos materiais encontrados podemos mencionar diversos tipos de vasos cerâmicos e em metal, estatuetas em terracota, joias, diversos selos e objetos inacabados, como, por exemplo, pedaços de matéria prima semitrabalhada em ágata, cornalina, esteatita verde, fluorita, cristal e madrepérola (alguns deles no *Room* IX), indicando tratar-se de uma oficina (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22).

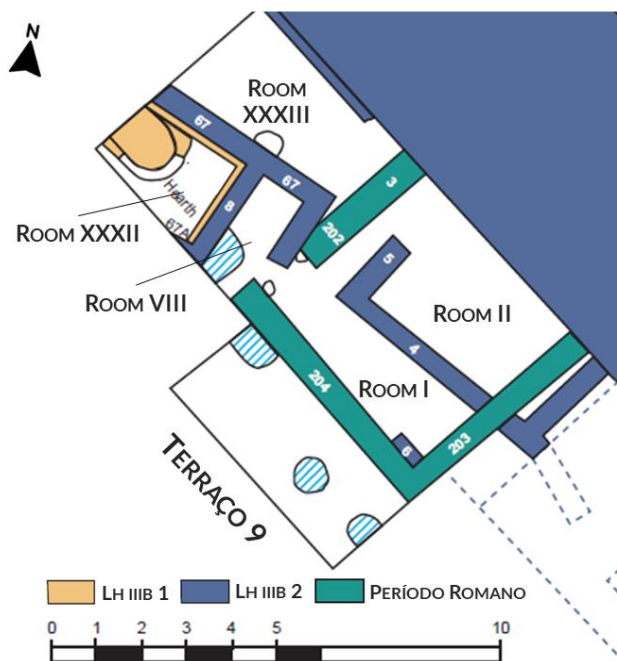
Podemos destacar a presença de pigmentos da cor amarela (*Room* II), estatuetas de cavalos (*Room* III), provavelmente de um carro de guerra, uma banheira (*Room* XIV), uma impressão de selo com uma cena de caça e a seguinte inscrição “contribuição de Aioniso para

o mégaron”<sup>108</sup> (Figura 22) e uma conta de vidro em forma de papiro (*Room XIV*). (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 9-13, p. 18 e p. 20; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p. 11-13).

### 3.1.6 Santuário (Área de culto)

Nas proximidades da Porta Leste na Acrópole Baixa foram encontradas 4 estruturas que configuram uma área de culto ou santuário (*Rooms II, VIII, XXXII e XXXIII*) (Figura 36). Gisela Walberg, a arqueóloga responsável pela escavação dessa área e pela área do Complexo do mégaron, nomeou a área como um “*shrine*” (santuário), mas tem ressalvas na classificação de todos os edifícios como áreas de culto. A seguir faremos uma breve descrição dos materiais encontrados nessa área.

Figura 36 – Planta do Santuário



Fonte: Adaptado de Walberg (2007, Pl. A).

No *Room XXXII* foram encontrados um fogo central (*hearth*) de forma elíptica, estatuetas femininas, uma miniatura de trípode, e um estande em terracota (WALBERG, 2007, p. 2 e p. 61). Por sua vez, o *Room XXXIII* revelou 15 fragmentos de ossos queimados de animais. Possivelmente consistia em um pátio, uma área aberta para a realização de cultos (WALBERG, 2007, p. 62 e p. 8). Gisela Walberg e David Reese (2008, p. 239) atentam para o

<sup>108</sup> **LIBER. MI Wv** 6. 2022. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/tablet.pl?id=MI%20Wv%206>. Acesso em: 8 jan. 2022. Transliteração das inscrições dos três lados do nódulo de argila: o-pa (sobre o selo); me-ka-ro-de; a<sub>3</sub>-so-ni-jo. Possível tradução: contribuição (o-pa) de Aioniso para o mégaron.

número elevado de vestígios de animais (ossos) queimados nesses edifícios, indicando que banquetes rituais poderiam ter ocorrido nesses locais<sup>109</sup>.

No Room II, possivelmente uma construção de dois andares e com telhado, foram encontrados itens de luxo e utensílios domésticos (vasos para cozinhar, ferramentas de pedra e alimentos carbonizados) (WALBERG, 2007, p. 62). A autora defende que o primeiro andar seria para um local de cozinha e armazenamento de alimentos e no segundo andar haveria uma oficina para bens de luxo.

O Room I consiste em um edifício quadrado de período romano, durante o LH IIIB2 (1240-1210) essa área consistiria em um corredor ou via que dava acesso para o Room VIII. Por fim, no Room VIII foram encontrados um fragmento de estatueta feminina e outro de um bóviedo, além de fragmentos cerâmicos de um vaso com alça em estribo<sup>110</sup> com representações religiosas (machado duplo, cifres de consagração, flores e pássaros) (WALBERG, 2007, p.63)<sup>111</sup> (Figura 37).

Figura 37 – Detalhes do jarro com alça em estribo MidW 20 visto de cima.



Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2017, fig. 63).

<sup>109</sup> WALBERG, G.; REESE, D.S. Feasting at Midea. In: HITCHCOCK, L. A.; LAFFINEUR, R.; CROWLEY, J. (Eds.). *Dais: the Aegean feast*. Proceedings of the 12th International Aegean Conference / 12e Rencontre égéenne internationale, University of Melbourne, Centre for Classics and Archaeology, 25-29 March 2008, *Aegaeum*, v. 29, Liège & Austin, p. 239-245, 2008, p. 239.

“Outros critérios para a identificação de espaço para banquetes incluem “uma alta concentração de vasos sem pintura de topo aberto (especialmente cálices), a presença de jarros (*jugs*) e vasos para cozinhar, assim como vasos peculiares associados com banquete ritual... e a presença de potes de grandes dimensões”. Tradução nossa.

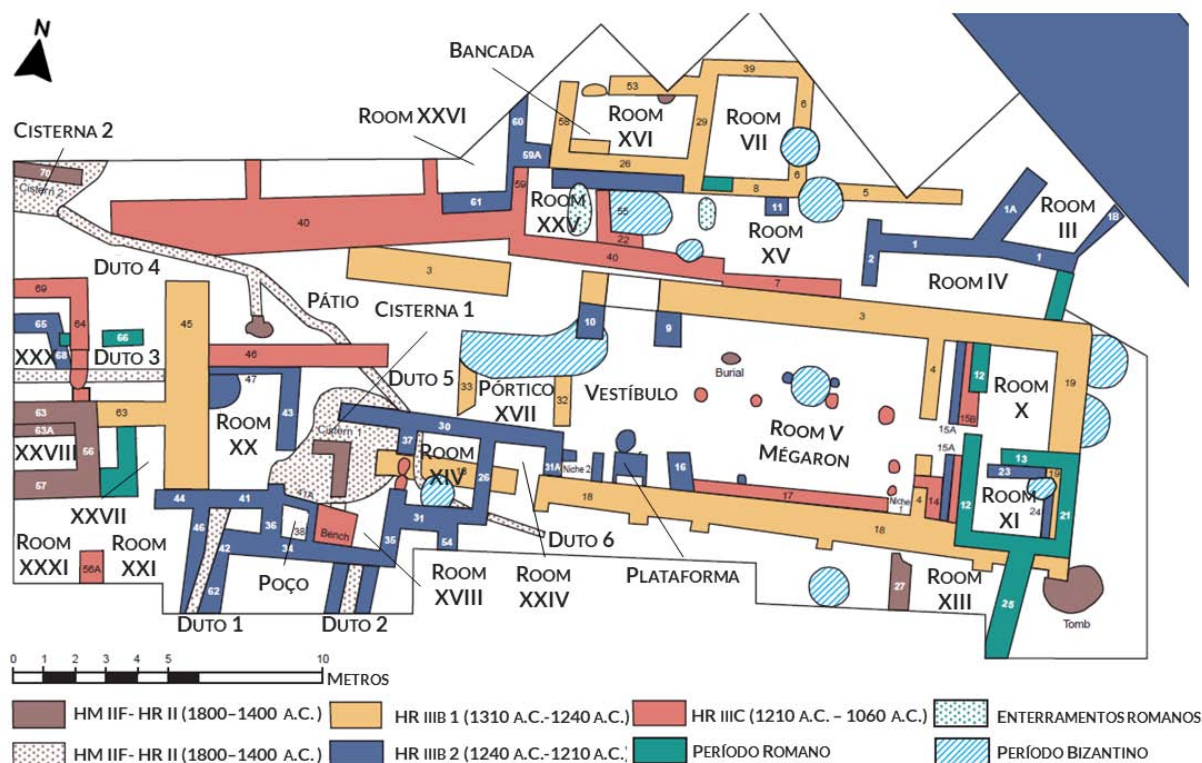
<sup>110</sup> MONZANI, Juliana Caldeira. **A administração micênica em Creta**. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B. 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2020.tde-27022020-141638. Acesso em: 2021-10-23, p. 96. Este tipo de vaso possui as funções de “armazenar, transportar e verter líquidos”.

<sup>111</sup> WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area*. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007, p. 63. A autora indica que os elementos para caracterizar o Room VIII como parte de um santuário são insuficientes. Contudo, sua proximidade com o Room XXXII serve de elemento que corrobora a tese de que esse espaço seria utilizado para atividades religiosas.

### 3.1.7 Complexo do mégaron

O Complexo do mégaron localiza-se na porção norte da Acrópole Baixa entre a Porta Leste e a Protusão Oeste. Ele consiste em um conjunto de edifícios que possui uma construção no formato de mégaron antecedido por um pátio, um pórtico (XVII), um vestíbulo com uma plataforma retangular, possivelmente para culto, a sala do mégaron, com quatro bases de colunas e um fogo central, e duas salas na parte de trás da estrutura (*Rooms X e XI*), que eram utilizadas para armazenamento e preparo de alimentos devido aos vestígios de ossos e de ferramentas como socadores (*pounders*) e mós (pedras circulares para moer grãos) (WALBERG, 2007, p. 64-65) (Figura 38).

Figura 38 – Planta do Complexo do mégaron



Fonte: Adaptado de Walberg (2007, pl. A).

Antes do pórtico há ainda um conjunto de salas de possível uso religioso (*Rooms XIV, XVIII, XX* e um poço) conectadas com dutos de água (Dutos 1 e 2). Nas proximidades do mégaron há ainda dois outros quartos que possuiriam uma função de armazenamento ou produção (*Rooms VII e XVI*).

Na sala do mégaron (*Room V*), foram encontrados uma placa de vidro, um colar de faiança com 13 contas, três pomos de espadas em marfim, alabastro e *lapis lazuli* (WALBERG, 2007, p. 1 e p. 16) (Figura 39). Por sua vez, as salas anteriores ao mégaron,

possivelmente serviriam como um santuário devido ao acesso à água (Dutos e Poço) e os materiais presentes.

Figura 39 – Pomos de espada em *lapis lacedaemonius* (esquerda) e alabastro (direita)



Fonte: (WALBERG, 2007, pl. C).

No *Room XVIII* foi encontrada uma cabeça de serpente em terracota (WALBERG, 2007, p. 2), ossos queimados e três impressões de selo, enquanto no *Room XX* foram encontrados um altar ou plataforma semicircular e um rítion (possivelmente utilizado para libações devido ao furo na parte inferior) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 90).

Nas proximidades do mégaron foram encontrados dois edifícios com funções de armazenamento, administração e preparação de alimentos (*Rooms XVI e VII*). (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 84). No *Room VII* foram encontradas contas em âmbar, cristal e pedra, ferramentas para a preparação de alimentos e moer grãos, duas impressões de selos e um selo (CMS-VS3-238; CMS-VS3-240; CMS-VS3-239). As duas impressões de selos possuíam a inscrição OLE em Linear B, que pode indicar um tipo de óleo ou unguento (VENTRIS; CHADWICK, 1956, p. 476 e p. 481).

Por sua vez, no *Room XVI* foi encontrada uma bancada, possivelmente para guardar produtos e diversas ferramentas em metal e pedra. A presença desses dois edifícios mencionados, com evidências administrativas, em conjunto com os espaços de culto nas proximidades do mégaron são utilizados para corroborar a hipótese de que o Complexo do mégaron consistiria no palácio de Midea (DEMAKOPOULOU; DIVARI-VALAKOU; WALBERG, 1994, p. 41; DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 90).

### 3.2 HISTÓRICO DE ESCAVAÇÕES

O sítio de Midea foi explorado inicialmente em 1907<sup>112</sup> pelo Instituto Arqueológico

<sup>112</sup> **Midea** - Midea, Argolid (1939, 1963, 1983–2009). Swedish Institute at Athens, 2020. Disponível em:

Alemão (DAI), que escavou algumas trincheiras, sem, no entanto, encontrar construções no local. Em 1939, o Instituto Sueco em Atenas (*Swedish Institute at Athens*) passou a conduzir as escavações do sítio, organizando campanhas em 1939, 1963 e entre 1983-2009 em colaboração com o Eforato de Antiguidades da Grécia.

Tabela 3 – Campanhas arqueológicas e locais explorados em Midea

<b>Campanha</b>	<b>Arqueólogos(as)</b>	<b>Áreas do sítio</b>
<b>1939</b>	Axel W. Persson	Acrópole Alta e Baixa, Portas Leste e Oeste e algumas trincheiras ao longo do sítio
<b>1963</b>	Nikolaos Verdellis e Paul Åström	Trincheira na Acrópole Alta
<b>1983-1984</b>	Katie Demakopoulou e Paul Åström	Porta Leste e Porta Oeste
<b>1985</b>	Gisela Walberg	Trincheiras na Acrópole Baixa
<b>1986</b>	Katie Demakopoulou e Paul Åström	Porta Leste e Porta Oeste
	Paul Åström	Porta Interna
<b>1987</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Porta Oeste
	Peter Fischer	Trincheira L (Acrópole Alta)
	Gisela Walberg	Acrópole Baixa
<b>1990-1992</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções
	Gisela Walberg	Área de Culto e Complexo do mégaron
	Paul Åström	Área da Porta Leste
<b>1994</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções
	Gisela Walberg	Área de Culto e Complexo do mégaron
<b>1995-1996</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções
	Paul Åström	Complexo de Quartos (Área da Porta Leste)
	Gisela Walberg	Área de Culto e Complexo do mégaron
<b>1997-1999</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções e Terraço Sudoeste
	Paul Åström	Complexo de Quartos (Área da Porta Leste)
	Gisela Walberg	Complexo do mégaron
<b>2000-2001</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções e Terraço Sudoeste
	Ann-Louise Schallin, Anna Lindblom, Lena Sjögren, Mônica Nilsson e Gunnel Ekroth	Complexo de Quartos
<b>2002</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de Construções e Terraço Sudoeste
	Ann-Louise Schallin	Porta Leste e Complexo de Construções
<b>2003</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Terraço Sudoeste
	Ann-Louise Schallin, Mônica Nilsson e Lena Sjögren	Porta Leste e parte externa
<b>2004</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Terraço Sudoeste e Trincheiras A e B (Acrópole Alta)
	Katie Demakopoulou e Ann-Louise Schallin	Rampa na Porta Leste
	Ann-Louise Schallin, Lena Sjögren e Monica Nilsson	Trincheiras 11, F e E (área da Porta Leste)
<b>2005</b>	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Terraço Sudoeste, Complexo de Construções e Trincheiras A e Aa (Acrópole Alta)



	Ann-Louise Schallin e Monica Nilsson	Complexo de Quartos
2006	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Terraço Sudoeste, Complexo de Construções e Trincheiras A e Aa (Acrópole Alta)
	Ann-Louise Schallin e Monica Nilsson	Complexo de Quartos
2007	Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou	Complexo de construções e Trincheira C (poterna)
	Ann-Louise Schallin e Monica Nilsson	Complexo de Quartos
2008-2009	Katie Demakopoulou e Divari-Valakou	Trincheira C (poterna) e Terraço externo
	Ann-Louise Schallin, Monica Nilsson, Maria Lowe Fri e Madelaine Miller	Complexo de Quartos (Trincheiras 12 e 9)

Fonte: Elaborado pelo autor com o auxílio dos relatórios de escavação de Midea publicados na *Opuscula Atheniensia* (até 2008) e na *Opuscula* (2008-presente). Listamos apenas os coordenadores das áreas exploradas.

A primeira campanha organizada pelo Instituto Sueco em Atenas em 1939 foi coordenada pelo arqueólogo Axel W. Persson, mas foi interrompida na Segunda Guerra Mundial. A segunda, em 1963, foi conduzida por Nikolaos Verdellis e Paul Åström. Enquanto o conjunto de campanhas entre 1983 e 2009, foi conduzido por uma série de arqueólogos gregos, suecos e norte-americanos. Dentre esses arqueólogos podemos citar Paul Åström, Katie Demakopoulou, Gisela Walberg, Nicoletta Divari-Valakou, Monica Nilsson, Peter Fischer, Ann-Louise Schallin, Maria Lowe Fri, Anna Lindblom, Lena Sjögren e Madelaine Miller (Tabela 3).

Em 1939, Axel Persson explorou a Porta Leste e a Porta Oeste, as muralhas, terraços na Acrópole Alta e trincheiras (*shafts*) na Acrópole Baixa. Em sua análise da Acrópole Alta, o arqueólogo fez um “plano da área do palácio na acrópole” baseado nos traços de edificações encontradas. Contudo, campanhas posteriores não localizaram a área escavada pelo arqueólogo, possivelmente em razão da erosão no topo da Acrópole<sup>113</sup>.

A representante grega do Eforato de Antiguidades, Dr<sup>a</sup>. Katie Demakopoulou (2012, p. 18), indica que após a entrada do Porta Leste há a “acrópole superior, onde tudo leva a crer que o palácio estava”. Contudo, em postagem de 2020 o site do Instituto Sueco em Atenas indica que o palácio de Midea ficaria na Acrópole Baixa, onde foi encontrado um mégaron (Figura 40).

Assim, a localização do palácio micênico da cidadela de Midea ainda é alvo de debates. Para alguns, ele está escondido sob o solo da Acrópole Alta, para outros, ele consiste no Complexo do mégaron na Acrópole Baixa.

<sup>113</sup> **Midea** - Midea, Argolid (1939, 1963, 1983–2009). Swedish Institute at Athens, 2020. Disponível em: <https://www.sia.gr/en/articles.asp?tid=339&page=1>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Figura 40 – Mapa do Instituto Sueco em Atenas com a indicação do palácio na Acrópole Baixa



Fonte: Instituto Sueco em Atenas (2020)<sup>114</sup>.

Entre 10 e 13 de julho de 1963, Nikolaos Verdellis e Paul Åström realizaram uma pequena escavação na porção intramuros na proximidade da Porta Leste, a partir de uma vala já explorada por Persson em 1939 (*Shaft II*)<sup>115</sup>. Nessa área os arqueólogos encontraram uma camada de 40cm do final do Heládico Recente (LH IIIB) (1310 a.C. -1190 a.C.) com vestígios de destruição e de cinzas, o que sugere a ocorrência de um incêndio.

Nessa trincheira foram encontrados figos (*Ficus carica*), azeitonas (*Olea europaea*) e fava (*Vicia faba* var. *menor*) carbonizados (ÅSTRÖM, 1964, p.134). Além disso, nesta área foram encontrados materiais cerâmicos, estatuetas em terracota, um pendente de hematita com a representação de um cavalo, um fragmento de um jarro com alça em estribo e um cálice com a decoração em linhas paralelas (ÅSTRÖM, 1964, p.134).

A partir de 1983 até o ano de 2009 foram conduzidas escavações sistemáticas do sítio com a presença de uma equipe de arqueólogos gregos, norte-americanos e suecos. Os primeiros trabalhos desta fase, conduzidos por Katie Demakopoulou e Paul Åström, concentraram-se na Acrópole Baixa e nos edifícios próximos à Porta Leste e Porta Oeste<sup>116</sup>. Em 2000, a equipe

<sup>114</sup> **Midea** - Midea, Argolid (1939, 1963, 1983–2009). Swedish Institute at Athens, 2020. Disponível em: <https://www.sia.gr/en/articles.asp?tid=339&page=1>. Acesso em: 18 mar. 2021.

<sup>115</sup> A quadra aberta pelos arqueólogos encontra-se na proximidade do Complexo de Quartos.

<sup>116</sup> **Midea** - Midea, Argolid (1939, 1963, 1983–2009). Swedish Institute at Athens, 2020. Disponível em:

sueca passou a ser dirigida por Ann-Louise Schallin. Os relatórios das campanhas em Mídea foram publicadas pelos periódicos *Opuscula Atheniensia* até 2008 e *Opuscula* (2008-presente) do Instituto Sueco em Atenas. Esses relatórios começaram a ser publicados de 1986 até 2010. A partir de 2008 no periódico *Opuscula*, os relatórios de escavação passaram a ser publicados *online* de modo aberto e gratuito.

Nas campanhas de 1985, os diretores da escavação dividiram o sítio entre três especialistas. A Porta Leste foi escavada sob a supervisão de Katie Demakopoulou, a Porta Oeste sob a de Paul Åström, professor da Universidade de Gothenburg, e os terraços da Acrópole Baixa ao norte da Porta Leste sob a supervisão de Gisela Walberg, professora da Universidade de Cincinnati (WALBERG, 2007, prefácio).

As escavações desses terraços da Acrópole Baixa foram conduzidas em dois períodos, entre 1985 e 1991, e entre 1994 e 1997. De acordo com Gisela Walberg, as primeiras campanhas (1985 e 1987) foram exploratórias, enquanto as conduzidas a partir de 1989 realizaram escavações extensivas sobre os terraços da Acrópole Baixa com financiamento da Universidade de Cincinnati (WALBERG, 2007, p. xv).

Os terraços da Acrópole Baixa foram ocupados diversas vezes ao longo do tempo, da Idade do Bronze ao período Bizantino (Figura 25). Em 1990, em uma área próxima aos muros foi revelada um santuário (Terraço 9) do Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1310 a.C. - 1190 a.C.) e, em 1994, essas escavações indicaram a presença do já mencionado mégaron com diversas construções adjacentes e um sistema de abastecimento de água (Terraço 10) (WALBERG, 2007, prefácio).

Após cinco semanas de escavação em 1997, os anos posteriores de 1998 e 1999 foram destinados à “limpeza e conservação” (WALBERG, 2007, p. 2) do que foi encontrado nos Terraços 9 e 10, e à estabilização das muralhas e dos estratos encontrados. As peças foram catalogadas e estão disponíveis no Museu de Nauplion.

Por sua vez, Paul Åström e a equipe sueca exploraram a área da Porta Leste, considerada em 1987, a porta principal do sítio. As primeiras escavações se concentraram nos arredores da Porta Interna, onde foram encontrados vestígios de materiais cerâmicos, pinos de bronze, fusaiolas e ossos e camadas de destruição datados do Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1310 a.C. - 1190 a.C.) (ÅSTRÖM *et al.*, 1990, p. 9; DEMAKOPOULOU, 1995, p. 154).

Enquanto isso, a equipe grega, supervisionada inicialmente por Katie Demakopoulou, escavou essencialmente a área da Porta Oeste, o Complexo de Construções, o Terraço Sudoeste

e as Trincheiras A, Aa e B na área da Acrópole Alta (Figura 27).

As primeiras escavações revelaram um baluarte de proteção na área e um edifício na área interna, anteriormente considerado uma torre (ÅSTRÖM *et al.*, 1990, fig. 3), mas que passou a ser classificado como uma sala de guarda, em razão de fragmentos cerâmicos grandes como *pithoi* e ânforas, vasos para cozinhar, tigelas e cálices (DEMAKOPOULOU, 1995, p. 155). Além disso, encontraram figos carbonizados e azeitonas (DEMAKOPOULOU, 1995, p. 156), além de uma pedra de moer, indicando o tipo de atividade realizada junto à Porta Oeste.

Nas campanhas seguintes (1990 em diante) a equipe passou a escavar na área interna da acrópole, partindo de uma rua de 2m de largura que saía da Porta Oeste (DEMAKOPOULOU, 1995, p. 158). De modo adjacente às muralhas da Porta, encontraram diversos edifícios com vasos grandes (*pithoi*) e pedras para moer grãos.

Como visto acima, para Katie Demakopoulou, a área batizada de Complexo de Construções, seria um local com oficinas e de armazéns devido ao número de ferramentas, peças inacabadas e grãos e frutas carbonizados (DEMAKOPOULOU, 1995, p. 158 e p. 160). Na mesma área 7, selos dos sécs. XV-XIV a.C. foram localizados. Esses selos tinham finalidade administrativa e possuem representações de animais e motivos abstratos (DEMAKOPOULOU, 1995, p. 161).

Entre os anos de 1997 e 2006 a equipe grega coordenada por Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou passou a se concentrar na análise de vestígios do Terraço Sudoeste, identificando a área como de habitação e de oficinas. Nos anos seguintes a equipe grega passou a explorar Trincheiras na Acrópole Alta (2004-2006) e a Trincheira C na Acrópole Baixa (2007-2009), onde, posteriormente foi localizada uma poterna, que inicialmente foi interpretada como uma *syrinx*, uma construção subterrânea para dar acesso à água.

Na Acrópole Alta, a equipe encontrou vestígios que partiam do Heládico Antigo II (2650 a.C. – 2450 a.C.) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 7) que incluíam cerâmica e lâminas de obsidiana, sugerindo a presença de uma oficina de lascamento na área (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 13). A presença de vestígios mais antigos na superfície da Acrópole Alta indica que o local passou por um processo erosivo intenso.

Por sua vez, em 2006, na Trincheira C na Acrópole Baixa a equipe encontrou um edifício, *Room I*, do LH IIIC (cerca de 1190 a.C.), com um fogo central, diversos fragmentos de *pithoi* jarros, hídrias, vasos para cozinhar, tripodes, telhas, um pedaço de um vaso de chumbo, espadas, uma ponta de flecha em obsidiana e um fuso para fiação de esteatito. Esse edifício teria sido construído sobre os escombros gerados por um suposto terremoto no final do Heládico Recente IIIB2 (LH IIIB2) (1310 a. C. – 1190 a.C.) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008,

p. 19; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, p. 23; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 22).

Por sua vez, a equipe sueca inicialmente coordenada por Paul Åström e, posteriormente por Ann-Louise Schallin e Monica Nilsson, concentrou as escavações nas áreas próximas da Porta Leste na Acrópole Alta. Em 1987, Paul Åström coordenou escavações na Porta Interna, enquanto nos anos seguintes a equipe sueca passou a explorar a área do Complexo de Quartos na Acrópole Alta (1990-2009), a área interna e externa da Porta Leste e as Trincheiras nas proximidades dessa área (Trincheira 2, 11, 12, 13, 14, 9, E e F) (Figura 29) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 73-74).

A presença da equipe sueca foi intensificada a partir do ano de 2000, concentrando seus esforços na escavação e limpeza da Porta Leste e da área extramuros conectada a essa porta. Em 2006, a equipe sueca optou por remover a *Wall A* (Figura 29) datada do período pós-micênico para analisar camadas mais antigas (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 29). Essa parede fazia com que os pedestres fossem obrigados a caminhar para a direita, em direção à Acrópole Baixa.

Após a campanha de 2009, as escavações em Midea foram suspensas. Nos anos seguintes os materiais coletados foram catalogados, analisados e enviados para o Museu de Nauplion na Argólida. Infelizmente grande parte da cidadela não foi escavada, apenas a região próxima à Porta Leste, à Porta Oeste e aos terraços da Acrópole Baixa.

### 3.3 ESTUDOS TEMÁTICOS

Ao longo das escavações e após a campanha de 2009 diversos estudos temáticos foram publicados sobre os materiais de Midea. Os temas desses estudos podem ser resumidos em: conexões comerciais entre Cnossos e Midea por meio de objetos encontrados (DEMAKOPOULOU, 2004), a proveniência da argila utilizada na cerâmica do sítio (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2017), estudos paleobotânicos (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014), trabalhos sobre a produção têxtil (STRAND; NOSCH, 2008; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2015; SABATINI, 2016) e a análise do impacto de terremotos no sítio (HINZEN; FLEISCHER, 2017; HINZEN *et al.*, 2018; HINOJOSA-PRIETO, 2020). A seguir exploraremos alguns desses temas, buscando discutir as principais conclusões desses estudos.

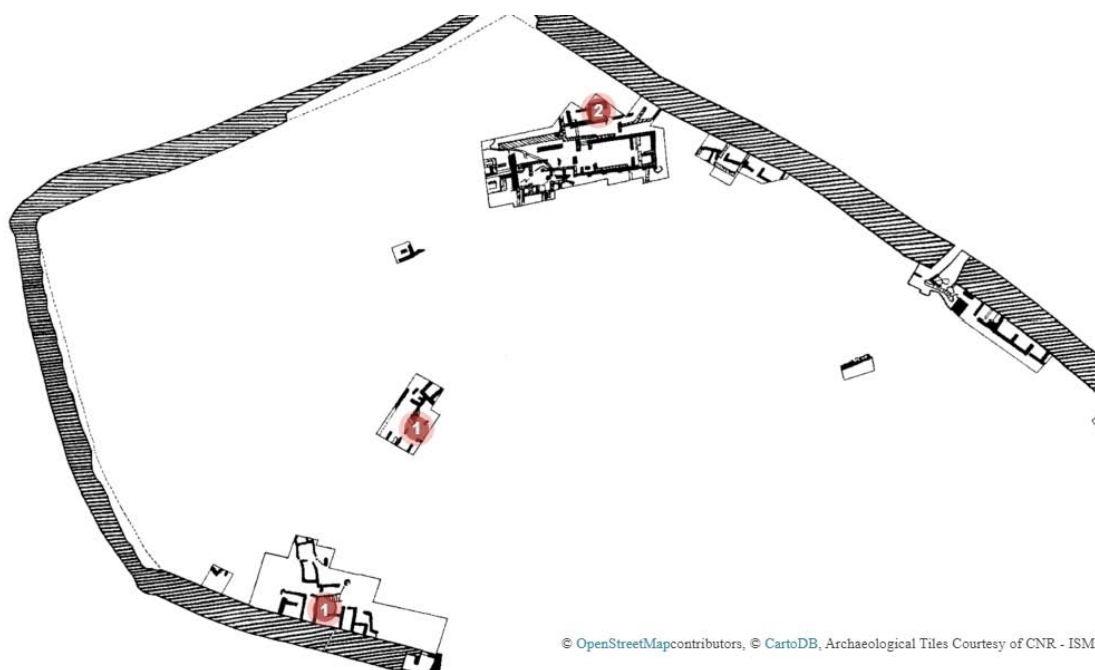
#### 3.3.1 Selos e impressões de selos

As impressões de selos (*sealings*) consistem em pedaços de argila com marcas de selo, que podem ser utilizadas para lacrar o conteúdo de um vaso, ou, quando em formato de nódulo

perfurado, podem servir de “etiqueta” para nomear o conteúdo, registrar itens em um arquivo ou documentar transações comerciais (KRZYSZKOWSKA, 2005, p.2). Em especial, os selos perfurados com uma corda e com inscrições, possuíam a função de documentar e nomear determinados itens relacionados com aspectos administrativos<sup>117</sup>.

Em Midea foram localizadas quatro impressões de selos com inscrições (Wv 1; Wv 3; Wv 5; Wv 6) (Figura 42)<sup>118</sup>. Para essa análise utilizamos os bancos de dados *LiBER*<sup>119</sup> para inscrições em Linear B e para as impressões de selos o banco de dados *Arachne* do Instituto Arqueológico Alemão (DAI)<sup>120</sup>.

Figura 41 – Planta de Midea com a localização das impressões de selos



Fonte: LiBER (2021)<sup>121</sup>.

As impressões de selo Wv 1 e Wv 5 foram encontradas no *Room VII* próximo ao mégaron. A inscrição Wv 1 possui o ideograma OLE escrito sobre um selo com bovídeos (CMS-VS3-238) (Figura 41) e no verso o texto “ro-zo”, enquanto a inscrição Wv 5 possuía o ideograma OLE sobre um selo de uma vaca e seu filhote com uma palmeira na diagonal (CMS-

<sup>117</sup> MARAZZI, M. L'uso delle cretule nel mondo miceneo. In: DEL-FREO, M.; PERNA, M. (Eds.). **Manuale di epigrafia micenea**, Padova, 2016, p.601. Para o autor esses selos estão associados com o controle de bens e matéria-prima para bens manufaturados.

<sup>118</sup> Conteúdo detalhado das impressões de selo estão no ANEXO II.

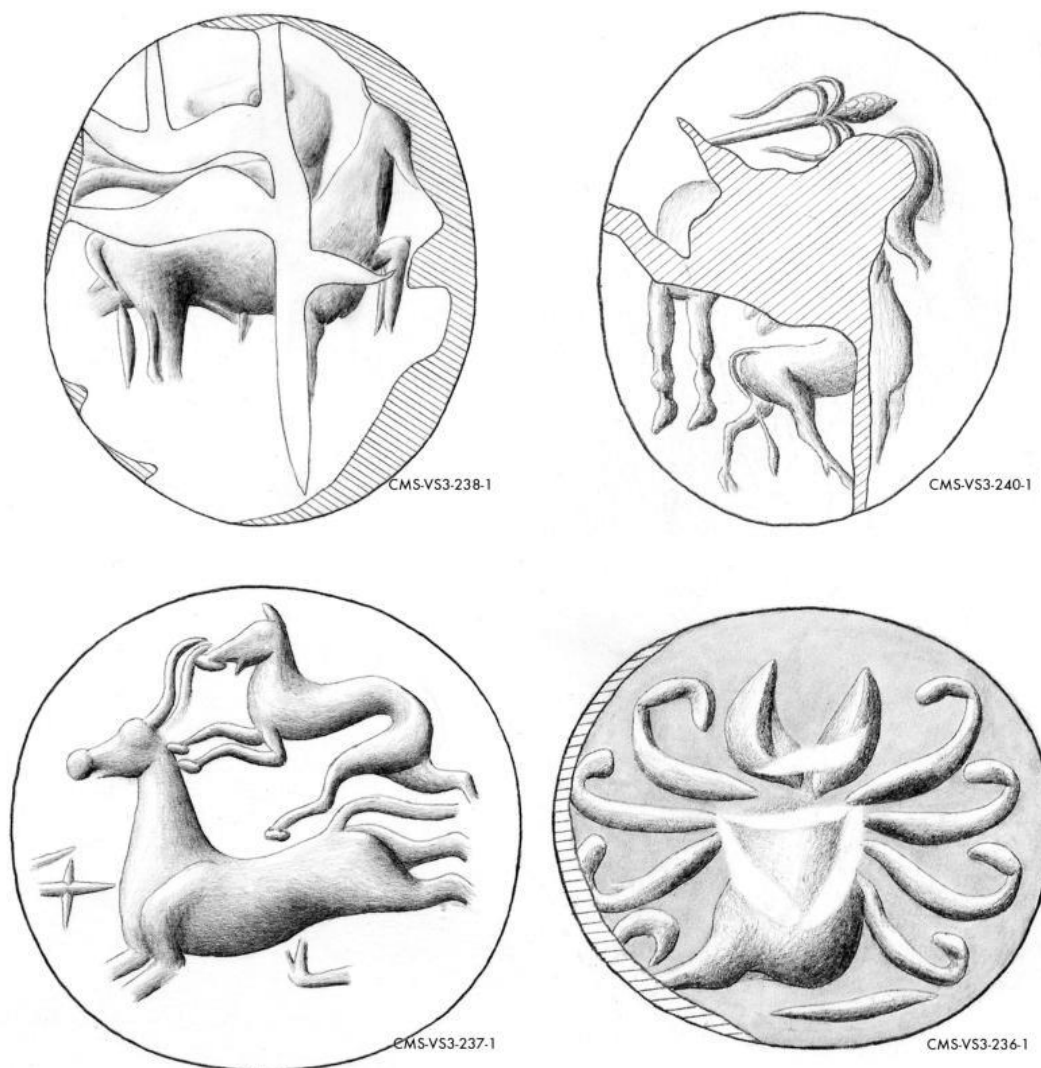
<sup>119</sup> **LiBER | Database**. 2021. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/list.pl?choice=all>. Acesso em: 1 abr. 2021. Os dados de selos com impressões foram obtidos no banco de dados LiBER financiado pelo National Research Council's Institute for the Study of the Ancient Mediterranean (CNR-ISMA).

<sup>120</sup> **Arachne**. 2011. Disponível em: <https://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/196>. Acesso em: 1 abr. 2021.

<sup>121</sup> **LiBER | Map**. 2013. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/geo.pl>. Acesso em: 1 abr. 2021. Mapa gerado pelo Banco de dados LiBER.

VS3-240) e no verso a inscrição “pa-zo-jo” (WALBERG, 2007, p. 308), indicando que ambas as impressões de selo se referiam à presença de recipientes com óleo<sup>122</sup>. No mesmo espaço foi encontrado também uma outra impressão de selo com um bode (CMS-VS3-239), indicando que a área poderia ser de armazenamento de itens administrados pelo palácio.

Figura 42 – Impressões de selos encontrados em Mídea



Fonte: Arachne (2021)<sup>123</sup>.

Por sua vez, a impressão Wv 6 foi encontrada na colina nas Construções do Terraço Sudoeste entre os *Rooms* I-IV, locais de oficinas e de habitação (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22). Na impressão de selo de um leão atacando um touro, há a seguinte inscrição (Wv 6) “contribuição de Aioniso para o mégaron”<sup>124</sup>, indicando alguma forma de taxaço em bens, que

<sup>122</sup> VENTRIS, M.; CHADWICK, J. **Documents in Mycenaean Greek**, London: Cambridge University Press 1956, p. 389. Há um termo similar que designa “a-re-pa-zo-o” caldeira de unguento, ou óleo perfumado.

<sup>123</sup> **Arachne**. 2011. Disponível em: <https://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/196>. Acesso em: 1 abr. 2021.

<sup>124</sup> DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012, p.22. Em Linear B: “o-pa / me-ka-ro-de / a<sub>3</sub>-so-ni-jo” (Anexo II).

possivelmente serviriam de matéria-prima para a oficina. Por fim, a impressão Wv 3 (CMS-VS3-236) encontrada em locais de armazenamento próximos à Porta Oeste (*Room VIb*), foi marcada com um selo com uma imagem de aranha e um ideograma GRA, que designa grãos de trigo ou cevada.

### 3.3.2 Análise cerâmica

Katie Demakopoulou (2004), considera que diversos materiais encontrados na Porta Oeste consistem em importações de Creta, como, por exemplo, um selo de faiança datado do Heládico Médio II-III (1900 a.C. –1700 a.C.), um selo cilíndrico com a representação de um minotauro e um golfinho, uma impressão de selo com uma aranha (Figura 33) mencionado anteriormente e um ríton em ametista na forma de concha de triton (DEMAKOPOULOU, 2004, p. 405 e 408). Além disso, o uso de motivos marinhos e de polvos em vasos seria um exemplo de produtos ou da imitação de técnicas provenientes da ilha (DEMAKOPOULOU, 2004, p. 407-408).

Em 2017 foi realizada uma análise química por meio da *Neutron Activation Analysis* (NAA) de 61 amostras de cerâmica do Heládico Médio e do Heládico Recente (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2017, p. 7). O projeto “*Archaeological Investigations of Bronze Age Pottery of the Aegean*” financiado pelo governo federal da Alemanha revelou que grande parte do material de Midea é proveniente da região da Argólida (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2017, p. 24).

Do total de 61 amostras, 41 seriam da Argólida e do Nordeste do Peloponeso, sendo 26 delas da região de Micenas-Berbati e 15 de Tirinto, enquanto o restante de 20 amostras faria parte de um dos subgrupos de material “não-Argivo”, “sem local” e “único”. O material “não-Argivo” consistiria em 4 fragmentos sendo um deles de Chios ou Creta. O subgrupo “sem local”, consistiria em 3 fragmentos de vasos do Heládico Médio e um do Heládico Recente e na categoria “único”, encontram-se 12 amostras de cerâmica que “não tiveram uma segura proveniência” (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2017, p. 24).

Nessa última categoria os autores argumentam que dois vasos viriam de Creta, dentre eles a jarra com a alça em estribo com a inscrição “wi-na-jo” (Figura 34) e um vaso com motivos marinhos (DEMAKOPOULOU, 2004). Assim, a maior parte da cerâmica seria uma produção do Peloponeso salvo algumas exceções que seriam de Creta.

### 3.3.3 Têxteis

Outro ponto analisado após as escavações foi a produção têxtil no sítio. Embora



tenhamos pouco material têxtil preservado, o número corrente de referências de produção em selos, em tabletes de Linear B e em ferramentas de produção têxtil, indicam que essa atividade era importante para as redes comerciais micênicas e exerciam um “papel competitivo na exibição de poder político” (SABATINI, 2016, p. 2017).

Em Midea há uma certa divergência quanto ao número total de ferramentas da atividade têxtil encontradas durante as escavações entre 2000 e 2009. No trabalho de Strand e Nosch (2008, p. 1) são mencionados 213 materiais catalogados, datados do Heládico Recente IIIB2, enquanto em trabalho posterior (DEMAKOPOULOU, *et al.*, 2015, p. 247), são atestadas 191 ferramentas têxteis de acordo com o Banco de Dados TTTC. Desses 191 materiais, há 166 fusaiolas (*spindle whorls*), 1 peso de tear, 3 agulhas de bronze, 13 batedores de alfinetes (*pin beaters*), 7 fusos (*spindle*) e 1 dente de pente de lã (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2015, p. 247). A maioria das fusaiolas encontradas é de pedra (140), no caso de esteatito, e um pequeno número é de argila (n = 23) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2015, p. 248).

É importante estabelecermos uma diferença entre as fusaiolas (*spindle whorls*) e os fusos (*spindle*). As fusaiolas consistem em peças cônicas, bicônicas ou esféricas em cerâmica ou pedra com um furo no centro, por onde passa um fuso, uma peça alongada e fina, geralmente em material perecível como madeira. Em razão do material com o qual são feitos, costumamos encontrar muitas fusaiolas e poucos fusos, esses últimos, geralmente encontrados em osso, marfim, bronze ou outro material não perecível (SABATINI, 2016, p. 219). O peso, dimensões e formato influenciam na espessura do fio criado por meio das fusaiolas e fusos (SABATINI, 2016, p. 222).

De acordo com Strand e Nosch (2008, p. 3) 48 fusaiolas do Heládico Recente IIIB2 (LH IIIB2) (1240 a.C. – 1190 a.C.) encontrados próximos à Porta Oeste são de locais com oficinas e armazéns<sup>125</sup>. Desse total de 48 fusaiolas, 25 foram encontrados no *Room VI* (a e b), 15 no *Room VII* e 8 no *Room VIII* (b) (Figura 32), indicando um núcleo de fiação na zona abaixo da Porta Oeste (STRAND; NOSCH, 2008, p. 3).

No *Room VI* foram encontrados fusaiolas com peso menor que 13g, indicando a produção de fios finos, no *Room VII*, elas possuíam em torno de 20g, para produzir fios mais grossos, enquanto no *Room VIII*, que possuía vários vasos, ferramentas de polimento em pedra e uma agulha de bronze, elas possuíam peso menor que 14g para a produção de fios finos (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2015, p. 250-251). Além desses três edifícios, há ainda mais 11

---

<sup>125</sup> DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Textile tools from Midea, mainland Greece. In: STRAND, E.; NOSCH, M. (Eds.) **Tools, Textiles and Contexts**. Oxford: Oxbow, 2015, p.248. Nesses locais foram encontrados grandes vasos como pithoi, ânforas, hídrias, ferramentas e matéria-prima para oficinas.

nas proximidades onde foram encontradas ferramentas têxteis (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2015, p. 247).

Por sua vez, na Porta Leste do sítio, escavada pela equipe sueca, Serena Sabatini (2016, p. 218) fez uma análise de vários materiais não publicados incluindo fusos e implementos têxteis, para compreender a produção nesta parte do sítio. A autora classifica os materiais encontrados em “ferramentas relacionadas com fiação”, “ferramentas relacionadas a tecelagem” e “ferramentas de propósito múltiplo” (SABATINI, 2016, p. 218).

Das ferramentas de fiação foram encontradas 34 fusaiolas, sendo 24 em pedra (esteatito ou serpentina) e 10 em terracota ou cerâmica (SABATINI, 2016, p. 220). Nesta área, 23 fusaiolas pesam menos de 15g, indicando, que assim como os edifícios da Porta Oeste, essas oficinas produzem predominantemente fios finos (SABATINI, 2016, p. 223).

Embora, vestígios sobre a fiação foram abundantemente encontrados nos edifícios ao longo das muralhas, ferramentas de tecelagem foram encontradas em menor número. As ferramentas de tecelagem consistem em pesos de tear (*loom weights*) que são amarrados aos fios para mantê-los esticados<sup>126</sup> e batedores de alfinetes. Nos edifícios da Porta Leste foram encontrados apenas 1 peso de tear em cerâmica de 100g (SABATINI, 2016, p. 223) mencionado anteriormente, e prováveis três batedores de alfinete (*pin beaters*) em osso.

Por fim, dentre as ferramentas de propósito múltiplo, como cortar fios e tecido e “adicionar ornamentos em vestuários e tecidos” (SABATINI, 2016, p. 223), foram encontrados dois fragmentos de lâminas ou facas de bronze, 3 cinzéis ou ferramentas de perfuração e 4 agulhas de bronze (SABATINI, 2016, p. 223-224).

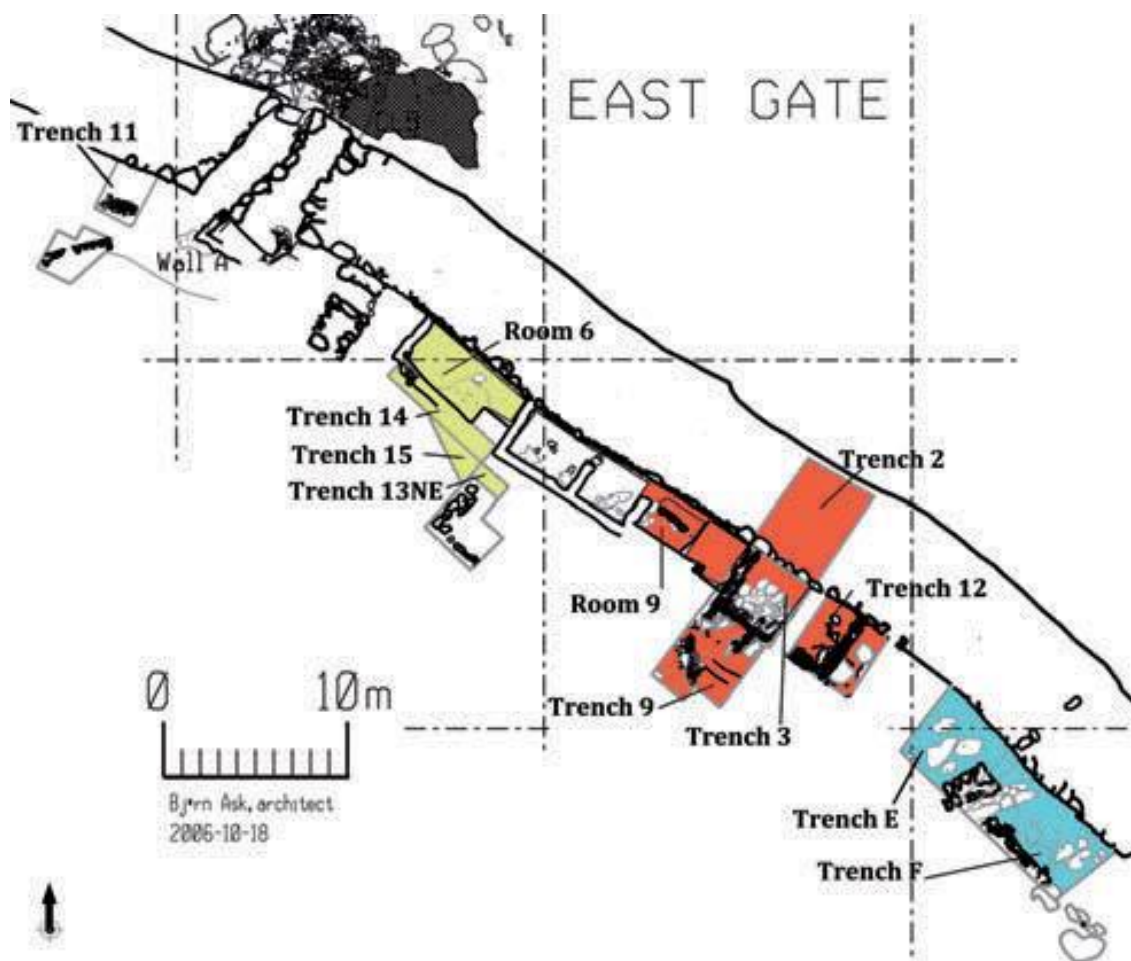
A análise revelou que a produção têxtil em Midea, abrange a produção de fios grossos e finos (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2015, p. 248), mas a grande presença de fusaiolas leves (abaixo de 15g) e pequenas, seria um indicador de uma produção concentrada em fios finos (STRAND; NOSCH, 2008, p. 3), o que demandaria matéria-prima de qualidade e artesãos especializados. Contudo, foi encontrado apenas um peso de tear na Porta Leste (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2015, p. 248), o que dificulta a determinação do local onde a tecelagem ocorria. As análises indicam que essa atividade poderia ser realizada em um local ainda não identificado, ou os artesãos poderiam utilizar outros materiais perecíveis para tear, como, por exemplo, os batedores de alfinete (*pin beaters*) (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2015, p. 252).

---

<sup>126</sup> SABATINI, S. Textile tools from the East Gate at Mycenaean Midea, Argolis, Greece. **Opuscula**, v. 9, p. 217-247, 2016, p.223. Quanto maior o peso, maior a tensão sobre o fio, o que implica no tipo de tecido criado posteriormente.

Quanto à distribuição dos materiais encontrados em edifícios adjacentes à Porta Leste, Serena Sabatini (2016) defende a existência de três áreas distintas (Figura 43). A primeira delas compreenderia o *Room 6* e as trincheiras 14, 15 e 13NE, onde foram encontrados um peso de tear, 2 fusos e 4 fusaiolas, *pithoi*, fragmentos cerâmicos, uma ferramenta de pedra e uma pequena placa de ouro decorada com a representação de dois argonautas (espécie de molusco), indicando um local que servia para tecelagem e armazenamento (SABATINI, 2016, p. 225).

Figura 43 – Três áreas de fiação e tecelagem próximos da Porta Leste



Legenda: A autora divide o Complexo de Quartos em três áreas de concentração de implementos têxteis: área A (amarelo), B (vermelho) e C (azul).  
Fonte: Sabatini (2016, p.225).

A segunda área compreende o *Room 9* e trincheiras 9, 3, 2 e 12 (em vermelho). De acordo com a autora, essa área do *Room 9* e do edifício entre as Trincheiras 12 e 3, tinha a função de armazenar diversos itens (SABATINI, 2016, p. 227). Além disso, evidências de pisos em gesso indicam que esse complexo de construções tinha mais de um andar, sendo o térreo a área de armazenamento e produção (SABATINI, 2016, p. 228). Nesta área ainda não completamente escavada, foram encontrados 4 jarros com vasos com alça em estribo, ossos de

animais, figos e sementes carbonizadas, indicando o armazenamento de bens agrícolas e de outros produtos.

As ferramentas têxteis provêm do edifício entre as Trincheiras 3 e 12. Nele foram encontrados 21 fusaiolas, 4 fragmentos de cerâmica perfurados (para fiação), 1 batedor de alfinete, 1 possível fuso, contas de faiança, placas decorativas, além de 7 estatuetas femininas em terracota, sugerindo práticas tanto de fiação como de tecelagem nessa área (SABATINI, 2016, p. 226-227).

A terceira área de produção têxtil concentra-se entre as trincheiras E e F (em azul), que foram escavadas inicialmente na década de 1980 e possuem camadas sobrepostas, dificultando a identificação de edifícios (SABATINI, 2016, p. 227). Nesta área foram encontrados 3 fragmentos de estatuetas, um objeto de gesso, uma pedra redonda, 3 fusaiolas e 1 batedor de alfinete (SABATINI, 2016, p. 227).

As fusaiolas e fusos encontrados nessas três áreas compreendem materiais de 4g até 27g, sendo possível, assim, produzir fios de espessuras diversas (SABATINI, 2016, p. 228). É importante ressaltar que além da fiação e da tecelagem com o uso de batedores de alfinetes, esses edifícios realizavam outras funções devido à presença de ferramentas em bronze e de artesanato em ouro e marfim, assim como funções administrativas, evidenciadas pela presença de um selo cilíndrico (SABATINI, 2016, p. 228).

A autora alerta para os perigos de interpretações amplas sobre essas áreas, uma vez que não foram totalmente escavadas, nem o material foi completamente publicado, dificultando nossa interpretação sobre a funcionalidade dos edifícios (SABATINI, 2016, p. 229). Embora não seja possível determinar com precisão o local onde essas atividades ocorriam, os materiais sugerem que a produção de fios finos e de vestimentas ocorreria ao longo da Porta Leste. Isso deve-se ao número de possíveis adereços (contas, vidro e ossos) encontrados e que poderiam ser utilizados decorar a produção de vestimentas e tecidos (SABATINI, 2016, p. 229).

Analisando as outras áreas produtivas em Midea, a autora defende que neste sítio existiriam diversas unidades multifuncionais, que teriam atividades diversas além da produção têxtil (SABATINI, 2016, p. 229), neste sentido, o Complexo de Quartos na Porta Leste, as Construções do Terraço Sudoeste e o Complexo do mégaron teriam funções semelhantes, que englobam o armazenamento e processamento de alimentos e tintas (SABATINI, 2016, p. 229). Na área das construções do Terraço Sudoeste, no *Room II* e *Room IX* foram encontrados 14 fusaiolas.

Por sua vez, no Complexo do mégaron, foram encontrados diversos materiais inclusive implementos têxteis nas áreas do *Room VII*, *Room XVI* e nas proximidades do *Room XXVI*

(SABATINI, 2016, p. 229-230). No *Room VII*, foram encontradas 5 fusaiolas, três nódulos de argila, 4 pedras para moer grãos, três contas de vidro, um bracelete, uma folha de bronze, um anel de chumbo e um rebite de chumbo. Esses achados são interpretados como produtos de áreas de armazenamento e oficinas.

Na área do *Room XVI* próximo ao mégaron, foram encontrados *pithoi*, ossos, três contas e pedaços de ocre amarelo (SABATINI, 2016, p. 230), enquanto no *Room XXVI*, foram encontrados duas fusaiolas, uma lâmina, ocre vermelho e marfim. Os materiais sugerem que havia uma área de oficinas que produziam objetos de marfim e produziam tintas para diversas finalidades, possivelmente para tingir tecidos (SABATINI, 2016, p. 230).

Serena Sabatini nos recorda que esse caráter descentralizado da atividade têxtil e multifuncional dos edifícios presente em Midea possui paralelos com Tirinto e Tebas durante o Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1310 a.C. – 1190 a.C.) (SABATINI, 2016, p. 231), assim como a produção de fios e a tecelagem poderiam ocorrer no espaço intramuros ou na área extramuros, como no caso de Nichoria (SABATINI, 2016, p. 231). Além disso, a ausência de pesos de tear no LH IIIB em Midea, também ocorre em outros locais como em Micenas e Tirinto (SABATINI, 2016, p. 231), o que nos leva a crer que os artesãos utilizavam outros materiais para esticar os fios do tear além do peso feito de pedra ou cerâmica.

A presença da atividade têxtil para a produção de vestimentas e tecidos seria uma forma de consumo conspícuo, um bem de prestígio que circulava entre elites como marcadores sociais, por isso a importância do controle dessa produção por parte dos palácios.

### 3.3.4 Alimentação

Na campanha de 2009, foi instalado um dispositivo de flotação para a análise de material paleobotânico *in situ*, a fim de avaliar a produção agrícola e os hábitos de consumo. De 300 amostras coletadas ao longo de todas as campanhas de escavação, encontraram vestígios paleobotânicos nos Portas Leste e Oeste, em construções da Acrópole Baixa e na Trincheira C (poterna). Os vestígios foram organizados em “cereais (cevada, *bread/macaroni*, trigo e *einkorn*), frutas e nozes (azeitonas, figos, sabugueiros e uvas), e legumes (lentilhas, fava-comum, chícharo, ervilhaca amarga, grão-de-bico e ervilha)” (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 272).

Na região da Porta Leste os vestígios concentraram-se nas áreas multifuncionais das trincheiras 12, 9 e 3 (Figura 29). Na trincheira 12, camada 3 encontrou-se uma grande quantidade de legumes como “fava-comum, ervilha, ervilhaca amarga e lentilhas” (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 272), além de cevada, azeitonas

e figos. Enquanto, nas camadas 4 e 5 foram encontrados trigo, figos inteiros, grão-de-bico, ervilhaca amarga e chícharo. Na trincheira 9 foram encontrados figos inteiros e fragmentos de fava-comum, enquanto na trincheira 3, ossos de animais, conchas, cevada, figos, azeitonas, sementes queimadas, fava-comum, ervilhas e lentilhas (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 273).

No Complexo de Construções da Porta Oeste (Figura 32), utilizados para produção e armazenamento, foram encontrados vestígios arqueobotânicos, ferramentas e matérias-primas. No *Room XII*, próximo às construções adjacentes às muralhas, foram localizados centenas de figos inteiros carbonizados, considerado a maior achado arqueológico de figos da Grécia Antiga, além de ossos de animais, conchas e azeitonas nas áreas próximas (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 273).

Na Acrópole Baixa, na área da poterna, os vestígios paleobotânicos foram diversos. No *Room I* do Heládico Recente IIIC (LH IIIC) (1190 a.C. – 1060 a.C.) e em áreas da poterna do Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1310 a.C. – 1190 a.C.), a equipe arqueológica encontrou vestígios de cevada, *einkorn*, figos, sabugueiros, ervilhaca amarga, lentilhas, e pela primeira vez no sítio, ervas daninhas como o joio (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU, SCHALLIN, 2014, p. 274). Na entrada da poterna foram encontrados vestígios de cevada, *einkorn*, uvas e ervilhaca amarga.

Na Porta Leste há uma grande concentração de legumes (fava, chícharo e ervilhaca amarga), mais do que em sítios como Micenas e Tirinto, nos quais a produção essencial encontrada é a de cereais (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU, SCHALLIN, 2014, p. 274). Alguns legumes necessitam de clima mais úmido, como a fava-comum e outros sobrevivem em condições mais secas, como a ervilhaca amarga e chícharo (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 274). Em Midea há alimentos para humanos e animais, mas é mais recorrente a produção para humanos, sobretudo legumes e cereais armazenados e prontos para “cozimento e consumo” (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 274).

Nas áreas das Construções no Terraço Sudoeste a concentração preponderante é de frutos, no caso figos e azeitonas (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 275). Enquanto, na área da poterna, prepondera o armazenamento de cereais como a cevada, *einkorn*, trigo e um número limitado de amostras de legumes.

A presença de joio no *Room I* sugeriria um local de separação de sementes, de “processamento de colheita” e de preparação de alimentos (MARGARITIS; DEMAKOPOULOU; SCHALLIN, 2014, p. 275), indicando que havia uma especialização de

atividades de armazenamento e tratamento de cereais, frutas e legumes. Embora os estudos sejam preliminares, eles ajudaram na compreensão de vários aspectos da agricultura e dos hábitos de consumo no sítio.

### 3.3.5 Efeitos de terremotos na cidadela

Os estudos arqueosismológicos têm sido uma das principais vertentes interdisciplinares que procuram compreender o abandono de diversos palácios na Argólida entre 1200 a.C. e 1190 a.C. O *HERACLES project*, conduzido pelo *German Research Centre for Geosciences* em Potsdam, Alemanha, realizou estudos em Midea e Tirinto entre 2012 e 2013. Esses estudos avaliaram as estruturas das cidadelas, dados geosísmicos e as condições sismológicas na região por 9 meses com o uso de sismômetros alimentados por painéis solares (HINZEN; FLEISCHER, 2017, p. 1). Os dados sismológicos estão disponíveis de modo gratuito no site da instituição<sup>127</sup> e foram utilizados para gerar modelos de engenharia que avaliassem os impactos de terremotos no passado.

A partir dos dados, os pesquisadores interpretaram os indicadores sismológicos para avaliar a hipótese de que os terremotos teriam destruído Midea e Tirinto. Essa tese foi engendrada com base no deslocamento de blocos nas muralhas, esqueletos soterrados e cerâmica destruída (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1046). Contudo, a pesquisa revelou que a destruição e abandono dos sítios por via sismológica é pouco provável (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1046).

Essas teses foram elaboradas na década de 1980 e 1990, sem a realização de análises quantitativas. Nesses estudos iniciais de Papanastassiou, Maroukian e Gaki-Papanastassiou (1993) os arqueólogos indicavam que “Tirinto teria sido atingida por 4 terremotos (1330 a.C., 1250 a.C., 1190 a.C. e 1150 a.C.), Micenas por dois (1250 a.C. e 1190 a.C.) e Midea por um (1190 a.C.)”<sup>128</sup>. No caso de Tirinto, devido à sua proximidade com o litoral, os autores argumentam que a área da Cidade Baixa, fora das muralhas, teria sido atingida por uma série de inundações no século XIII a.C., o que motivou a construção da represa próxima ao sítio (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1050).

Para averiguar a hipótese, foram utilizados *scanners* 3D a laser para avaliar os danos

---

<sup>127</sup> ARGOLIS, Greece, **Site Effect Study for the HERACLES Project** (Nov. 2012 - Jun. 2013) - Seismic Data - Datasets. 2012. Disponível em: <https://dataservices.gfz-potsdam.de/gipp/showshort.php?id=escidoc:2653890>. Acesso em: 9 abr. 2021.

<sup>128</sup> HINZEN, K.-G. *et al.* Reassessing the Mycenaean Earthquake Hypothesis: Results of the HERACLES Project from Tiryns and Midea, Greece. **Bulletin of the Seismological Society of America**, v. 108, n. 3a, p. 1046-1070, 2018, p. 1047. Tradução nossa.

nas estruturas e o uso de retrofotografias, para comparar os muros restaurados contemporâneos com os que foram localizados nas primeiras escavações (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1047). De acordo com os membros do projeto, as características sismológicas da bacia da Argólida, assim como a bacia do Peloponeso, da qual a primeira faz parte, possuem uma atividade menor do que as áreas no seu entorno, embora sejam afetados por terremotos da crosta (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1051). Além disso, a atividade sismológica do passado é similar ao do período contemporâneo, pois as características dessa bacia não se alteraram desde o Plioceno (5-2 milhões de anos AP) (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1051).

Em Midea, Åström (1996), argumentou que um terremoto distorceu as muralhas, as paredes das construções e teria gerado o colapso dos muros sobre pessoas que foram soterradas<sup>129</sup>. Contudo, na Porta Oeste os blocos colapsados da muralha estão acima da camada com vestígios de incêndio. Ou seja, neste caso, o incêndio ocorreu antes do possível efeito sísmico, a não ser que os blocos se tenham mantidos intactos durante o terremoto e caíram após o incêndio, o que é pouco provável (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1056).

A partir da análise dos muros e paredes de construções originais em Midea o projeto concluiu que os danos nelas podem ser explicados por outros elementos além do sismológico, como intemperismos e bioperturbação (árvores e ação de animais) (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1058). Em Midea os muros na parte leste se abrem na forma de um V (Figura 44), indicando um processo de erosão gradual e bioperturbação por meio do crescimento de raízes e árvores.

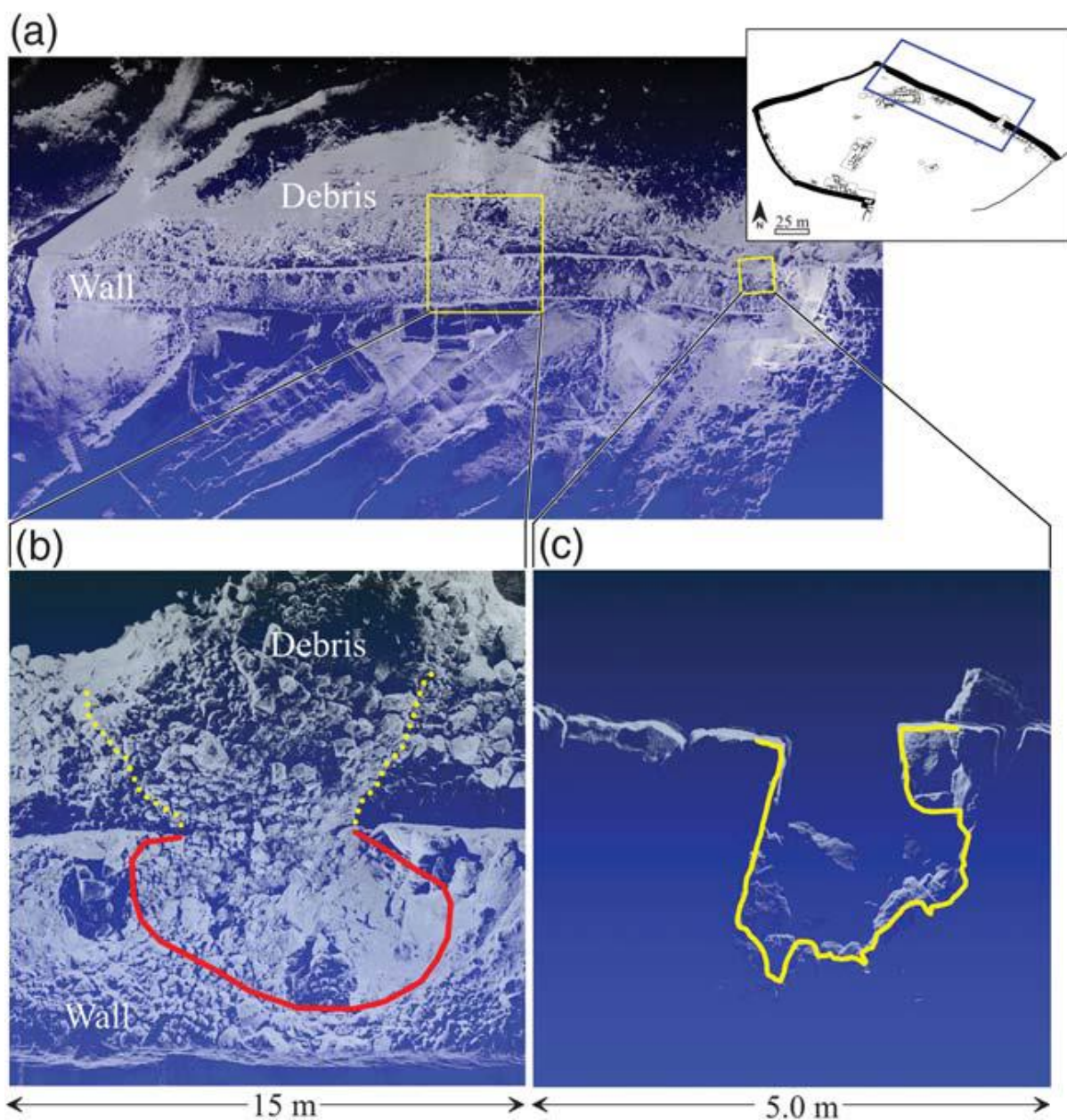
Os blocos em Midea são unidos por camadas de argila, que gradualmente foram dissolvidas pela ação do intemperismo físico e químico. Assim, os vestígios apontam para uma destruição lenta das muralhas, ao invés de uma súbita ocasionada por terremotos. Além disso, vale mencionar que o *scanner* (Figura 44) revelou estruturas que possuem a mesma orientação que o mégaron e estão próximas à área de culto, indicando que há uma série de estruturas adjacentes ainda não reveladas.

Além disso, a equipe criou um modelo de mobilidade da terra para simular 27 cenários de terremotos por meio da “função de Green”, que utiliza o teorema elástico-dinâmico. O objetivo era de avaliar os tipos de movimentos da terra nessas simulações e os possíveis danos nos sítios mencionados (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1061). O modelo revelou que a acrópole de Tirinto teria um chão “menos móvel” do que no caso de Midea para eventos sísmicos de dimensão semelhante (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1061).

---

<sup>129</sup> *Ibid.*, p.1056 e p.1058. A retrofotografia compara fotografias de estruturas antes e depois de processos de restauração ou intervenção arqueológica. Assim, os pesquisadores conseguem determinar aquilo que foi alterado e avaliar os efeitos de terremotos considerando trechos das paredes originais.



Figura 44 – Resultado do *scanner* na área da Porta Leste

Fonte: Hinzen *et al.* (2018, p.1062).

Outro ponto de argumento para a tese de destruição por terremoto eram os remanescentes humanos não sepultados. Os autores indicam que no caso de Tirinto a *causa mortis* dos indivíduos não sepultados foi devido doenças como meningite, e não em razão de um soterramento, contudo, em Midea não há estudos publicados sobre o tema (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1064).

Para mensurar a hipótese de destruição por terremotos o trabalho sugere uma matriz de plausibilidade que reúne as evidências encontradas pelo estudo para avaliar se “uma determinada causa é viável, questionável ou inviável” (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1065). Esse

método utiliza um índice de plausibilidade de uma causa que varia de 0 (improvável) à 1 (totalmente provável). Os dados obtidos por esse método indicaram que o índice de plausibilidade da destruição das cidadelas via terremoto é de 0,29, por uma sequência de terremotos é de 0,39, por bioperturbação e erosão natural é de 0,61 e por ação antropogênica é de 0,43 (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1066).

Assim, os efeitos observados no sítio têm maior probabilidade de serem naturais (bioperturbação) e antrópicos do que sísmicos. Para os autores não há uma “evidência forte” de que apenas um terremoto tenha destruído os palácios no final do século XIII a.C. (HINZEN *et al.*, 2018, p. 1065).

Hector R. Hinojosa-Prieto (2020), membro do estudo anterior, publicou um artigo que discute as evidências encontradas em Tirinto e Midea à luz de modelos arqueosismológicos para interpretação de terremotos na região. Para ele, os terremotos atingiram mais severamente a área externa das muralhas do que o interior da cidadela. Contudo, mesmo considerando os impactos na área externa dos sítios, a hipótese de que um terremoto teria destruído e causado o abandono dos sítios é refutada pelo autor.

Esse artigo detalha as condições geológicas da bacia da Argólida e avalia os efeitos da mobilidade da terra em relação com a intensidade de terremotos em Midea e Tirinto (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 8). O autor critica a interpretação de que os terremotos teriam destruído as cidadelas, explicando que os territórios no entorno dos sítios em “planícies sedimentárias”, assim como construções vizinhas, não demonstram sinais de abalos sísmicos de grande magnitude (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 8). Se um evento desse tipo ocorresse, os danos nas cidades baixas seriam devastadores e reconhecidos nos vestígios arqueológicos. Para avaliar os danos de um terremoto é necessário investigar os aspectos locais que compõe o solo e a rocha mãe, uma vez que dependendo dessas condições, terremotos distantes e moderados podem ter efeitos graves no sítio (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 8).

Em estudos anteriores, foi sugerido que a falha geológica sob a qual as muralhas de Micenas foram construídas, teria sido responsável pelo evento destrutivo em 1190 a.C. (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 9). De acordo com estimativas essa falha seria capaz de gerar um terremoto de magnitude 5,5 (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 9). Com base nos dados e estimativas para a região, o autor criou um modelo matemático que colocou a falha de Micenas como o epicentro de um terremoto. Os efeitos desse terremoto foram avaliados de acordo com as características topográficas locais dos sítios e a elasticidade da subsuperfície, que é influenciada pela mobilidade da terra, a presença de montanhas, vales e declives (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 13).

O resultado da análise topográfica e geológica indicou que os micênicos evitavam construir cidadelas em encostas com declividades acima de 30° (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 16), e que a mobilidade da terra é menor no interior da área murada, construída sobre a rocha mãe, do que na área externa, que possui solos mais granulados<sup>130</sup>. Isso indica que um terremoto que afetasse a acrópole deveria conseqüentemente devastar os edifícios da área extramuros, o que não é atestado arqueologicamente até o momento.

A partir dos modelos gerados, Hinojosa-Prieto (2020, p.20) indica que não há evidências o suficiente para confirmar a destruição dos palácios devido a um terremoto em 1190 a.C. Ele argumenta que essa hipótese que leva em consideração o epicentro de um terremoto na falha de Micenas, é problemática, pois a falha não foi avaliada radiometricamente (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 21).

Outro ponto é que os modelos de movimentação do solo revelaram que um terremoto seria incapaz de colapsar as muralhas em Tirinto, embora em Midea isso seria possível (HINOJOSA-PRIETO, 2020, p. 22), pelo fato de que devido às características granulares de Midea a amplificação de um terremoto seria maior do que em Tirinto. Portanto, esses estudos nos ajudam a compreender que muitas evidências de destruição encontradas nos sítios são provavelmente obra de ações humanas e naturais, e não necessariamente, de eventos sísmicos.

---

<sup>130</sup> HINOJOSA-PRIETO, H. R. Estimation of the moment magnitude and local site effects of a postulated Late Bronze Age earthquake: Mycenaean citadels of Tiryns and Midea, Greece. **Annals of Geophysics**, v. 63, n. 3, 2020, p.18. Isso é mensurado pelo fator de amplificação sísmica. A área externa de Tirinto possui um fator entre 2-4,5, enquanto a de Midea está entre 2-3.

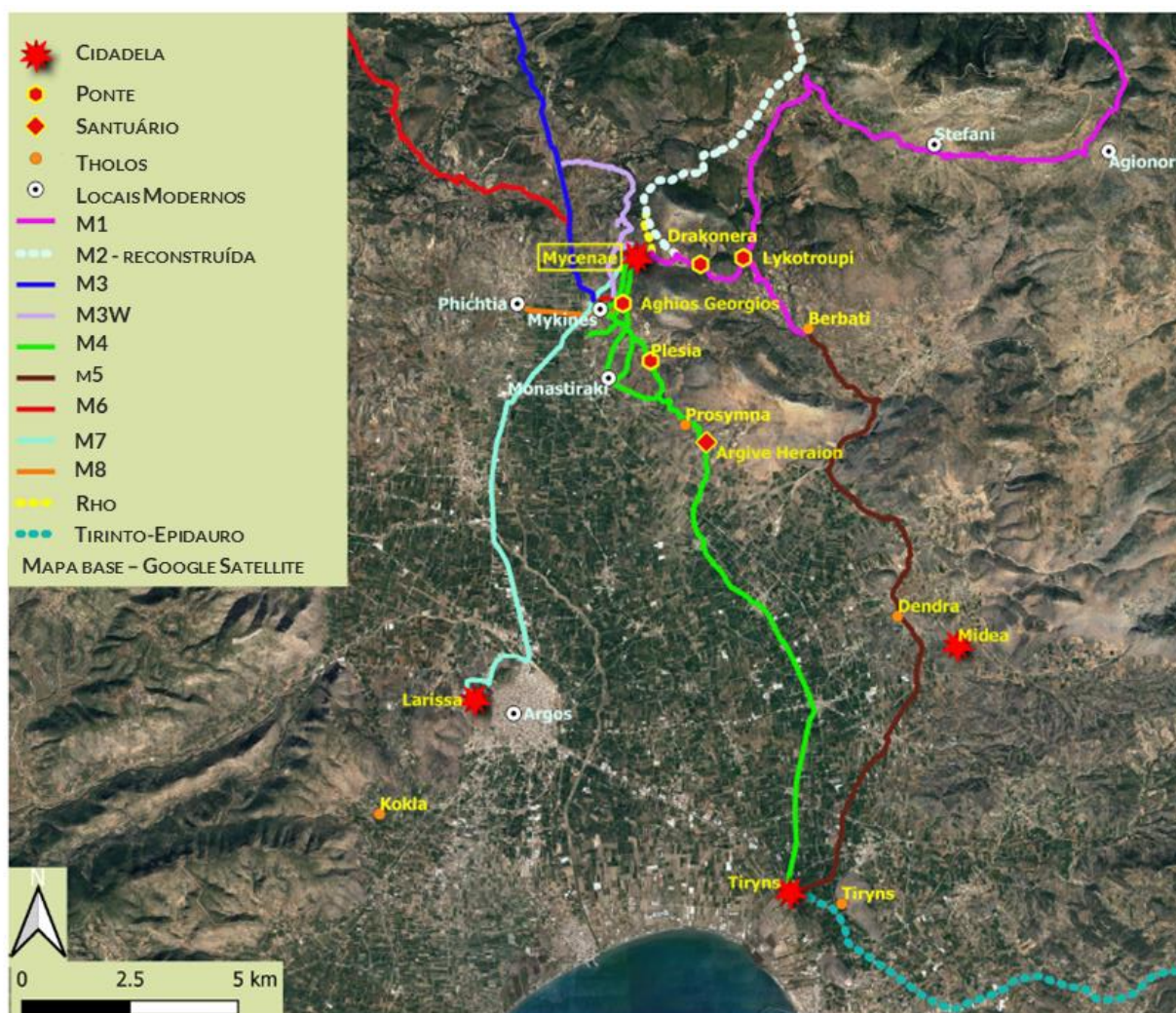
## CAPÍTULO 4: PAISAGEM DO PODER EM MIDEA

### 4.1 TRAJETOS

#### 4.1.1 Estradas e ruas micênicas

Midea localiza-se na planície da Argólida e próxima da zona litorânea. Suas quatro portas conectam-se com estradas e ruas na planície argiva (Figura 45). As estradas micênicas (*M-highways*) e as ruas (*m-roads*), menores e mais estreitas que as anteriores, eram utilizadas para: transportar matérias-primas (blocos de pedra e madeira), produtos artesanais e agrícolas, possibilitar a locomoção de carros de guerra e vigiar os caminhos que levavam aos sítios micênicos (BRYLSBAERT; VIKATOU; STÖGER, 2021, p. 38).

Figura 45 – Modelo de estradas na Argólida



Fonte: Adaptado de Brylsbaert, Vikatou e Stöger (2021, fig. 2).

A reconstrução das possíveis estradas e ruas na Argólida e Coríntia foi realizado com base em estudos topográficos e vestígios materiais por Jansen (1994), Hope Simpson e Hagel (2006), Lavery (1990; 1995) e o estudo do Caminho menos custoso entre dois pontos (*Least-*

*Cost-Paths*) (LCPs)<sup>131</sup> por Brysbaert, Vikatou e Stöger (2021, p. 43).

Lavery indica que 4 estradas principais sairiam de Micenas (M1, M2, M3 e M4), sendo que essas estradas se conectariam com outras (m5, M6, M7, M8 e Rho) (BRYLSBAERT, VIKATOU; STÖGER, 2021, p. 36). A maior parte das estradas se direciona ao Norte do Peloponeso (M1, M2, M3 e M6), enquanto as outras rumariam para o Berbati (M2, m5), Tirinto e o litoral (M4).

O sítio de Midea estaria conectado com a rua m5, assim, se um viajante se dirigisse ao Norte a partir de Midea chegaria em Berbati, enquanto se ele rumasse ao Sul chegaria na cidadela de Tirinto. Em razão de seu posicionamento no sítio, as portas de Midea poderiam se conectar mais facilmente com uma das rotas indicadas anteriormente.

É mais provável que a Porta Oeste e a poterna (*postern gate*) se direcionassem para a planície litorânea da Argólida em direção ao Sul na rua m5. Esse caminho levaria o viajante em direção à Porta principal de Tirinto, onde poderia pegar outras estradas e ir para Nauplion, Asine e Epidauro (HOPE SIMPSON, 2002, p. 132) (Figura 45). Não é por acaso que nos edifícios adjacentes a essas portas foram encontradas importações de Creta, no caso um jarro de estribo e um selo cilíndrico com a figuração de um minotaro (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 19).

Por sua vez, a Porta Leste poderia se conectar com a rota ao norte da rua m5, em direção ao Norte da Argólida, ao Istmo de Corinto (HOPE SIMPSON, 2002, p. 131) e aos sítios de Berbati, Micenas, Prosymnia, Nemeia, Zygouries e Korakou (JANSEN, 1994, p. 254).

Por fim, a Porta Norte, recentemente escavada, está voltada para Dendra. Sua posição seria ideal para se conectar com os dois sentidos da estrada m5, tanto em direção ao litoral, como em sentido ao interior da Argólida.

Sobre os traçados de ruas externas visíveis no sítio de Midea, temos apenas duas áreas disponíveis, um trecho de uma rua visível de 253,5m de comprimento e ~2,3m de largura que parte da Porta Leste em direção à cidade moderna de Midea (WALBERG, 2007, p. 70-71) (Figuras 46 e 47) e um pequeno trecho de 30m denominado Muro do Terraço (*Terrace Wall*) na Acrópole Baixa.

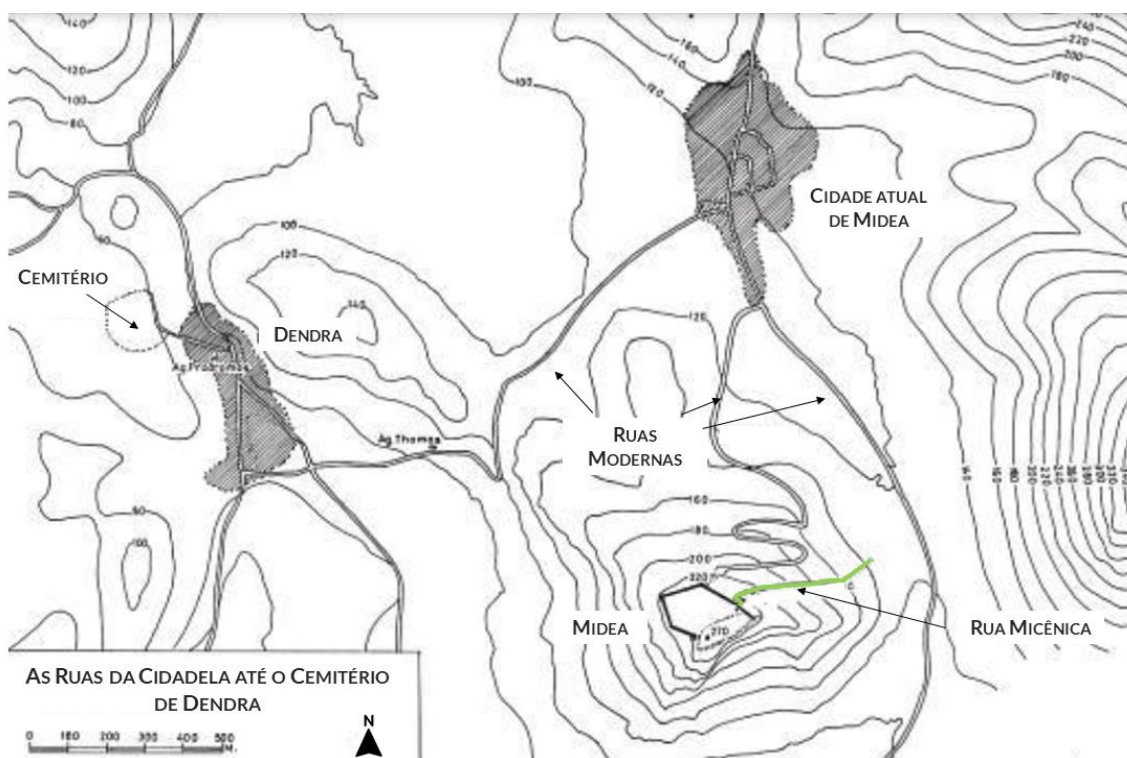
Diferentemente da rua contemporânea que segue em um padrão de “zigzag”, a rua

---

<sup>131</sup> BRYLSBAERT, A.; VIKATOU, I.; STÖGER, H. Highways and byways in Mycenaean Greece: human-environment interactions in dialogue. *Arctos: Acta Philologica Fennica*, v. 54, p. 33-94, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1887/3221175>. Acesso em 10 jan. 2021, p. 78. As autoras sustentam que os caminhos mais propícios gerados pelos modelos de LCP podem sugerir conexões e a trajetória de algumas estradas, mas eles ignoram a presença de elementos constitutivos da paisagem construída. Por exemplo, a estrada M4 sugere um caminho em linha reta entre Micenas e Tirinto, contudo, de acordo com as autoras “evidências arquitetônicas... sugerem o contrário”, pois a estrada passaria pelo Heraion de Argos, a ponte de Aghios Georgios e o *tholos* de Prosymna, argumentando que um caminho, mesmo que mais sinuoso, seria a rota principal por estar conectado com elementos simbólicos na paisagem.

micênica possui um trajeto linear em direção à cidade contemporânea de Midea, onde nas proximidades foi escavado um *tholos* (Figura 47). Essa rua provavelmente se conectava com a rua m5 em direção ao Heraion de Argos e Berbati (WALBERG, 2007, p. 71). Gisela Walberg acredita que essa rua micênica também estaria conectada ao cemitério de Dendra, mas a rua micênica que permite esse trajeto não foi localizada até o momento.

Figura 46 – Planta com a rua micênica e ruas contemporâneas em Midea.



Fonte: Adaptado de Walberg (2007, fig. 2).

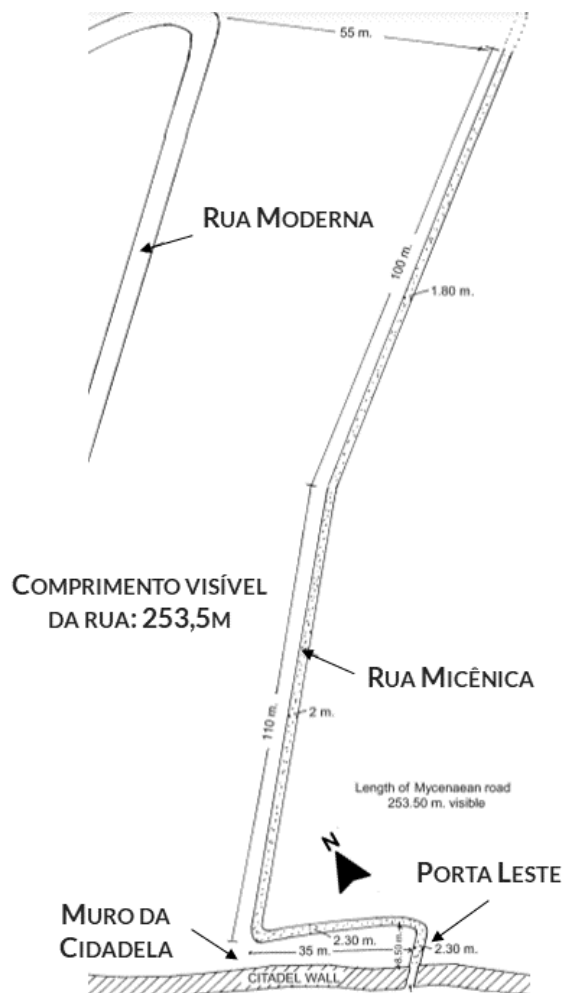
O Muro do Terraço está a 20-25m (Figura 51) ao norte da cidadela, próximo da Protusão Leste, e consiste em parede de retenção que sustentava uma rua que levaria até a Porta Leste. O comprimento escavado foi de 30m e os vestígios datam a construção do Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1300 a.C. – 1200 a.C.) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 22).

Os estudos sobre as estradas e ruas micênicas são fundamentais para entendermos aspectos da paisagem do poder na Argólida, sobretudo, a relação entre os assentamentos, os monumentos funerários, os santuários e os locais de extração das matérias-primas (jazidas minerais e pedreiras) necessárias para a construção dos sítios.

O modelo elaborado por Jansen e Lavery centraliza a origem das estradas em Micenas e não explora em detalhe as diferentes conexões e ruas entre outros sítios. Por exemplo, embora as estradas reconstruídas até o momento não indiquem, acreditamos que haveria uma rua que conectasse Midea e Dendra até Larissa (Argos), pois é impossível que um viajante que desejasse realizar essa rota fosse primeiro de Midea até Berbati e Micenas para depois seguir para Argos.

Assim, acreditamos que existiria uma série de ruas conectando essas estradas maiores, no caso uma rua que conectasse Midea e Larissa (Argos) cruzando as vias m5 M4 e M7 e outra estrada ou rua entre Tirinto e Larissa.

Figura 47 – Planta do trecho visível da rua micênica em Midea



Fonte: Adaptado de Walberg (2007, fig. 3).

#### 4.1.2 Portas de Midea

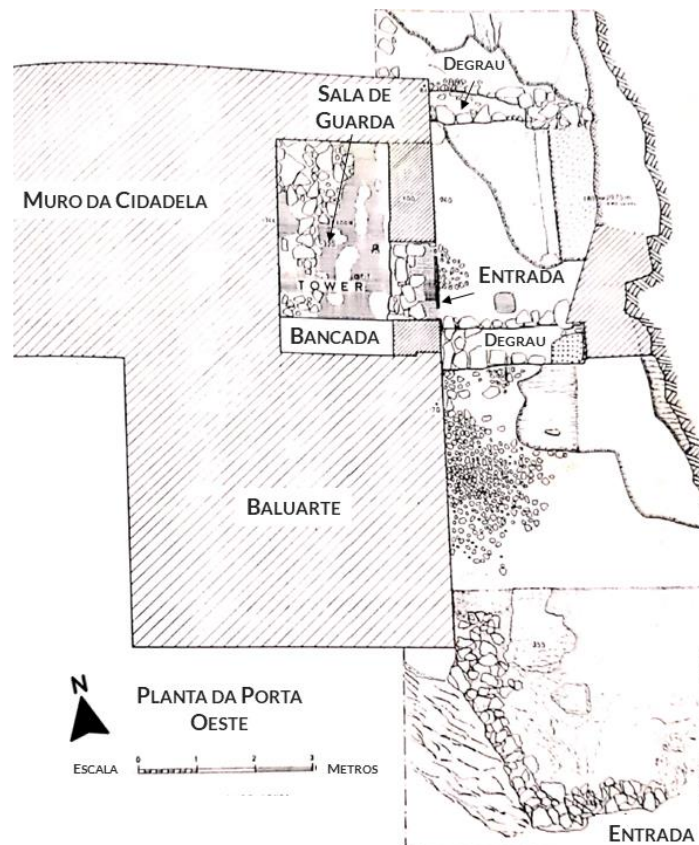
A Porta Oeste está em uma altitude de 247m, possui uma área de passagem<sup>132</sup> de cerca de  $\sim 30,6\text{m}^2$  e é formada por três partes: um baluarte quadrado de  $29\text{m}^2$ , uma via de acesso e uma sala de guarda (guarita) interna de  $16,7\text{m}^2$ , onde foram encontrados *pithoi* e ânforas, vasos para cozinhar, tigelas e um cálice, com vestígios de figos e azeitonas (DEMAKOPOULOU, 1995, p.155-156).

Há uma concentração de edifícios de armazenamento e produção no entorno dessa

<sup>132</sup> A área de passagem se refere ao espaço aberto dentro da porta. As medidas foram realizadas com a ferramenta de medição de polígonos no *Google Earth Pro*.

entrada, indicando que era uma via de acesso para matérias-primas vindas da planície argiva e produtos do litoral. Cabe ressaltar o aspecto protegido e imponente dessa porta, que se assemelha à entrada de Micenas, em razão do baluarte que protege o caminho da área externa à interna (Figura 48).

Figura 48 - Planta da Porta Oeste



Fonte: Adaptado de Åström *et al.* (1990, fig. 3).

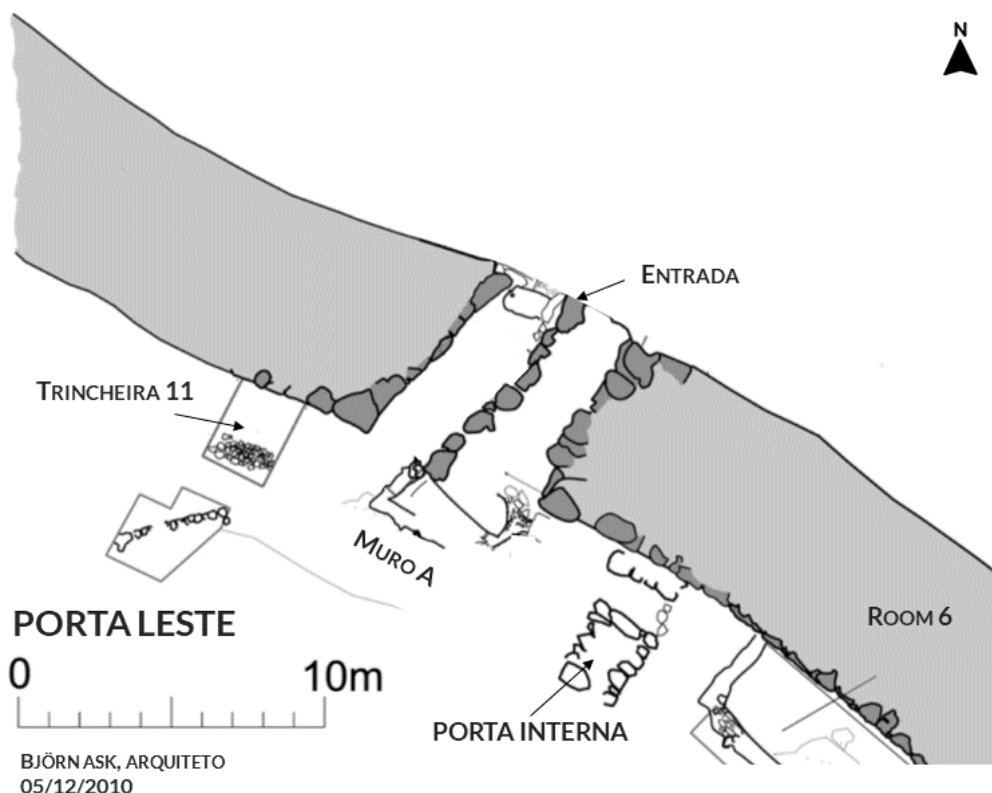
Por sua vez, a Porta Leste está em uma altitude de 254m, tem uma área de passagem de ~34m<sup>2</sup>, é precedida por uma rampa em L, e assim como na porta principal de Tirinto, possui um formato afunilado e, após a entrada, é seguida por uma Porta Interna que controla o acesso à Acrópole Alta. Persson acreditava que haveria uma torre interna nesta parte (PERSSON, 1942, p. 6) (Figura 49).

A Porta Leste, considerada a principal via de acesso à Acrópole Alta, é sucedida por uma série de edifícios retangulares para a fiação e armazenamento de produtos agrícolas (Complexo de Quartos) (Figura 49). Alex Persson, o primeiro arqueólogo que escavou a sítio, assim como a Dr.<sup>a</sup> Katie Demakopoulou, responsável pela coordenação da equipe grega nas escavações, acreditam que o palácio estaria após a Porta Interna na Acrópole Alta<sup>133</sup>.

<sup>133</sup> DEMAKOPOULOU, K. *The Mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministério de Cultura e Turismo, 2012,



Figura 49 – Planta da Porta Leste



Fonte: Adaptado de Schallin (2016, p. 169).

Além das portas monumentais mencionadas, há ainda a Porta Norte, localizada em uma altitude de 226m e com uma área de passagem de  $\sim 12\text{m}^2$ , garantindo o acesso à Acrópole Baixa. Por fim, a poterna, encontra-se a 223m de altura e consiste em uma passagem fortificada de 0,6m de largura e uma altura na entrada de  $1,4\text{m}^{134}$ , construída com a técnica do arco corbelado no interior dos muros, que possibilita o fluxo de pedestres e de pequenos animais entre a parte interna e externa do sítio (Figura 50).

Para mapearmos os discursos de poder formados ao longo de trajetos da área externa do sítio até a área do palácio enfrentamos o problema da incerteza quanto à localização do palácio. Ele poderia ser o Complexo do mégaron na Acrópole Baixa, ou poderia estar na Acrópole Alta em um terraço 50m a leste do ponto mais alto da acrópole (PERSSON, 1942, p.7).

Como o palácio na Acrópole Alta não foi encontrado fixamos o ponto de chegada dos trajetos no Complexo do mégaron, escavado por Gisela Walberg, na Acrópole Baixa. Embora a própria autora (2007, p.64) admita que em outros sítios, como Micenas e Tirinto, é comum a

p.12. Alex Persson e Katie Demakopoulou compartilham da visão de que o palácio estaria na cidadela alta.

<sup>134</sup> DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. **Opuscula**, v.3, 2010, p.12. A altura em relação ao nível do mar obtida pelo *Google Earth*.

existência de mais de um mégaron, indicando assim que a estrutura da Acrópole Baixa não é necessariamente o centro administrativo de Midea.

Figura 50 – Fotografias das portas de Midea

**Porta Oeste**



**Porta Leste**



**Porta Norte**



**Poterna (syrinx)**



Fonte: Mitos (2017)<sup>135</sup>.

O termo mégaron significa literalmente “grande sala”<sup>136</sup>, um edifício com quatro colunas em torno de um fogo central, geralmente precedido por um vestíbulo, um pórtico e um pátio. Por exemplo, em Micenas há pelo menos mais três mégarons além do palácio central, um deles na *Building K*, outro na *House of Idols* no centro de culto e outro na *House of Columns*

<sup>135</sup> MITOS, Y. **Vici.org - Archaeological Atlas of Antiquity: photographs from Midea**, 2017. Disponível em: <https://vici.org/search.php?terms=Midea&button=>. Acesso em: 23 maio. 2021. Fotografias retiradas por Yiannis Mitos em Midea no ano de 2017.

<sup>136</sup> LABECA. **Glossário**. 2021. Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. Acesso em: 23 maio. 2021.

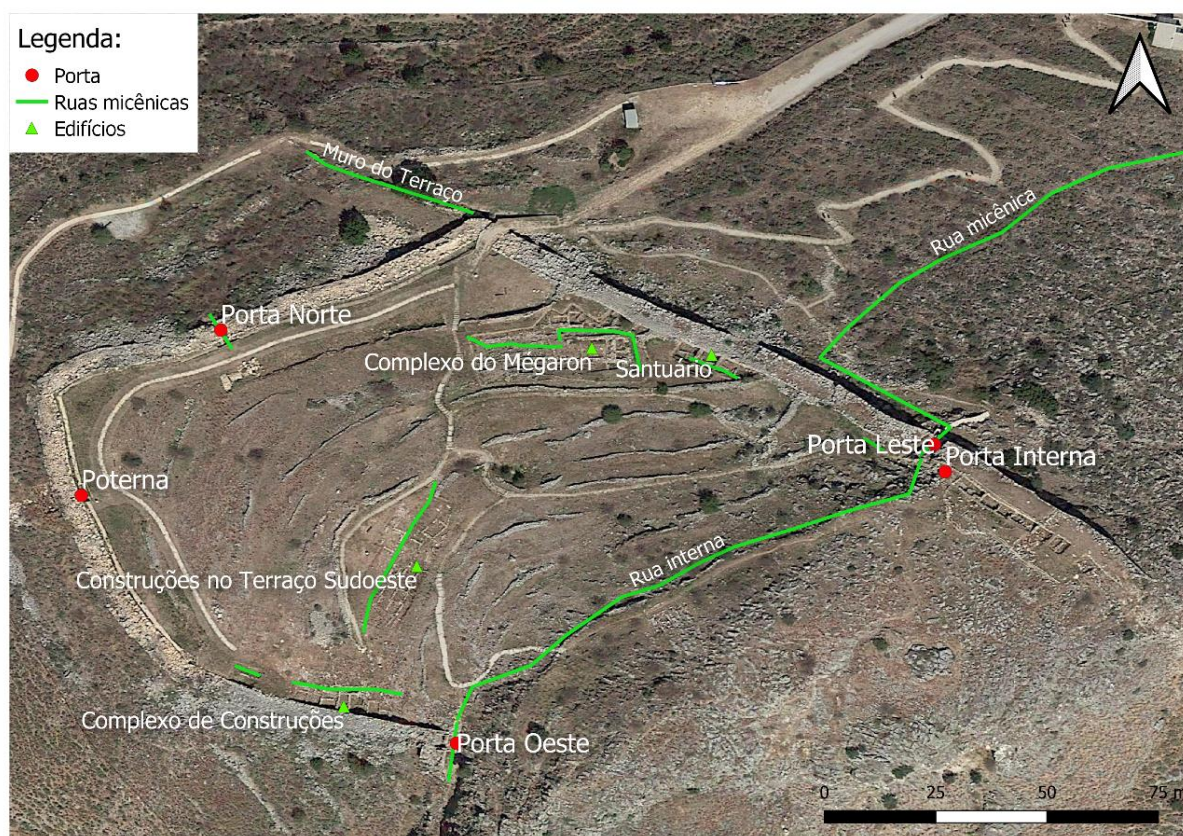
Mégaron é definido como uma “grande sala, sala principal a partir da qual se abrem outros cômodos em um palácio ou em uma casa”.

nas proximidades do palácio. Essa disposição arquitetônica é encontrada em templos do período, por essa razão, o Complexo do mégaron em Midea poderia ser o próprio palácio ou poderia ter outra função.

#### 4.1.3 Rotas para o mégaron

Neste trabalho elaboramos alguns modelos de trajetos no sítio de Midea com base em elementos topográficos e vestígios de ruas em áreas escavadas no sítio. Por isso, inicialmente montamos um mapa com os vestígios arqueológicos de ruas escavadas ou visíveis (Figura 51). Esse mapa indica que temos relativamente poucos elementos materiais para traçar as rotas dentro do circuito murado. Esses vestígios de ruas se concentram no Complexo de construções, nas Construções do Terraço Sudoeste, no Complexo do mégaron e no Santuário.

Figura 51 – Mapa com ruas escavadas ou visíveis



Legenda: Rua micênica na parte externa do sítio e a a rua interna e a não foram escavadas, mas estão visíveis no sítio (WALBERG, 2007, p. 71) e Katie Demakopoulou (2012, p. 18).

Fonte: Elaborado no QGIS (2022).

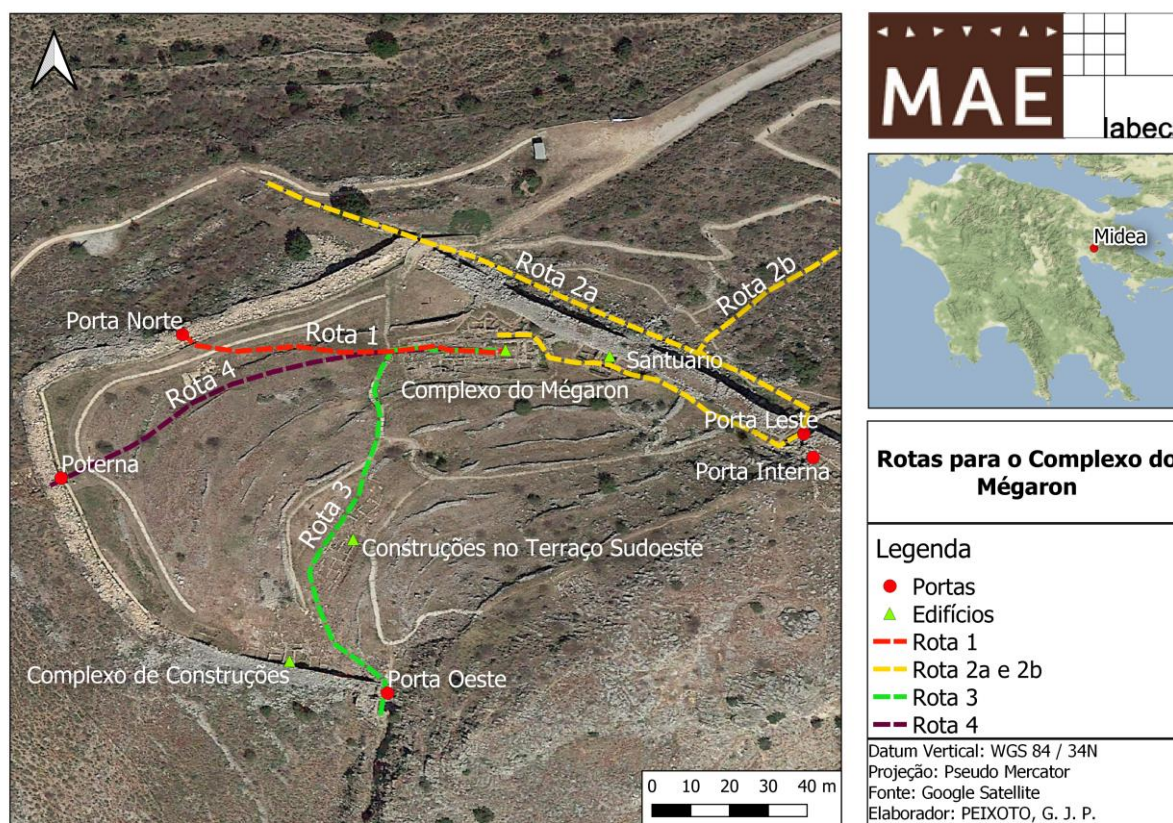
Tomando como pressuposto que o palácio estaria no Complexo do mégaron, com o auxílio do QGIS traçamos quatro rotas possíveis da área externa ao palácio (Figura 52). A Rota

1, consistiria no caminho mais curto (112,9m)<sup>137</sup> para o acesso ao Complexo do mégaron. O caminho se iniciaria na Porta Norte, passaria ao lado de vestígios micênicos (Trincheira G), e, em seguida, acessaria o mégaron pelo pátio.

A Rota 2 teria dois inícios possíveis, um deles no Muro do Terraço (*Terrace Wall*) (2a) e outro a partir da estrada micênica descrita por Gisela Walberg (Rota 2b). A partir da entrada na Porta Leste, o viajante passaria pelo santuário até chegar ao mégaron por meio de uma entrada na parte de trás do edifício (*Room IV*).

A Rota 3, partiria da Porta Oeste e seguiria pelas Construções no Terraço Sudoeste até chegar ao mégaron. Finalmente, a Rota 4 se iniciaria na poterna e ingressaria no Complexo do mégaron por meio do pátio.

Figura 52 – Rotas em direção ao Complexo do mégaron



Fonte: Elaborado no *QGIS* (2022).

#### 4.1.3.1 Análise da Rota 1

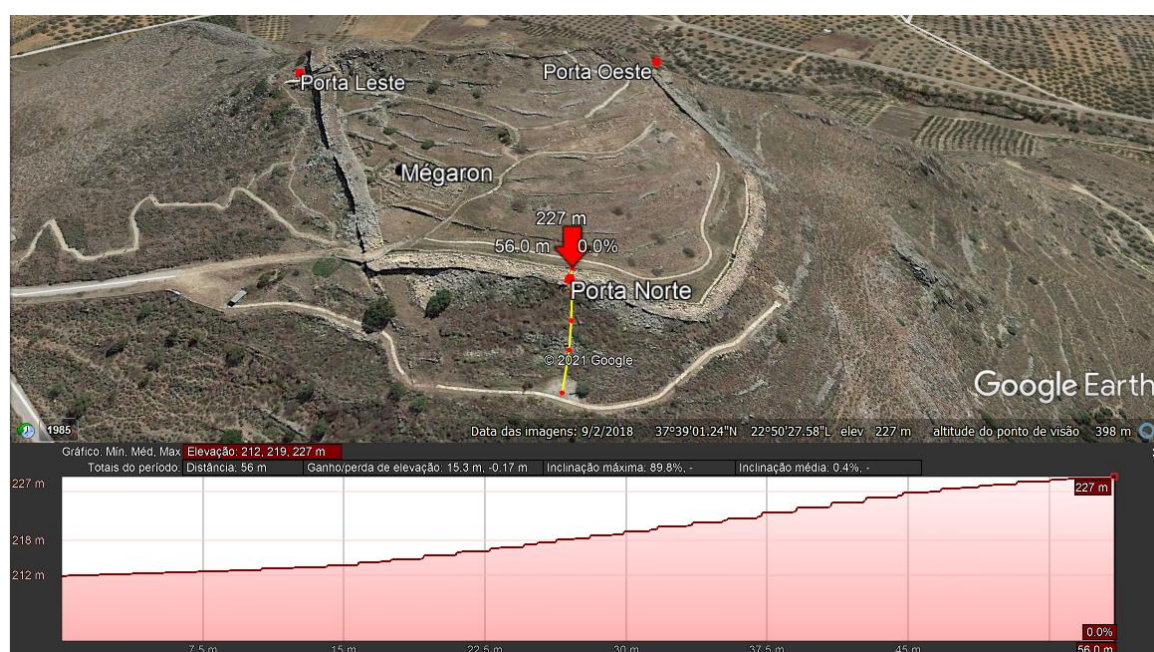
A Rota 1 compreende a entrada pela Porta Norte do sítio até o mégaron Acrópole Baixa. Essa porta datada do Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1300 a.C. – 1200 a.C.) (informação

<sup>137</sup> Medida retirada com a ferramenta de régua do *QGIS*.

peçoal)<sup>138</sup> possui uma largura de cerca de 1,7m, permitindo a passagem de carros e de pedestres, contudo, aparentemente pela foto tirada por Yiannis Mitos em 2017 (Figura 50) o chão da Porta Norte é formado por grandes blocos de pedras que parecem formar um degrau na parte próxima ao interior da cidadela. Infelizmente, de acordo com Katie Demakopoulou (informação pessoal)<sup>139</sup> os relatórios de escavação dessa porta não estão disponíveis.

A baixa inclinação média do trecho selecionado (0,4%) (Figura 53) e a proximidade com o mégaron (caminho com 112,9m) são fatores que indicam que essa porta seria a principal via de acesso para o possível palácio.

Figura 53 – Perfil de elevação até a Porta Norte



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

Neste caminho um viajante passaria pelas muralhas monumentais, depois por construções do período micênico de função indefinida, passaria acima da Cisterna 2 para ingressar no Complexo do mégaron. Ao ingressar no pátio que antecede o mégaron, o viajante observaria no seu lado direito uma série de construções com função ritual (*Room XX*, *Room XIV*, *Room XVIII*) e com o acesso à água (Poço) antes de acessar o mégaron pelo pórtico (XVII) e o vestíbulo.

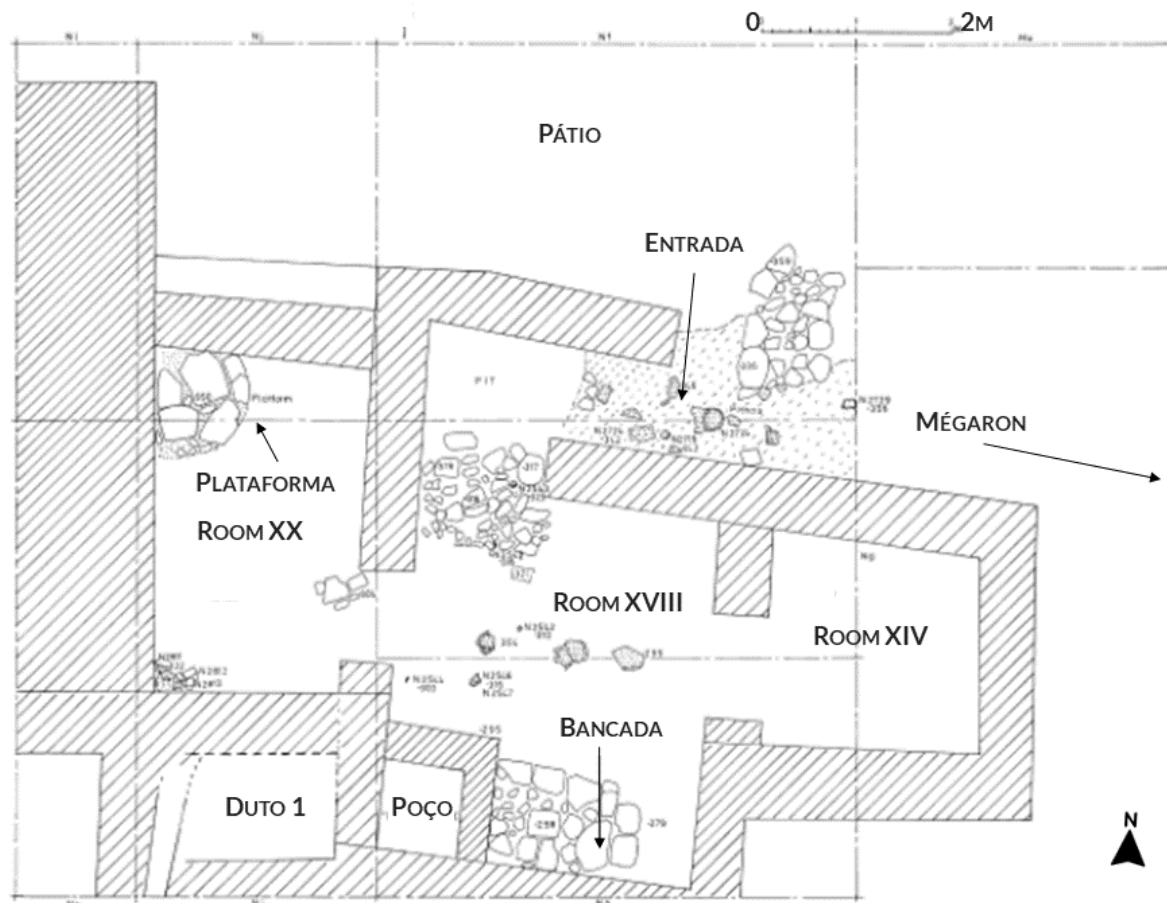
Ambas as cisternas são datadas entre o Heládico Médio II e Heládico Recente II (1900 a.C.- 1400 a.C), embora tenham continuado em uso, sendo abastecidas pelos Dutos 1 e 2 vindos

<sup>138</sup> DEMAKOPOULOU, K. *Midea - North Gate*. Destinatário: Katie Demakopoulou, 25 de mai. 2021. 1 mensagem eletrônica (ANEXO III).

<sup>139</sup> Anexo III.

dos terraços mais altos da Acrópole Baixa. A Cisterna 1 se localiza dentro do *Room XVIII* e está conectada a três ductos, um deles, o Duto 5 leva a água até a Cisterna 2 (WALBERG, 2007, p. 67) (Figura 54). Gisela Walberg (2007, p. 72) relata que ambas as cisternas seriam maiores do que as encontradas em Micenas e Tirinto e teriam um formato irregular.

Figura 54 – Edifícios na entrada do Complexo do mégaron



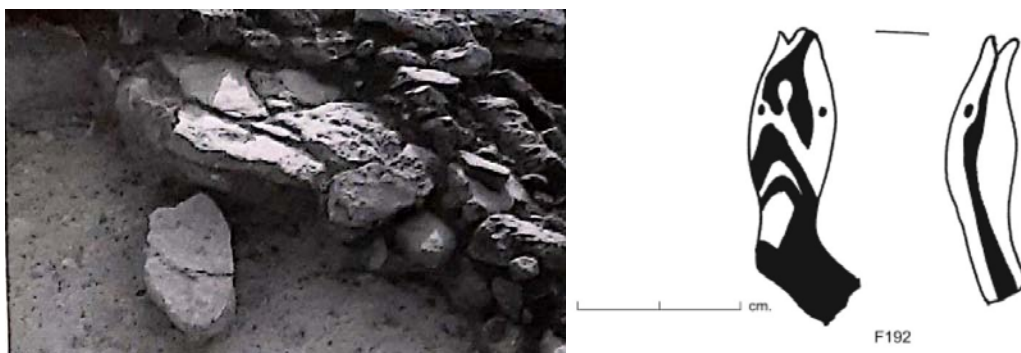
Fonte: Adaptado de Walberg (2007, fig. 58).

Por sua vez, no *Room XX*, foram encontrados fragmentos de estatuetas de animais, um pomo de espada, um altar semicircular e um crisol (cadinho) para fundição. No *Room XVIII* foi encontrada uma cabeça de serpente em terracota, possivelmente de parte de um vaso, e o fragmento de um outro crisol (cadinho) para fundição (*crucible*) em terracota vermelho-escura (WALBERG, 2007, p. 69 e p. 187). Assim, o viajante possivelmente passaria por um espaço ritual que envolvia atividades metalúrgicas (Figura 55).

Embora a Rota 1 seja a mais próxima do Complexo do mégaron os terraços ao norte da Acrópole Baixa não foram escavados sistematicamente, limitando nossas interpretações sobre os edifícios dispostos ao longo da rota. Assim, podemos apenas afirmar que a Rota 1 seria a de maior economia de energia, indicando ser, portanto, a rota principal para o Complexo do

mégaron.

Figura 55 –Altar semicircular (*Room XX*) e cabeça de serpente (*Room XVIII*)



Fontes: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, fig. 102; WALBERG, 2007, fig. 217).

#### 4.1.3.2 Análise da Rota 2

A Rota 2 pode ser iniciada de duas maneiras, ela pode vir do Muro do Terraço (*Terrace Wall*) (2a) ou da estrada micênica identificada por Gisela Walberg (2b), ambas as estradas poderiam trazer produtos e pessoas da planície Argiva ou da região de Berbati e Micenas.

Após passar pela Porta Leste, o viajante seguiria para interior da Acrópole Baixa, passando pela Trincheira 11, pela área do santuário, até acessar o Complexo do mégaron pela parte de trás da construção. A Rota 2 comporta o acesso de pedestres e de carros de boi e de guerra. Isso é possibilitado pela largura das vias de acesso, da rampa (2,5m) e do da Porta Leste (2,0m)<sup>140</sup>.

Outro fator que possibilita o trânsito desses veículos puxados à tração animal é a declividade do trajeto na área externa (Rota 2a), que possui uma inclinação média de 13,6% (Figura 56), o que consiste em um valor relativamente baixo se comparado com a inclinação média de 30-40% de trajetos feitos da acrópole alta até a face oposta à Acrópole Baixa.

Após entrar na Porta Leste, o viajante veria à direita o caminho para o Complexo do mégaron e na esquerda a entrada da Acrópole Alta com a possível visibilidade da Porta Interna e do Complexo de Quartos. Ao descer em direção ao Santuário, inicialmente ele atravessaria a Trincheira 11. Neste espaço foram encontrados um pavimento conectado com a Porta Leste e a Porta Interna (Trincheira 11N – Figura 57), fragmentos de um *pithos*, um vaso de chumbo e um fragmento de objeto em marfim com motivo de palma foram ali escavados (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p. 28-30).

<sup>140</sup> Estimamos a largura de um carro de Guerra com base na frente de dois cavalos alinhados, que juntos teriam uma largura de cerca de 1,0m. Assim, uma porta com 2,0m seria suficiente para a passagem desse tipo de veículo.

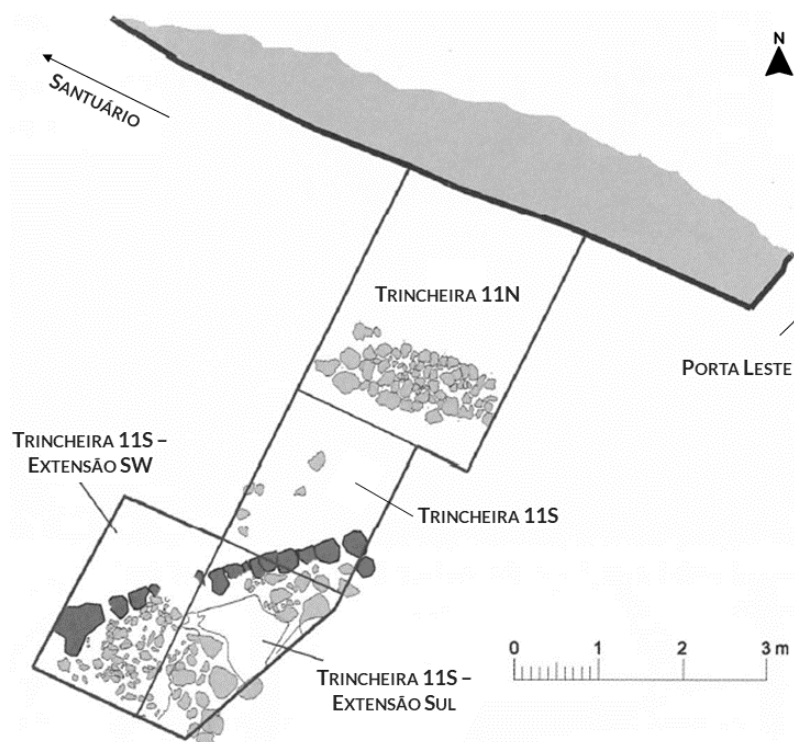
Figura 56 – Perfil de Elevação da área externa à Rota 2



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

Após passar pela Trincheira 11, o viajante chegaria ao Santuário, formado pelos seguintes edifícios: *Room II*, *Room VIII*, *Room XXXII* e *Room XXXIII* (Figura 59). O *Room I* de período romano consistiria no corredor pelo qual o viajante passaria durante o Heládico Recente IIB2 (LH IIB2) (1240-1210).

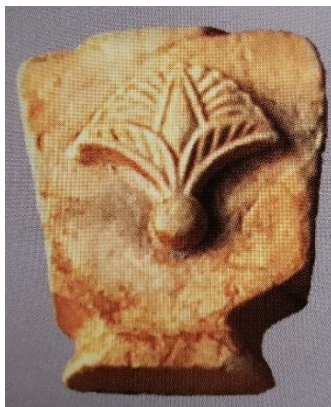
Figura 57 – Planta da Trincheira 11



Fonte: Adaptado de Demakopoulou *et al.* (2005, fig. 59).

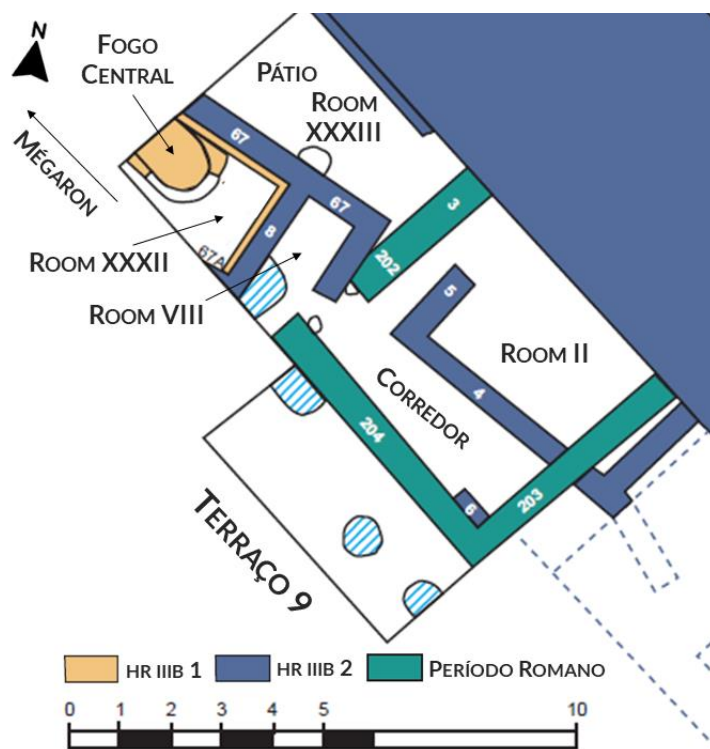


Figura 58 – Relevo em marfim encontrado na Trincheira 11



Fonte: (DEMAKOPOULOU, 2012, fig. 48).

Figura 59 – Santuário (Rota 2)



Fonte: Planta adaptada de Walberg (2007, Pl. A)<sup>141</sup>.

O *Room II* possivelmente era um local que serviria de cozinha, depósito ou oficina, em devido à presença de joias, materiais de vidro e marfim, vasos de cozinhar, ferramentas de moagem e figos e alimentos carbonizados descobertos (WALBERG, 2007, p. 62). Além disso, próximo ao *Room II* foram encontradas 10 pedras de moer, o que pode indicar que era uma área

<sup>141</sup> WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007. Planta do sítio está disonível em .pdf. Disponível em: <https://instapress.com/product/midea-the-megaron-complex-and-shrine-area-excavations-on-the-lower-terraces-1994-1997/>. Acesso em: 25 maio. 2021.

de preparação de alimentos e/ou tintas (WALBERG, 2007, p. 180).

Em seguida, o pedestre observaria o *Room VIII*, um pequeno espaço de culto onde foram encontrados “fragmentos de jarro com alça em estribo” com representações de “machados duplos, chifres de consagração, flores e pássaros” (WALBERG, 2007, p. 62-63), além de uma mesa de oferenda (trípode em miniatura) (Figura 60). O *Room XXXII* possuía um fogo central e forma elíptica e, por fim, o *Room XXXIII* é uma área aberta com vestígios de ossos, onde os cultos poderiam ocorrer (WALBERG, 2007, p. 63).

Figura 60 – Mesa de oferenda em terracota (*Room VIII*)



Fonte: (WALBERG, 2007, pl. 28).

Após passar pelo santuário, o viajante se dirigia ao mégaron (Figura 61). A passagem mais curta seria pela parte de trás da construção. No entanto, não temos como afirmar que era o caminho preferencial em razão da área não escavada entre o santuário e o Complexo do mégaron.

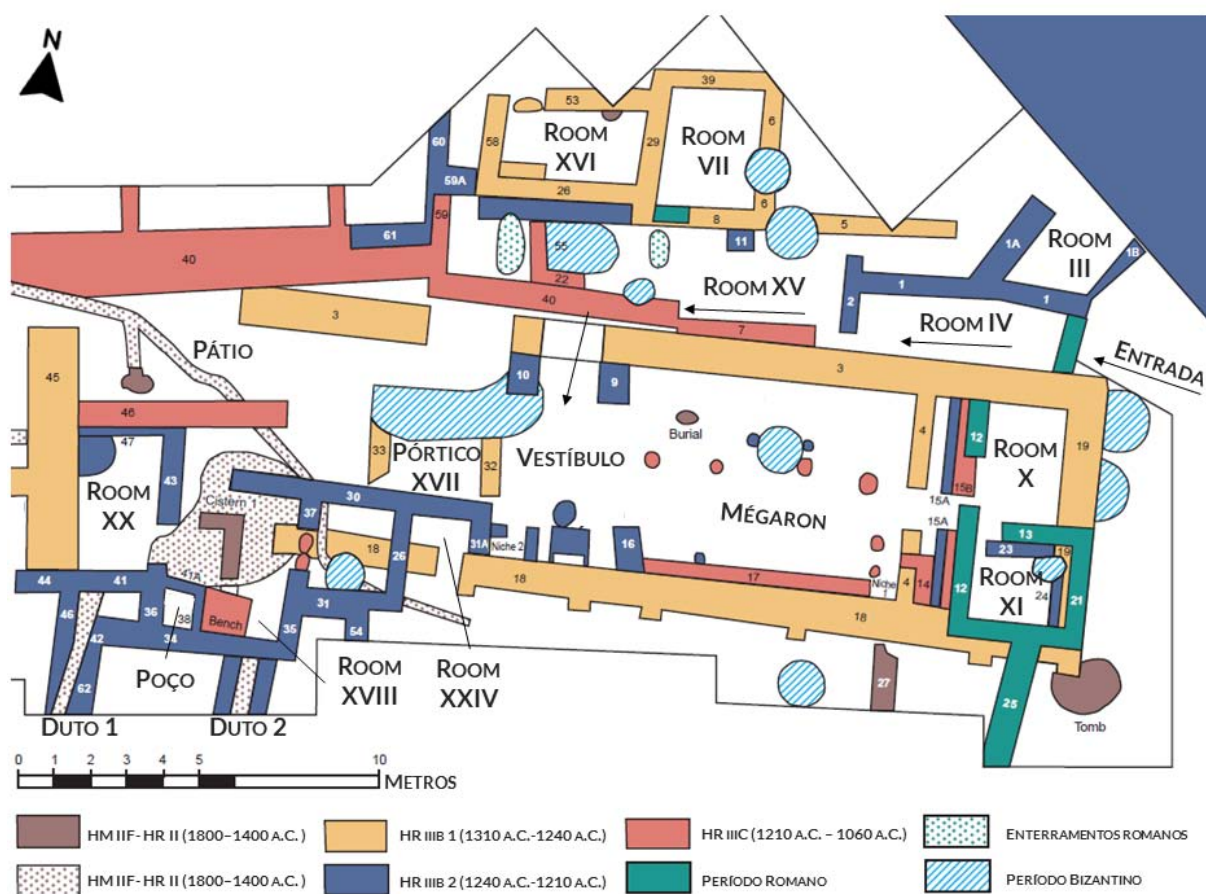
Na Rota 2 o acesso ao mégaron poderia ocorrer a partir do *Room IV*, *Room XV* e uma escada localizada na lateral do vestíbulo, onde havia uma plataforma de possível uso religioso (WALBERG, 2007, p. 65). Caso o acesso à escada fosse restrito, outra possibilidade seria de continuar o caminho pelo espaço do *Room XXV* (ainda não construído no Heládico Recente IIIB) até o pátio aberto e a partir desse ponto o viajante ingressaria no pórtico, vestíbulo, e por fim, no mégaron do soberano micênico.

No caminho proposto há uma série de edifícios próximos, contudo, é difícil verificarmos o quanto a função deles era claramente visível para o viajante, uma vez que muitos deles eram fechados. Dentre esses edifícios temos o *Room III*, *Room XV*, *Room VII* e *Room XVI*. O *Room XV* consistia em uma passagem ou área aberta com vestígios de afrescos nas paredes (WALBERG, 2007, p. 169).

Por sua vez, no *Room VII* foram encontrados três nódulos sendo dois deles com inscrições em Linear B e um com uma impressão de selo, sugerindo que esse espaço era destinado ao controle administrativo de produtos vindos até o mégaron (WALBERG, 2007, p.

70). Por fim, o *Room XVI* possuía uma bancada em pedra onde foram encontrados vestígios de ocre amarelo e fragmentos de ossos, possivelmente para a elaboração de tintas (SABATINI, 2016, p. 232). A Rota 2 poderia ser utilizada por oficiais que se deslocavam da área administrativa (*Room VII*) do Complexo do mégaron até as zonas produtivas na Acrópole Alta.

Figura 61 – Caminho de entrada do Complexo do mégaron



Fonte: Adaptado de Walberg (2007, Pl. A).

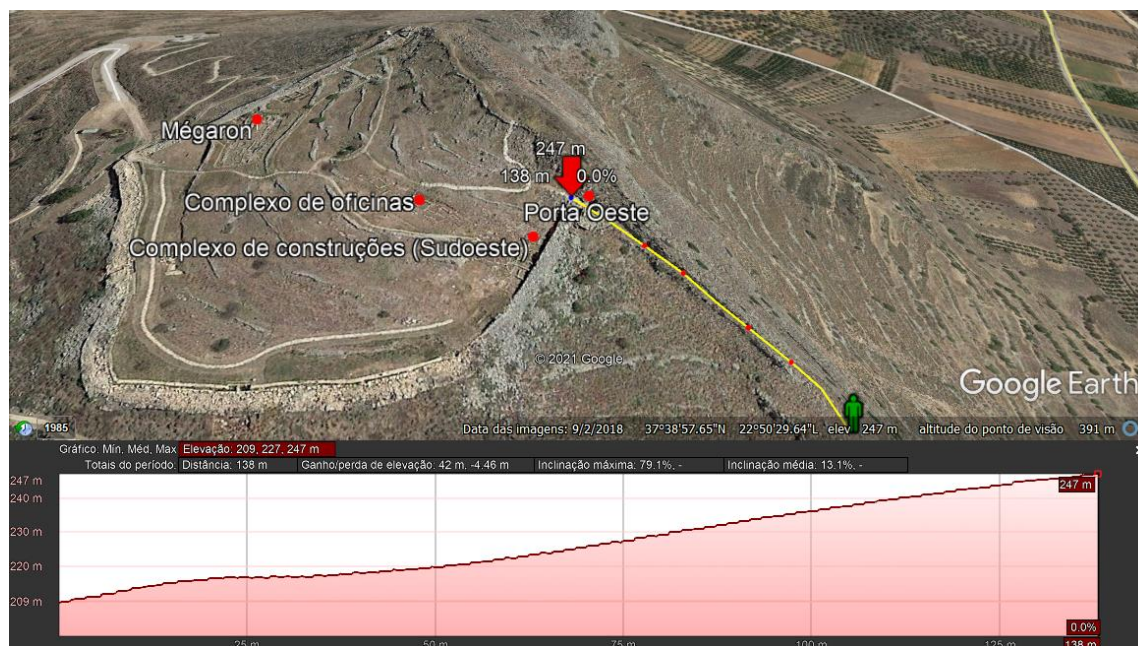
#### 4.1.3.2 Análise da Rota 3

A Rota 3 tem como ponto de partida a Porta Oeste, passa ao lado do Complexo de Construções e segue pela rua nas Construções no Terraço Sudoeste até chegar no Complexo do mégaron por meio do pátio. A Rota 3 era possivelmente utilizada para a vinda de produtos da região de Tirinto e da área litorânea.

A Porta Oeste possui dimensões monumentais com uma área de 30,6m<sup>2</sup>, é protegida por um baluarte de 29m<sup>2</sup> na entrada, seguido pela porta e uma sala de guarda. Assim como a Porta Leste, ela possibilita a entrada de pedestres, carros de boi e de guerra, pois sua passagem possui uma largura de ~2,5m. Essa entrada é precedida por uma rampa de acesso. Assim como no caso da Porta Leste, a inclinação média de 13,1%, caminho até a Porta Oeste, facilita a o trânsito dos

carros de boi e de guerra para que cheguem até os 247m acima do nível do mar (Figura 62).

Figura 62 – Declividade do acesso à Porta Oeste



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

Após passar pelo baluarte, o viajante se depararia com a sala de guarda. Nessa sala foram encontrados diversos vestígios da produção agrícola como azeitonas e figos carbonizados, além de vários vasos de cozinha. Assim, essa estrutura possivelmente controlava e armazenava de matérias-primas e alimentos da zona de produção (DEMAKOPOULOU, 1995, pl. 7a, 7b).

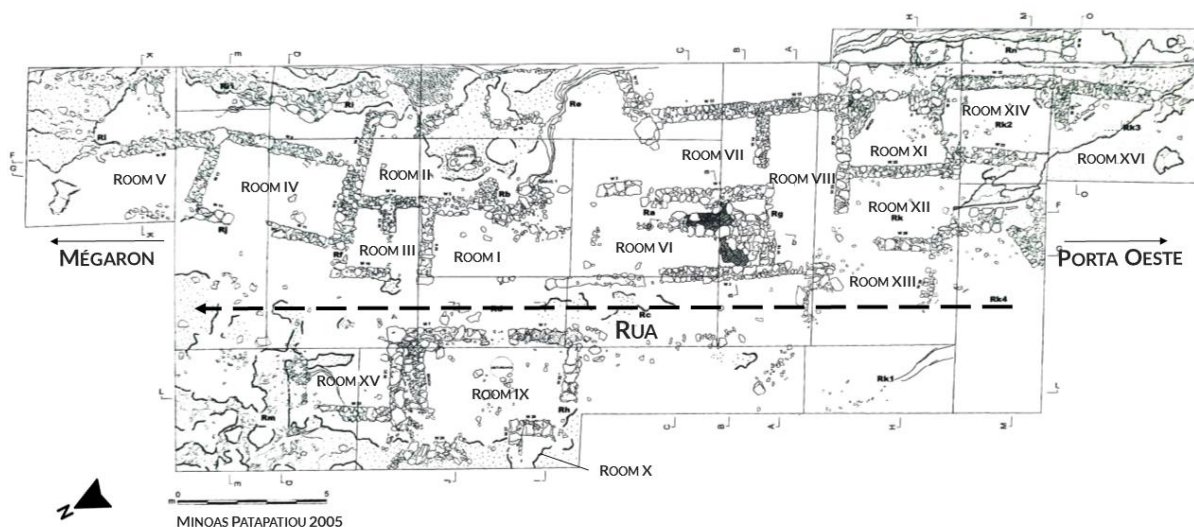
Dentro da cidadela, na esquerda o viajante veria edifícios que pertencem ao Complexo de Construções. No caminho proposto pela Rota 3 ele teria a visão do *Room III, IV, V, VIa, VIb, IX* e talvez da entrada do *Room VII* (Figura 32). Essas estruturas consistem em oficinas multifuncionais e locais de armazenamento. Nelas foram encontradas ferramentas, implementos para fiação e vasos para o armazenamento de produtos.

No *Room VI* foram encontrados objetos de armazenamento como *pithoi*, hídrias, jarros de estribo de origem cretense, ferramentas de corte, fusos para fiação, lâminas de obsidiana, agulhas de bronze, pedras para moer, uma estatueta feminina e uma impressão de selo com o ideograma do trigo sobre uma representação de uma aranha. Essa área seria de fiação e armazenamento de itens agrícolas (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2015, p. 248). No *Room IX* foram encontrados fusos para fiação, enquanto no *Room VII* ferramentas, 12 fusos de 20g, pilões de pedra, um almofariz em pedra, indicando outro núcleo produtivo de fiação (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2015, p. 250).

Após passar por esses edifícios, o viajante se dirigiria para as Construções no Terraço

Sudoeste (Figura 63). Nesses edifícios foram encontrados produtos agrícolas armazenados como figos carbonizados, matérias-primas e produtos inacabados. Esse conjunto de edifícios consistiriam em núcleos de produção, moradia e armazenamento em razão de vasos cerâmicos, lingotes de chumbo e materiais para joias (pedras preciosas e contas de vidro) (WHITLEY, 2004, p. 22). Além disso, foi nesse terraço que encontraram uma impressão de selo com uma dedicação de itens para o mégaron (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22).

Figura 63 – Construções no Terraço Sudoeste.



Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 2).

Finalmente, após passar por essa área, o viajante chegaria ao mégaron por meio de seu pátio. Nessa parte ele avistaria edifícios religiosos à direita e seguiria para o vestíbulo até chegar ao mégaron (Figura 61).

Assim, a Rota 3 configura-se como um caminho pouco provável para o Complexo do mégaron. Isso ocorre em função de sua distância da estrutura e pelo fato de que um viajante necessitaria primeiro subir até a Porta Oeste para depois descer para a Acrópole Baixa. Pela análise dos edifícios tratados nessa rota, parece que ela seria destinada às matérias-primas e alimentos vindos do litoral e da área produtiva que deveriam ser levados para as duas áreas produtivas na rota (Complexo de Construções e Construções no Terraço Sudoeste).

#### 4.1.3.4 Análise da Rota 4

A Rota 4 se inicia na poterna e segue até o Complexo do mégaron. Essa rota poderia consistir em um caminho para a fuga ou um atalho para pedestres. Para entrar no sítio, uma pessoa necessitaria entrar na poterna de mais de 5m e de 1,4m de altura e 0,6m de largura montada com arcos corbelados (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 12). Em seguida

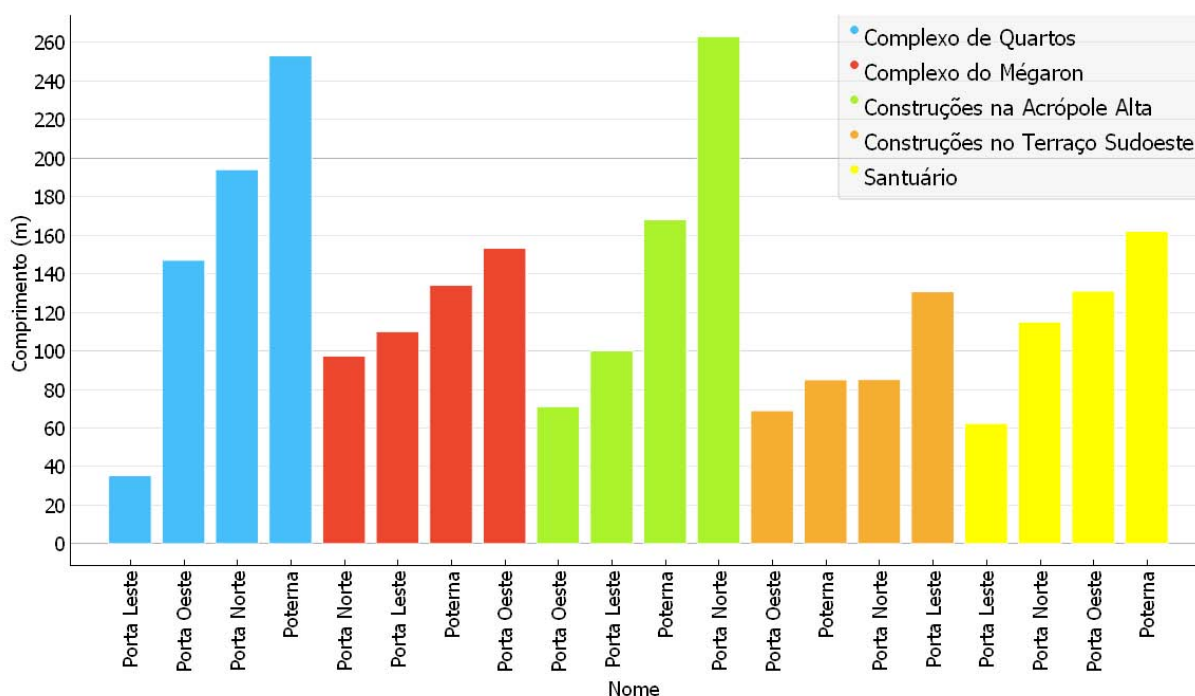
caminharia pelos terraços da Acrópole Baixa e observaria uma construção cuja função não foi identificada.

Por fim, acessaria o mégaron por meio do pátio e das demais estruturas mencionadas anteriormente. Em razão da distância de caminhada do Complexo do mégaron (134m) provavelmente essa rota era utilizada por pedestres que vinham da planície litorânea ou por aqueles que desejavam acessar as oficinas multifuncionais próximas à Porta Oeste, sobretudo aquelas próximas da poterna (*Room XIII* e *Room XIV* do Complexo de Construções).

#### 4.1.4 Rotas em outras direções

Acreditamos que há trajetos e portas específicos para determinadas atividades em Midea. Para analisar a especificidade de rotas alternativas, coletamos a distância e a inclinação média entre os portas e estruturas (Complexo do mégaron, Santuário, Complexo de Quartos, Construções no Terraço Sudoeste, Complexo de Construções e Construções na Acrópole Alta) (Figura 64) com o auxílio de ferramentas de medição no *Google Earth Pro*<sup>142</sup>.

Figura 64 – Relação entre comprimento do trajeto e o destino



Legenda: De acordo com o gráfico, a rota mais propícia para um determinado destino é aquela de menor comprimento (destino é delimitado por cor).

Fonte: Elaborado no Orange (2021).

Após a coleta das informações inserimos os dados no software *Orange* onde geramos

<sup>142</sup> Os dados encontram-se no material suplementar (ANEXO I).

gráficos com a relação entre essas distâncias e as inclinações. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de determinar qual porta e trajeto seria o mais propício para acessar uma determinada estrutura. Ressaltamos que não temos o caminho exato utilizado por pedestres no Heládico Recente IIIB (LH IIIB) (1310 a.C. - 1190 a.C.), ou seja, essas medidas são aproximadas, além disso, os valores coletados no programa apresentam margem de erro de  $\pm 10\text{m}$ .

No gráfico de barras anterior (Figura 64) notamos que dependendo do destino há uma porta preferencial em razão da proximidade, embora, nesse gráfico a inclinação do caminho seja ignorada. Com base nos dados, notamos que o mégaron é facilmente atingido por caminhos a partir da Porta Norte e Porta Leste, o que ocorre também com o Santuário. É interessante notarmos que as Construções no Terraço Sudoeste se encontram num ponto estratégico, pois são próximas de todas as vias de entrada, com exceção da Porta Leste. Por fim, quanto aos edifícios da Acrópole Alta as rotas menos distantes são a partir do Porta Leste e Porta Oeste.

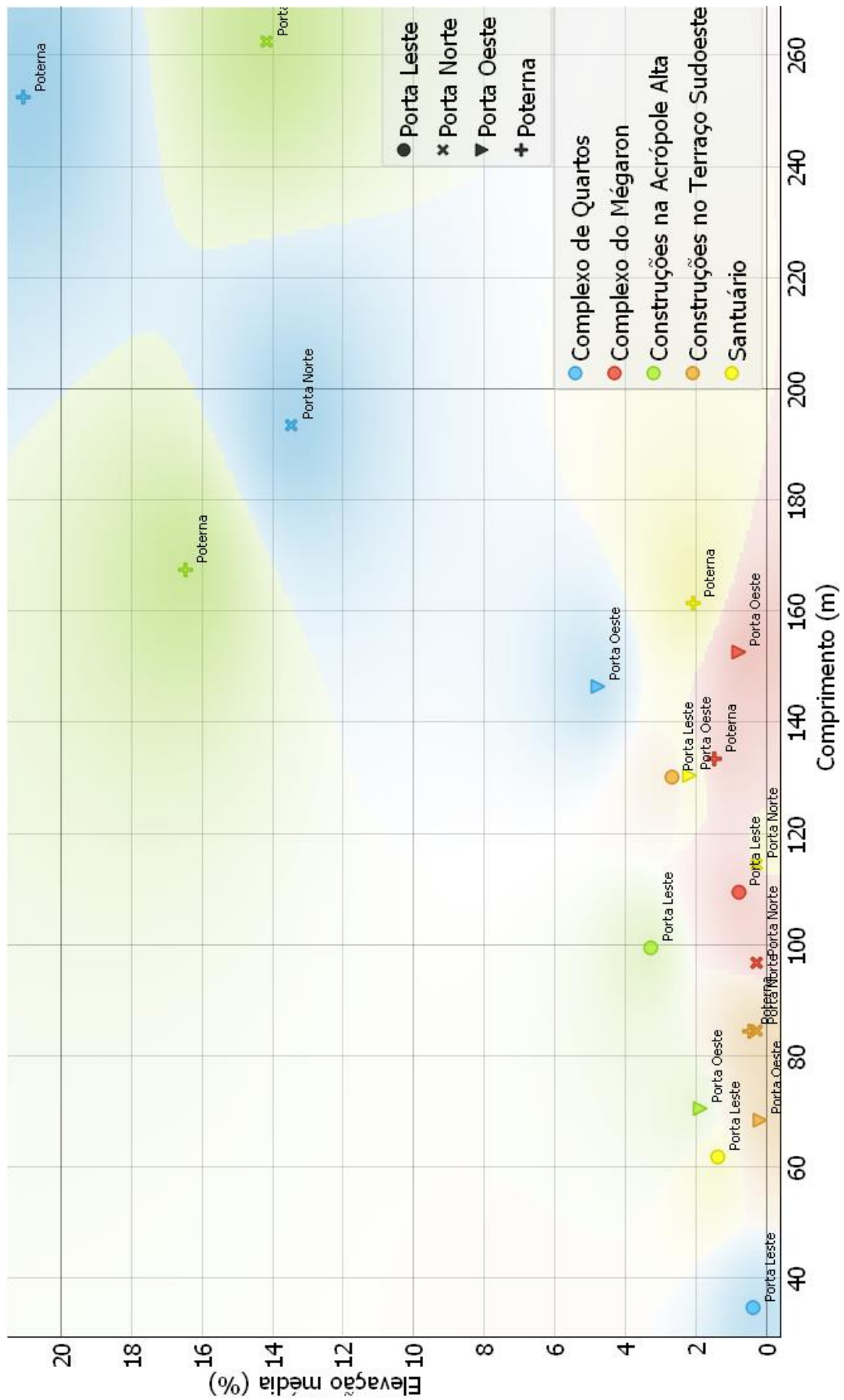
No caso do Complexo de Quartos o caminho preferencial é através do Porta Leste, enquanto para as Construções na Acrópole Alta, uma das possíveis áreas do palácio, o caminho mais curto é a partir do Porta Oeste, coincidentemente a entrada mais guarnecida, que ocupa a maior área, embora nos trabalhos anteriores essa porta foi considerada “secundária” em comparação à Porta Leste.

Quando avaliamos a relação entre a elevação média e o comprimento de um determinado caminho conseguimos identificar aquelas rotas mais prováveis e preferenciais e aquelas que são pouco prováveis. No gráfico a seguir (Figura 65) os valores que estão próximos a zero são os de rotas mais prováveis para um trajeto. Notamos assim que o caminho mais curto e menos íngreme é o da Porta Leste ao Complexo dos Quartos na Acrópole Alta.

Para o Santuário o melhor caminho seria por meio da Porta Leste, considerando que o viajante já estivesse nesta porta, uma vez que ela se encontra em um ponto alto de Midea. Para os edifícios na Acrópole Alta o melhor caminho seria pela Porta Oeste e depois pela Porta Leste. Para avaliarmos se um edifício está bem conectado com as diferentes partes do sítio, ou seja, se todas as saídas estão próximas, é necessário que haja um acúmulo de pontos no gráfico da Figura 65.

Há dois casos em que isso ocorre, o primeiro nas Construções no Terraço Sudoeste, que provavelmente recebia e processava matérias-primas de diferentes áreas da planície argiva e, por essa razão, estava a uma distância similar de todas as portas, e o segundo, o mégaron, que caso fosse o palácio, exerceria um papel administrativo e religioso, coordenando as atividades na cidadela.

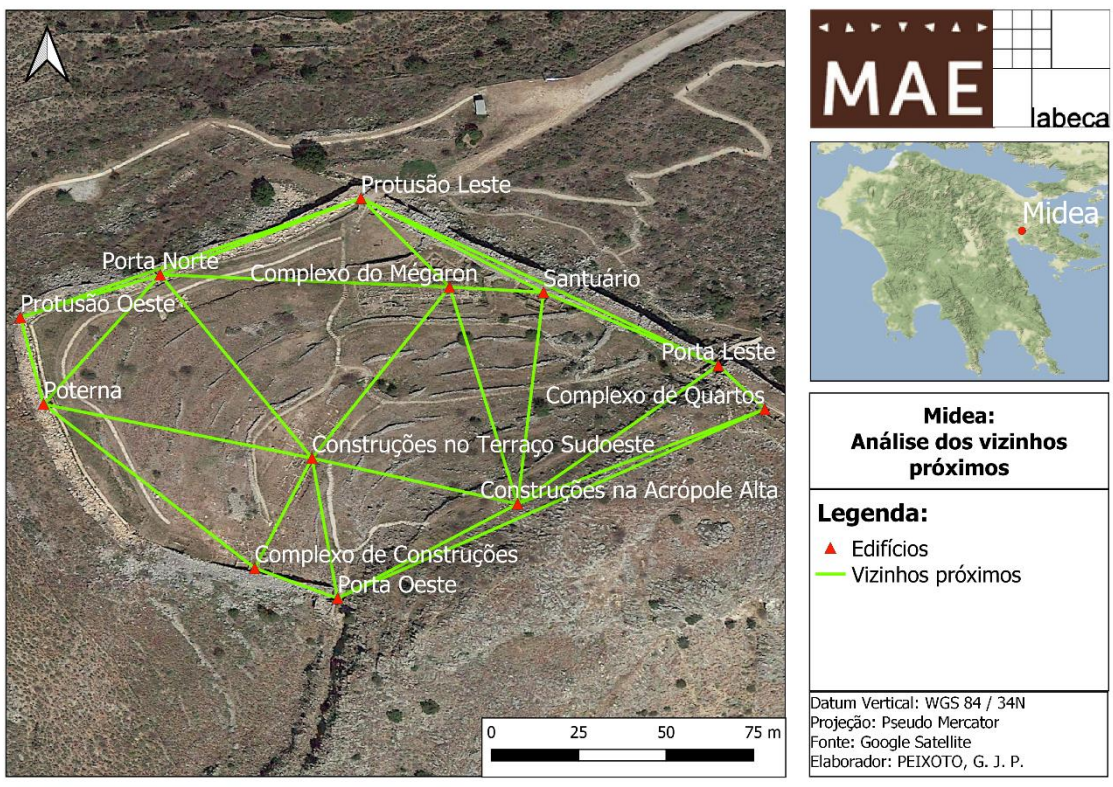
Figura 65 – Relação entre elevação média de um caminho e o seu comprimento





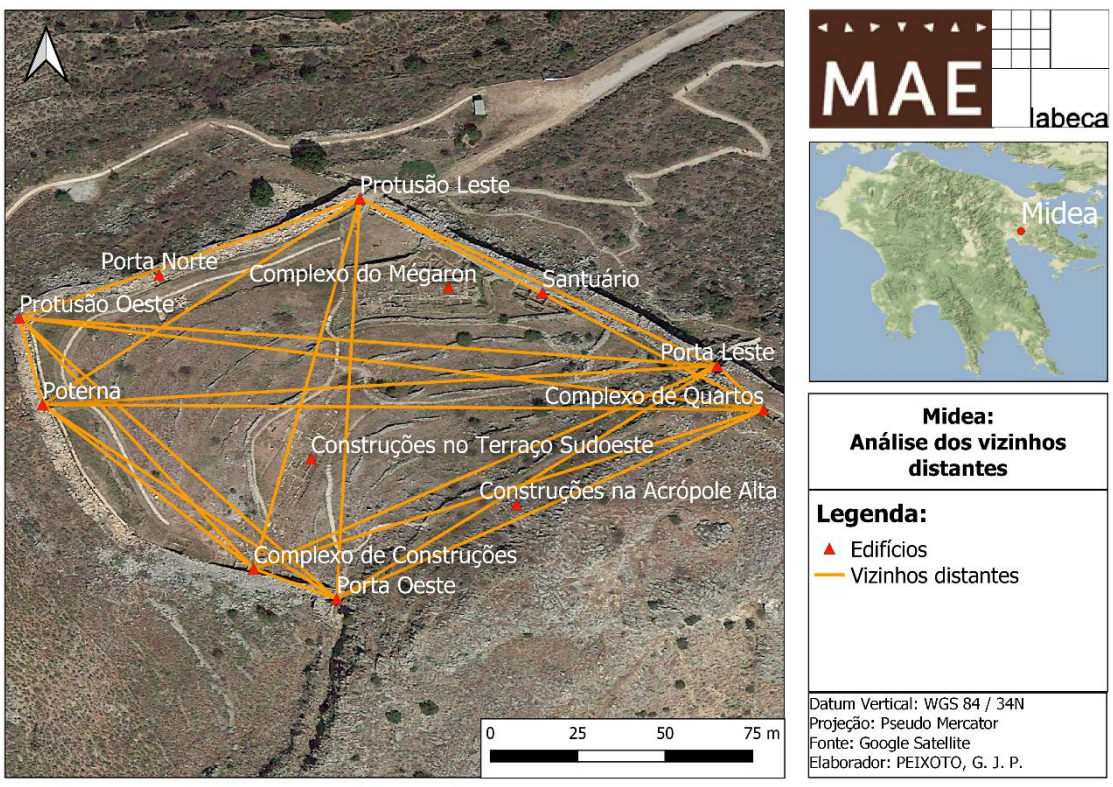
Fonte: Elaborado no *Orange* (2022).

Figura 66 – Análise dos vizinhos próximos



Fonte: Elaborado no *QGIS* (2021).

Figura 67 – Análise dos vizinhos distantes



Fonte: Elaborado no *QGIS* (2022).

Esse aspecto pode ser visualizado pela análise de vizinhos próximos (Figura 66), mostrando que as Construções no Terraço Sudoeste estão próximas de 6 estruturas, enquanto o Complexo do mégaron está próximo de 5. Nota-se que as Construções na Acrópole Alta possuem 6 conexões com vizinhos próximos, indicando que uma estrutura importante deveria estar na área.

Cabe ressaltar aqueles pontos que estão fora da zona de caminhos plausíveis (*outliers*) (Figura 65). Neste quesito destacam-se as rotas a partir da Poterna e da Porta Norte até edifícios na Acrópole Alta. Se considerarmos a área ocupada das portas e os caminhos preferenciais (menor inclinação e comprimento), notamos que as maiores portas estão próximas da Acrópole Alta, indicando que estruturas administrativas ou religiosas podiam estar nessa área. Esses caminhos menos propensos podem ser percebidos na análise dos vizinhos mais distantes de cada estrutura (Figura 67). Eles se relacionam com os pontos de menor probabilidade de caminhada, como, por exemplo, da Poterna até o Complexo de Quartos na Acrópole Alta.

## 4.2 VISIBILIDADE DAS ROTAS EM MIDEA

### 4.2.1 Considerações iniciais

Para a realização dos mapas, criamos pontos para a análise do *viewshed* no *Google Earth Pro*. Cada ponto foi posicionado em uma determinada etapa dos trajetos analisados previamente. Para a elaboração das áreas de visibilidade foi necessário configurar a altura relativa ao solo com base em um valor mínimo de 2,1m exigido pelo programa, o que gera um campo de visão maior do que o de um habitante do período, cuja estatura seria relativamente menor. Nos mapas o campo de visão é marcado pela cor verde “transparente” e os edifícios por círculos em vermelho.

Outro ponto notado na análise foi a comparação entre uma imagem do *viewshed* e do *Street View* fornecido pelo *Google* (Figura 68). Nela percebemos que aspectos da paisagem como árvores, vegetação, ângulo da imagem interferem na experiência do observador. Nessa comparação notamos que estruturas como as muralhas, que são invisíveis no *viewshed analysis*, são perceptíveis no *Street View*. Isso se deve ao fato de os modelos digitais de elevação do *Google* para Midea considerarem apenas o terreno, desconsiderando a altura das construções e de outros elementos da paisagem.

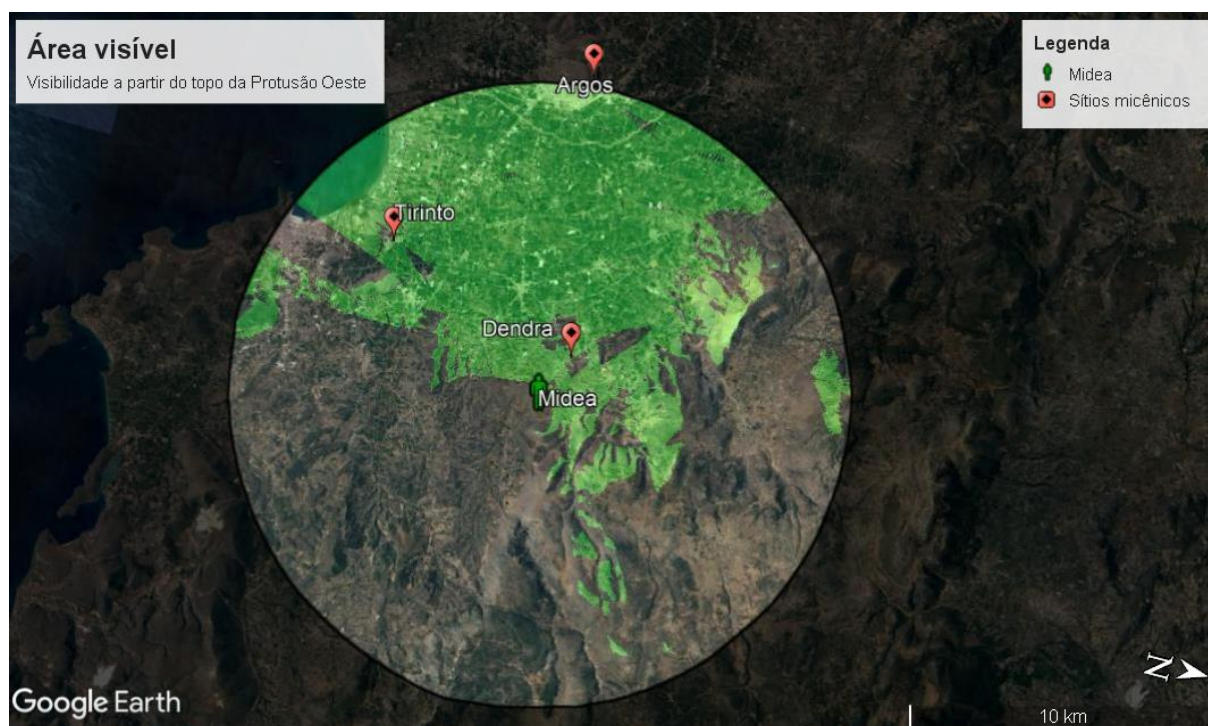
Ao compararmos as três imagens de um mesmo ponto, notamos que locais visíveis na análise podem não estar visíveis *in loco*. Outro ponto que precisamos considerar é a altura das construções e dos muros. Dependendo dessas alturas uma construção poderia ser visível mesmo





Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

Figura 69 – Visibilidade a partir da Protusão Oeste



Fonte: Elaborado no *Google Earth Pro* (2022).

Por exemplo, embora em uma simulação de *viewshed* a área de culto estivesse marcada como visível, no sítio, em razão da altura da muralha ela estaria invisível para um viajante (Figura 68). Uma outra possibilidade é a de uma área visível para um observador no local, mas invisível de acordo com o *viewshed*. Isso ocorre no caso do edifício branco próximo ao sítio, que, em função de sua altura, está visível no *Street View*, mas invisível no *viewshed* (local

marcado pela seta vermelha na Figura 68). É importante termos consciência das limitações dessa análise e do modelo proposto. Por isso, devemos considerar duas variáveis - a altura da muralha e da construção em análise - no momento de avaliarmos a área visível em um ponto.

Antes de analisarmos as Rotas cabe um breve comentário sobre a área visível de uma pessoa no interior da acrópole. Ao longo da análise do campo de visão de uma pessoa no interior de Midea, notamos que o cemitério de Dendra, a área de Tirinto e o litoral eram visíveis em diversos momentos (Figura 69). A visibilidade entre a acrópole e o cemitério indica a conexão entre essas duas zonas, que oferecem subsídios para estudos posteriores sobre a paisagem funerária na Argólida.

#### 4.2.2 Visibilidade na Rota 1

A análise de áreas visíveis pode ser utilizada para o estudo dos discursos de poder contidos no ambiente construído a partir dos trajetos na cidadela. Compreendemos por “ambiente construído” a combinação de “objetos sociais, físicos e abstratos” que são capazes de “indicar como as pessoas devem agir”, servindo, portanto, de aparatos mnemônicos que disparam determinados comportamentos (RAPOPORT, 1982, p. 60). Assim, cada uma das rotas possuiria elementos visuais e arquitetônicos que possuiriam o objetivo de favorecer hábitos e transmitir determinadas mensagens.

Na Rota 1 simulamos a visão de uma pessoa que partiria da área externa da Porta Norte até o Complexo do mégaron. No trajeto elaborado, as áreas que se destacam visualmente são: o terraço que divide a Acrópole Alta e Baixa e as Construções na Acrópole Alta. Nas Construções na Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa), foram encontradas estruturas pré-micênicas (6000 a.C.- 1600 a.C.) e, em menor quantidade, vestígios do HR IIIB (1310 a.C.- 1190 a.C.).

Nesse espaço foram encontrados vestígios de muros do Heládico Antigo II (2700 a.C. – 2200 a.C.), um edifício quadrado que pertencia a uma fortificação do Heládico Antigo I e dois túmulos do Heládico Antigo III (2200 a.C.-2000 a.C.). Dentre os materiais encontrados na área podemos sublinhar: fragmentos cerâmicos de períodos pré-micênicos (6000 a.C. – 1600 a.C.), um chifre de cervo, uma ponta de flecha de obsidiana, fragmentos de lâminas em obsidiana, pedras de moer, fusaíolas, estatuetas em terracota e uma conta de vidro egípcia (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 13; DEMAKOPOULOU, 2012, p. 34). Katie Demakopoulou indica que a presença de uma importação egípcia poderia ser um indicativo da proximidade do palácio.

Para a autora (2012, p. 34) as Construções da Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa)

poderiam ser áreas de produção de lâminas de obsidiana, assim como um espaço funerário. Contudo, não é claro se esse espaço funerário estaria visível no LH IIIB2 (1240a.C. - 1210a.C.). Portanto, não é possível afirmar que esses túmulos agiriam como um marcador mnemônico ligado aos antepassados.

Figura 70 – Visibilidade da Rota 1

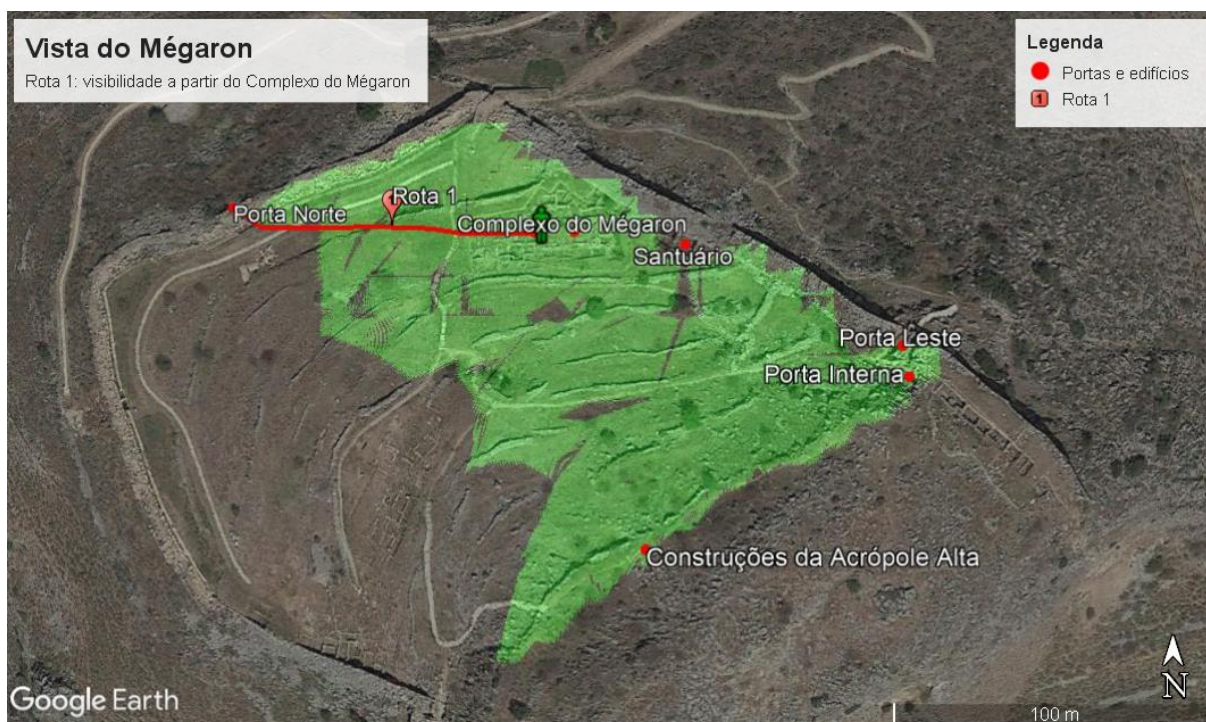
### Porta Norte



### Ponto no meio da Rota 1



### Complexo do mégaron



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2022).

Diferentemente do que ocorre em Micenas, onde temos o Círculo Tumular A na entrada da cidadela, em Midea os túmulos de período anterior ao LH III B estão espalhados pelo sítio e não estão organizados em uma estrutura monumental, mas em pequenos poços ou cistas retangulares cobertas por blocos de pedra.

Após entrar na cidadela a partir da Porta Norte, além de observar as estruturas mencionadas na Acrópole Alta, uma pessoa conseguiria visualizar o Complexo do mégaron e o Santuário. Assim, os discursos de poder apresentados na Rota 1 lidam com construções na Acrópole Alta, possivelmente fortificações e edifícios antigos para uma pessoa que vivia no Heládico Recente III B (LH III B) e elementos construtivos ligados ao poder político e religioso, em razão da presença do mégaron e da área de culto.

#### 4.2.3 Visibilidade na Rota 2

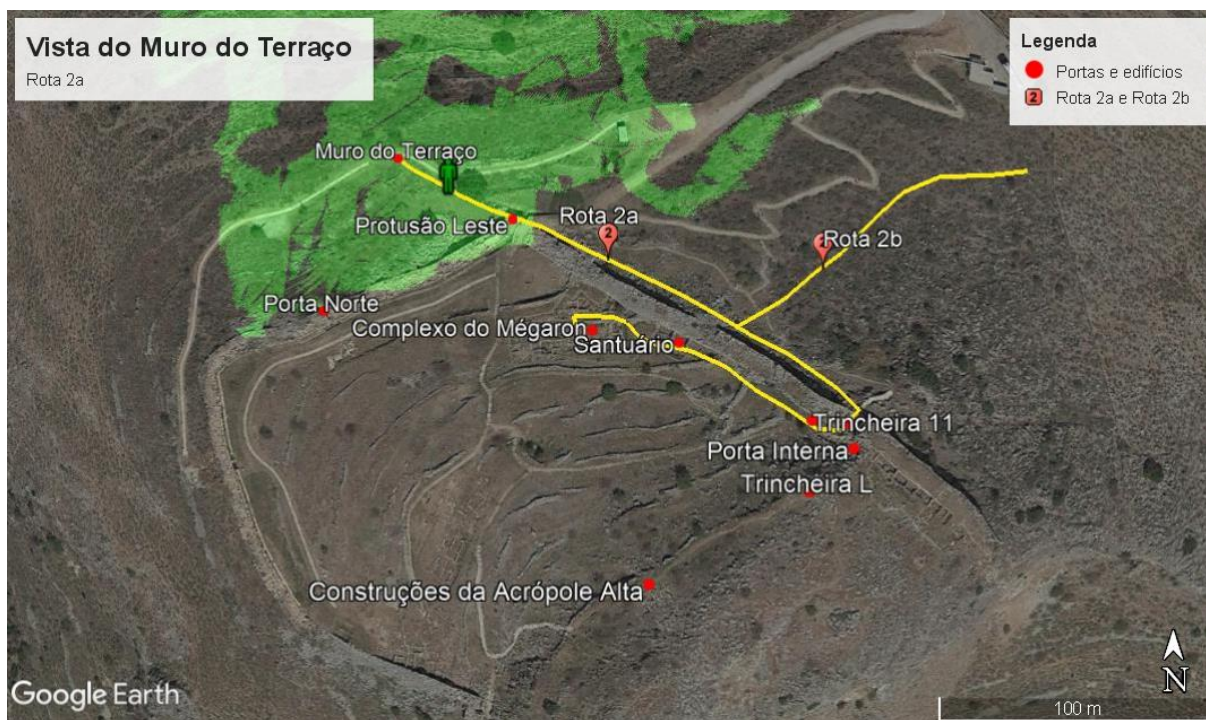
A Rota 2 se inicia a partir de duas estradas em direção à Porta Leste, uma delas parte do Muro do Terraço (Rota 2a), enquanto a outra da estrada micênica proposta por Gisela Walberg (2007, p. 70-71) (Rota 2b). Após ingressar na Porta Leste, a pessoa desceria os terraços, passando pela Trincheira 11 e o Santuário, até chegar ao Complexo do mégaron por uma entrada na parte de trás da estrutura (figura 72).

Somente o fato de alguém acessar o mégaron pela parte oposta à entrada principal, formada pelo Pátio e vestíbulo, sugere que a Rota 2 não seria a principal para a estrutura.

Contudo, ela poderia ser utilizada para outras finalidades, como, por exemplo, a realização de procissões religiosas em função da proximidade com o Santuário.

Figura 72 – Visibilidade na Rota 2

**Muro do Terraço (Rota 2a)**



**Rua micênica (Rota 2b)**

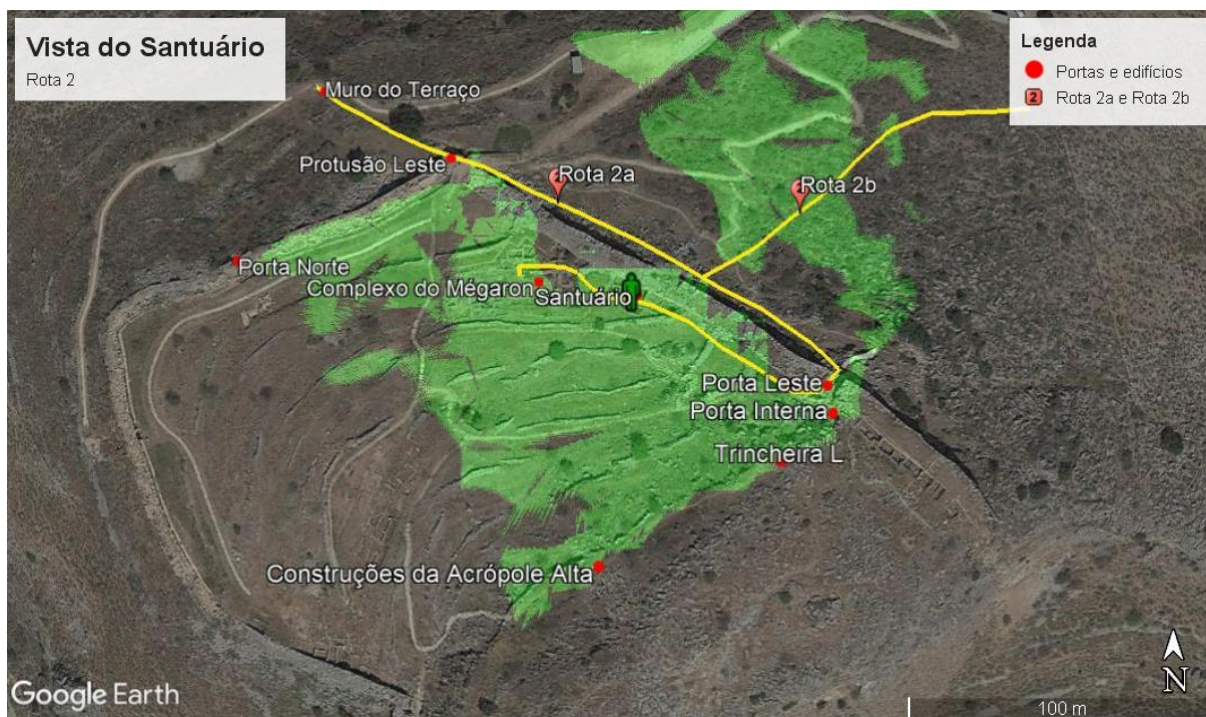




### Porta Leste (Interna)



### Santuário



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

De acordo com os modelos criados, inicialmente uma pessoa observaria a parte leste da Acrópole Alta (Rota 2b). Após ingressar na Porta Leste, à sua esquerda, o viajante teria a visão da Porta Interna e da Trincheira L, enquanto à sua direita teria a visibilidade do Santuário e do

Complexo do mégaron.

Na Trincheira L (Figura 71), na Acrópole Alta, uma estrutura foi construída utilizando a parede do terraço como base. Nesta área foi encontrado um fragmento de chumbo e fragmentos do Heládico Médio (ÅSTRÖM *et al.*, 1990, p. 17), indicando que os edifícios da Acrópole Alta sofreram uma alta erosão por não revelarem indícios do Heládico Recente IIIB, ou que a área não era densamente ocupada nesse período.

Figura 71 – Fotografia da estrutura na Trincheira L (Acrópole Alta)



Fonte: (ÅSTRÖM *et al.*, 1990, fig. 21).

Assim como a Rota 1, esse trajeto possui elementos ideológicos ligados ao âmbito religioso e político. Como mencionado anteriormente, acreditamos que essa rota poderia ser utilizada para procissões e cultos que conectavam a Porta Leste ao Santuário, resta-nos ainda identificar se a orientação dessa porta seguiria alguma configuração astronômica ligada a um aspecto religioso para corroborar essa hipótese.

#### 4.2.4 Visibilidade na Rota 3

A Rota 3 parte da área externa da Porta Oeste, segue ao lado do Complexo de Construções adjacentes à muralha, formado por oficinas e locais de armazenamento, e segue pela rua das Construções no Terraço Sudoeste até chegar ao Complexo do mégaron pela entrada no pátio (Figura 73).

Em comparação com as Rotas 1 e 2, a Rota 3 possui um número maior de espaços visíveis, pois ela atravessa a Acrópole Baixa entre a Porta Oeste e a região da Porta Leste. Assim, nessa rota, vinda do litoral, o viajante seria exposto a um maior número de construções

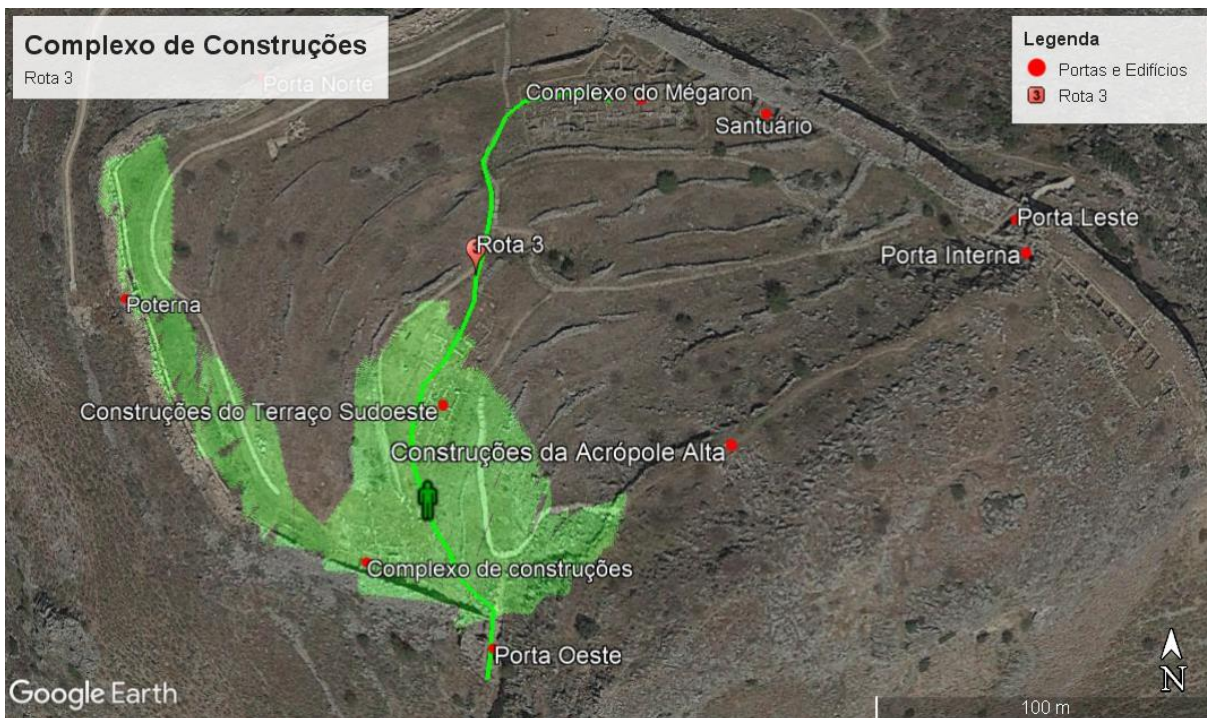
ligadas à produção e à esfera religiosa.

Figura 73 – Visibilidade na Rota 3

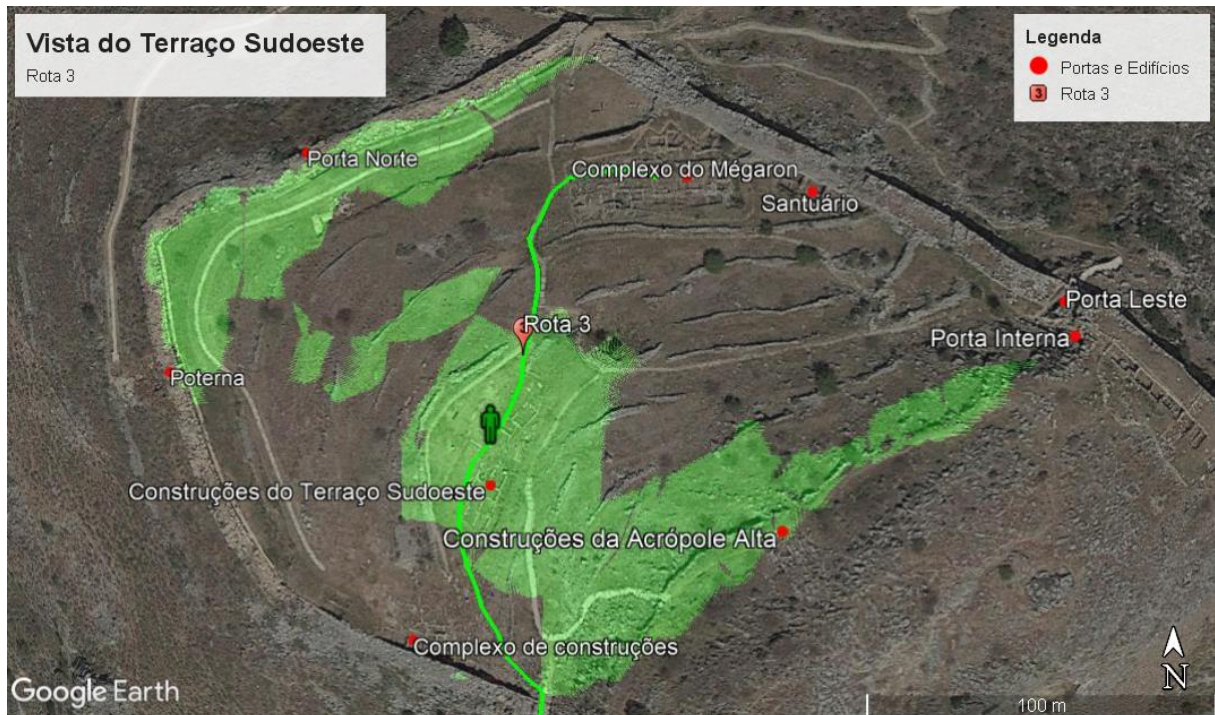
**Porta Oeste (Externa)**



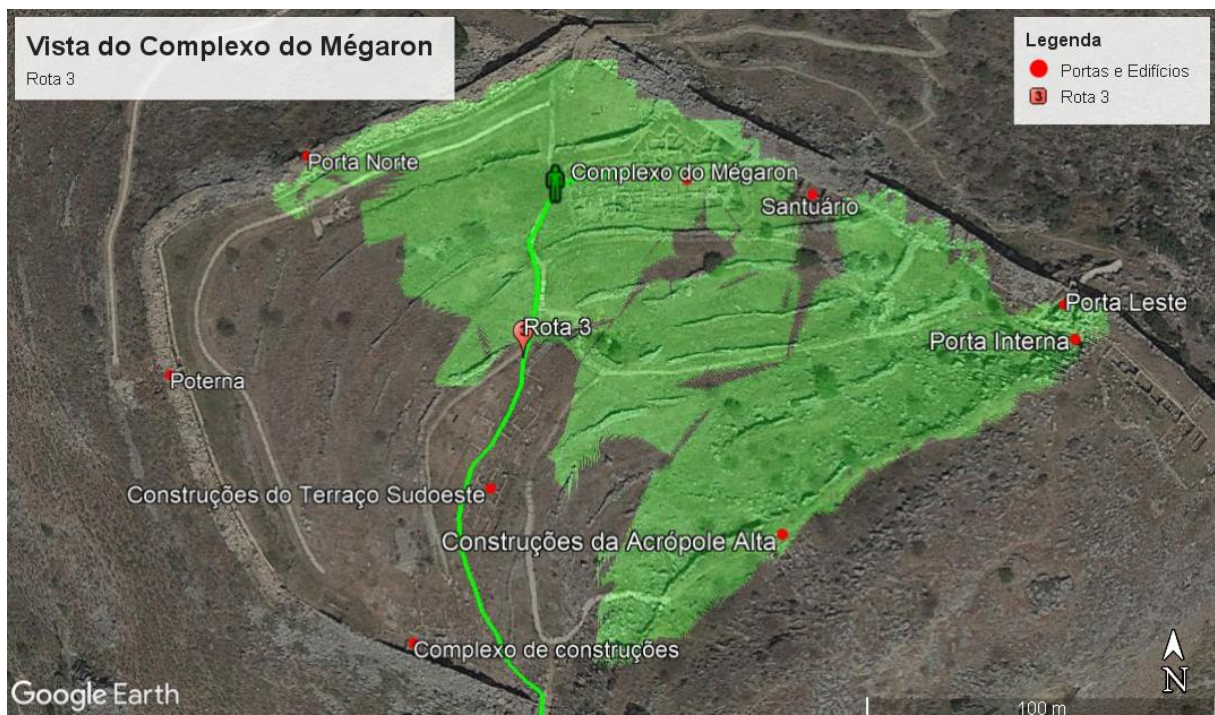
**Porta Oeste (Interna)**



### Complexo de construções



### Complexo do mégaron



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

Na Rota 3 as estruturas visíveis para um viajante seriam: Construções na Acrópole Alta, poterna, Porta Norte, Complexo de Construções, Construções no Terraço Sudoeste, Santuário

e o Complexo do mégaron. Essa é a única rota, além da Rota 4, em que a poterna aparece, sugerindo uma conexão entre a Porta Oeste e essa porta. Acreditamos que ambas serviriam para abastecer as oficinas e locais de armazenamento de azeitonas, trigo, cevada e figos localizados nessa área da cidadela. Cabe ressaltar que novamente a Acrópole Alta é uma área de alta visibilidade, assim como nas Rotas 1 e 2.

#### 4.2.5 Visibilidade na Rota 4

A Rota 4 se inicia na poterna e segue pelos terraços da Acrópole Baixa até acessar o Complexo do mégaron pelo pátio. Ao longo do percurso, uma pessoa poderia observar: o Complexo de Construções (*Room XIII e XIV e Trincheira Sj*), as Construções na Acrópole Alta (*Trincheira A, Aa e B*), a Porta Norte, o Santuário e o Complexo do mégaron (Figura 74).

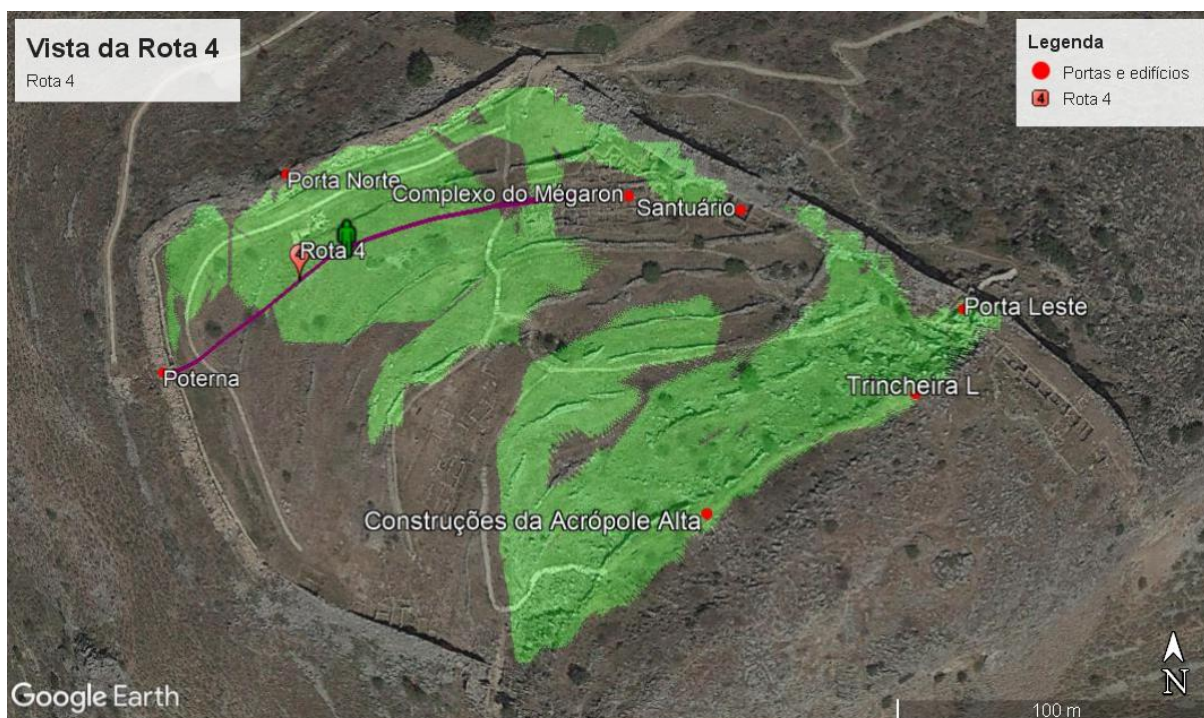
Para compreendermos os elementos ideológicos presentes na Rota 4, seria necessária a escavação dos terraços da Acrópole Baixa. Por enquanto, podemos afirmar que a visibilidade se conecta com elementos ligados à produção e às esferas políticas e religiosa. É interessante notarmos que nas quatro rotas construídas os edifícios da Acrópole Alta são visíveis, podendo conter construções importantes para o sítio.

Figura 74 – Visibilidade da Rota 4

#### Poterna (vista do interior da cidadela)



### Metade da Rota 4



Fonte: Elaborado no *Google Earth* (2021).

#### 4.2.6 Considerações sobre o Palácio

Em todas as Rotas propostas anteriormente há um espaço visível recorrente, os edifícios e oficinas localizadas na Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa). Esse elemento que não era aparente na análise dos trajetos, torna-se um elemento essencial na análise de visibilidade. Compreendemos que a posição de edifícios na Acrópole Alta era proposital e relacionava-se com questões possivelmente políticas e religiosas.

Uma das questões mais polêmicas que envolvem o sítio é justamente a localização do palácio. Nos casos de Micenas e Tirinto os palácios estão no ponto mais alto e são vistos ao longo das rotas constituídas. Acreditamos que o mesmo poderia ocorrer em Midea.

Assim como Alex Persson, o primeiro arqueólogo que escavou o sítio e a Dr<sup>a</sup>. Katie Demakopoulou (informação pessoal)<sup>143</sup>, acreditamos que há elementos que corroboram a tese de um palácio na Acrópole Alta e que o Complexo do mégaron e o Santuário na Acrópole Baixa poderiam fazer parte de uma área de culto, como o Centro de Culto em Micenas. Contudo, somente o exame concreto das áreas na Acrópole Alta seria capaz de verificar essa hipótese.

Com base nas análises de visibilidade feitas anteriormente, acreditamos que há

<sup>143</sup> DEMAKOPOULOU, K. **Midea - North Gate**. Destinatário: Katie Demakopoulou, 27 de mai. 2021. 4 mensagens eletrônicas (ANEXO III). A autora declara que compartilha da tese de que o palácio se encontra na acrópole alta.

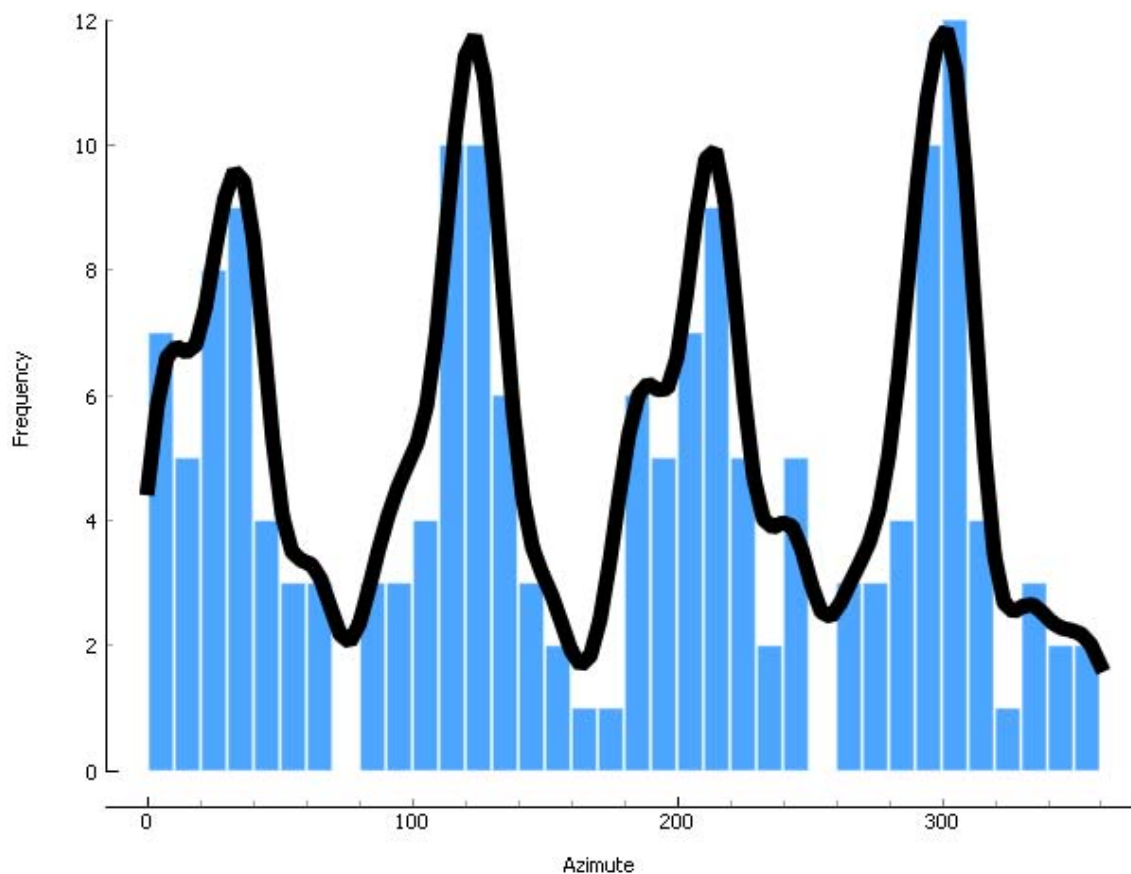
construções importantes nas proximidades das Construções na Acrópole Alta. Assim, se houver um palácio na Acrópole Alta, ele de fato estaria na área de maior visibilidade do sítio. O local mais provável para sua localização de acordo com essas análises seria no terraço que divide a Acrópole Alta e Baixa e entre as regiões da Porta Leste e Porta Oeste.

Para o teste dessa hipótese seriam necessários estudos de mapeamento com o LIDAR ou com o uso do radar de penetração no solo para identificar edifícios no subsolo da área.

#### 4.3 PAISAGEM CELESTE EM MIDEA

A partir dos dados coletados no *Google Earth*, geramos um gráfico de densidade Kernel com os azimutes mais frequentes encontrados em construções selecionadas em Mídea. Nossa amostra consiste nos azimutes de quatro direções coletados das seguintes estruturas: Portas (Leste, Oeste, Norte, Poterna e Porta Interna), as Protusões (Leste, Oeste e ponto médio da estrutura), o Santuário, o Complexo do mégaron, o Complexo de Construções, o Complexo de Quartos (acrópole alta), as Construções na Acrópole Alta (Trincheiras A e Aa) e as Construções no Terraço Sudoeste (Figura 75).

Figura 75 – Densidade *Kernel* dos azimutes encontrados



Legenda: Após coletarmos os azimutes dos edifícios selecionados em uma tabela, medimos a frequência desses azimutes. No gráfico, quanto maior a frequência, maior o número de estruturas que possuem uma

determinada orientação. Os azimutes vão de 0 até 360, notamos que há quatro orientações predominantes no sítio possivelmente conectadas com fenômenos celestes.

Fonte: Elaborado no *Orange* (2022).

De acordo com o levantamento realizado para o ano de 1250 a.C. no programa *Stellarium*, notamos alguns picos onde a maior parte das construções está orientada. Os picos de frequência de azimutes estão entre 290-310 e 110-130, seguidos por 20-40, 200-220, 0-10 e 250-260 (Figura 75).

Se compararmos com os eventos astronômicos com os dados anteriores, notaremos que há uma incidência maior nos seguintes eventos (Tabela 4): Lunistício Maior (poente); Lunistício menor (nascente); Sostício de Verão (poente); Lunistício menor (nascente); Solstício de Inverno (nascente); Lunistício Maior (poente); Sirius (nascente); Ursa Maior e Pólo celeste. Além desses eventos também constatamos o alinhamento de edifícios com o Cinturão de Órion (azimute 103-107) e com a posição máxima de Vênus no céu<sup>144</sup>.

Tabela 4 – Alinhamentos de maior frequência no sítio

Azimutes frequentes	Fenômeno Celeste	Azimute do fenômeno
290-310	Paralisação lunar menor (poente)	292
	Sostício de Verão (poente)	297
	Paralisação lunar Maior (poente)	305
110-130	Paralisação lunar menor (nascente)	121
	Sirius (nascente)	122
	Solstício de Inverno (nascente)	123
20-40	Ursa Maior (nascente)	20
200-220	Cruzeiro do Sul (poente)	210
0-10	Pólo Celeste	7,4
250-260	Cinturão de Órion (poente)	255

Legenda: O azimute frequente foi retirado do gráfico de densidade Kernel elaborado com a as orientações dos edifícios. O “azimute do fenômeno” celeste se refere ao valor em graus do azimute referente aos fenômenos celestes nas coordenadas de Midea no ano de 1250 a.C. Esses dados foram simulados e obtidos no *Stellarium*.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Assim, o primeiro dado que notamos em Midea é que há uma recorrência de orientações voltadas para os ciclos lunares, no caso as Paralisações lunares (maiores e menores). Outros fenômenos com relativa frequência de orientação nas construções são o Solstício de Inverno e o de Verão. Por meio da análise notamos que as muralhas de Midea, que seguem a orientação

<sup>144</sup> Este último ponto é especulativo, pois a constelação exibe uma trajetória ampla entre 155-210, mas mantém-se alinhado com os pontos cardeais no Azimute 180.



das laterais das portas, poderiam servir de marcadores para eventos astronômicos, sobretudo os máximos e mínimos lunares em ciclos de ~18,6 anos. Em seguida, analisaremos alguns edifícios e seus respectivos alinhamentos.

Em um artigo publicado em 2001 sobre a presença de estatuetas em terracota e objetos de culto em Midea, Katie Demakopoulou e Nicoletta Divari-Valakou argumentam que vários materiais foram encontrados no Complexo de Construções, na Porta Oeste, na Porta Leste e nos terraços da Acrópole Baixa. As autoras afirmam:

É importante ressaltar que todos esses achados vêm de locais próximos das fortificações; isso concorda com o fato de que os santuários micênicos nos sítios grandes têm uma aproximação com as paredes defensivas (DEMAKOPOULOU; DIVARI-VALAKOU, 2001, p. 189) (tradução livre nossa).

A concentração de materiais de culto nas proximidades das muralhas pode indicar que esses espaços eram utilizados para finalidades religiosas. Essa hipótese é sustentada pelo alinhamento das muralhas, que segue fenômenos lunares e o Pólo Celeste. Acreditamos, portanto, que as muralhas excedem a função de defesa, consistindo em locais simbólicos integrados à paisagem religiosa.

Nelas, os cultos e procissões poderiam ocorrer, deixando marcas na percepção das pessoas sobre o significado desses espaços. Para um habitante de Midea, por exemplo, olhar para a Protusão Leste não significaria apenas olhar para uma estrutura defensiva, mas se deparar com uma área que materializa o espaço sagrado das divindades associadas à Lua, como veremos adiante.

#### **4.3.1 Protusão Leste**

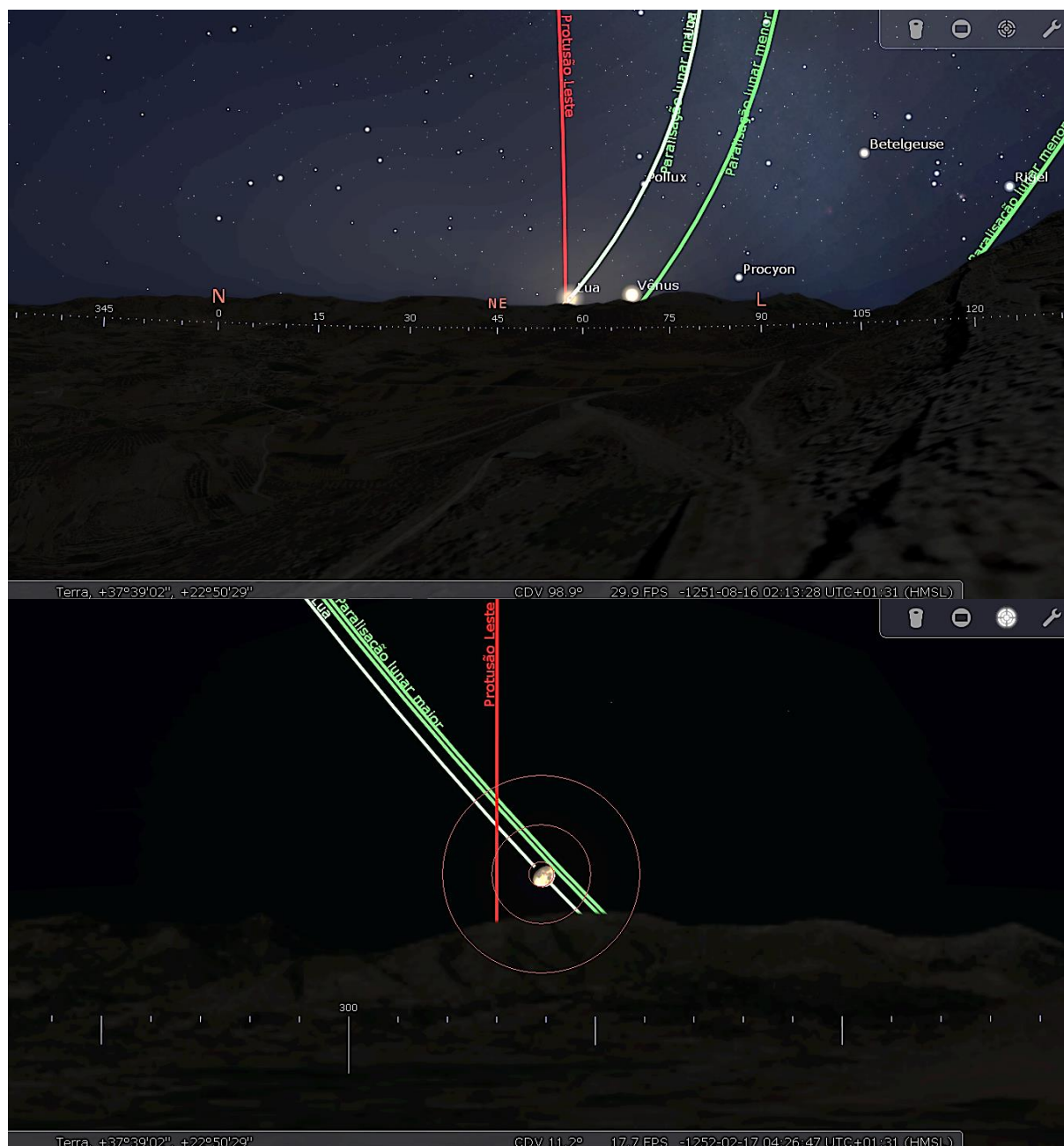
As protusões são “pequenos baluartes” em locais onde as muralhas mudam de curso, com a função de “fortalecer a fortificação” (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 16). Por meio da análise das orientações das estruturas, descobrimos que a Protusão Leste e o próprio traçado da muralha, atuam como um calendário do ciclo de paralisação Lunar, que dura cerca de 18,6 anos para se repetir.

Assim, as protusões excedem a simples função de defesa e se integram com a esfera religiosa, ao serem utilizadas para demarcar festividades associadas à Lua. Portanto, elas poderiam exercer a função de observatório astronômico, integradas aos ritos do período e utilizadas para interpretar os sinais dos deuses na paisagem celeste.

A Protusão Leste seria um local privilegiado para observar os fenômenos da Lua, o que tornaria essa área, um local potencial para o culto às divindades femininas ligadas a esse

satélite<sup>145</sup>. As orientações coletadas na Protusão Leste (azimutes: 55,8 e 237; 303 e 121,8) em relação ao curso das muralhas condizem com os azimutes da Paralisação Lunar Maior (nascente 57 e poente 305) (Figura 76) e da Paralisação Lunar menor (nascente 120 e poente 244) (Figura 77).

Figura 76 – Lua Gibosa no Lunistício Maior a partir da Protusão Leste



Legenda: A linha vermelha indica a orientação da Protusão Leste, enquanto em verde marcamos a Paralisação Lunar Maior (nascente e poente), o ponto máximo onde a Lua aparece no céu a cada 18,6

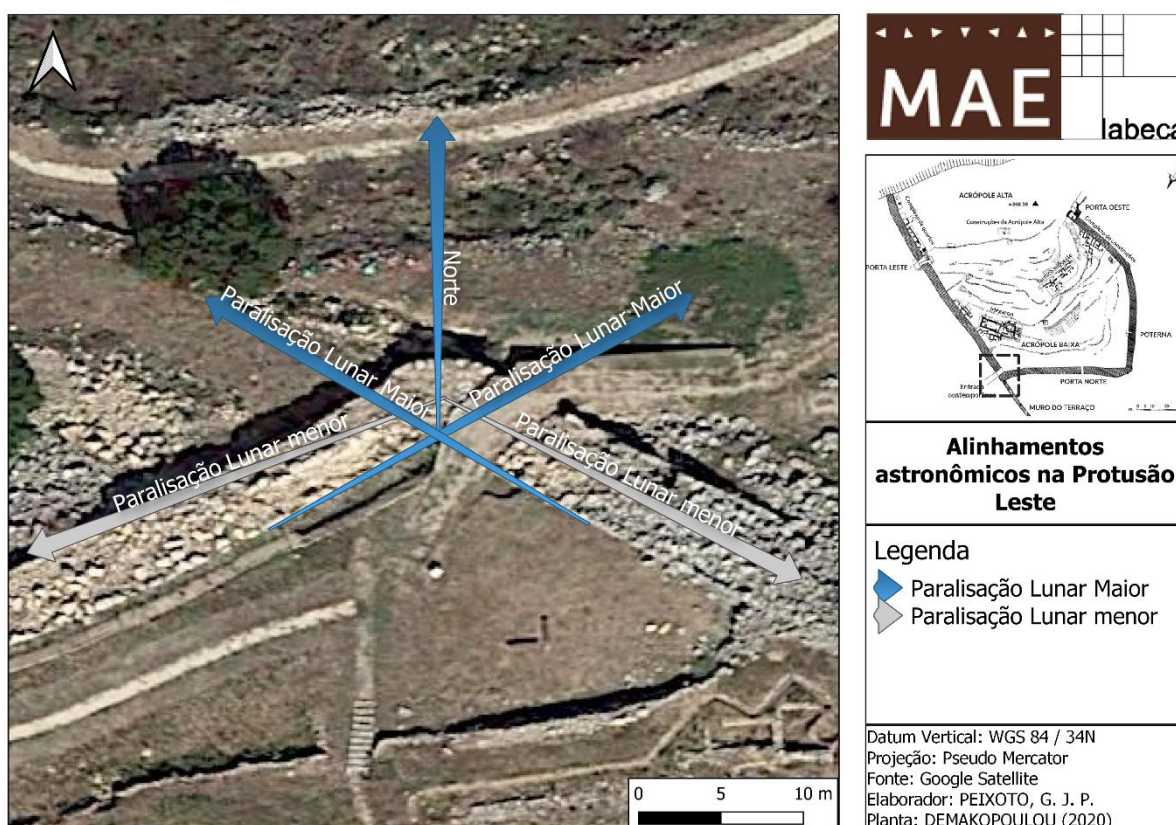
<sup>145</sup> SCHLIEMANN, Heinrich. **Mycenae**: a narrative of researches and discoveries at Mycenae and Tiryns. C. Scribner's Sons, 1880, p. 10. O maior número de estatuetas encontradas no sítio são estatuetas femininas dos tipos Phi, Psi e Tau. Schliemann acreditava que as estatuetas representavam as fases da Lua. O tipo Phi poderia indicar a Lua cheia, o Psi a lua crescente/minguante, enquanto o Tau o quarto crescente/minguante. No período Clássico algumas divindades eram associadas à Lua como Ártemis, Hécate e Selene, mas para a Idade do Bronze até o momento não temos informações sobre os cultos associados a esse satélite.

anos. Para a realização das marcações utilizamos o *plugin* Arqueolinhas no *Stellarium*.

Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

No mapa que sobrepõe a Protusão Leste com as orientações dos eventos lunares (Figura 77), notamos uma discrepância entre a orientação da muralha e a Paralisação Lunar menor (~245). No entanto, ao simularmos o ponto de vista no topo da Protusão Leste notamos algo surpreendente: mesmo neste ponto aparentemente “discrepante” o traçado da muralha se desloca para coincidir com o evento lunar (Figura 78).

Figura 77 – Eventos lunares na Protusão Leste



Fonte: Elaborado no *QGIS* (2021).

Assim, a partir do centro da Protusão Leste, a Paralisação Lunar menor (poente) que ocorre no azimute 243, seguindo o trajeto da muralha. Enquanto, o nascimento da Lua, que ocorre no azimute 115 de acordo com as medições, na verdade em razão do relevo no local, para um observador apareceria no azimute 122, coincidindo assim com o trajeto da muralha. Portanto, mesmo nos pontos onde havia uma discrepância entre o valor aferido da estrutura e o evento celeste, ao simularmos a paisagem do local no *Stellarium* notamos que para um observador na Protusão Leste as muralhas estariam posicionadas justamente em direção a esses eventos.

Assim, as linhas que formam “flechas” na Protusão Leste estão voltadas para o Lunistício Maior, enquanto os muros que saem da Protusão Leste em direção à Protusão Oeste e à Porta Leste, são marcadores do nascimento e do poente da Lua na Paralisação Lunar menor. Um possível contraargumento é o de que na verdade o azimuth 122 seria equivalente ao Solstício de Inverno, contudo, se analisarmos a Posição do Sol na paisagem, ele apareceria por volta de 130, confirmando que essa estrutura servia para a observação de fenômenos lunares. Como possíveis encaminhamentos seria interessante a escavação da área no topo e entorno da estrutura para averiguar evidências de culto no local.

Figura 78 – Lunistício menor na Protusão Leste.



Legenda:

Primeira imagem: orientação da Protusão Leste em vermelho (azimute 237) e Paralisação Lunar menor

em verde (azimute 304). Nota-se que a muralha muda de curso para coincidir com o evento lunar. Segunda imagem: orientação da Protusão Leste 122 (vermelho) e sua coincidência com a Paralisação Lunar menor. É importante ressaltar que há  $360^\circ$  possíveis para a orientação dos edifícios. Mesmo com a margem de erro dos azimutes extraídos no *Google*, percebemos que a Protusão Leste está definitivamente alinhada com eventos lunares.

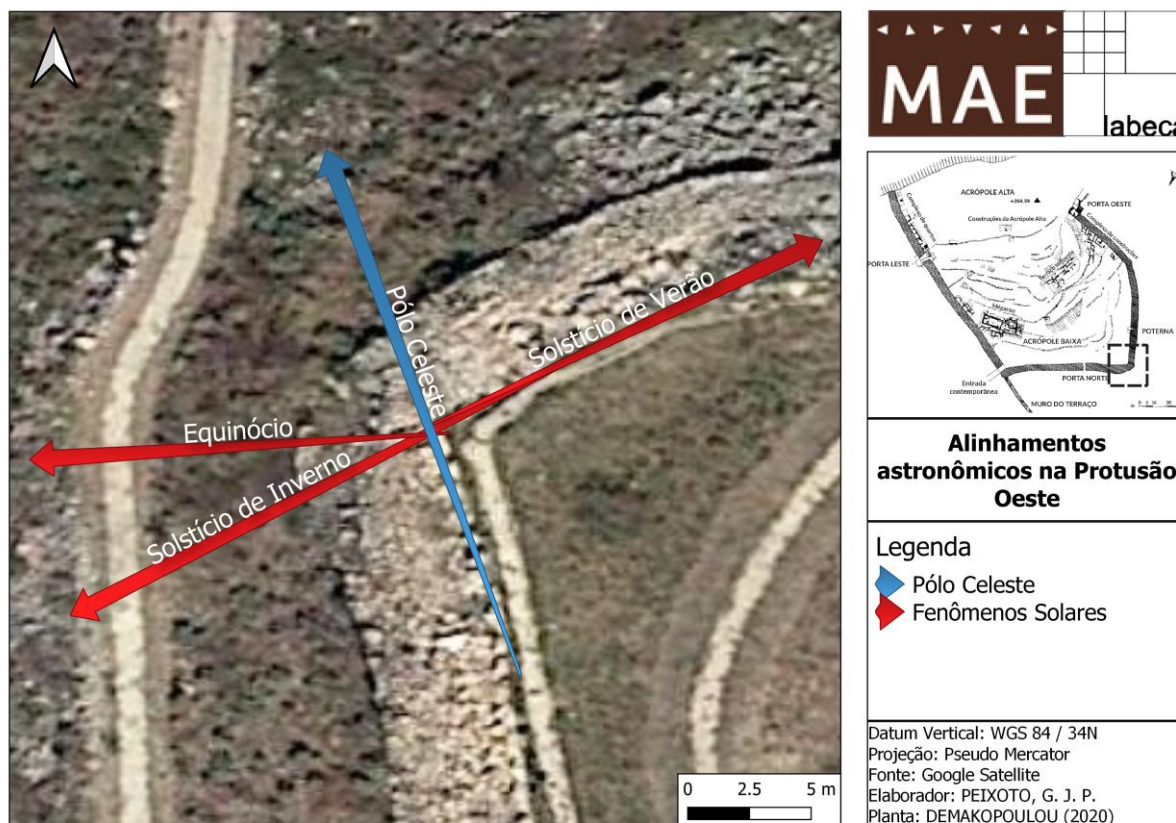
Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

Por fim, cabe ressaltar que se traçarmos uma reta no ponto médio da Protusão Leste, obteremos um azimute de  $358,7$ , que é muito próximo de  $360$ , marcando assim a direção do Norte. Se repararmos no mapa da cidadela de Midea, essa protusão se assemelha a uma “flecha” que apontaria para o Norte.

#### 4.4.2 Protusão Oeste

A Protusão Oeste parece se voltar para fenômenos solares e para o Pólo Celeste. Nesta estrutura coletamos os seguintes azimutes:  $64,4$ ,  $167$ ,  $236$ ,  $348$  e  $268$  (ponto médio) (Figura 79). Comparamos esses dados com os eventos astronômicos disponíveis para o sítio e notamos que as muralhas se alinham com o nascer do Sol no Solstício de Verão (azimute  $63$ ), com o pôr do sol no Solstício de Inverno (azimute  $237$ ) e com os Equinócios (azimute  $268$ ) (Figura 80).

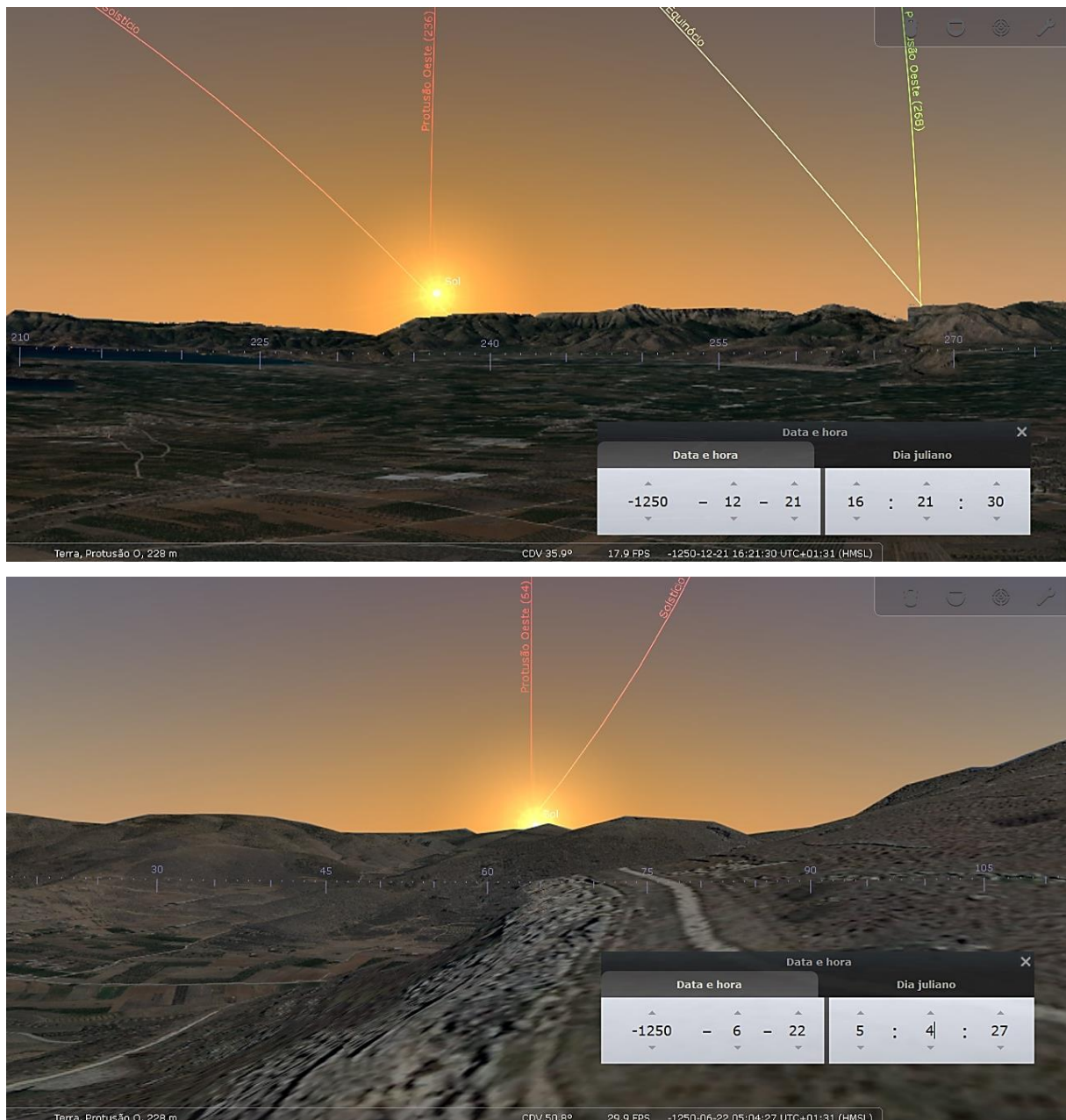
Figura 79 – Eventos astronômicos na Protusão Oeste



Fonte: Elaborado no *QGIS* (2021).

Novamente o desvio no traçado da muralha segue uma orientação que acompanha o fenômeno analisado, indicando que a posição das muralhas não se restringia a aspectos defensivos. Cabe ressaltar que a partir da Protusão Oeste seria possível ver alguns eventos lunares. Por exemplo, se alguém estivesse no topo da estrutura e olhasse em direção à Porta Oeste (azimute 138) conseguiria ver o nascimento da Lua na Paralisação Lunar Maior (137).

Figura 80 – Vistas da Protusão Oeste



Legenda: Em vermelho temos os azimutes relativos à Protusão Oeste, em salmão a trajetória do Sol durante o Solstício e em verde a medida do ponto médio na Protusão Oeste. Na primeira imagem há a coincidência da orientação da estrutura e o Solstício de Inverno e entre o ponto médio e o Equinócio. Na Imagem 2 a muralha acompanha o nascer do Sol no Solstício de Verão.

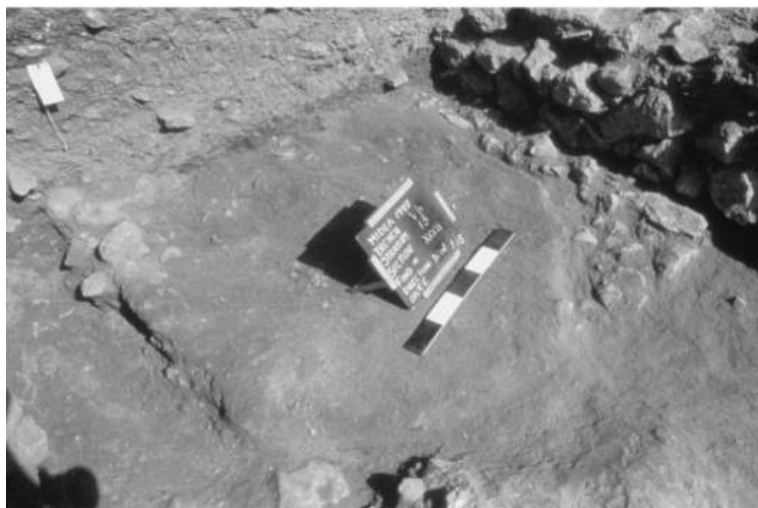
Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

Outro aspecto notado é o alinhamento com o Pólo Celeste, que consiste em um ponto fixo no céu, e a Constelação da Ursa Maior. Em período contemporâneo o Pólo Celeste é marcado pela estrela Polar, contudo, em 1250 a.C., não havia nenhuma estrela com a magnitude necessária para tornar-se um ponto de referência visível. Possivelmente a orientação escolhida se relaciona com a constelação da Ursa menor (azimute  $350\pm 5$ ) que realiza um movimento ao redor do Pólo Celeste e, em períodos posteriores, era utilizada como um ponto de referência para viajantes, como é atestado na *Íliada* (XVIII, 483-489) e *Odisséia* (V, 472-476).

#### 4.4.3 Santuário

Analisamos as orientações da área de culto localizada próxima ao Complexo do mégaron. Coletamos os dados de azimutes do *Room VIII* e *Room XXXII*, dois edifícios conectados, que de acordo com os materiais fariam parte de um local de culto. No *Room VIII* (2,40m x 1,0m) foram encontrados uma estatueta feminina, um fragmento de um touro em terracota e jarros de estribo com símbolos religiosos, enquanto no *Room XXXII*, foi localizado um “fogo central (*hearth*), uma trípode em miniatura em formato de altar e um suporte para estatuetas” (WALBERG, 2007, p. 63)<sup>146</sup>.

Figura 81 – Fogo central elíptico do *Room XXXII*



Fonte: (WALBERG, 2007, pl. 2d).

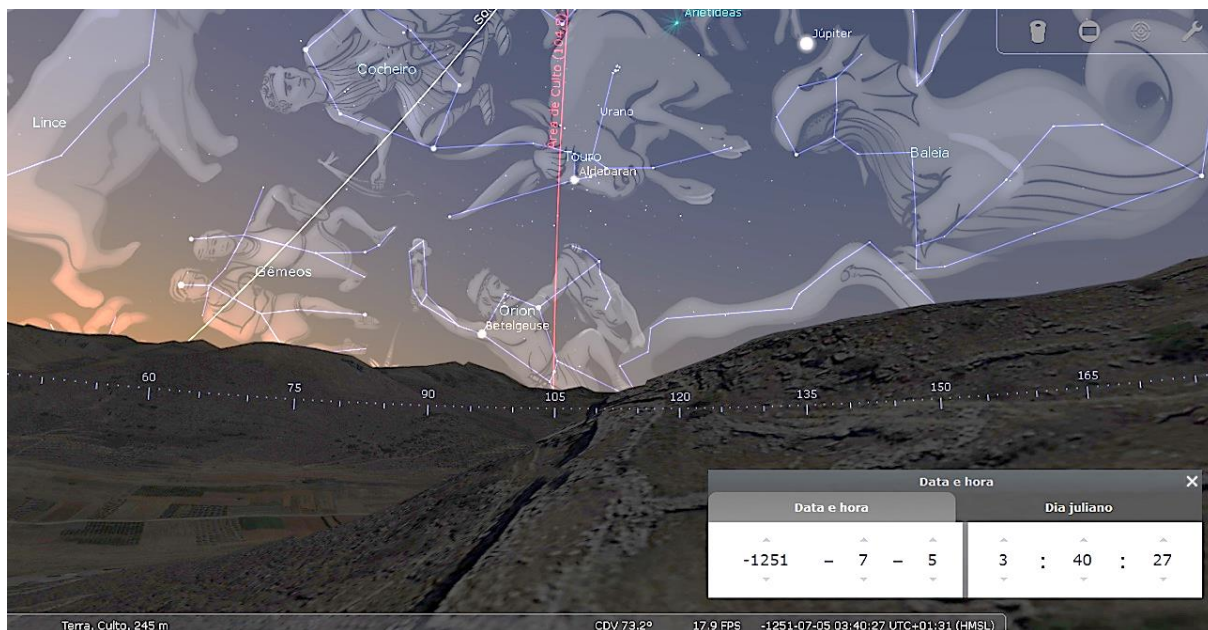
A partir do centro dos edifícios conectados obtemos os seguintes azimutes 13.1, 104.8, 195 e 283 (Figura 82). Neste caso houve uma coincidência astronômica entre o azimute 104.8 e o nascimento do Cinturação de Órion ( $105\pm 2$ ), visível no céu noturno entre os meses de julho

<sup>146</sup> Tradução nossa. A autora indica que há vários achados de caráter religioso, mas evita em classificar o *Room VIII* como um templo.

(próximo ao nascer do Sol) e dezembro (próximo ao pôr do sol). Assim, a aparição do Cinturão de Órion, popularmente conhecido como as “Três Marias” no Brasil, seria um indício do início do Verão e continuaria visível ao longo do Outono até o início do Inverno no sítio.

O azimute 104.8 foi obtido a partir de uma linha que partiu do centro do *Room VIII* até a porta de entrada, assim, o Cinturão de Órion seria altamente visível para alguém que estivesse dentro da construção. Acreditamos que essa orientação seja um elemento que corrobora a hipótese de que o edifício era um santuário, uma vez que há exemplos de templos fenícios e gregos de período posterior dedicados a divindades masculinas, respectivamente Baal e Zeus, que estão alinhados com essa constelação (ORLANDO, 2017, p. 5; LIRITZIS; VASSILIOU, 2003, p. 98). Essa associação poderia ser feita pelo fato da Constelação de Órion anunciar o período das chuvas na região.

Figura 82 – Vista do Cinturão de Órion a partir do Santuário.



Legenda: As linhas mostram em vermelho o azimute 104.8 do *Room VIII* e em branco o nascimento do Sol em 5 de jul de 1251 a.C. Nota-se que o nascimento do Cinturão de Órion coincide com a orientação do edifício analisado.

Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

Outra observação que necessitaria de investigações futuras é o azimute 283, que se aproxima com o poente das Pleiades (azimute 280) e de possíveis paralisações de Vênus (azimute 285) e/ou Júpiter (azimute 285). Nestes últimos casos, os valores são próximos, mas os dados são inconclusivos, dada a dificuldade em delimitar as paralisações de planetas, cuja trajetória máxima e mínima no céu é muito próxima dos Solstícios, tornando difícil a distinção entre um evento e outro. No caso das Pleiades, acreditamos que ao invés de considerarmos que

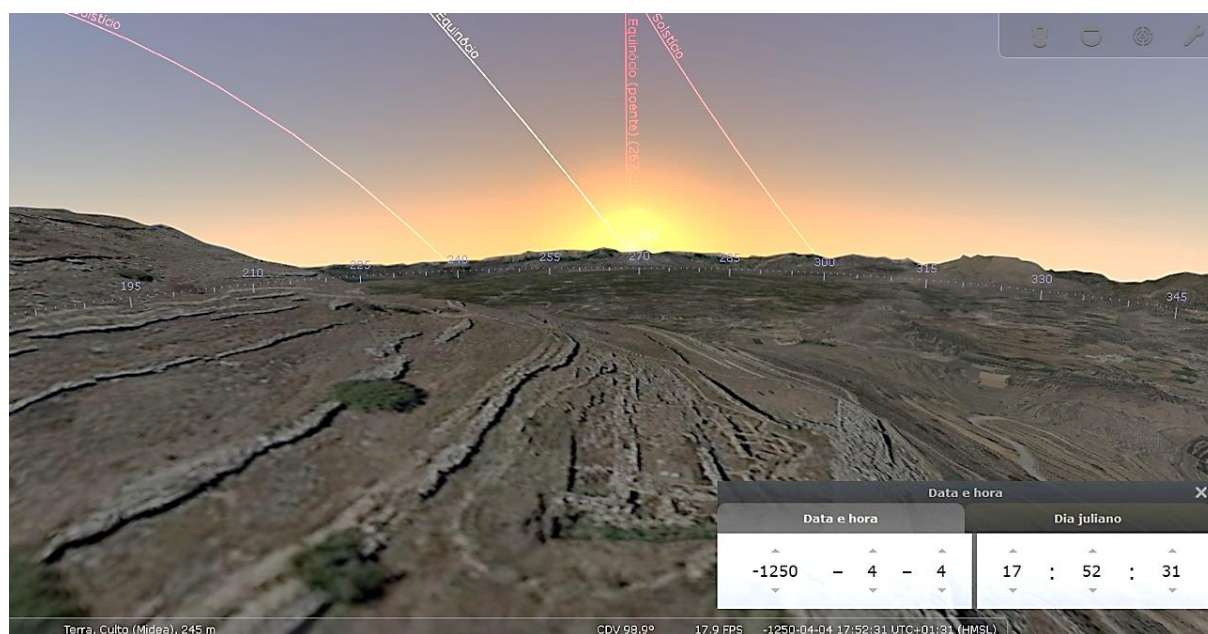


os edifícios estão voltados para esse agrupamento estelar, é mais provável que esses edifícios estivessem voltados tanto para a Constelação de Touro como para as Pleiades, uma vez que são constelações vizinhas.

#### 4.4.4 Complexo do mégaron

No mégaron da Acrópole Baixa foram coletados os seguintes azimutes: 85.9, 175, 267.86 e 356. As salas que compõem a estrutura estão voltadas para o nascimento e o pôr do Sol no Equinócio (azimutes 87 e 268). Por estar orientado para essa direção, o Complexo do mégaron recebe luz solar ao longo de todo ano. Nos períodos de Equinócio de Primavera e Outono durante o pôr do sol, os raios de luz entrariam diretamente pelo vestíbulo e pórtico e seriam projetados nas paredes do fundo do mégaron central (Figura 83). Os demais azimutes, elaborados a partir das laterais da estrutura parecem seguir o Pólo Celeste em 356 e 175.

Figura 83 – Pôr do sol no Equinócio a partir do Complexo do mégaron



Legenda: Em vermelho o azimuth do mégaron, enquanto em branco a trajetória do Sol no Equinócio. Notamos que o edifício está voltado para o pôr do Sol no Equinócio.

Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

#### 4.4.5 Construções e vestígios da Acrópole Alta

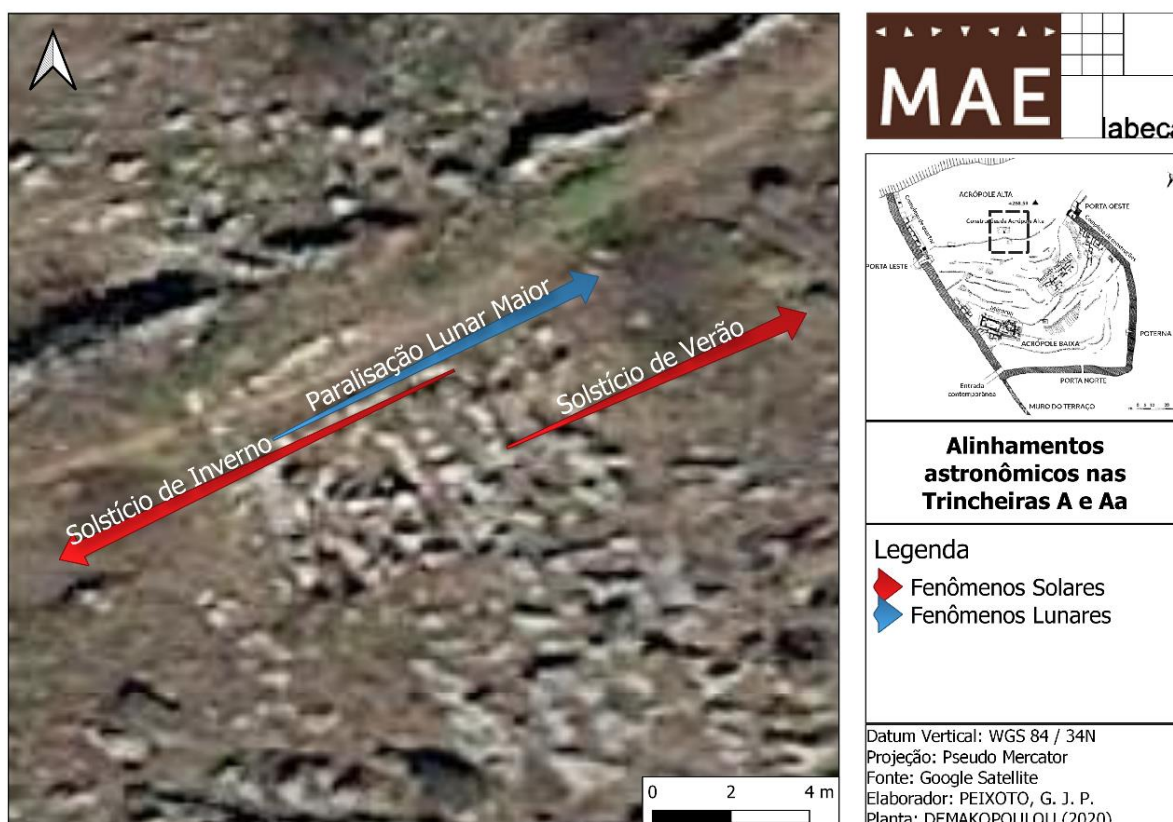
Após o muro de contenção que separa a Acrópole Alta da Baixa há um conjunto de construções de 4800 a.C. até o período micênico. Neste local foram encontrados quartos, parte de uma fortificação quadrada (1,60 x 1,60) do Heládico Antigo II (2700 a.C. - 2200 a.C.), ferramentas em pedra e obsidiana, dois enterramentos em cista, um retangular e outro irregular, ambos do Heládico Médio (2000 a.C. - 1600 a.C.), estatuetas de animais e humanos e vestígios

cerâmicos desde o final do Neolítico (V e IV milênio a.C.) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008 p. 10-13; DEMAKOPOULOU, 2012, p. 34; DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 21-23).

Dentre os vestígios do LH IIIB, foram encontrados fragmentos de tigelas, alabastros, *pithos*, estatuetas de um *pólos* e de um trono e uma conta de vidro de importação egípcia (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2008, p. 13). Contudo, não é possível determinar com segurança a função desse espaço no Heládico Recente IIIB, possivelmente seria uma oficina de lascamento ou local de memória, em razão dos enterramentos e da ocupação de períodos anteriores.

Neste espaço, tomando como base a fortificação, que possui a mesma orientação do túmulo 1, obtivemos os seguintes azimutes: 56, 62, 148.5, 237 e 325.45. Esses números aproximados se relacionam a fenômenos solares, no caso o Solstício de Verão (nascimento do Sol no azimute 63) e o Solstício de Inverno (pôr do sol no azimute 238) e lunares, como, por exemplo a Paralisação Lunar Maior (nascimento da Lua no azimute 57).

Figura 84 – Orientações de edifícios na Acrópole Alta

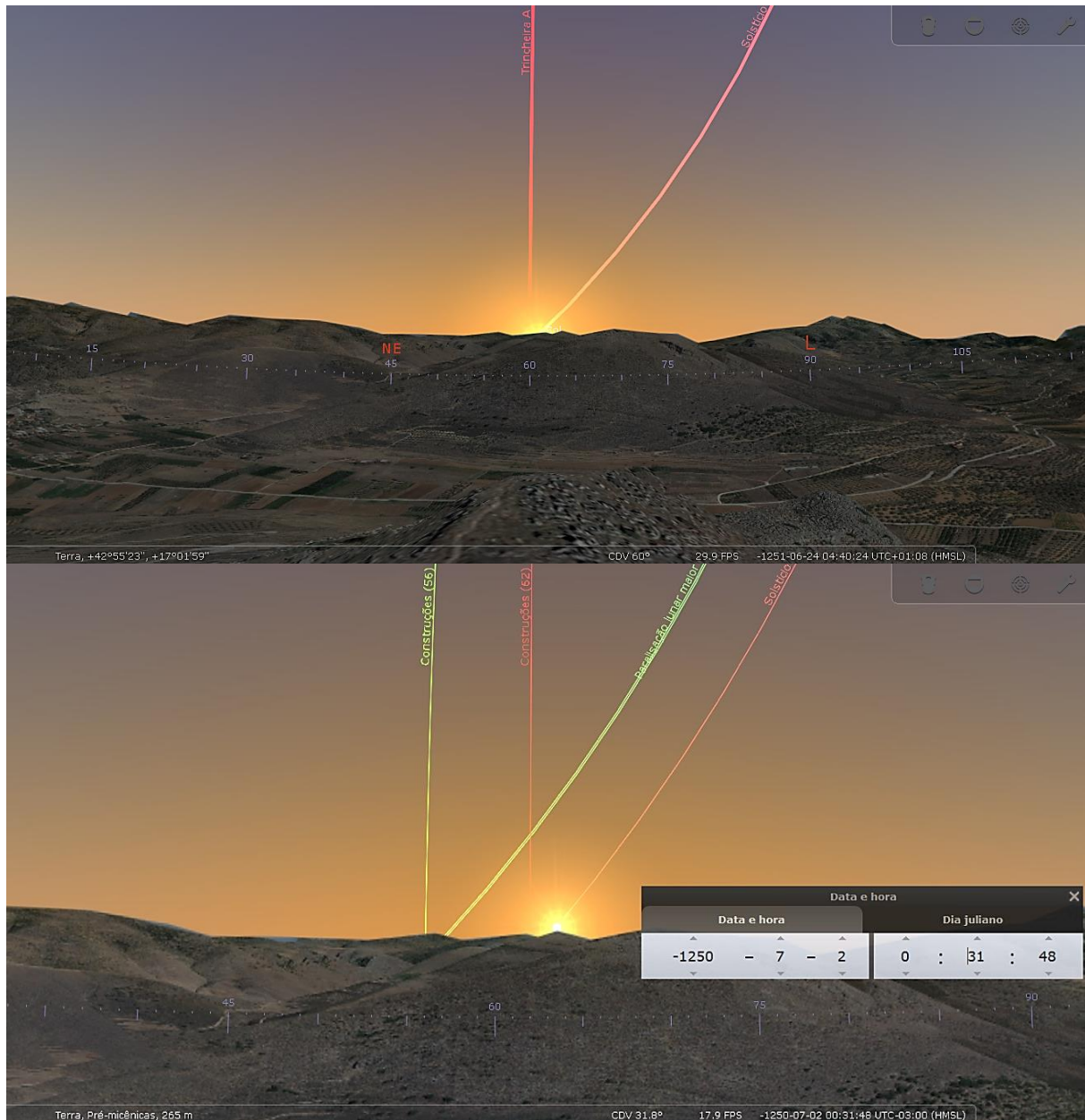


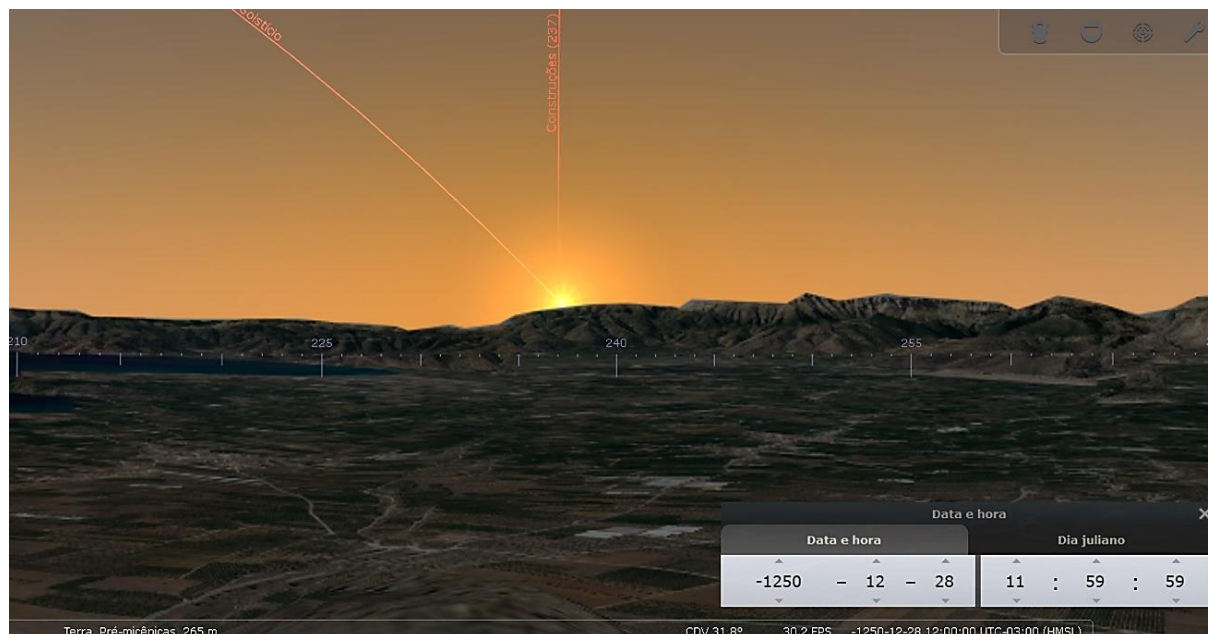
Fonte: Elaborado no *QGIS* (2021).

Acreditamos que os edifícios da Acrópole Alta deveriam ser utilizados para observações astronômicas, pelo fato de possuírem uma visibilidade privilegiada no sítio e pelo seu

alinhamento com o Solstício de Inverno. Um evento importante que demarca o início do Inverno em dezembro e que comumente encontramos construções alinhadas com ele, como, por exemplo, em *Stonehenge* e o templo de Mnajdra, Malta (MAGLI, 2020, p. 65 e p. 71).

Figura 85 – Eventos astronômicos em edifícios da Acrópole Alta.





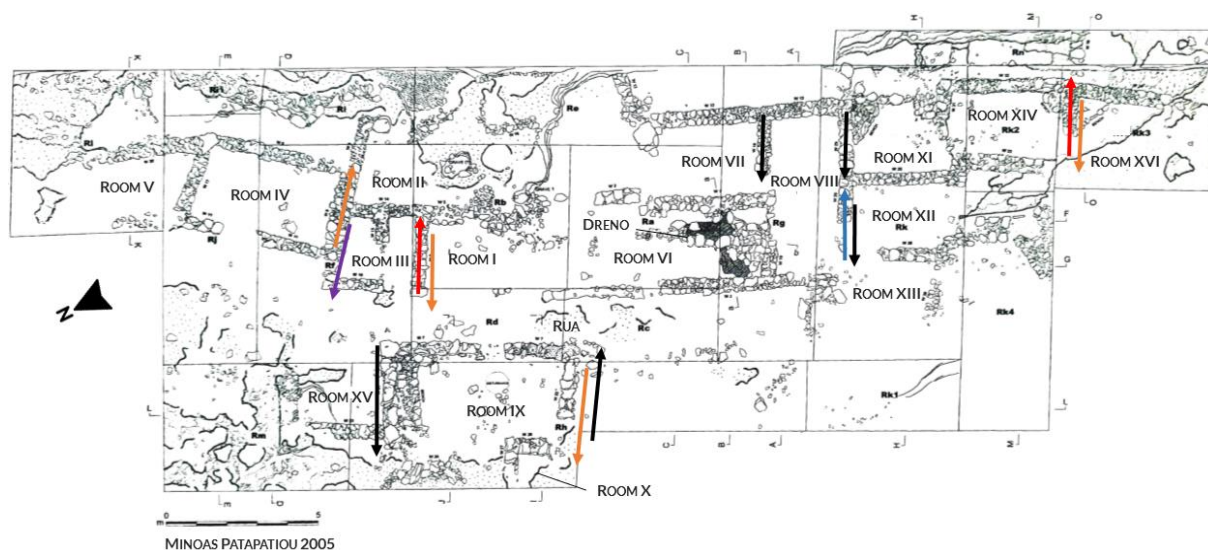
Legenda: As imagens mostram respectivamente os alinhamentos dos muros encontrados nas Trincheira A e Aa com o Solstício de Verão (63), Solstício de Inverno (238) e a Paralisação Lunar Maior (57).  
Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

#### 4.4.6 Construções no Terraço Sudoeste

As Construções no Terraço Sudoeste se configuram como áreas de oficina e habitação. Nestes espaços foram encontradas estatuetas em terracota, vasos de metal, ferramentas, selos e matérias-primas diversas (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22).

No Terraço Sudoeste encontramos muros das seguintes estruturas alinhadas com eventos celestes: *Room I*, *Room III*, *Room IV*, *Room VII*, *Room VIII*, *Room IX*, *Room XII*, *Room XI*, *Room XV* e *Room XVI* (Figura 86).

Figura 86 – Alinhamentos celestes no Terraço Sudoeste



Legenda: As setas indicam alinhamentos com fenômenos celestes. Vermelho (Solstício); Preto

(Paralisação Lunar menor); Roxo (Paralisação Lunar Maior); Laranja (Vênus); Azul (Sírius).

Fonte: (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 2).

Os eventos celestes com alinhamentos com esses quartos foram: paralisação de Vênus (*Room I, IV, IX e XVI*), Paralisação Lunar menor (*Room VII, XVIII, IX, XI, XII, XV*), estrela Sírius da constelação de Cão Maior (*Room XII*) e Solstício (*Room I, III e XVI*).

As mudanças de curso de Vênus no céu simulado entre 1250 a.C. e 1240 a.C. abrangem um conjunto de posições. A partir das posições mais comuns do planeta, realizamos uma comparação com os alinhamentos dos edifícios e notamos que os eventos coincidentes ocorrem quando Vênus aparece nos seguintes azimutes:  $132\pm 1$  e  $303\pm 1$ <sup>147</sup>.

A paralisação de Vênus ocorre no azimute  $132\pm 1.0$  e coincide com a orientação de uma parede compartilhada pelo *Room IV* e o *Room II* (azimute 132.8). Nesses espaços foram encontradas ferramentas em obsidiana, pedras para moer grãos, contas de vidro, pedaços de matéria-prima semi-trabalhada e 2 selos (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, p. 48-50).

Por sua vez, a paralisação de Vênus no azimute  $304.5\pm 1.5$  coincidiu com paredes do *Room I* (303.6), *Room III* (305.2), *Room IX* (303.5) e *Room XVI* (302.5). O *Room I* possui vários fragmentos cerâmicos de vasos para cozinhar com tripode, grelhas e vasos de armazenamento como *pithoi* e ânforas, além de um fragmento de rítion (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, p. 34-35) No *Room III* foram encontrados materiais inacabados e ferramentas. O *Room IX* possuía elementos arquitetônicos interessantes como bancadas, suportes para pilares, além de uma concentração de estatuetas femininas e de animais em terracota, sendo indicadores de atividades de culto (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 12-13).

Cabe ressaltar que o muro do *Room IX* alinhado com Vênus está do lado oposto à bancada. O muro do lado da bancada (azimute 293.3), estaria alinhado à paralisação Lunar menor (Figura 87). Por fim, no *Room XVI* foi encontrada uma bancada triangular para culto (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p.11) e além do alinhamento com Vênus, sua parede está alinhada com o Solstício. É interessante notar que em alguns espaços que possuem alinhamentos com Vênus é possível encontrar evidências de culto.

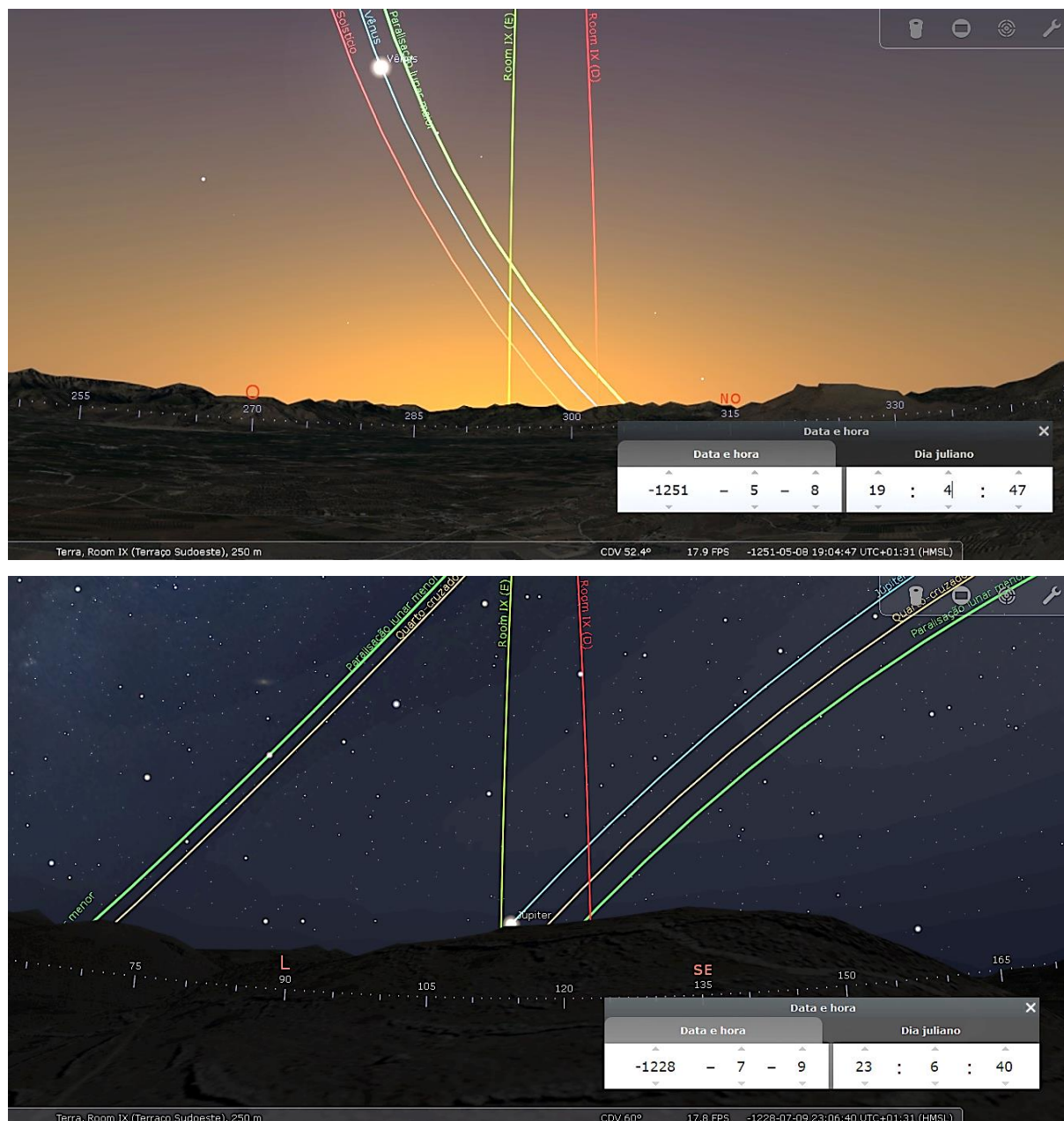
Por sua vez, encontramos alguns edifícios alinhados com a Paralisação Lunar menor (azimutes 293.2 e 122), dentre eles o *Room VII* (293.3), *Room VIII* (293.5), *Room IX* (123), *Room XII* (292.72) e *Room XV* (293.2). No *Room VII* foram encontrados fragmentos de estatuetas e vasos, além de uma impressão de selo com a inscrição “contribuição de Aioniso

---

<sup>147</sup> As paralisações de Vênus costumam ocorrer em locais próximos, por isso não há um valor absoluto para o azimute. Coletamos os dados das paralisações e obtivemos a média simples. A margem de erro expressa por  $\pm 1$ , simboliza os pontos máximos e mínimos coletados nessas paralisações.

para o mégaron” (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 22).

Figura 87 – Alinhamento do *Room IX* com Vênus e a Paralisação Lunar (Terraço Sudoeste)



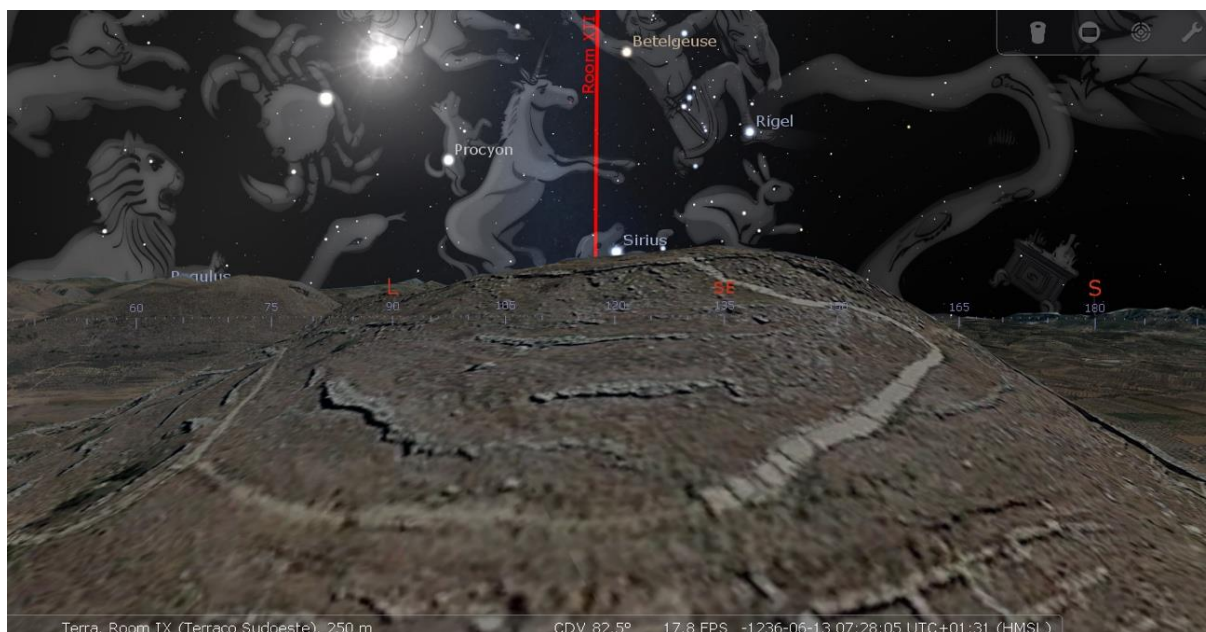
Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

No *Room VIII* foram encontrados vasos, tigelas, cálices além de uma base de pilar no centro da sala (DEMAKOPOULOU, K. *et al.*, 2005, p. 11-13). No *Room XII* foram encontrados fragmentos cerâmicos, 1 bacia, sementes e figos carbonizados (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, 18-20). Notamos, que com a exceção do *Room IX*, mencionado anteriormente e que possui evidências de atividades religiosas, os demais espaços mencionados não possuem um conjunto de materiais que possa indicar a realização de cultos.

Por sua vez, o *Room XII* está alinhado com a estrela Sírius, uma das mais brilhantes no

céu noturno e que faz parte da Constelação de Cão Maior. O aparecimento de Sírius era importante no Egito Antigo, pois anunciava o início das cheias do Nilo, e estava presente em mitos gregos relacionados com a chuva<sup>148</sup>. Na área do Terraço Sudoeste, Sírius aparece no céu no azimute 119. No *Room XII* (azimute 117,3) foram encontrados materiais cerâmicos, figos carbonizados e fusos (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 18).

Figura 88 – Alinhamentos do *Room XII* (Sírius)



Fonte: Elaborado no Stellarium (2022).

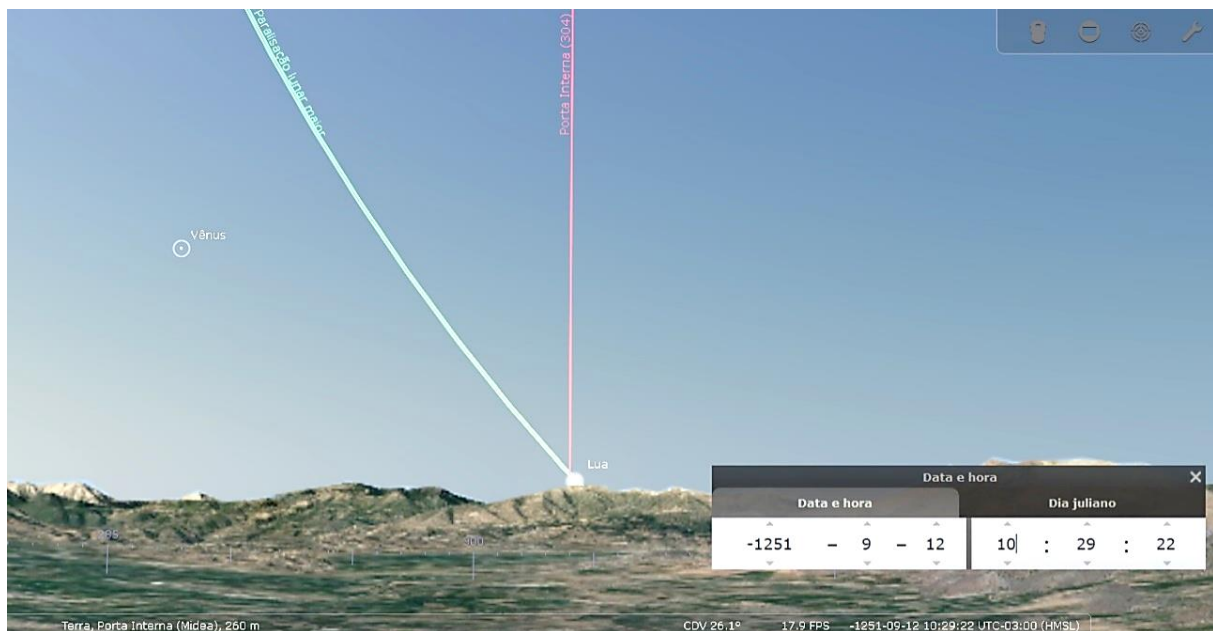
#### 4.4.7 Alinhamento das portas

A Porta Interna está nas proximidades da Porta Leste e regulamenta o acesso para a Acrópole Alta. Encontramos poucas informações sobre sua escavação nos relatórios, sabemos apenas que está próxima do Complexo de Quartos, que consiste em uma zona de produção de fios e armazenamento de grãos. Apesar das poucas informações encontradas nos relatórios de escavação, a Porta Interna poderia ser utilizada para marcar eventos lunares.

Coletamos os azimutes 37, 125, 218 e 304 nesta norte e notamos a coincidência entre alguns valores ligados aos Solstícios e Paralisações Lunares. Ao averiguarmos as simulações que consideram os Panoramas 3D importados do *Google Earth* no *Stellarium*, notamos que a orientação 37 está ligada com a Constelação de Leão Menor e Cassiopéia e que a 304 coincide com a Paralisação Lunar Maior durante o poente (Figura 89).

<sup>148</sup> LAOUI, Amanda. The Sirius' Cult in Ancient Greece. *Aristaios and the Formation of the Attico-Cycladic Mythological Substratum. Mediterranean Archaeology and Archaeometry*, v. 6, p. 129-141, 2006. Neste artigo é abordada o modo como os mitos retratavam o culto à Sírius e seu nascimento heliacal como um prenúncio das chuvas.

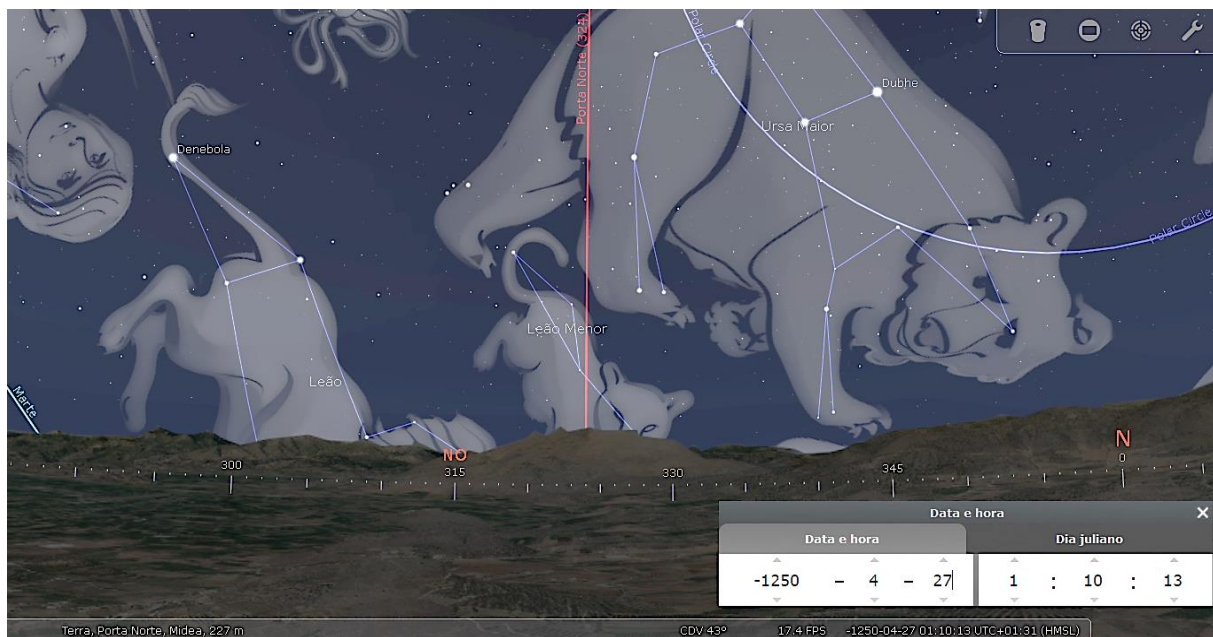
Figura 89 – Porta Interna na Paralisação Lunar Maior



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).

A Porta Norte recém escavada possui os azimutes 65.9, 146.63, 242.92 e 324. Sua entrada parece apontar para as Constelações de Leão menor e de Cassiopeia (Figura 90), próximas ao Círculo Polar, enquanto suas laterais seguem o trajeto da muralha, por isso, assim como ocorreu nas Protusões, elas apontam para o Solstício de Verão (azimute 63 no nascimento do Sol) e para a Paralisação Lunar menor (azimute 243 no poente).

Figura 90 – Vista das Constelações na Porta Norte



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2021).



A Porta Leste possui um formato afunilado, o que possibilita a coleta de múltiplos azimutes. Dos azimutes coletados, um deles (304) se aproxima da Paralisação Lunar Maior (poente) ao seguir o curso da muralha, outro no azimute 46 encontra-se próximo das Constelações de Leão (entre 45-50), outro com o azimute 126 alinhado com o Solstício de Inverno (nascente em 125). Há indícios de alinhamento com Vênus, contudo, é difícil averiguarmos a validade devido a margem de erro encontrada na coleta dos dados no *Google Earth*.

Por sua vez, a Porta Oeste, segue o traçado das muralhas nas laterais, por isso, está alinhada (azimute 7) com o Pólo Celeste. Quanto à sua entrada, azimutes 101.5 e 281.4, há um alinhamento com o nascimento do Cinturão de Órion em 102 e um possível alinhamento com o poente das Pleiades no azimute 280.

Por fim, a Poterna, que serviria de uma rota de escape, segue o curso das muralhas na Acrópole Baixa, por isso, está alinhada com eventos lunares. Os azimutes coletados foram 69, 156, 247 e 348. Esses valores se aproximam da Paralisação Lunar menor durante o nascimento da Lua no azimute 70 e o poente do satélite em 245.

#### 4.4.8 Complexo de Quartos

As orientações de construções no complexo de quartos, adjacentes às muralhas da Porta Leste seguem o mesmo tipo de orientação encontrada nos muros da Porta Leste.

Figura 91 – Alinhamento do *Room 8* com Vênus



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

O muro encontrado na Trincheira F (azimutes 63 e 245) está alinhado com o nascimento do Sol no Solstício de Verão (azimute 63) e com a Paralisação Lunar menor (244). Enquanto um dos muros do *Room 8* (126.7) se aproxima de uma das paralisções de Vênus no azimute 125 (Figura 91). Por fim, o *Room 7* (130.35) e o quarto formado pelas Trincheiras 3 e 12 (132), espaço de produção de itens valiosos (presença de metais e contas), estão alinhados com a Paralisação Lunar Maior (azimute 130).

#### 4.4.9 Complexo de Construções

Na área do Complexo de Construções nas proximidades da Porta Oeste encontramos alinhamentos com eventos solares, lunares, com o Cinturão de Órion e o Pólo Celeste.

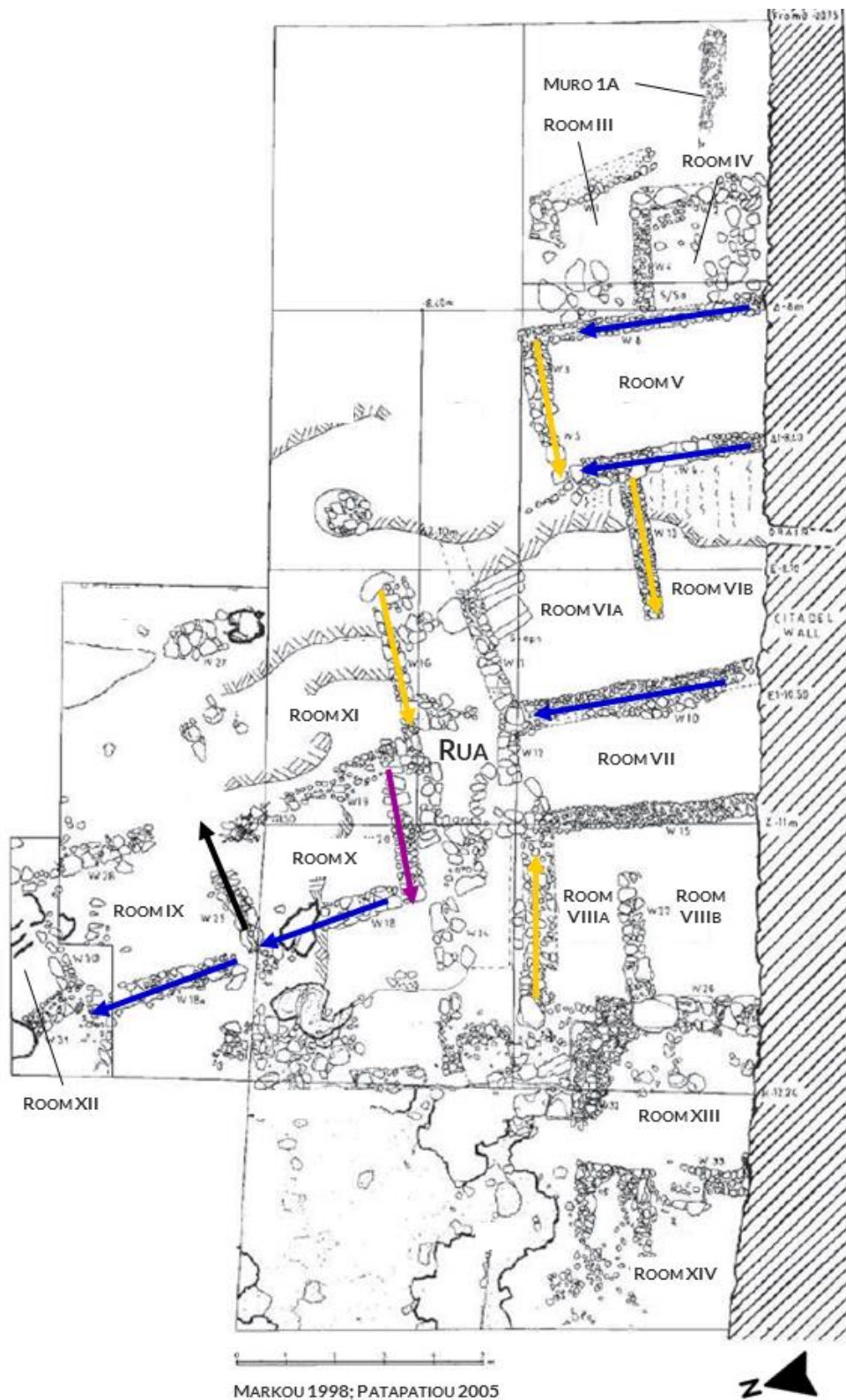
Os edifícios que compreendem os *Rooms V, VI, VIII e XI* estão alinhados com o Equinócio (azimutes 105 e 270) (Figura 92). No *Room VI* foram encontrados diversos vasos cerâmicos, dentre eles vasos em miniatura e uma concentração de 12 fragmentos de estatuetas e uma bancada.

Esses elementos indicam que o *Room VI* seria utilizado para armazenamento e possivelmente para culto (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 59-68). As estatuetas femininas e materiais de culto aparecem tanto em edifícios com alinhamentos solares, lunares, como em edifícios com alinhamentos estelares, como o Cinturão de Órion (Santuário). É interessante notarmos que do ponto de vista do *Room VIII* o Sol aparece no Equinócio justamente na localização da Porta Oeste (Figura 93).

Quanto aos eventos lunares no Complexo de Construções, notamos o alinhamento de uma parede compartilhada pelo *Room IX* e o *Room X* (azimute 83.2) com a Paralisação Lunar menor (azimutes 83) (Figura 92). Outra medida retirada na Trincheira Sj (114) parece indicar um alinhamento com o Cinturão de Órion (azimute 114).

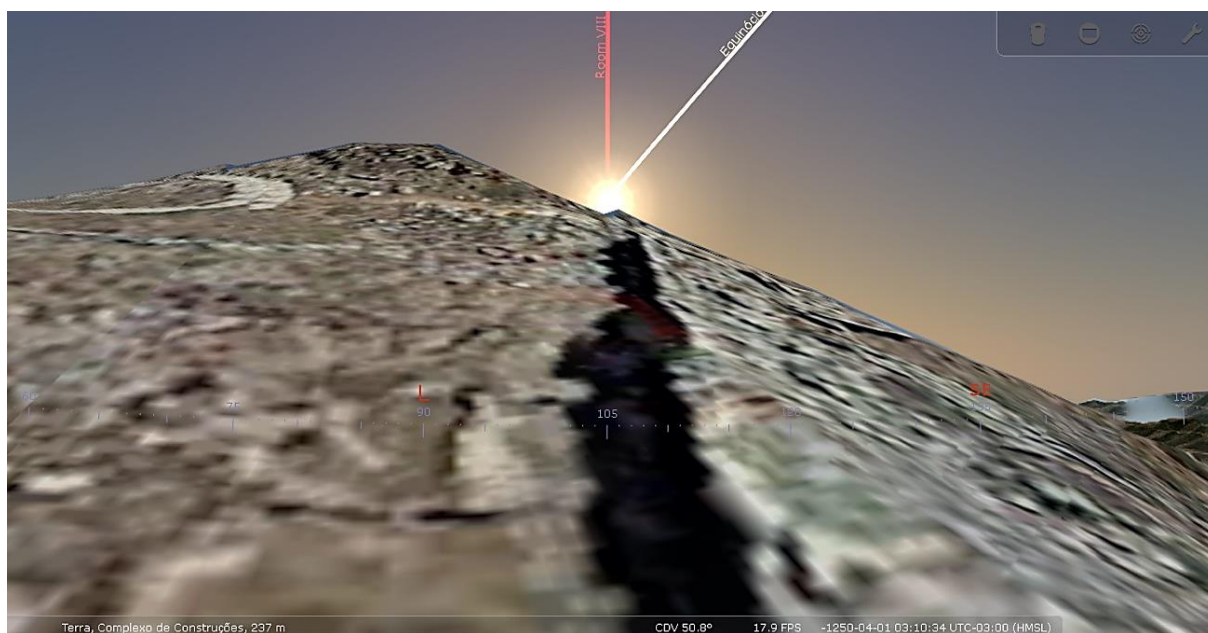
Por fim, cabe destacar que diversas paredes laterais de edifícios no Complexo de Construção possuem um alinhamento com o Pólo Celeste (azimute 0) e com o seu lado oposto, o Sul (azimute 180). Dentre eles podemos mencionar os seguintes edifícios: *Room VI, VII, IX e X*.

Figura 92 – Alinhamentos no Complexo de Construções



Legenda: Alinhamentos marcados pelas setas. Amarelo (Equinócio); Azul (Pólo Celeste); Preto (Paralisação Lunar menor); Roxo (Cinturão de Órion).

Fonte: Adaptação de Demakopoulou *et al.* (2008, fig. 24).

Figura 93 – Alinhamento do *Room VIII* com o Equinócio

Legenda: Em vermelho o azimuth do Room VIII e em branco a trajetória do Sol durante o Equinócio.  
 Fonte: Elaborado no Stellarium (2021).

#### 4.4.10 Considerações sobre os alinhamentos em Midea

Após as análises notamos que grande parte dos fenômenos astronômicos em Midea são de caráter lunar e solar. Esses fenômenos costumam estar alinhados com a direção das muralhas, por isso, os locais onde há mudanças no sentido da muralha são potenciais observatórios astronômicos. As construções analisadas e as portas costumam obedecer às orientações impostas pelas muralhas, com a exceção de alguns edifícios: a área de culto, alinhado com o Cinturão de Órion e os *Rooms IX* e *VIII* no terraço sudoeste, alinhado com Vênus e outros planetas.

Outra observação feita ao longo das análises é que não há uma relação direta entre o alinhamento de um determinado edifício com um fenômeno celeste e o tipo de material encontrado nesse edifício. Por exemplo, concentrações de estatuetas femininas, bancadas e fogueiras (*hearth*) foram encontradas em locais com alinhamentos com eventos solares, lunares ou estelares (aparição do Cinturão de Órion).

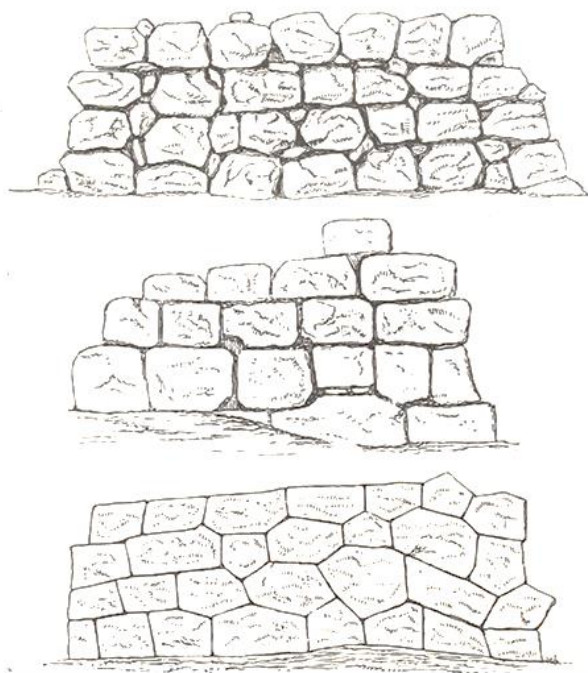
## CAPÍTULO 5: ESTUDO COMPARATIVO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 5.1 VIAS DE ACESSO

Na Argólida temos três cidadelas micênicas: Micenas, Mídea e Tirinto. Essas cidadelas foram construídas com técnicas da chamada “alvenaria ciclópica”, que utiliza “grandes blocos de pedra calcária” e pedras menores e argila em seus interstícios (LOADER, 1995, p. 15). Neste estilo arquitetônico há ainda a presença de estruturas triangulares em pontos da muralha, chamadas de arcos corbelados.

A maior parte das muralhas dos sítios foram construídas com a técnica descrita anteriormente, contudo, em trechos de algumas cidadelas, o arranjo dos blocos pode assumir outra configuração, a de falso *ashlar* (ou falso silhar), com o uso de blocos cuboides finamente trabalhados, e a de tipo poligonal, na qual os blocos não são perfeitamente retangulares e se encaixam uns nos outros sem espaços entre eles (Figura 94). No entanto, embora o tipo poligonal seja encontrado em Micenas ele corresponde a um estilo do período Helenístico datado do século III a.C. (WACE, 1964, p. 50).

Figura 94 – Tipos de muros identificados por Heinrich Schliemann



Legenda: De cima para baixo: muro ciclópico, muro em falso *ashlar* e muro poligonal.

Fonte: Domínio Público<sup>149</sup>.

Como exemplos de muros em falso *ashlar*, temos a fachada da Porta dos Leões, as tumbas monumentais (*tholos*) nas proximidades de Micenas e o muro que corre nas

<sup>149</sup> Category:Cyclopean walls of Mycenae - Wikimedia Commons. 2017. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cyclopean\\_walls\\_of\\_Mycenae#/media/File:Mycenae-3\\_types\\_of\\_Walls-Schliemann-vertical.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cyclopean_walls_of_Mycenae#/media/File:Mycenae-3_types_of_Walls-Schliemann-vertical.png). Acesso em: 2 fev. 2022.

proximidades da Grande Porta em Tirinto (Figura 95) (WACE, 1964, p. 49).

O uso de blocos retangulares em falso *ashlar* serviria para reforçar os pontos frágeis da muralha e distribuir a pressão, dificultando o colapso da parede (LOADER, 1995, p. 24-26). Além disso, o arranjo regular do muro, que possuía entre 7-8m de altura, formado por blocos que pesam em média 1,845ton e possuem grandes dimensões (1,025m de comprimento, 0,9m de largura e 0,8m de altura) (LOADER, 1995, p. 63), seria capaz de impressionar o visitante ocasionando uma experiência visual única. Portanto, além de uma função prática de defesa, o tipo de técnica de construção utilizada nas muralhas micênicas serviria para produzir um determinado efeito visual e, assim, demonstrar o poder das elites, que foram capazes de mobilizar recursos humanos e naturais para a construção dessas obras.

Figura 95 – Muro de Tirinto com blocos retangulares



Fonte: Domínio Público<sup>150</sup>.

Mídea, por sua vez, não possui trechos da muralha com aspecto de falso *ashlar*. Nesse sítio os blocos são formados por pedra calcária azul na forma de poliedros de formato

---

<sup>150</sup> Category:Tiryns - Wikimedia Commons. 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Tiryns#/media/File:DSC00758\\_%CE%A4%CE%99%CE%A1%CE%A5%CE%9D%CE%98%CE%91.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Tiryns#/media/File:DSC00758_%CE%A4%CE%99%CE%A1%CE%A5%CE%9D%CE%98%CE%91.jpg). Acesso em: 2 fev. 2022.

moderado<sup>151</sup> e conectados por pedras menores (LOADER, 1995, p. 33). Assim, diferentemente de Micenas e Tirinto, onde as entradas principais possuem o tipo de falso *ashlar* que possui um padrão de tamanho e de forma dos blocos, as muralhas e os pontos de acesso em Midea possuem o arranjo recorrente de blocos maiores com pedras menores nos interstícios. Cabe ressaltar que o acabamento das pedras em Midea também é mais simples do que o das outras cidadelas mencionadas.

Ao compararmos os números de portas e estruturas defensivas entre os sítios, notamos que o sítio com o maior número de estruturas é Tirinto. Além do número de portas, Tirinto destaca-se pela quantidade de torres, baluartes, casamatas e galerias (túneis) dentro dos muros (PAPADEMETRIOU, 2015, p. 22-23)<sup>152</sup>.

Tabela 5 – Comparação entre elementos do circuito murado

Sítio	Porta	Poterna	Cisterna subterrânea
Micenas	2 (Porta dos Leões e Porta Norte).	2	1
Midea	4 (Porta Leste, Porta Oeste, Porta Norte e Porta Interna).	1	0
Tirinto	6 (Entrada Principal, Grande Porta, Porta Dupla, Porta Oeste, Porta Norte e Porta na Torre Oeste)	2	2

Possivelmente isso ocorre, pois Tirinto no período do Heládico Recente IIIB (1300 a.C.-1200 a.C.) estava a 1 km do litoral, consistindo em um importante núcleo portuário conectado com as redes comerciais no Mar Mediterrâneo. Isso é atestado pelos materiais encontrados na cidadela como uma estatueta de macaco em faiança do Egito junto com um cartucho de Amenhotep (CLINE, 1991, pl. 2) e textos de Ugarit e de Ras Ibn Hani encontrados na Cidade Baixa (COHEN, C.; MARAN, J.; VETTERS, 2010, p. 4). Assim, sua articulação com o Mediterrâneo tornava o sítio vulnerável a ataques vindos do litoral.

As portas presentes nos três sítios são dos seguintes tipos: entrada simples e/ou entrada em L, portão de entrada única e portão de duas entradas<sup>153</sup>. A poterna por definição é uma forma de entrada simples estreita, utilizada preponderantemente para o fluxo de pedestres. Podemos classificar como entradas simples todas as portas de Midea (Leste, Oeste, Norte e Interna), a

<sup>151</sup> LOADER, Nancy Claire. **The definition of cyclopean:** An investigation into the origins of the LH III fortifications on mainland Greece. 1995. Tese de Doutorado. Durham University, p. 33. As dimensões médias dos blocos de tamanho “moderado” são: 1,0m de comprimento, entre 1,0-0,8m de largura e 0,8 m e altura.

<sup>152</sup> PAPADEMETRIOU, Alkestis. **Tiryns:** A guide to its history and archaeology. Athens: Hesperos Editions, 2015, p. 22-23. O sítio possui duas cisternas para a captação de água (*syrinx*), 28 quartos em casamata e galerias (túneis) que utilizam arcos corbelados.

<sup>153</sup> Para rever a tipologia completa ir à seção “2.3.1 Estruturas no Circuito Murado”.

Porta Norte e a Porta Oeste em Tirinto (Figura 96).

Figura 96 – Porta Oeste de Tirinto (Entrada Simples).



Fonte: (MARAN; PAPADEMETRIOU, 2012, p.164).

Como exemplos de portão de entrada única, onde há a projeção dos lados da porta em relação à muralha, temos a Porta dos Leões e a Porta Norte de Micenas (Figura 16) e a Grande Porta em Tirinto (LOADER, 1995, p. 88-89), já no caso de portão de duas entradas possuímos, como único exemplo, a Porta Dupla em Tirinto, que está após a Grande Porta em direção ao palácio.

No caso de Entrada em forma de L, possuímos 2 exemplos nos sítios selecionados, um em Midea, na Porta Leste, e outro em Tirinto, na Entrada Principal. Em ambos os casos a Entrada em L ocorre em razão da porta ser antecipada por uma rampa monumental que fornece acesso ao sítio (LOADER, 1995, p. 88).

Joseph Maran (2006, p. 82-83) propõe que o uso da matéria-prima nas portas, batentes e linteis poderiam ser “marcadores” de aspectos ligados às elites. Em Tirinto, enquanto as muralhas são feitas de calcário (*limestone*) cinza ou vermelho, certos pontos de passagem utilizavam conglomerado (rudito) como matéria-prima. Assim, o conglomerado aparece como limites e áreas de transição (HITCHCOCK *et al.*, 2016, p.83).

Em Tirinto esse material encontra-se na Grande Porta, no grande propylon, no pequeno propylon, nas colunas do pátio e nas soleiras do pórtico e na antessala do mégaron (MARAN,



2006, pl. 12). O conglomerado era extraído à 20km do sítio, ou seja, sua utilização demandava a mobilização de diversos recursos.

O uso do conglomerado como um símbolo de prestígio também é encontrado em Micenas e Atenas. Em Micenas o conglomerado é usado na Porta dos Leões, na Porta Norte, na *House of Idols* (Centro de Culto), no propileu, na passagem do pórtico e da antessala do palácio e na Casa das Colunas (MYLONAS, 1966, p. 62). Em Atenas ele é encontrado nas colunas do palácio micênico (Erecteion) (HITCHCOCK *et al.*, 2016, p. 80 e p. 83). Em Midea esse tipo de material não foi encontrado ou descrito nos relatórios de escavação.

Outro ponto de comparação é a presença de estruturas que protegem essas entradas. Nesse ponto, Midea possui uma das portas com um baluarte protetor (Porta Oeste) (Figura 99), assim como ocorre nas duas portas de Micenas e nas duas vias principais de acesso em Tirinto (Entrada Principal e Poterna Oeste).

Figura 97 – Grande Porta de Tirinto



Legenda: Batentes e soleira da porta feitos com conglomerado.

Fonte: Domínio Público<sup>154</sup>.

Quando comparamos Midea com Micenas e Tirinto, notamos que suas portas possuem uma configuração mais simples que a dos outros sítios, além de um arranjo mais irregular nos

<sup>154</sup> ZDE. CC BY-SA 4.0. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=106676627>. Acesso em: 1 ago. 2021.

muros. Nota-se que há um vocabulário arquitetônico comum, sobretudo na construção de baluartes e de poternas feitas com arco corbelado, mas o grau de elaboração e acabamento varia de acordo com a capacidade de mobilização de recursos materiais e tecnológicos da entidade política que controla a cidadela.

Figura 98 – Entrada principal em Tirinto (Entrada em L)



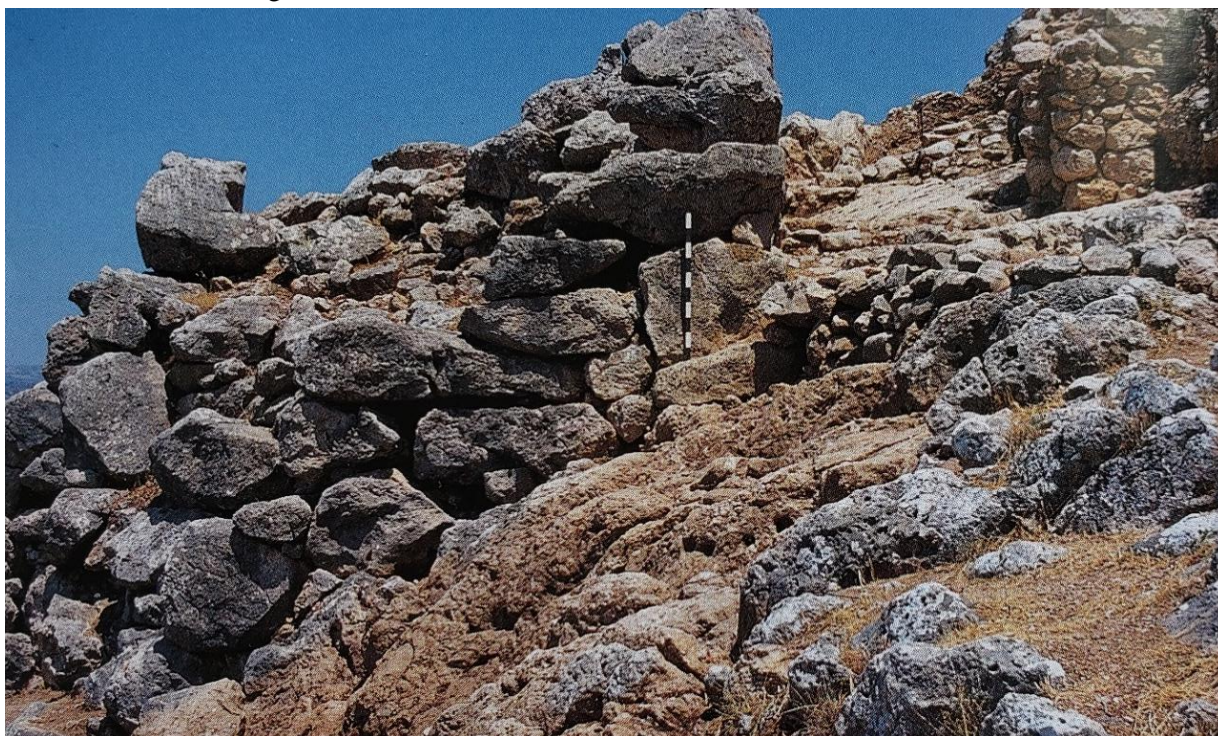
Fonte: World Heritage Journeys of Europe (2021)<sup>155</sup>.

Um elemento arquitetônico que notamos ao realizarmos o levantamento do número de portas, é que no caso de Tirinto o maior número de portas está ao redor do mégaron, justamente para regular os fluxos até essa estrutura. Se esse for o caso de Midea, o local com o maior número de portas é a região Leste da Acrópole Alta, onde temos a Porta Leste e a Porta Interna, o que poderia ser um indicativo da presença de uma estrutura administrativa na região. Contudo, para Micenas esse pressuposto não é válido, uma vez que as portas estão distribuídas ao longo do sítio e não nas proximidades do mégaron.

---

<sup>155</sup> The Archaeological Site of Tiryns | World Heritage Journeys of Europe. 2021. Disponível em: <https://visitworldheritage.com/en/eu/the-archaeological-site-of-tiryns/2413784a-f003-4bf6-a528-ab8b52c45d49>. Acesso em: 1 ago. 2021.

Figura 99 – Vista externa do baluarte na Porta Oeste de Midea



Fonte: Demakopoulou (2012, fig. 14).

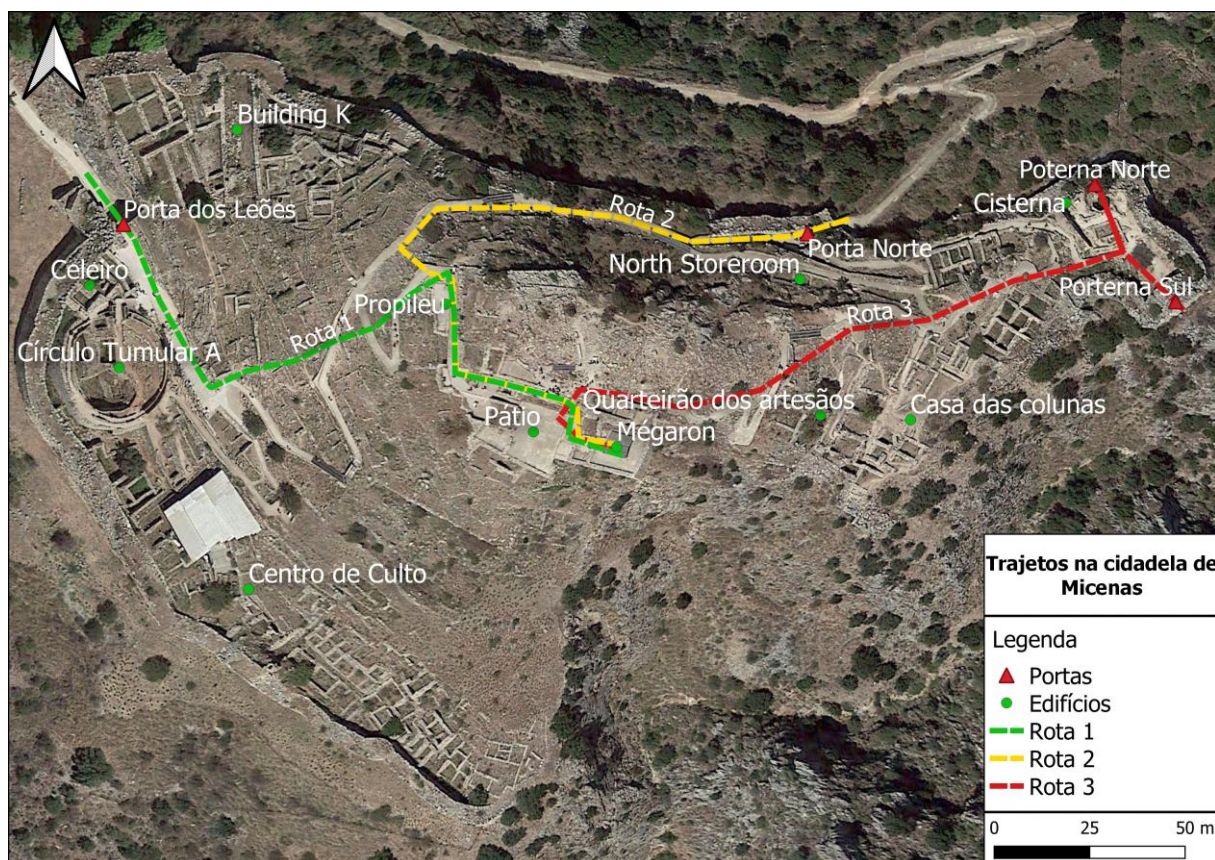
## 5.2 TRAJETOS EM MICENAS, MIDEA E TIRINTO

Neste trecho realizaremos uma comparação entre elementos arquitetônicos e a função de edifícios encontrados ao longo dos trajetos que partem da área externa até o mégaron considerando os sítios de Micenas, Midea e Tirinto.

Em Micenas identificamos três trajetos possíveis da área externa ao mégaron (Figura 100). A Rota 1, considerada a principal para o mégaron, inicia-se na Porta dos Leões, segue pelo interior da cidadela passando ao lado do Celeiro e do Círculo Tumular A, avança para o Propileu, um pórtico monumental duplo (ZEMAN; DUDLIK, 2020, p. 17), passa pelo pátio e chega ao mégaron. Durante a parte inicial da Rota 1 seria possível visualizar o Centro de Culto que fica próximo do Círculo Tumular A.

Acreditamos que a Rota 1, a rota preferencial de acesso à Micenas, sintetiza os elementos ideológicos ligados ao poder das elites. Logo na entrada, o viajante se depara com a monumental Porta dos Leões, os blocos dos muros nessa seção têm forma de falso *ashlar*, sendo uma demonstração de poder em razão do consumo conspícuo. Acima da porta há um relevo em pedra calcária que representa dois leões apoiados sobre altar que estão diante de um pilar, que representa uma divindade. Esse símbolo teria uma função apotropaica ao afastar o mal da cidade, protegendo seus moradores, além de legitimar os soberanos por meio de um discurso imagético de caráter religioso.

Figura 100 – Trajetos na cidadela de Micenas



Fonte: Elaborado no QGIS (2022).

Após entrar na cidadela, novamente há elementos ligados ao discurso das elites, como o Círculo Tumular A, uma estrutura funerária monumental cercada por uma camada dupla de placas em pedra que possui uma série de enterramentos que datam do Heládico Médio ao Heládico Recente I (2000 a.C.-1600 a.C.). Neste local foram encontrados 6 poços (*shafts*) com 12 tumbas, com um total de 9 estelas decoradas com temas religiosos e aristocráticos, como cenas de caça e de guerra, e remanescentes humanos rodeados por itens preciosos como máscaras em ouro e electrum (GATES, 1985, p. 263-264).

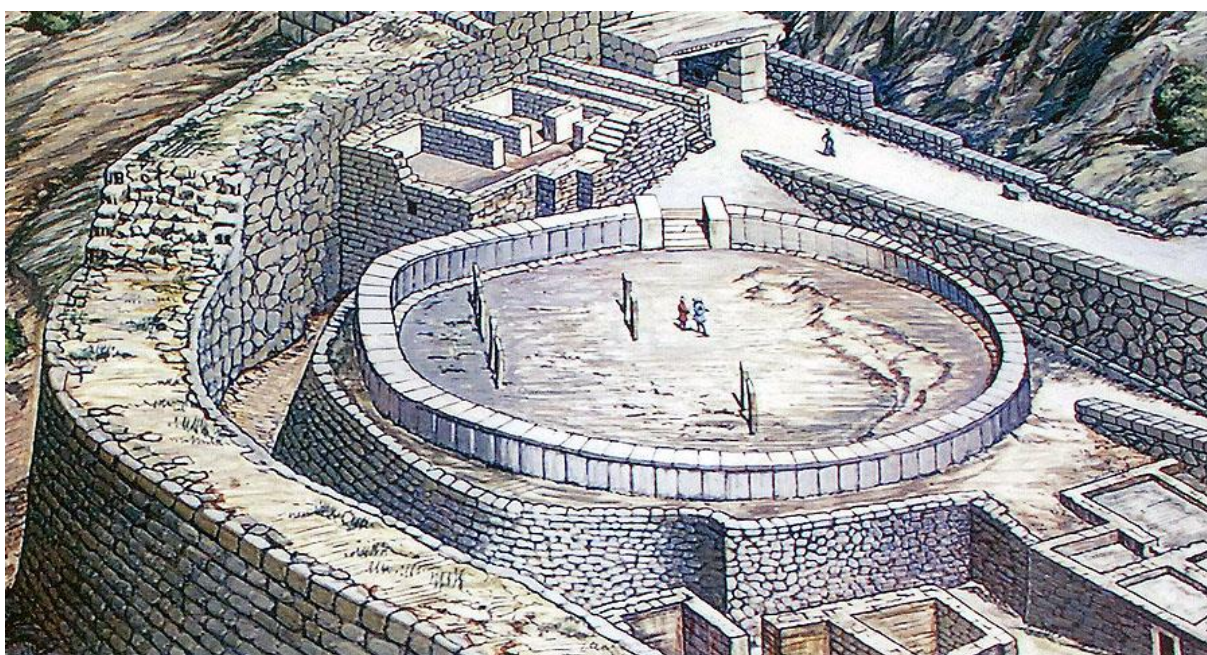
Parte dessas estelas estariam visíveis para os habitantes da cidadela no LH III B (1310 a.C.-1200 a.C.), exceto um altar elíptico para libações acima do poço IV (GATES, 1985, p. 265), que atesta evidências de culto em períodos anteriores. Esses enterramentos aristocráticos serviriam para legitimar a elite que governava Micenas e como local de memória dos antepassados<sup>156</sup>.

<sup>156</sup> GATES, Charles. Rethinking the building history of grave circle A at Mycenae. *American Journal of Archaeology*, v. 89, n. 2, p. 263-274, 1985, p. 269. A presença das estelas na parte visível do monumento favoreceu a interpretação de que o local se tratava de um *heroon*, um local de culto aos heróis.

Nesse sentido, o Círculo Tumular A faz parte de uma paisagem funerária mais ampla, que se expressa na área extramuros, por meio das tumbas monumentais em forma de colmeia (*tholos*) e no Círculo Tumular B. No interior da cidadela o Círculo Tumular A assume o papel de espaço dos ancestrais, cuja função possível é a de legitimar os soberanos micênicos.

Ao caminhar pela rampa processional, antes de subir em direção à acrópole onde o palácio se encontrava, o viajante possivelmente teria a visão do Centro de Culto (Figura 18), um conjunto de edifícios de caráter religioso voltados para um pátio central onde os rituais deveriam ocorrer.

Figura 101 – Reconstituição do Círculo Tumular A



Fonte: Adaptado de Wace *et al.* (1921-1923, pl. XVIII)<sup>157</sup>.

Em seguida, o viajante se aproximaria do palácio e entraria pelo Propileu, passando pelo Portal Oeste e o Corredor Sul até chegar ao pátio que dava acesso ao mégaron (MYLONAS, 1966, p. 64). Outra opção seria o viajante ir até o Centro de Culto, depois se dirigir até o palácio e acessá-lo por meio de uma entrada na Grande escada. Em resumo, esse caminho teria elementos ideológicos ligados à elementos aristocráticos e religiosos, ligados aos antepassados.

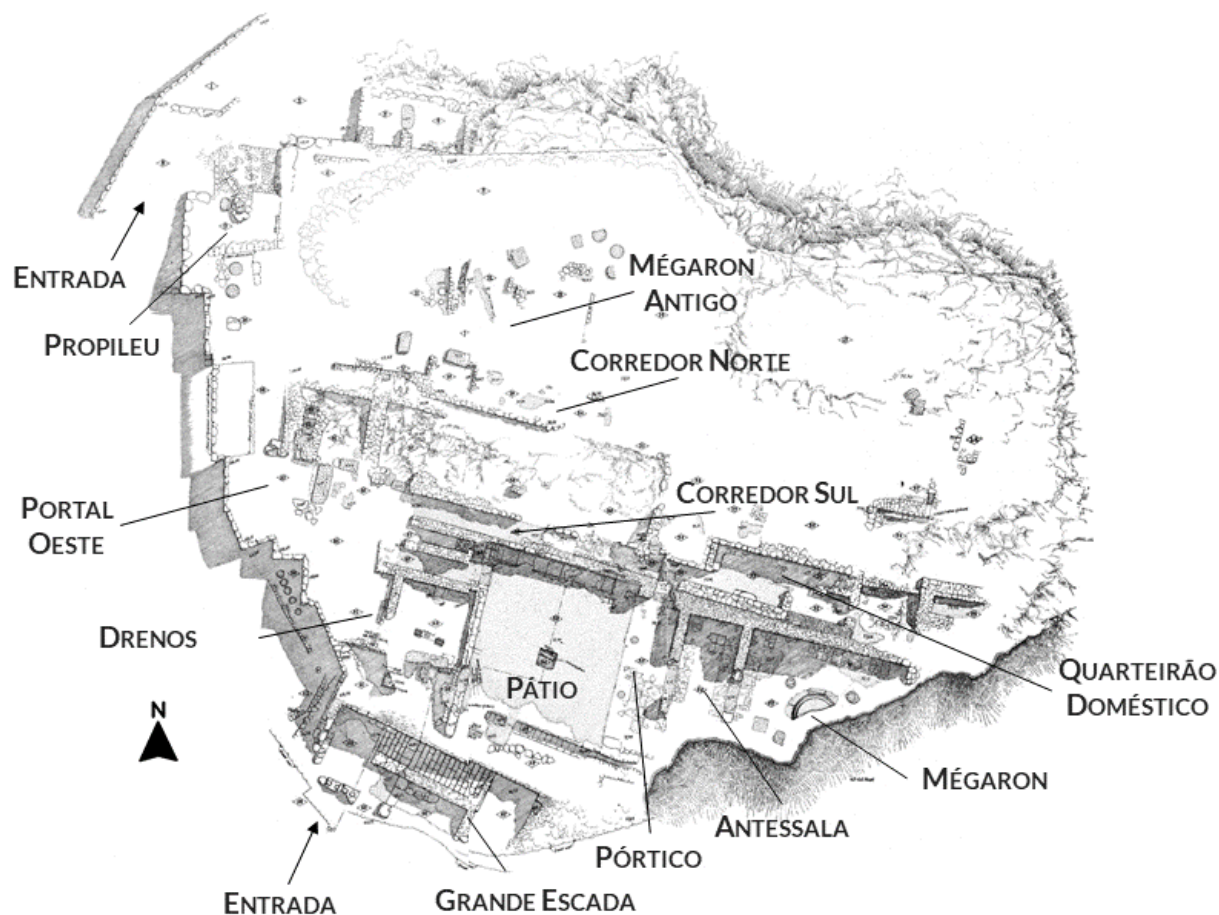
A Rota 2 se inicia na Porta Norte, passa ao lado de locais de armazenamento de produtos (*North Storerooms*), até chegar ao Propileu, uma espécie de passagem dupla que fornece o acesso à Acrópole Alta e ao mégaron.

A Rota 3 começa nas poternas (norte e sul) localizadas na extensão Sudoeste, passa pela

<sup>157</sup> Versão adaptada da reconstituição de Wace. Disponível em: <http://users.stlcc.edu/mfuller/mycena.html>. Acesso em 14 jul. 2022.

cisterna subterrânea (*syrinx*), em seguida, continua por um conjunto de oficinas e locais de armazenamento, passando ao lado da Casa das Colunas e do Quarteirão dos Artesão e, por fim, entra no palácio por uma possível passagem no Quarteirão Doméstico da estrutura, que forneceria acesso ao mégaron por meio de uma entrada no pórtico. A Rota 3 seria utilizada essencialmente por pedestres e daria acesso às oficinas e à fonte de água (*syrinx*).

Figura 102 – Planta do palácio de Micenas



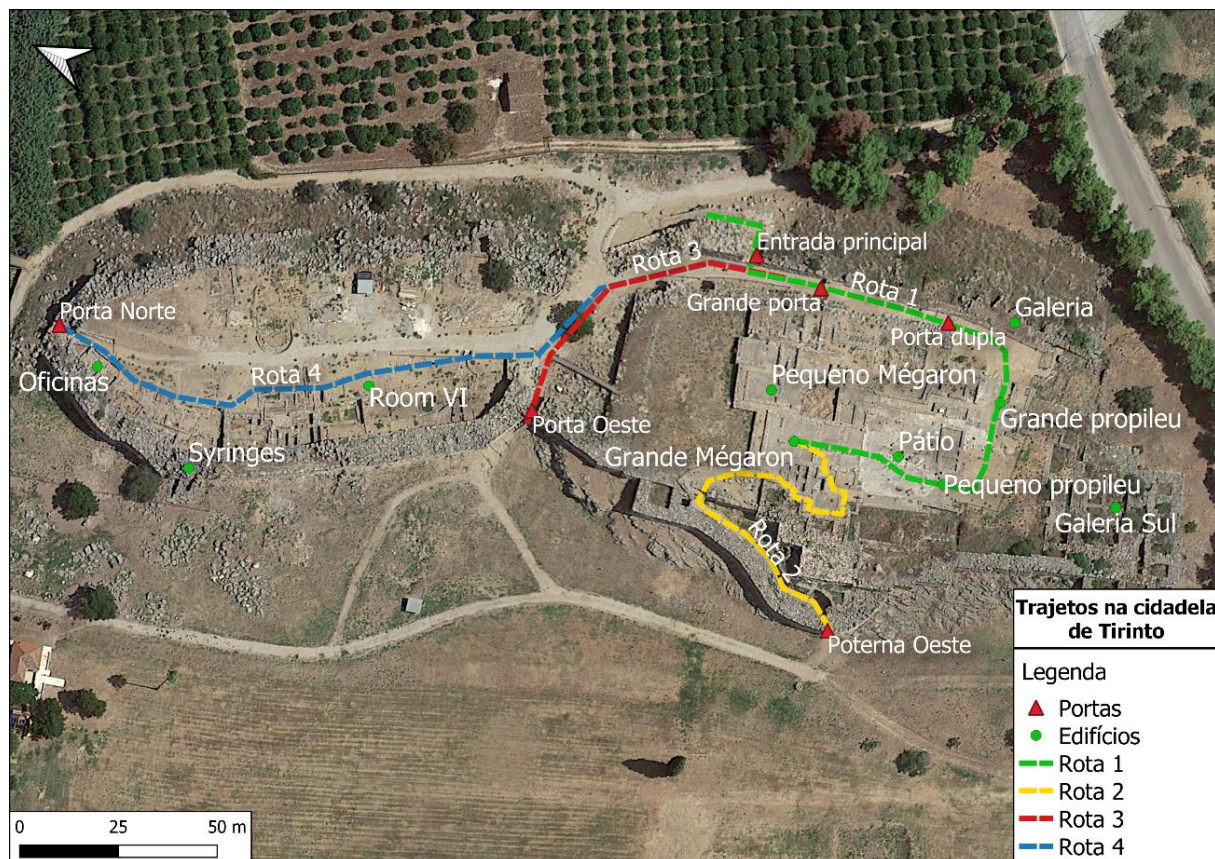
Fonte: Adaptado de Wace (1921-1923, pl. II)

No caso de Tirinto elaboramos quatro trajetos a partir das portas do sítio. As Rotas 1 e 2 dariam acesso direto ao palácio, configurando-se como rotas preferências para esse espaço, enquanto as entradas da Rota 3 e da Rota 4 serviriam para dar acesso à zona produtiva localizada na Cidade Baixa de Tirinto.

A Rota 1, o trajeto preferencial para o mégaron, se inicia na Entrada Principal a partir de uma rampa monumental na parte externa do sítio. As dimensões dessa rampa comportariam tanto a entrada de carros de guerra e de carros de boi. Após passar pela entrada principal, o viajante se depararia com a Grande Porta, passaria por uma Porta Dupla, entraria em uma praça onde nas proximidades há uma série de galerias de uso indeterminado, possivelmente

armazenamento e produção, seguiria para o Grande Propylon, ingressando em um segundo pátio, até um Pequeno Propylon que dá acesso a outro pátio onde existe um altar para cultos e o mégaron do palácio (PAPADEMETRIOU, 2015, p. 27-35). Nota-se que no caso de Tirinto, há um número maior de pontos de controle e de pátios do que no sítio de Micenas.

Figura 103 – Mapa dos trajetos em Tirinto



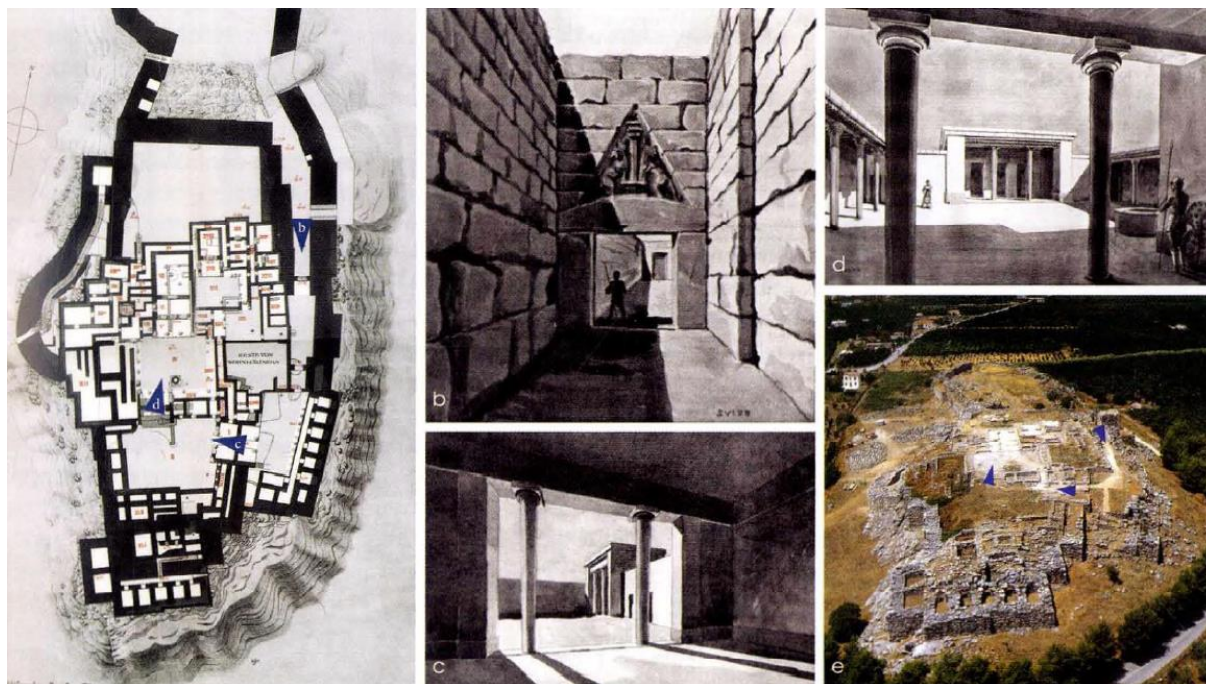
Fonte: Elaborado no QGIS (2022).

A Rota 2 se inicia na poterna protegida por um baluarte que está voltado para o litoral. Essa entrada seria apropriada para a passagem de pedestres, devido a suas dimensões e o lance de escadas (escadaria oeste) que leva até uma torre que permite o ingresso na Cidade Média. Após passar pela torre, o viajante acessaria o palácio por meio de uma entrada nos fundos do palácio, que dava acesso aos quartos laterais da estrutura. No interior do palácio o viajante seguiria pelos meandros da construção até chegar ao mégaron por meio de uma passagem na antessala (PAPADEMETRIOU, 2015, p. 44-45). Nesse sentido, a Rota 2 parece ser utilizada por oficiais e pessoas que trabalham no palácio que desejam acessar o lado externo da muralha.

A Rota 3 se inicia a partir da Porta Oeste, que é composta por um lance de escadas, na Acrópole Baixa e se conecta com a rota principal (Rota 1). Por essa razão, possivelmente a Porta Oeste era utilizada para oferecer acesso aos armazéns e oficinas que estão na Cidade

Baixa, mas que estão próximos do palácio.

Figura 104 – Caminho de acesso ao palácio de Tirinto



Legenda: Mapa na esquerda e imagem de satélite na direita mostram o caminho (flechas em azul) da Grande Porta até o mégaron. A letra “b” indica a reconstrução da Grande Porta (interpretação inspirada na Porta dos Leões); a letra “c” indica a vista do Grande Propylon e a letra d mostra a vista de dentro do Pequeno Propylon diante do pátio e do mégaron.

Fonte: (MARAN, 2017, fig. 1).

Por fim, a Rota 4 se inicia na porta mais distante em relação ao palácio, a Porta Norte. Essa porta de entrada simples que garante o acesso às estruturas de produção, armazenamento e de culto, que se encontram na Cidade Baixa de Tirinto. Após passar pela porta, o viajante encontraria oficinas metalúrgicas, espaços de armazenamento e produção, duas cisternas subterrâneas (*syringes*) e um espaço de culto (*Room IV*). Para ingressar na Cidade Alta e no palácio, o viajante teria que prosseguir seu caminho pela Rota 1 (PAPADEMETRIOU, 2015, p. 44-45).

No caso de Tirinto é evidente a importância da Rota 1, uma vez que as Rotas 3 e 4 desembocam nessa via principal de acesso ao palácio. Em Micenas, esse processo ocorre em certa medida na entrada do Propileu na Acrópole Alta, quando as Rotas 1 e 2 convergem em direção ao palácio. Para efeito comparativo, nota-se que a Rota 3 de Micenas se assemelha com a Rota 4 de Tirinto, pelo fato de se conectar com estruturas produtivas e com as fontes de acesso à água (*syrinx*).

Inicialmente podemos considerar como pontos comuns da arquitetura nos trajetos de Micenas, Midea e Tirinto: i) a presença de locais de armazenamento nas proximidades das



portas; ii) a existência de estruturas defensivas em algumas portas, sobretudo baluartes; iii) o uso de poternas próximas de oficinas e de locais de armazenamento, que serviriam de pontos de acesso para pedestres; iv) o mégaron pode ser acessado por uma Rota principal via pátio ou por uma entrada lateral, geralmente ligada a um corredor.

No caso da presença de locais de armazenamento nas proximidades das portas, há apenas uma ressalva no caso de Tirinto. Nesse sítio as portas estão próximas de estruturas chamadas de galerias, cuja função ainda não é clara. Esses espaços, formados por arcos corbelados, poderiam servir de locais de armazenamento (PAPADEMETRIOU, 2015, p.29).

Para prosseguirmos a análise, é necessário realizarmos duas ressalvas quanto ao sítio de Midea: i) não sabemos se o Complexo do mégaron é o palácio; ii) a área da Rota 1, a possível rota preferencial, que parte da Porta Norte e vai até o Complexo do mégaron não foi escavada. Por essa razão, primeiro discutiremos argumentos favoráveis e contrários à tese do Complexo do mégaron como palácio. Em seguida, discutiremos elementos comuns presentes nas rotas de Micenas, Midea e Tirinto.

Os principais argumentos para a interpretação do Complexo do mégaron como um palácio são: a presença de uma estrutura no formato de mégaron, precedido por um pátio e de outras estruturas laterais, a descoberta de pomos de espada em sua estrutura (WALBERG, 2007, p. 16), as reformas que o mégaron sofreu no LH IIIC, assim como ocorre em Tirinto (MARAN, 2001, p. 113)<sup>158</sup>, e a presença de salas na parte de trás da estrutura, assim como ocorre no mégaron de Pilos na Messênia.

No entanto, há alguns pontos que parecem indicar o contrário. A primeira delas diz respeito à localização do mégaron. Na maior parte dos sítios micênicos, como em Micenas, Tirinto e Atenas, o mégaron se localiza no ponto alto do sítio e se encontra relativamente distante das muralhas. No caso de Midea, o mégaron está nas proximidades da muralha e em um ponto de menor elevação na Acrópole Baixa.

Outro ponto controverso é a forma e as dimensões do mégaron e do pátio. Enquanto Micenas, Tirinto e Pilos possuem um mégaron (sala principal, antessala e pórtico) com uma área interna de aproximadamente  $\sim 250\text{-}270\text{m}^2$ <sup>159</sup>, possuem uma sala principal retangular que se aproxima de um “quadrado” e um pátio em formato retangular ou trapezoidal, em Midea a área interna do mégaron possui  $73\text{m}^2$ , a sala principal é retangular e estreita e o pátio é alongado

---

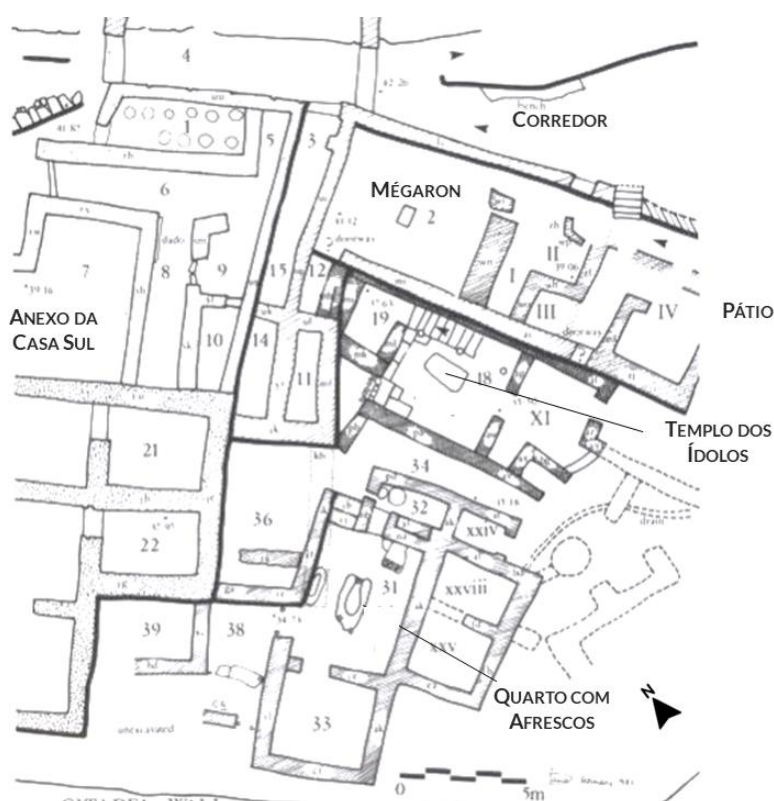
<sup>158</sup> Neste trabalho Joseph Maran aborda a construção do *Building T*, um mégaron construído no período do LH IIIC após a destruição do mégaron datado do LH IIIB. O mégaron de período posterior possui menores dimensões que o anterior, é mais alongado e possui colunas dispostas de modo axial.

<sup>159</sup> Medidas aproximadas obtidas no *Google Earth Pro*.

e pequeno. Há exemplos de outras estruturas de formato mégaron de menores dimensões, como o mégaron da Dimini pré-histórica 70m<sup>2</sup> e o Menelaion com 92m<sup>2</sup>.

No entanto, a forma e as dimensões de Midea se aproximam mais do mégaron do Centro de Culto em Micenas do que dos palácios de Micenas e de Tirinto. O mégaron no Centro de Culto é uma estrutura tripartite ao lado do Templo dos Ídolos que possui um fogo central em formato elíptico. Essa construção é mais estreita que o palácio de Micenas, possuindo 71m<sup>2</sup> de área interna, e antes do pórtico possui algumas salas laterais, desembocando em um pátio relativamente pequeno e estreito (Figura 105).

Figura 105– mégaron no Centro de Culto (Micenas)



Fonte: Adaptado (FRENCH; TAYLOR, 2007, fig. 1).

Se considerarmos que os quartos que estão antes do pórtico do Complexo do mégaron (*Room XIV, XVIII e XX*), possuem plataformas, bancadas e itens de caráter religioso, e que, além disso, a estrutura está próxima de um Santuário, algo que não é perceptível em Micenas ou Tirinto, há a probabilidade de que o Complexo do mégaron em Midea seja uma área de culto, assim como o Centro de Culto de Micenas.

Por fim, em Micenas e em Tirinto há um gradual adensamento dos pontos de controle nas proximidades do palácio, em Micenas há um Propileu, enquanto em Tirinto há 2 portas e dois propileus, o que não ocorre no Complexo do mégaron de Midea<sup>160</sup>. Contudo, podemos

<sup>160</sup> No entanto, um possível propileu poderia estar na área não escavada nas proximidades do Complexo do

observar um adensamento de pontos de controle na Acrópole Alta de Mídea, onde temos a Porta Leste e a Porta Interna, o que poderia ser o indicativo de uma estrutura administrativa na área.

Considerando os aspectos discutidos anteriormente indicaremos alguns pontos comuns entre os sítios. Notamos que a Rota 2 de Mídea e a Rota 2 de Tirinto, se conectam com a entrada lateral na antessala que dá acesso ao mégaron, o que difere de Micenas, onde essa entrada lateral se localiza no pórtico.

Além disso, notamos as seguintes semelhanças arquitetônicas entre Micenas e Mídea: a existência de um corredor que segue paralelamente ao mégaron e a presença de quartos adjacentes ligados a esse corredor. Em Micenas ele é denominado Corredor Sul, enquanto em Mídea ele é um corredor formado nas áreas do *Room IV* e *Room XV*.

Isso difere do palácio de Tirinto, pois não há um corredor paralelo e contínuo nas laterais, mas um corredor que faz um caminho em zigzag (Rota 2) que conecta a Acrópole Média até a antessala do mégaron. Outro ponto comum às três estruturas é a presença de quartos que estão conectados com dutos de água e podem servir como locais para banho ou rituais.

Em Mídea temos o *Room XVIII* que se conecta com um poço e os dutos 1 e 2, em Micenas, consiste em uma sala do lado oposto ao mégaron, onde foi encontrado um dreno (MYLONAS, 1966, p. 65), enquanto em Tirinto (*Room XI*), consiste em um espaço revestido com um bloco retangular de calcário polido e conectado com um duto de água (SHAW, 2012, p. 555-556).

Assim, notamos que há alguns elementos arquitetônicos comuns entre as estruturas em forma de mégaron e certas rotas que desempenham o papel de acesso principal ou de rota de pedestres que garantem acesso aos espaços de armazenamento e produção.

### 5.3 PAISAGEM CELESTE: ABORDAGEM COMPARATIVA

Anteriormente na seção “Paisagem Celeste em Mídea” verificamos que as muralhas da cidadela serviriam para marcar eventos astronômicos e que uma série de edifícios possuía alinhamento com eventos lunares, solares, estelares e com as paralisações de Vênus. Sobretudo, o que nos chamou a atenção foi o fato do Santuário de Mídea seguir o nascimento do Cinturão de Órion.

Nossa hipótese inicial é a de que os pontos onde as muralhas mudam de curso em sítios micênicos, podem revelar alinhamentos astronômicos, o que seria um indicativo de que as muralhas também faziam parte da paisagem sagrada<sup>161</sup> do sítio. Além disso, outra hipótese é a

---

mégaron.

<sup>161</sup> Por paisagem do sítio entendemos não apenas “o ambiente físico em que as pessoas vivem suas vidas, mas

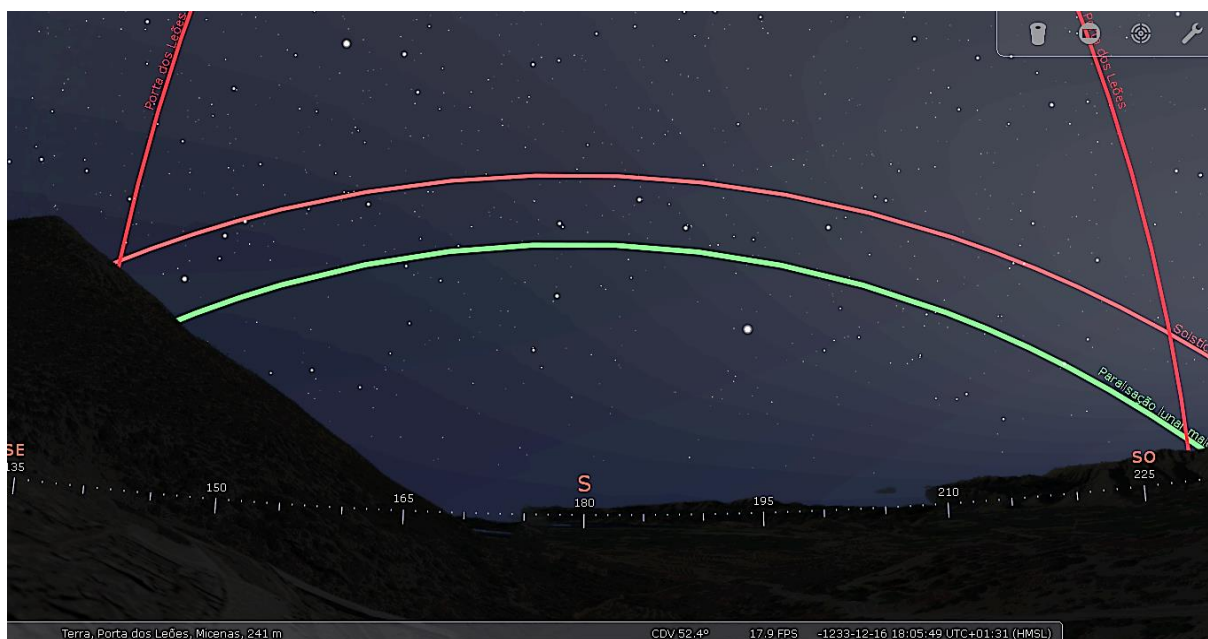
de que espaços religiosos seguiriam alinhamentos astronômicos relacionados com suas divindades protetoras.

Para investigar essas hipóteses fizemos um levantamento dos azimutes de alguns edifícios e estruturas de Micenas e Tirinto. Após o levantamento importamos as paisagens em 3D do *Google Earth* dentro do *Stellarium*, averiguando a validade das hipóteses iniciais.

Em Micenas notamos que a Porta Norte (azimute 72.6), um dos pontos onde a muralha muda de sentido, está alinhada com a Paralisação Lunar menor (azimute 73) e que a lateral da Porta dos Leões (azimutes 228.4 e 140) está alinhada com a Paralisação Lunar Maior (228.5) e com o Solstício (140) (Figura 106). Cabe ressaltar que aspecto similar foi encontrado na Porta Norte de Mídea. Outro aspecto interessante é que uma estrutura semicircular nas muralhas próximas da *Building K* de função indeterminada possui um alinhamento com o Círculo Polar (Figura 107).

Quanto aos edifícios de Micenas, encontramos alinhamentos entre paredes de edifícios do Centro de Culto com eventos lunares e solares. A *House of Tsountas* (azimutes 238) está alinhada com a Paralisação Lunar menor e com a Constelação de Cassiopéia (Figura 108). Possivelmente a estrutura poderia servir de observatório para fenômenos celestes.

Figura 106 – Alinhamentos da Porta dos Leões



também o local significativo em que essas vidas ocorrem. Isto inclui as árvores, as rochas e as estrelas, não como objetos abstratos, mas como coisas significativas que estão localizadas ontologicamente e experimentalmente na vida e nas práticas sociais das pessoas” (DAVID; THOMAS, 2016, p.38). Tradução nossa. Enquanto, a paisagem sagrada consistiria em espaços ligados à religião e à memória, que seriam “criadas por uma variedade de ações humanas: como construir, dedicar (oferendas), dramatizar, realizar procissões e rituais... a fim de servir a necessidades e inspirações coletivas e individuais” A autora indica que todas essas ações atribuiriam ao espaço um sentido religioso. (ALCOCK, 1993, p. 172).

Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

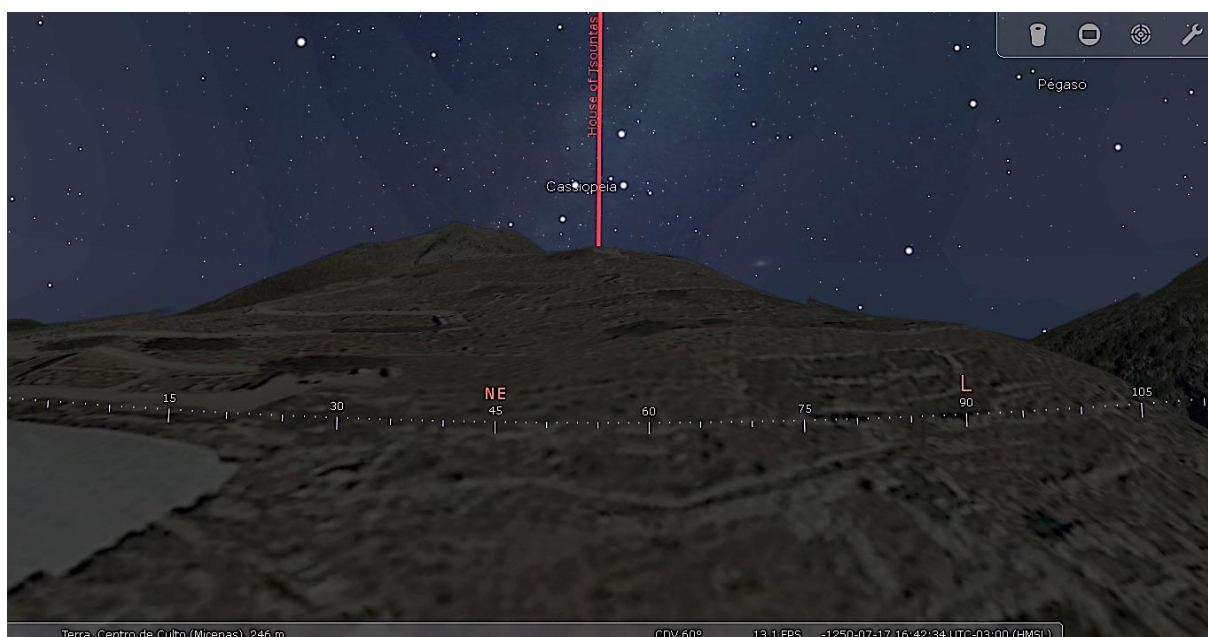
Figura 107 – Alinhamento da estrutura semi-circular com o Pólo Celeste

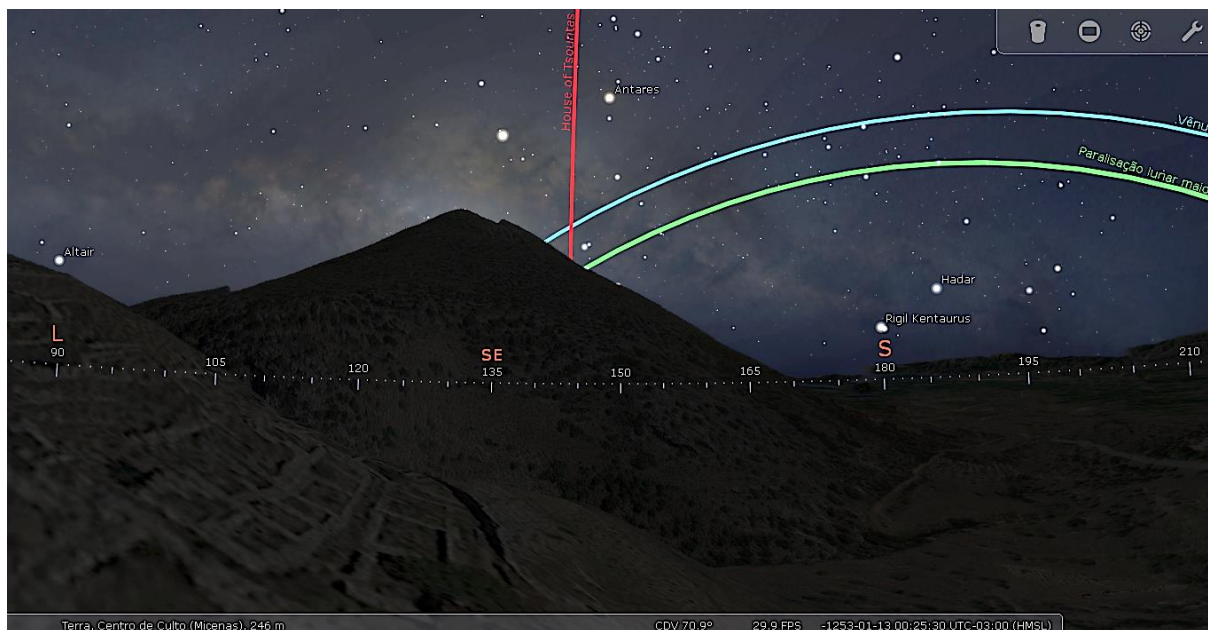


Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

Por sua vez, o Quarto com os Afrescos (*House with Frescoes*) (azimute 65), possui um alinhamento com a Paralisação Lunar Maior (azimute 65) (Figura 109). No *Room 31* (Figura 105), que pertence ao Quarto com os Afrescos, foram encontrados afrescos com a representação de três figuras femininas e duas figuras masculinas em miniatura, motivos representando chifres de consagração e um altar com formato oval (LUPACK, 2010, p. 267).

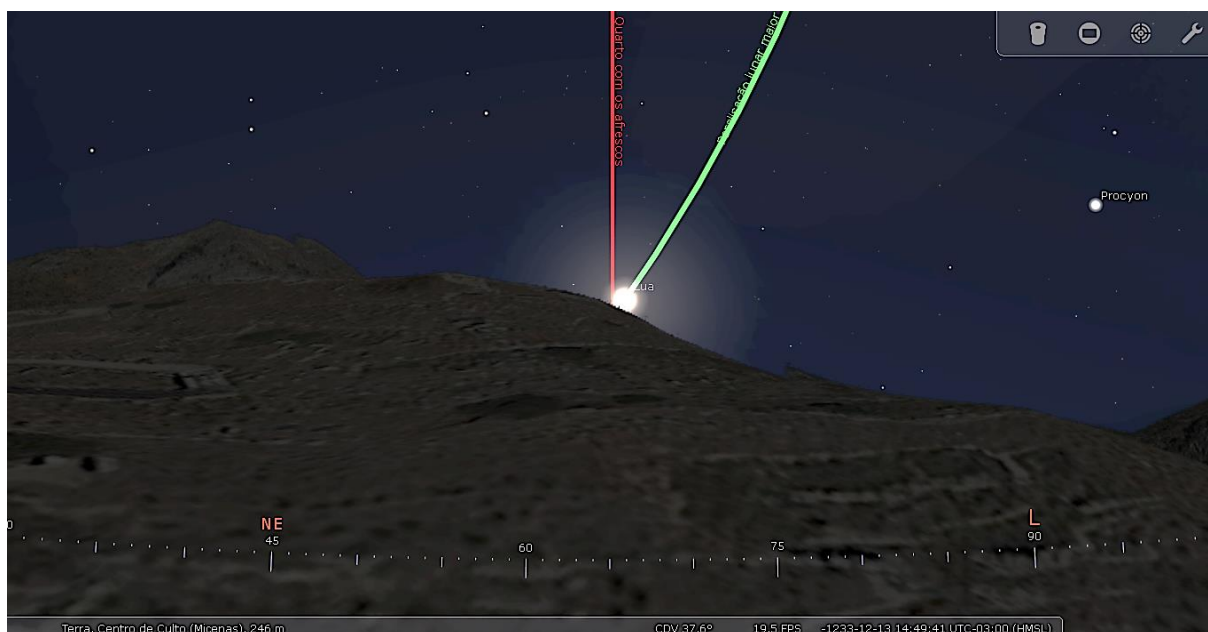
Figura 108 – Alinhamento da *House of Tsountas* no Centro de Culto





Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

Figura 109 – Alinhamento do Quarto com os Afrescos no Centro de Culto



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

Na parte superior direita do afresco há a presença de duas imagens femininas: uma delas segura uma espada diante de duas figuras masculinas em miniatura - uma em preto e a outra em vermelho -, enquanto a outra figura feminina segura um objeto, que pode ser um bastão, cetro ou lança (REHAK, 1992, p. 49). No canto inferior esquerdo do afresco há uma outra figura feminina com os braços voltados para cima segurando ramos de trigo (Figura 110) enquanto um animal encontra-se próximo de seus pés. Na reconstituição esse animal é representado como um glifo, mas poderia ser um outro animal ou criatura, provavelmente um felino, uma vez que

estão preservados no afresco apenas as patas dianteiras e o rabo na cor amarela (Figura 111)<sup>162</sup>.

A figura que porta a espada poderia ser uma “deusa da guerra” (a-ta-na po-ti-ni-ja), enquanto a que segura os ramos poderia ser a “senhora dos grãos” (si-to po-ti-ni-ja)<sup>163</sup> (LUPACK, 2010, p. 267; RUTHERFORD, 2013, p. 261). Embora tenhamos poucas informações para interpretar o significado desses afrescos, podemos afirmar que os cultos dessas divindades femininas possivelmente possuíam conexão com os ciclos lunares, uma vez que o edifício onde esses afrescos foram encontrados coincide com a Paralisação Lunar Maior.

Figura 110 – Reconstrução das representações nas paredes da *House with Frescoes*.



<sup>162</sup> Paul Rehak (1992, p. 49-50 e p.55) optou por reconstituir o animal desse afresco como um leão, pois argumenta que os grifos geralmente são representados com a cor branca ao invés do amarelo. O autor considera que as figuras masculinas em miniatura poderiam ser estatuetas (*figurines*) ou espíritos. No caso da figura que segura os ramos de trigo, o autor argumenta que há uma ampla controvérsia em sua identificação, pois pode representar uma figura humana (sacerdotisa), uma “deusa menor” (*minor goddess*) ou uma “deusa maior” (*major goddess*). No entanto, o próprio autor argumenta que ela seria uma divindade. Essa figura poderia ser uma “deusa menor” no panteão pelo fato de possuir metade do tamanho das figuras da parte superior do afresco. Independentemente da identificação precisa da figura com os ramos de trigo, é certo que neste contexto ela possui uma importância menor em relação às figuras que estão na parte superior do afresco.

<sup>163</sup> O tablete My Oi 701 de Linear B encontrada nas proximidades do centro de culto faz menção à “senhora dos grãos”. Para Rutherford (2013, p. 261-262) a “senhora dos grãos” micênica seria a deusa Deméter de período posterior, uma divindade que está associada à Lua. Enquanto, a divindade feminina associada à guerra seria “a-ta-na po-ti-ni-ja” encontrada no tablete KN V 32 de Knossos. A expressão “senhora Atena” é atestada na Odisseia como “*potni’ Athenaia*” (Odisseia, VI, 305).

Fonte: Greek Museum Blog (2022)<sup>164</sup>.

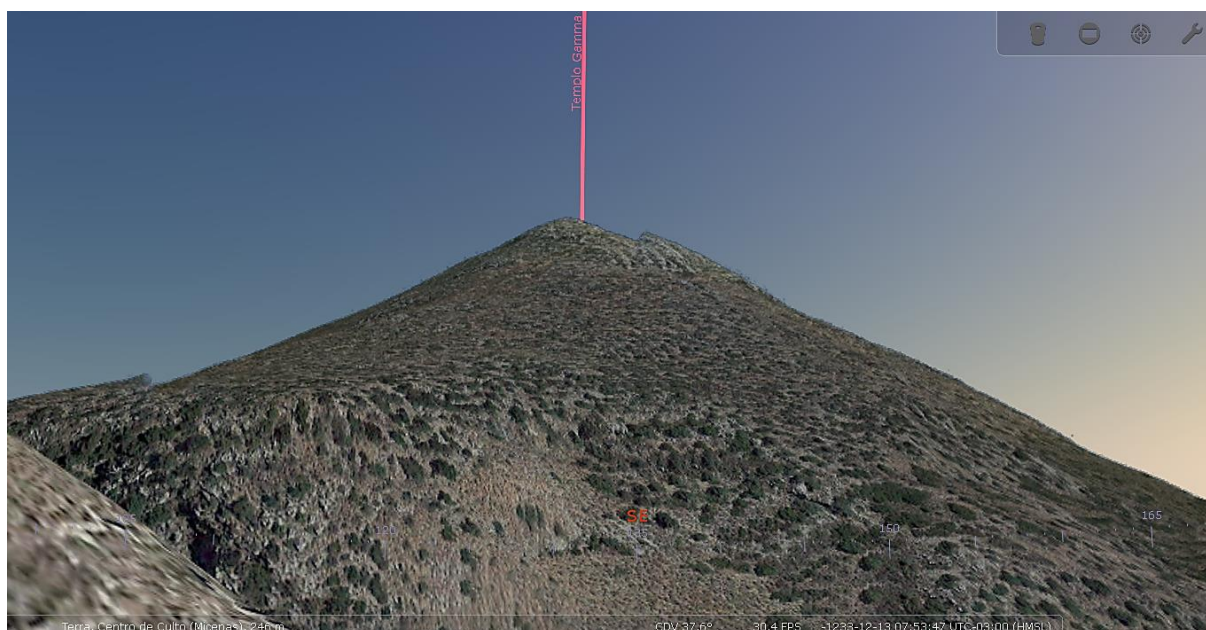
Figura 111 – Detalhe da figura feminina com os ramos de trigo



Fonte: (AlMare, 2017).

Por fim, o Templo Gamma (*Shrine Gamma*) (azimute 131.6), curiosamente está alinhado perfeitamente com o topo do monte do Profeta Elias, ou seja, os alinhamentos poderiam seguir não apenas fenômenos celestes, mas incluir elementos da paisagem (Figura 112).

Figura 112 – Alinhamento do Templo Gamma no Centro de Culto



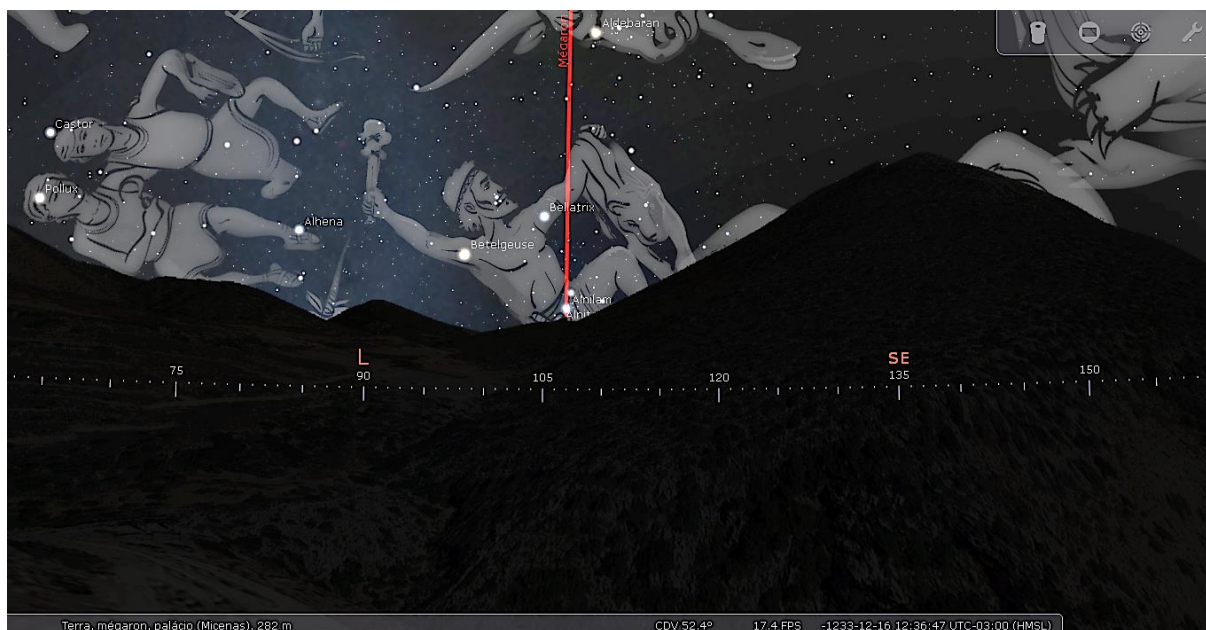
Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

<sup>164</sup> Disponível em: <https://greekmuseumblog.wordpress.com/tag/mycenaean-frescoes/>. Acesso em: 14 jun. 2022.



No caso do mégaron nos deparamos com um problema prático, parte da estrutura desabou em um possível terremoto e foi reconstituída contemporaneamente, alterando o traçado original, por isso, nos baseamos no muro de contenção da estrutura que segue o alinhamento do Corredor Sul. Considerando esse muro notamos que o mégaron está alinhado com o nascimento do Cinturão de Órion no azimute 106 (Figura 113).

Figura 113 – Alinhamento do mégaron de Micenas

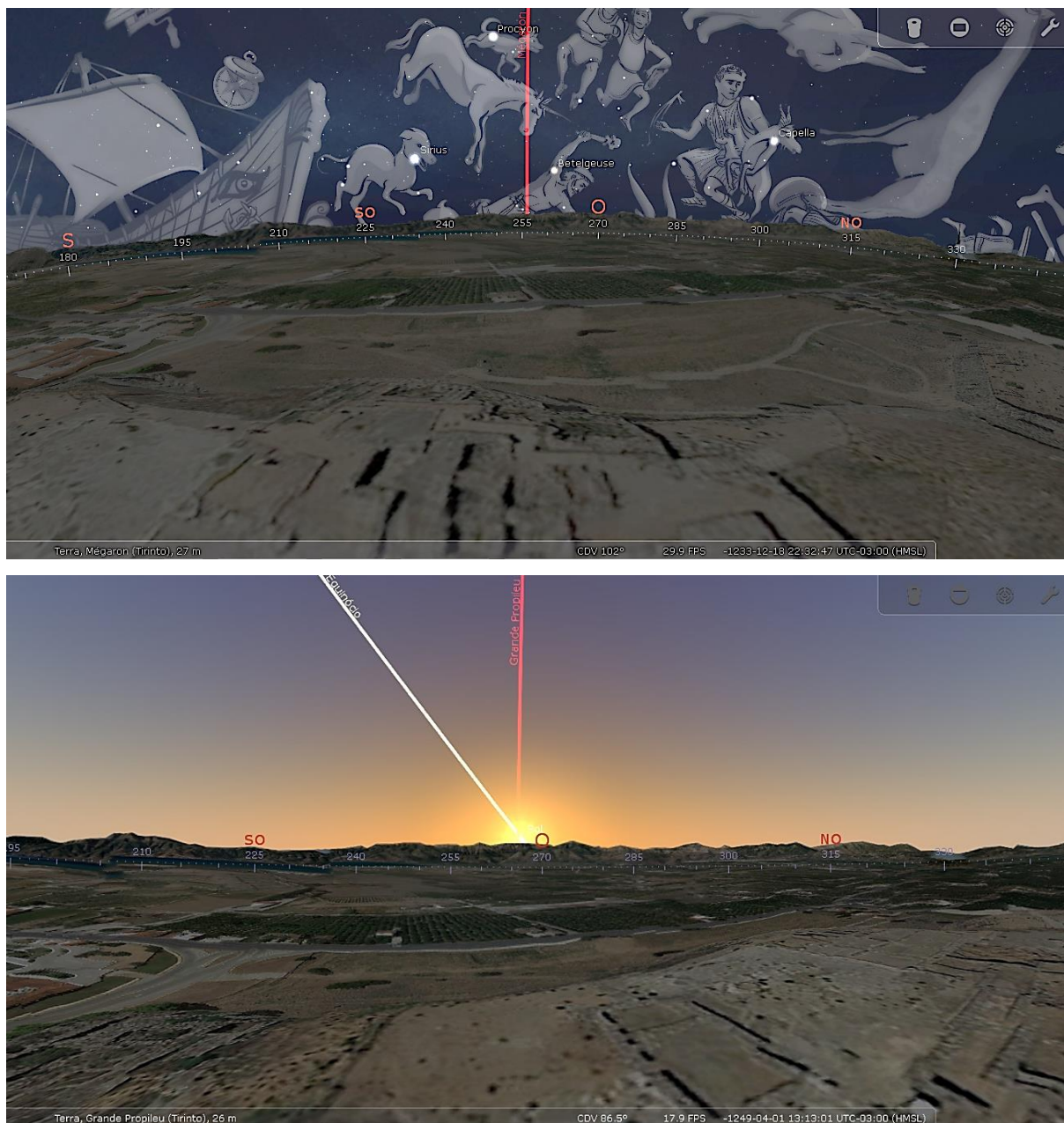


Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

Em Tirinto, observamos que o palácio e o trono estão alinhados com o desaparecimento do Cinturão de Órion no horizonte (azimute 255) (Figura 113). Quanto aos muros e demais estruturas constatamos o alinhamento do Grande Propylon (azimute 266.15) e de um dos muros da cidadela alta com o Equinócio (266.7), do pátio após a Porta Dupla com o Pólo Celeste (azimute 0) e dos muros da Cidade Baixa com eventos solares e lunares. A seção leste do muro na Cidade Baixa (azimute 331) está alinhado com a Paralisação Lunar Maior, enquanto o outro lado, a seção Oeste (azimute 238) com a Constelação de Cassiopéia.

Na Cidade Baixa percebemos alinhamentos entre estrutura de culto e fenômenos celestes. O *Room 110* (azimute 61), datado do LH IIIC (1210-1090) a.C. (MÜHLENBRUCH, 2015, p. 132) segue a direção do nascimento do Sol no Solstício de Verão (azimute 62), enquanto o *Room VI* (azimute 238), datada do Heládico Recente IIIB (1310 a. C. – 1190 a.C.) está voltado para o pôr do Sol no Solstício de Inverno (azimute 238). É importante ressaltar que outras estruturas na Cidade Baixa de Tirinto seguem os alinhamentos dos edifícios mencionados acima.

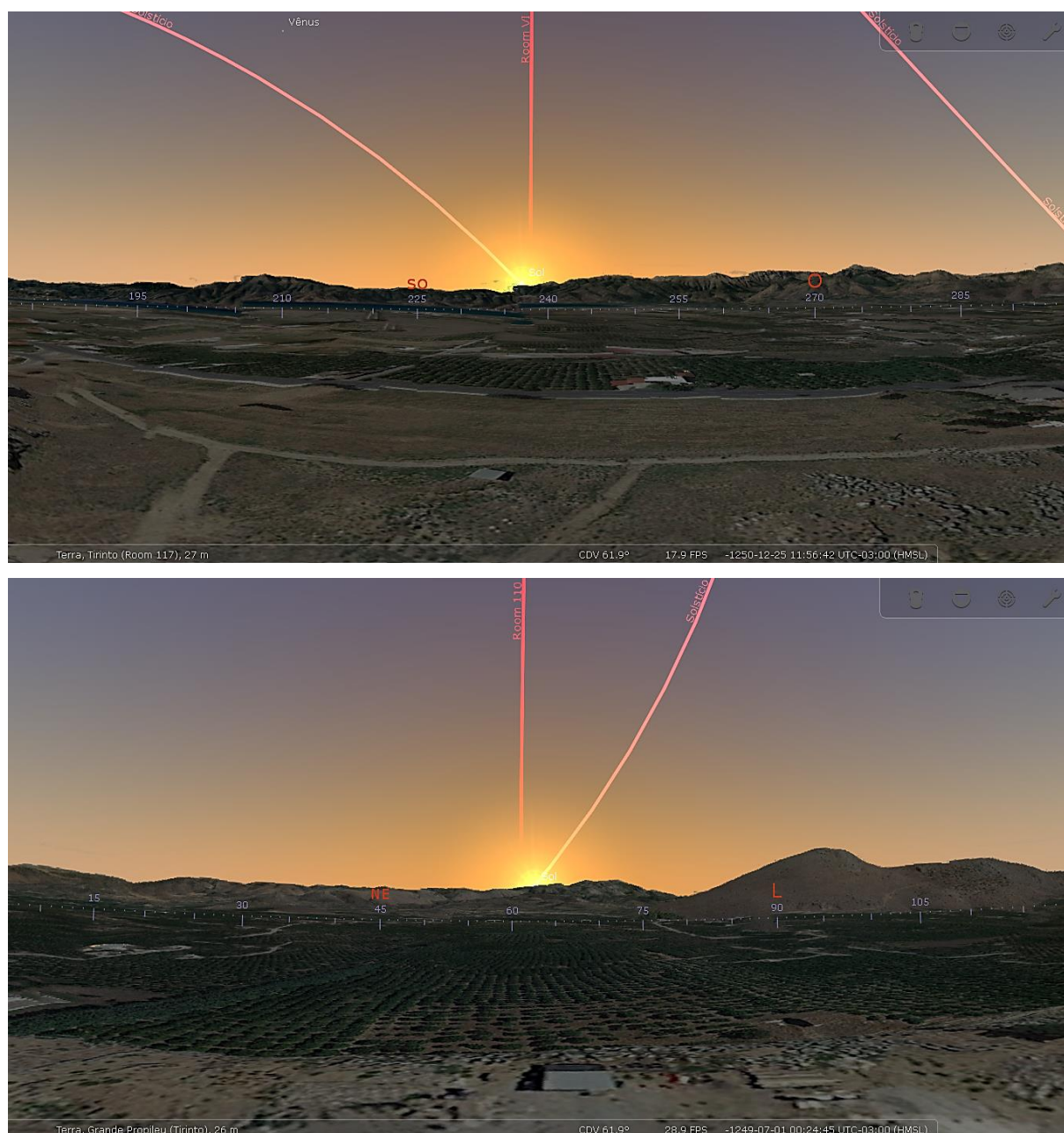
Figura 114 – Alinhamento do mégaron e do Grande Propileu de Tirinto



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

Após esse levantamento, consideramos que os sítios micênicos possuem estruturas que seguem elementos ligados à paisagem. As muralhas costumam se alinhar com eventos lunares e solares, como em Micenas e Midea, e outras estruturas seguem fenômenos estelares. As estruturas de culto e demais edifícios podem estar voltadas para eventos solares, lunares, planetários ou estelares sem a observação de uma preferência por um tipo de evento, cabendo a análise dos contextos arqueológicos de cada edifício. Por fim, ressaltamos que possivelmente algumas estruturas podem estar ligadas a aspectos naturais do relevo, como foi observado no Templo Gamma em Micenas.

Figura 115 – Alinhamento do *Room 110* e do *Room VI* em Tirinto



Fonte: Elaborado no *Stellarium* (2022).

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa procuramos abordar elementos ideológicos presentes na arquitetura e nos caminhos criados no interior de cidadelas micênicas. Por meio do estudo de caso de Midea analisamos cada uma das construções encontradas no sítio, avaliando sua relação com as demais construções vizinhas e os caminhos que levavam até o Complexo do mégaron.

Essa análise permitiu identificar o modo como o aspecto religioso está imbricado com o poder e com as atividades cotidianas. Os edifícios de Midea possuíam funções de habitação,

armazenamento e produção, sendo que, frequentemente possuíam vestígios de atividade religiosa. O aspecto religioso estava presente em elementos arquitetônicos, como a presença de bancadas, plataformas e altares, materiais, como estatuetas em terracota e pedestais, e a própria orientação dos edifícios, que respeitava determinado fenômeno celeste.

A própria muralha e suas estruturas se configuram como esse espaço imbricado, onde o poder se expressa pela monumentalidade da obra e a religiosidade se materializa pelo traçado dos muros, suas curvas, torres e pontos de observação. A cidadela expressa um modelo de poder simbólico propagado pelos governantes do palácio micênico.

Os caminhos fazem parte do ambiente construído e se constituem de acordo com sua função prática. Aqueles caminhos que se dirigem ao palácio são repletos de portas, pátios, passagens, áreas de culto e até espaços funerários, como é o caso de Micenas. Esses elementos arquitetônicos servem para demonstrar o poder, expor seus símbolos e legitimar seus membros.

Por outro lado, há aqueles caminhos que servem às atividades produtivas e de armazenamento, se conectando com fontes de água e as áreas de plantação e pastoreio fora das muralhas. Há ainda aqueles caminhos repletos de sentido religioso, as rotas que podem ocorrer no topo das muralhas, ou aquelas que ligam os edifícios de culto com o pátio do mégaron.

Em Midea exploramos as possibilidades desses caminhos, a visibilidade deles e os alinhamentos astronômicos de diversas construções. Neste ponto concluímos que a acumulação de estatuetas femininas e de animais nas proximidades das muralhas possivelmente ocorre, pois, as próprias muralhas eram utilizadas como espaços para procissões e cultos.

Infelizmente em Midea nos deparamos com limitações relacionadas às áreas escavadas do sítio e o problema da localização do palácio. Sobre esse ponto é possível reunirmos argumentos favoráveis e contrários à sua localização no Complexo do mégaron. No entanto, o que a análise comparativa e a de visibilidade sugerem é que, se houver um outro mégaron em Midea, ele deve se localizar em áreas de alta visibilidade das rotas, possivelmente no terraço da Acrópole Alta entre as portas Leste e Oeste.

Ao analisarmos outras cidadelas micênicas, notamos que tanto o palácio de Micenas como o de Tirinto possuem um alinhamento com o Cinturão de Órion, uma possível abordagem experimental seria utilizar sensoriamento remoto na área da Acrópole Alta de Midea e buscar uma estrutura de grandes dimensões que tivesse esse tipo de alinhamento.

Embora tenhamos conseguido identificar um número relativamente grande de estruturas com alinhamentos astronômicos em Midea, Micenas e Tirinto, seriam necessários: o aprofundamento no estudo sobre cada edifício e o refinamento das medições, uma vez que os dados retirados no *Google Earth* são obtidos manualmente, o que implica na existência de uma

margem de erro.

Apesar das limitações, os estudos de ponto de vista e de arqueoastronomia possuem inúmeras potencialidades. A partir de um número considerável de amostras, seria possível identificar padrões mais claros entre as orientações e as funções dos edifícios, possibilitando conclusões mais assertivas sobre a relação entre fenômenos astronômicos e a religiosidade no período.

O que está claro é que as cidadelas e seus traçados expressam um discurso de poder, uma visão de mundo intensamente conectada com a paisagem, que excede o utilitarismo das escolhas arquitetônicas. Os muros, portas e caminhos produzem comportamentos e possuem códigos compreendidos por aqueles que habitam aquele mundo. Investigar os fragmentos desses códigos, pode nos levar a novos questionamentos e percepções sobre o poder, o cotidiano e a religiosidade presente nas cidadelas micênicas da Idade do Bronze.

## REFERÊNCIAS

### FONTES TEXTUAIS

APOLLODORUS. **The Library**. English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. in 2 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd., 1921.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAUSANIAS. **Description of Greece**. English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes. Cambridge, MA: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1918.

STRABO. **The Geography**. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd., 1924.

### BIBLIOGRAFIA

ALCOCK, S. **Graecia Capta: The Landscapes of Roman Greece**; Cambridge University Press: Cambridge, UK, 1993.

ALDROVANDI, C.; KORMIKIARI, M., HIRATA, E. (Orgs.). **Estudos sobre Espaço na Antiguidade**. São Paulo: EDUSP, 2011.

ÅSTRÖM, P. Excavations in the Citadel of Midea 1963. **ArchDelt**, v. 19, 1964.

ÅSTRÖM, P. *et al.* Excavations in Midea 1987. **Opuscula Atheniensia**, v. 18, n.1, p. 9-22, 1990.

ÅSTRÖM, P. *et al.* Signs of an earthquake at Midea. **Archaeoseismology**, v. 7, p. 37-40, 1996.

BAHN, P. (Ed.). **Dictionary of archaeology**. Glasgow: Harper Collins, 1992.

BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization: The Fabrication of Ancient Greece**. vol. 1. London: Vintage, 1987.

BLACKWELL, Nicholas G. Making the Lion Gate relief at Mycenae: tool marks and foreign influence. **American Journal of Archaeology**, v. 118, n. 3, p. 451-488, 2014.

BOUTSIKAS, Efrosyni; RUGGLES, Clive. Temples, stars, and ritual landscapes: the potential for archaeoastronomy in ancient Greece. **American Journal of Archaeology**, v. 115, n. 1, p. 55-68, 2011.

BRYLSBAERT, Ann. Talking shop: Multicraft workshop materials and architecture in prehistoric Tiryns, Greece. In: K. REBAY-SALISBURY, R.; BRYLSBAERT, A.; FOXHALL, L. (Eds.). **Material crossovers: Knowledge networks and the movement of technological knowledge between craft traditions**, p. 37-61, 2014.

BRYLSBAERT, Ann; VIKATOU, Irene; STÖGER, Hanna. Highways and byways in Mycenaean Greece: human-environment interactions in dialogue. **Arctos: Acta Philologica**

**Fennica**, v. 54, p. 33-94, 2021.

CASTLEDEN, Rodney. **The Mycenaean**. Londres: Routledge, 2005.

CHADWICK, John. L'économie palatiale dans la Grèce mycénienne. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 283-290, Strasbourg: AEER, 1987.

\_\_\_\_\_. **Linear B and related scripts**. Berkeley: University of California Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **The decipherment of Linear B**. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

\_\_\_\_\_. **The Mycenaean World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CHAPMAN, H. **Landscape Archaeology and GIS**. Gloucestershire: The History Press, 2011.

CLINE, Eric H. Monkey business in the Bronze Age Aegean: the Amenhotep II faience figurines at Mycenae and Tiryns. **Annual of the British School at Athens**, v. 86, p. 29-42, 1991.

\_\_\_\_\_. (Ed.) **The Oxford Handbook of the Bronze Age Aegean**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

COHEN, Chaim; MARAN, Joseph; VETTERS, Melissa. An ivory rod with a cuneiform inscription, most probably Ugaritic, from a final palatial workshop in the Lower Citadel of Tiryns. **Archäologischer Anzeiger**, n.2, p. 1–22, 2010.

CUNHA, M. D. D. da. Orientações da Arquitetura Minoica e os Corpos Celestes pela Astronomia: Observações sobre a Construção Oblíqua XXIII do Palácio de Malia. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 8, n. 9, p. 69-96, 2018. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v8i9p69-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/143313>. Acesso em: 27 maio. 2021.

DARCQUE, Pascal. Le développement du système palatial mycénien en Grèce continentale. **Ktéma**, v. 26, n. 1, p. 101-108, 2001.

\_\_\_\_\_. Le linéaire B et l'administration des palais mycéniens. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 11, n. 11/12, p. 139–147, 1999. DOI: 10.24277/classica.v11i11/12.453. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/453>. Acesso em: 28 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Pour l'abandon du terme 'mégaron'. **Suppléments au BCH**, v. 19, p. 21-31, 1990.

DAVID, Bruno; THOMAS, Julian. (Eds.). **Handbook of landscape archaeology**. Londres: Routledge, 2016.

DEIMEL, Anton. Šumerische Tempelwirtschaft zur Zeit Urukaginas und seiner Vorgänger: Abschluss der Einzelstudien und Zusammenfassung der Hauptresultate. **Analecta Orientalia**, v.2, 1931.

DEMAKOPOULOU, K. A Mycenaean pictorial vase from Midea. **Opuscula**, v. 13, p. 113-121, 2020.

\_\_\_\_\_. Knossos and the Argolid: new evidence from Midea. **BSA Studies**, v. 12, p. 405-410, 2004.

\_\_\_\_\_. Mycenaean citadels: recent excavations on the acropolis of Midea in the Argolid. **BICS**, n. 40, 1995.

\_\_\_\_\_. Stone vases from Midea. In: CLINE, E.; HARRIS-CLINE, D. (Eds.). The Aegean and the Orient in the second millennium proceedings of the 50th Anniversary Symposium, Cincinnati, 18–20 April 1997. **Aegaeum**, v. 18, Liège, p. 221–227, 1998.

\_\_\_\_\_. **The Mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministério de Cultura e Turismo, 2012.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. The fortifications of the Mycenaean Acropolis of Midea. In: LAFFINEUR, Robert. (Ed.). *Polemos: le contexte guerrier en Égée à l'âge du Bronze*. Actes de la 7e Rencontre égéenne internationale Université de Liège, 14-17 avril 1998. **Aegaeum**, v. 19, Liège, p. 205–215, 1999.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea: figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, Robert; HÄGG, R. (Eds.). *Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age*. Proceedings of the 8th International Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale. Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000, **Aegaeum**, v. 22, Liège, p. 181–190, 2001.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. **Opuscula Atheniensia**, v. 20, p. 19–41, 1994.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Clay paste characterization and provenance determination of Middle and Late Helladic vessels from Midea. **Opuscula**, v. 10, p. 7-49, 2017.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. **Opuscula Atheniensia**, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. **Opuscula Atheniensia**, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. **Opuscula Atheniensia**, v.29, p. 9–27, 2004.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. **Opuscula Atheniensia**, v.30, p. 7–34, 2005.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. **Opuscula Atheniensia**, v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. **Opuscula**, v.1, 2008.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. **Opuscula**, v.2, 2009.



- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. **Opuscula**, v.3, 2010.
- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Textile tools from Midea, mainland Greece. In: STRAND, E.; NOSCH, M. (Eds.) **Tools, Textiles and Contexts**. Oxford: Oxbow, 2015.
- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999: excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensi**, v. 25–26, p. 35–52, 2000-2001.
- DEROY, Louis. Le mégaron homérique. Recherches d'étymologie grecque. **Revue belge de Philologie et d'Histoire**, v. 26, n. 3, p. 525-537, 1948.
- DIAKONOFF, Igor M. Sale of land in pre-Sargonic Sumer. **Papers presented by the Soviet delegation at the XXIII International Congress of Orientalists**. Moscow: Pub. House of USSR Academy of Sciences, 1954. p. 5-32.
- \_\_\_\_\_. The structure of Near Eastern society before the middle of the 2nd millennium BC. **Oikumene**, v. 3, p. 7-100, 1982.
- DOBROSAVLJEVIC-GRUJI, L.; GRUJI, P. The language of sky. **Publications of the Astronomical Observatory of Belgrade**, v. 96, p. 407-412, 2017.
- ELKINS-TANTON, Linda T. **The Earth and the Moon**. New York: Chelsea House, 2006.
- EARLE, T. Economic and Social Organization of a Complex Chiefdom: The Halelea District, Kaua'i, Hawaii. **Anthropological Papers**, v. 63. Ann Arbor: Museum of Anthropology, University of Michigan, 1978.
- \_\_\_\_\_. Redistribution in Aegean palatial societies. Redistribution and the political economy: The evolution of an idea. **American Journal of Archaeology**, v. 115, n. 2, p. 237-244, 2011.
- FALKENSTEIN, Adam. La Cité-Temple Sumérienne (traduit de l'allemand). **Cahiers d'Histoire Mondiale**, v. 1, n. 4, p. 784-814, 1954.
- FINKELBERG, Margalit (Ed.). **The Homer Encyclopedia**. Wiley-Blackwell, 2011.
- FINLEY, Moses. **Early Greece: the bronze and archaic ages**. Chatto & Windus, 1970.
- \_\_\_\_\_. **The Ancient Economy**. University of California Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. **The Ancient Greeks**. New York: the Viking Press, 1963.
- FRENCH, Elizabeth B.; STOCKHAMMER, Philipp W.; DAMM-MEINHARDT, Ursula. Mycenae and Tiryns: the Pottery of the Second Half of the Thirteenth Century BC-Contexts and Definitions1. **Annual of the British School at Athens**, v. 104, p. 175-232, 2009.
- FRENCH, Elisabeth B.; TAYLOUR, William D. **Well Built Mycenae: The Service Areas of the Cult Centre**. Fascicule 13. Oxford: Oxbow Book, 2007.
- FRÖDIN, O.; PERSSON, A. **Asine: Results of the Swedish excavations 1922-1930**. Estocolmo: Generalstabens Litografiska anstalts forlag, 1938.
- GATES, Charles. Rethinking the building history of grave circle A at Mycenae. **American**

**Journal of Archaeology**, v. 89, n. 2, p. 263-274, 1985.

GINOUVÈS, René *et al.* **Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine**. Tome III. Espaces architecturaux, bâtiments et ensembles. Roma: Publications de l'École Française de Rome, 1998.

HALSTEAD, Paul. Redistribution in Aegean Palatial Societies. Redistribution in Aegean Palatial Societies: Terminology, Scale, and Significance. **American Journal of Archaeology**, v. 115, n. 2, p. 229-235, 2011.

HITCHCOCK, Louise A. *et al.* The conglomerate quarry at the Mycenaean site of Vapheio-Palaiopyrgi in Laconia. **Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens**, v. 85, n. 1, p. 65-90, 2016.

HINOJOSA-PRIETO, H. R. Estimation of the moment magnitude and local site effects of a postulated Late Bronze Age earthquake: Mycenaean citadels of Tiryns and Midea, Greece. **Annals of Geophysics**, v. 63, n. 3, 2020.

HINZEN, K.- G. *et al.* Reassessing the Mycenaean Earthquake Hypothesis: Results of the HERACLES Project from Tiryns and Midea, Greece. **Bulletin of the Seismological Society of America**, v. 108, n. 3a, p. 1046-1070, 2018.

HINZEN, K.-G.; FLEISCHER, C. **Argolis Site Effect Study: Greece for the HERACLES Project** (Nov. 2012 – Jun. 2013) – Report, (Scientific Technical Report STR - Data; 17/07) (GIPP Experiment and Data Archive), Potsdam: GFZ German Research Centre for Geosciences, 2017.

HIRATA, Elaine Farias Veloso. Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial. In: FLORENZANO, M.; HIRATA, E. (Eds.). **Estudos sobre a cidade antiga**. São Paulo: Edusp, 2009.

HOPE SIMPSON, R.; HAGEL, D. Mycenaean fortifications, highways, dams and canals. **Studies in Mediterranean Archaeology**, v. CXXXIII. Sävedalen: Paul Aströms Förlag, 2006.

HOPE SIMPSON, R. The Mycenae roads and Mycenaean chariots. **Mouseion: Journal of the Classical Association of Canada**, v. 2, n. 2, p. 125-133, 2002.

HOSKIN, Michael; ZEDDA, Mauro. Orientations of Sardinian dolmens. **Journal for the History of Astronomy**, v. 28, n. 22, p. 1-16, 1997.

HUGHES, W. **Military Architecture**. London: Hugh Evelyn, 1974.

IAKOVIDIS, Spyros E. **Late Helladic Citadels on Mainland Greece**. Leiden: Brill, 1983.

\_\_\_\_\_. Late Helladic Fortifications. In: LAFFINEUR, R. (Ed.). *Polemos: le contexte guerrier en Egée à l'âge du Bronze* actes de la 7e Rencontre égéenne internationale, Université de Liège, 14-17, avril, 1998. **Aegaeum**, v. 19, p. 199-203, 1999.

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.

JANSEN, A. **Stations along the roads in the area of Mycenae: An analysis of the Mycenaean**

road system and its relation to the Mycenaean state. 1994. Tese (Doutorado). University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1994.

JESSOP, Bob; WHEATLEY, Russell (Ed.). **Karl Marx's social and political thought**. Volume VI. Londres: Taylor & Francis, 1999.

KARO, Georg. Die Perseia von Mykenai. **American Journal of Archaeology**, v. 38, n. 1, p. 123-127, 1934.

KELDER, Jorrit M. The Kingdom of Ahhiyawa. Facts, Factoids and Probabilities. **Studi Micenei ed Egeo-Anatolici**, Nuova Serie, v. 4, p. 200-207, 2018.

KELLEY, David H.; MILONE, Eugene F. **Exploring ancient skies**: an encyclopedic survey of archaeoastronomy. Springer, 2005.

KILIAN, Klaus. L'architecture des residences mycéniennes: origine et extension d'une structure du pouvoir politique pendant l'âge du bronze récent. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 203-225, Strasbourg: AECR, 1987.

KNOX, Mary O. Megarons and ΜΕΓΑΡΑ: Homer and Archaeology. **The Classical Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 1-21, 1973.

KRZYSZKOWSKA, O. **Aegean Seals**: An Introduction. Londres: Wiley, 2005.

LAOUI, Amanda. The Sirius' Cult in Ancient Greece. Aristaïos and the Formation of the Attico-Cycladic Mythological Substratum. **Mediterranean Archaeology and Archaeometry**, v. 6, p. 129-141, 2006.

LAVERY, J. Some Aspects of Mycenaean Topography. **BICS**, v. 37, p. 165-71, 1990.

\_\_\_\_\_. Some 'New' Mycenaean Roads at Mycenae. **BICS**, v. 40, p. 264-65, 1995.

LEICK, Gwendolyn. **A dictionary of ancient Near Eastern architecture**. Londres: Routledge, 2002.

LIRITZIS, I.; VASSILIOU, H. Archaeoastronomical orientation of seven significant ancient Hellenic temples. **Archaeoastronomy International**, v. 17, p. 94-100, 2003.

LIVERANI, Mario. **Antico Oriente**: storia, società, economia. Roma: Laterza, 2009.

\_\_\_\_\_. The Near East: The Bronze Age. In: MANNING, J.; MORRIS, I (Ed.) **The Ancient Economy**: Evidence and Models. Stanford: Stanford University Press, 2005.

LOADER, N. **The definition of cyclopean**: An investigation into the origins of the LH III fortifications on mainland Greece. Doctoral thesis, Durham University, 1995. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/5374/>. Acesso em 8 fev. 2022.

LUPACK, Susan. Mycenaean religion. In: CLINE (Ed.). **The Oxford Handbook of the Bronze Age Aegean**. Oxford: Oxford University Press, p. 263-275, 2010.

\_\_\_\_\_. Redistribution in Aegean palatial societies. A view from outside the palace:

The sanctuary and the damos in Mycenaean economy and society. **American Journal of Archaeology**, v. 115, n. 2, p. 207-217, 2011.

MACDONALD, W. A.; THOMAS, C. **Progress into the Past**. The Rediscovery of Mycenaean Civilization. Bloomington: Indiana University Press, 1990

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. Karl Polanyi e o "Grande Debate" entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. **Economia e Sociedade**, v. 21, p. 165-195, 2012.

MAGLI, Giulio. Akhet Khufu: archaeo-astronomical hints at a common project of the two main pyramids of Giza, Egypt. **Nexus Network Journal**, v. 11, n. 1, p. 35-50, 2009.

\_\_\_\_\_. **Archaeoastronomy**: introduction to the science of stars and stones. Springer Nature, 2020.

MAGLI, Giulio *et al.* The megalithic complex of Monte Baranta in Sardinia: a pilgrimage center of the early Bronze Age? **Complutum**, v. 22, n. 1, p. 107-116, 2011.

MANER, Ç. A Comparative Study of Hittite and Mycenaean Fortification Architecture. In: STAMPOLIDIS, N.; KANTA, A.; GIANNIKOURI, A. (eds.). **Athanasia**: The Earthly, the Celestial and the Underworld in the Mediterranean from the Late Bronze Age and the Early Iron Age, p. 53-64, 2012.

\_\_\_\_\_. Corbelled Vaults in Hittite and Mycenaean Fortification Architecture. In: BOMBARDIERI, L. *et al.*, **SOMA 2012**: Proceedings of the 16th Symposium on Mediterranean Archaeology, Florence, Italy. **BAR**, v.2581, n. I, p.419-426, 2013.

MANNING, J.; MORRIS, I (Ed.) **The Ancient Economy**: Evidence and Models. Stanford: Stanford University Press, 2005.

MANNING, Sturt W. *et al.* Chronology for the Aegean Late Bronze Age 1700-1400 BC. **Science**, v. 312, n. 5773, p. 565-569, 2006.

\_\_\_\_\_. Chronology and terminology. In: CLINE (Ed.). **The Oxford Handbook of the Bronze Age Aegean**. Oxford: Oxford University Press, p. 11-28, 2010.

MARAN, Joseph. Architecture, Power and Social Practice: An introduction. In: MARAN, J. *et al.* (Eds.). **Constructing Power**: Architecture, Ideology and Social Practice, p. 93-116. Hamburg: LIT, 2006.

\_\_\_\_\_. Forschungen in der Unterburg von Tiryns 2000-2003. **Archäologischer Anzeiger**, p. 35-111, 2008.

\_\_\_\_\_. Political and religious aspects of architectural change on the Upper Citadel of Tiryns. The case of Building T. In: LAFFINEUR, R.; HÄGG, R. (Eds.) **Potnia**: Deities and Religion in the Aegean Bronze Age, **Aegaeum**, v. 22, p. 113-122, 2001.

\_\_\_\_\_. The Mycenaean palaces. In: LAGOGIANNI-GEORGAKORAKOS, M. **Odysseys. Οδύσσειες**. Athens: Archaeological Receipts Fund, p. 83-90, 2017.

MARAN, J.; PAPADEMETRIOU, A. Τίρυνθα. In: ΒΛΑΧΟΠΟΥΛΟΣ, Α. **Αρχαιολογία ΠΕΛΟΠΟΝΝΗΣΟΣ**. Αθήνα: Εκδοτικός Οίκος, ΜΕΛΙΣΣΑ, 2012, p.164.

MARAZZI, M. L'uso delle cretule nel mondo miceneo. In: DEL-FREO, M.; PERNA, M. (Eds.). **Manuale di epigrafia micenea**, Padova, 2016.

MARGARITIS, E.; DEMAKOPOULOU, K.; SCHALLIN, A.-L. The archaeobotanical samples from Midea: agricultural choices in the Mycenaean Argolid. In: TOUCHAIS, G.; LAFFINEUR, R.; ROUGEMONT, F. (Eds.). *Physis: l'environnement naturel et la relation homme-milieu dans le monde égéen protohistorique*. Actes de la 14e Rencontre égéenne internationale, Paris, Institut National d'Histoire de l'Art (INHA), 11-14 décembre 2012, **Aegaeum**, v. 37, Leuven & Liege, p. 271–277, 2014.

MARTIN, Vinicius Dian. **Os sentidos da monumentalidade em sítios gregos da Idade do Ferro Inicial** (séculos XII-VIII a. C.). 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, University of São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.71.2015.tde-18052015-154936. Acesso em: 10 dez. 2021.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Boitempo editorial, 2015.

MAZARAKIS-AINIAN, Alexander. Early Greek Temples. In: MILES, Margaret (Ed.). **A companion to Greek architecture**. John Wiley & Sons, 2016.

\_\_\_\_\_. From Rulers' Dwellings to Temples: Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.). **Studies in Mediterranean Archeology**, v. XXI, Jonsered, 1997.

\_\_\_\_\_. Houses. In: FINKELBERG, Margalit (Ed.). **The Homer Encyclopedia**. Wiley-Blackwell, 2011.

\_\_\_\_\_. The archaeology of basileis. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. **Ancient Greece: from the Mycenaean palaces to the age of Homer**. Edimburg: Edinburgh University Press, 2006.

MONZANI, Juliana Caldeira. **A administração micênica em Creta**. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B. 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2020.tde-27022020-141638. Acesso em: 23 nov. 2021.

MONZANI, Juliana Caldeira. O sistema administrativo micênico a partir dos documentos em Linear B. **Heródoto**, v. 5, n. 1, p. 43-59, 2020.

MÜHLENBRUCH, Tobias. Power and cult in LH IIIC Tiryns. In: SCHALLIN, A.; TOURNAVITOU, I. (Eds.). **Mycenaeans up to date**. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, v. 4, n. 56, Stockholm, 2015.

MÜLLER, Valentin. Development of the "Megaron" in Prehistoric Greece. **American Journal of Archaeology**, v. 48, n. 4, p. 342-348, 1944.

MYLONAS, George E. **Mycenae and the Mycenaean Age**. Princeton, N.K.: Princeton University Press, 1966.

NAGY, Gregory. **Greek mythology and poetics**. Cornell University Press, 1992.

NAKASSIS, Dimitri. Why the periphery should be central to Mycenaean studies. In: KARANTZALI, E. (Ed.) **Γ' Διεθνές Διεπιστημονικό Συμπόσιο Η Περιφέρεια του Μυκηναϊκού Κόσμου**. Πρόσφατα ευρήματα και πορίσματα της έρευνας. Λαμία, 18-21 Μαΐου 2018/3rd International Interdisciplinary Colloquium: **The Periphery of the Mycenaean World**: Recent discoveries and research results. Atenas: Ministry of Culture and Sports, p. 21-26, 2021.

NAKASSIS, Dimitri; PARKINSON, William A.; GALATY, Michael L. Redistribution in Aegean palatial societies. Redistributive economies from a theoretical and cross-cultural perspective. **American Journal of Archaeology**, v. 115, n. 2, p. 177-184, 2011.

OLIVIER, Jean-Pierre; LÉVY, Edmond. Structure des archives palatiales en linéaire A et en linéaire B. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 227-235, Strasbourg: AECR, 1987.

ORLANDO, A. (Ed.). **The Light, The Stones and The Sacred**. Proceedings of the XVth Italian Society of Archaeoastronomy Congress. Springer, 2017.

PALAIMA, Thomas. The Ideology of the Ruler in Mycenaean Prehistory: Twenty Years after the Missing Ruler. In: KOEHL, Robert (Ed.). **Studies in Aegean Art and Culture**: A New York Aegean Bronze Age Colloquium in Memory of Ellen N. Davis. INSTAP Academic Press, 2016.

\_\_\_\_\_. Wanaks and related power terms in Mycenaean and later Greek. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. **Ancient Greece**: from the Mycenaean palaces to the age of Homer. Edimburg: Edinburgh University Press, 2006.

PAPADEMETRIOU, Alkestis. **Tiryns**: A guide to its history and archaeology. Athens: Hesperos Editions, 2015.

PAPANASTASSIOU, D.; MAROUKIAN, D. H.; GAKI-PAPANASTASSIOU. K. Morphotectonic and archaeological observations in the eastern Argive plain (eastern Peloponnese, Greece), and their palaeoseismological implications. **Zeitschrift für Geomorphologie**. v. 94, p. 95–105, 1993.

PERSSON, A. **New tombs at Dendra near Midea**. Londres Oxford University Press, 1942.

POLANYI, Karl. Dahomey and the Slave Trade: An Analysis of an Archaic Economy. **American Ethnological Society Monograph**, v. 42. Seattle: University of Washington Press, 1966.

\_\_\_\_\_. **Primitive, Archaic, and Modern Economies**: Essays of Karl Polanyi. Edited by G. Dalton. Garden City, N.Y.: Anchor Books, 1968.

\_\_\_\_\_. **The great transformation**: The political and economic origins of our time. Boston: Beacon, 2001

REDE, Marcelo. **Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia**. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda, 2007.

RAPOPORT, A. **House form and Culture**. Prentice-hall Inc, 1969.

RAPOPORT, A. **The Meaning of built environment a non verbal communication approach**. University of Arizona Press, 1982.

REHAK, Paul. Tradition and innovation in the fresco from room 31 in the 'Cult Center at Mycenae'. In: LAFFINEUR, R. CROWLEY, J. L. (eds.). EIKΩN. Aegean Bronze Age Iconography: Shaping a Methodology. Proceedings of the 4th International Aegean Conference, University of Tasmania, Hobart, Australia, 6-9 April 1992, *Aegaeum* v. 8, Liège, p. 39-62, 1992.

ROBERTSON, A. **Arquitetura grega e romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RUGGLES, Clive (Ed.). **Handbook of archaeoastronomy and ethnoastronomy**. Springer, 2014.

RUTHERFORD, Ian. Mycenaean religion. In: SALZMAN, Michele (Ed.). **The Cambridge History of Religions in the Ancient World: Volume 1, From the Bronze Age to the Hellenistic Age**, v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

SABATINI, S. Textile tools from the East Gate at Mycenaean Midea, Argolis, Greece. **Opuscula**, v. 9, p. 217-247, 2016.

SAHLINS, M. D. **Social Stratification in Polynesia**. Seattle: University of Washington Press, 1958.

SCHALLIN, Ann-Louise. Identities and 'precious' commodities at Midea and Dendra in the Mycenaean Argolid. In: ASLAKSEN, O. (Ed.). **Local and Global Perspectives on Mobility in the Eastern Mediterranean**. Papers and Monographs from the Norwegian Institute at Athens, v.5. The Norwegian Institute at Athens, 2016.

SCHLIEMANN, Heinrich. **Mycenae: a narrative of researches and discoveries at Mycenae and Tiryns**. C. Scribner's Sons, 1880.

SCHNEIDER, Anna. **Die anfänge der kulturwirtschaft: die sumerische tempelstadt**. GD Baedeker, 1920.

SERIO, G.F.; HOSKIN, M. A.; VENTURA, F.J. The Orientations of the Temples of Malta. **Journal for the History of Astronomy**, v. 23, p. 107 – 119, 1992.

SERVICE, Elman R. **Origins of the state and civilization: The process of cultural evolution**. New York: W.W. Norton, 1975.

SHAW, J. Bathing at the mycenaean palace of Tiryns. **American Journal of Archaeology**, v. 116, n. 4, p. 555–571, 2012.

SHELMERDINE, Cynthia W. Mycenaean palatial administration. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. **Ancient Greece: from the Mycenaean palaces to the age of Homer**. Edimburg: Edinburgh University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **The Cambridge Companion to the Aegean Bronze Age**. New York: Cambridge University Press, 2010.

SHOWLEH, T. Water management in the Bronze Age: Greece and Anatolia. *Water Science & Technology: Water Supply*, v.7, n.1, 2007.

SILVA, F. *et al.* (Ed.). **The Materiality of the Sky**: the proceedings of the Twenty-second annual conference of the Société Européenne pour l'Astronomie dans la Culture (SEAC) held in Malta 22-26 September 2014. Ceredigion : Sophia Centre Press, 2016.

SIMS, L. What is a lunar standstill? Problems of accuracy and validity in 'the Thom paradigm. **Mediterranean Archaeology & Archaeometry**, Special Issue, n. 6, v.3, p. 157-163, 2006.

SMELSER, Neil J.; SWEDBERG, R. (Ed.). **The handbook of economic sociology**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

SMITH, A. **The Political Landscape**: Constellations of Authority in Early Complex Polities. Londres: University of California Press, 2003.

STRAND, E.; NOSCH, M. (Eds.). **Tools and Textiles**: Texts and Contexts Research Program. The Danish National Research Foundation's Centre for Textile Research, University of Copenhagen, 2008.

TOLEDO de, Thomas. Antigo Egito: as origens do Estado, do dinheiro e do assalariamento. **Princípios**, n. 146, 2017.

TOURNAVITOU, I. Towards an identification of a workshop space. In: FRENCH, E. B.; WARDLE, K. A. (Eds.). **Problems in Greek Prehistory**. Papers presented at the Centenary Conference of the British School of Archaeology at Athens, Manchester, April 1986. Bristol, UK: Bristol Classical Press, p. 447-467, 1988.

TRIGGER, Bruce G. Monumental architecture: a thermodynamic explanation of symbolic behaviour. **World archaeology**, v. 22, n. 2, p. 119-132, 1990.

VAN EFFENTERRE, Henri. Les fonctions palatiales dans la Crète minoenne. In: LÉVY, E. (Ed.). **Le Système Palatial en Orient, en Grèce et à Rome**: actes du Colloque de Strasbourg 19-22 juin 1985, p. 173-185, Strasbourg: AECR, 1987.

VENTRIS, M.; CHADWICK, J. **Documents in Mycenaean Greek**, London: Cambridge University Press, 1956.

WACE, Alan. Notes on the Homeric house. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 71, p. 203-211, 1951.

\_\_\_\_\_. **Mycenae**: An Archaeological History and Guide. New York: Biblio and Tannen, 1964.

WACE, Alan *et al.* The Report of the School Excavations at Mycenae, 1920-1923. **The Annual of the British School at Athens**, v. 25, p. 1-434, 1921-1923.

WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007.

WALBERG, G.; REESE, D.S. Feasting at Midea. In: HITCHCOCK, L. A.; LAFFINEUR, R.; CROWLEY, J. (Eds.). **Dais: the Aegean feast**. Proceedings of the 12th International Aegean



Conference / 12e Rencontre égéenne internationale, University of Melbourne, Centre for Classics and Archaeology, 25-29 March 2008, **Aegaeum**, v. 29, Liège & Austin, p. 239–245, 2008.

WARNER, Jayne. The megaron and apsidal house in Early Bronze Age western Anatolia: new evidence from Karataş. **American Journal of Archaeology**, v. 83, n. 2, p. 133-147, 1979.

WEBER, Max. **The Agrarian Sociology of Ancient Civilizations**. London: NLB, 1976.

WERNER, Kjell. The megaron during the Aegean and Anatolian Bronze Age: a study of occurrence, shape, architectural adaptation, and function. **Studies in Mediterranean archaeology**, v. 108. Paul Åströms Förlag, 1993.

WHITLEY, J. Archaeology in Greece 2003-2004. **Archaeological Reports**, n. 50, p. 1–92, 2004.

WIBOWO, A. Deciphering Cave Painting Code and Ancient Celestial Map in South East Asia Paleolithic Cultures Dated to 40000 Years Old. **Preprints**, 2021.

WRIGHT, James. The Formation of the Mycenaean palace. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. **Ancient Greece: from the Mycenaean palaces to the age of Homer**. Edimburg: Edinburgh University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. The spatial configuration of belief: the archaeology of Mycenaean religion. In: ALCOCK, Susan; OSBORNE, Robin (Eds.). **Placing the Gods: Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece**. Oxford: Clarendon Press, 1994.

ZEDDA, Mauro. Orientations of additional Sardinian dolmens. **Journal for the History of Astronomy**, v. 36, p. 107-108, 2005.

ZEDDA, Mauro *et al.* Orientations of 230 Sardinian tombe di giganti. **Journal for the History of Astronomy**, v. 27, n. 21, p. 33-54, 1996.

ZEMAN, Piotr; DUDLIK, Kasia. Entangled Mycenae: towards a Model of Mycenaean Palatial Town. **Fontes Archaeologici Posnanienses**, v. 56, 2020.

ZOTTI, Georg. Open Source Virtual Archaeoastronomy. **Mediterranean Archaeology and Archaeometry**, v. 16, n. 4, p. 17-24, 2016.

#### SITES E BASES DE DADOS

ALMARE. **House of Frescoes**. Presentation Scene, 2017. Disponível em: [https://www.odysseyadventures.ca/articles/mycenae/article\\_mycenae04-cultcentre.html](https://www.odysseyadventures.ca/articles/mycenae/article_mycenae04-cultcentre.html). Acesso em: 13 jun. 2022.

ARGOLIS, Greece, **Site Effect Study for the HERACLES Project** (Nov. 2012 - Jun. 2013) - Seismic Data - Datasets. 2012. Disponível em: <https://dataservices.gfz-potsdam.de/gipp/showshort.php?id=escidoc:2653890>. Acesso em: 9 abr. 2021.

**Arachne**. 2011. Disponível em: <https://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/196>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Bastion. **Wikimedia Commons**. 2022. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Bastion#/media/File:Castillo\\_de\\_San\\_Marcos.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Bastion#/media/File:Castillo_de_San_Marcos.jpg). Acesso em: 13 fev. 2022.

Cyclopean walls of Mycenae - **Wikimedia Commons**. 2017. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cyclopean\\_walls\\_of\\_Mycenae#/media/File:Mycenae-3\\_types\\_of\\_Walls-Schliemann-vertical.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Cyclopean_walls_of_Mycenae#/media/File:Mycenae-3_types_of_Walls-Schliemann-vertical.png). Acesso em: 2 fev. 2022.

**Encyclopedia Britannica** | Britannica, 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/>. Acesso em: 8 fev. 2022.

Great Gate. Tiryns. **Wikimedia Commons**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=106676627>. Acesso em: 1 ago. 2021.

KORONAIOS, G. The North Gate of Mycenae on 26 March 2019.jpg - **Wikimedia Commons**. 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The\\_North\\_Gate\\_of\\_Mycenae\\_on\\_26\\_March\\_2019.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_North_Gate_of_Mycenae_on_26_March_2019.jpg). Acesso em: 1 out. 2021.

LABECA. **Glossário**. 2021. Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. Acesso em: 23 maio. 2021.

**LiBER** | Database. 2021. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/list.pl?choice=all>. Acesso em: 1 abr. 2021

Malta: For the Summer Solstice at Mnajdra Temple - **World Archaeology**. 2012. Disponível em: <https://www.world-archaeology.com/travel/malta-for-the-summer-solstice-at-mnajdra-temple/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

**Merriam-Webster Dictionary**. 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gate>. Acesso em: 13 out. 2021.

Midea - Midea, Argolid (1939, 1963, 1983–2009). **Swedish Institute at Athens**, 2020. Disponível em: <https://www.sia.gr/en/articles.asp?tid=339&page=1>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Moon phases en.jpg. **Wikimedia Commons**. 2021. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Moon\\_phases\\_en.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Moon_phases_en.jpg). Acesso em: 19 jun. 2021.

NAKASSIS, D. The Mycenaean in Greek History: Orientalism and Master Narratives. **British School at Athens**. BSA Upper House Seminar Monday, 29 fev. 2016. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9z1At9yHVEs>. Acesso em: 14 fev. 2022. YouTube Video

**Opuscula Atheniensia**. 2019. Disponível em: <http://ecsi.se/publications/opath/>. Acesso em: 23 set. 2021.

**Opuscula. Annual of the Swedish Institutes at Athens and Rome**. 2019. Disponível em: <http://ecsi.se/publications/opathrom/>. Acesso em: 23 set. 2021.

**Perseus Digital Library**. 2019. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso em: 13 out. 2021.

Reconstruction of the fresco (house with the frescoes). **Greek Museum Blog**. Disponível em: <https://greekmuseumblog.wordpress.com/tag/mycenaean-frescoes/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SAKOULAS, Thomas. **Mycenae**. 2021. Disponível em: <https://ancientgreece.org/archaeology/mycenae.html>. Acesso em: 1 out. 2021.

SCIENCE NEWS. Watch a pendulum saw in action | **Science NewsYouTube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XfoWqzHJPg>. Acesso em: 18 nov. 2021. YouTube Video.

Seasons1.svg - **Wikimedia Commons**. 2020. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seasons1.svg>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Solstice and Equinox.svg - **Wikimedia Commons**. 2009. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solstice\\_and\\_Equinox.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solstice_and_Equinox.svg). Acesso em: 18 jun. 2021.

South east postern, Mycenae, Greece. **Sonia Halliday Photo Library**. 2021. Disponível em: <http://www.soniahalliday.com/category-view3.php?pri=GR1169-7FHC.jpg>. Acesso em: 16 nov. 2021.

Templo de Malta. **Wikimedia Commons**. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Temple\\_solaire\\_Mnajdra.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Temple_solaire_Mnajdra.jpg). Acesso em: 19 jun. 2021.

**Terracotta figure of a goddess**, Midea, 1250-1200 BC, AM of Nafplio, 202152.jpg - **Wikimedia Commons**. 2020. Disponível em: [https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta\\_figure\\_of\\_a\\_goddess,\\_Midea,\\_1250-1200\\_BC,\\_AM\\_of\\_Nafplio,\\_202152.jpg](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_figure_of_a_goddess,_Midea,_1250-1200_BC,_AM_of_Nafplio,_202152.jpg). Acesso em: 6 jan. 2022.

The Archaeological Site of Tiryns | **World Heritage Journeys of Europe**. 2021. Disponível em: <https://visitworldheritage.com/en/eu/the-archaeological-site-of-tiryns/2413784a-f003-4bf6-a528-ab8b52c45d49>. Acesso em: 1 out. 2021.

The Mycenaean acropolis of Midea and the necropolis of Dendra. **Greek High Definition**. 2018. Disponível em: <https://www.greechighdefinition.com/blog/2018/12/20/the-mycenaean-acropolis-of-midea-and-the-necropolis-of-dendra>. Acesso em: 16 maio. 2021.

Tiryns - **Wikimedia Commons**. 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Tiryns#/media/File:DSC00758\\_%CE%A4%CE%99%CE%A1%CE%A5%CE%9D%CE%98%CE%91.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Tiryns#/media/File:DSC00758_%CE%A4%CE%99%CE%A1%CE%A5%CE%9D%CE%98%CE%91.jpg). Acesso em: 2 fev. 2022.

Underground Cistern of Mycenae, entrance, 201542.jpg - **Wikimedia Commons**. 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Underground\\_Cistern\\_of\\_Mycenae,\\_entrance,\\_201542.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Underground_Cistern_of_Mycenae,_entrance,_201542.jpg). Acesso em: 17 nov. 2021.

MITOS, Y. Vici.org - **Archaeological Atlas of Antiquity**: photographs from Midea, 2017. Disponível em: <https://vici.org/search.php?terms=Midea&button=>. Acesso em: 23 maio. 2021. Fotografias retiradas por Yiannis Mitos em Midea no ano de 2017.

West Gate in Tiryns. 2016. **Wikimedia Commons** Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/%CE%A4%CE%B9%CF%81%CF%85%CE%BD%CE%B8%CE%B11.jpg>. Acesso em: 17 nov. 2021.

YOUNG, J. Major Lunar Standstill - **Moon Teachings for the Masses**. 2011. Disponível em: <https://www.umass.edu/sunwheel/pages/moonteaching.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ZAFIRIS, Angela. **Mycenae/Μυκήνες**. 2019. Disponível em: <https://mycreativewayz.wordpress.com/2019/11/07/mycenae-%CE%BC%CF%85%CE%BA%CE%AE%CE%BD%CE%B5%CF%82/>. Acesso em: 1 out. 2021.

ZOTTI, G. **Make Stellarium panoramas from Google Earth**, 2013. Disponível em: <https://homepage.univie.ac.at/Georg.Zotti/php/panoCam.php>. Acesso em: 13 jun. 2022.

## ANEXOS

## ANEXO I – ELEVAÇÃO E DISTÂNCIA DAS ROTAS

<b>Ponto de partida</b>	<b>Distância (m)</b>	<b>Elevação média (%)</b>	<b>Destino</b>
Porta Leste	110	0,7	Complexo do mégaron
Porta Leste	62,4	1,3	Santuário
Porta Leste	35,3	0,3	Complexo de Quartos
Porta Leste	130,7	2,6	Construções no Terraço Sudoeste
Porta Leste	100	3,2	Construções na Acrópole Alta
Porta Norte	97,31	0,2	Complexo do mégaron
Porta Norte	115	0,2	Santuário
Porta Norte	194	13,4	Complexo de Quartos
Porta Norte	85,12	0,2	Construções no Terraço Sudoeste
Porta Norte	263	14,1	Construções na Acrópole Alta
Porta Oeste	153,2	0,7	Complexo do mégaron
Porta Oeste	131	2,1	Santuário
Porta Oeste	147	4,7	Complexo de Quartos
Porta Oeste	69	0,1	Construções no Terraço Sudoeste
Porta Oeste	71,1	1,8	Construções na Acrópole Alta
Poterna	134	1,4	Complexo do mégaron
Poterna	162	2	Santuário
Poterna	253	21	Complexo de Quartos
Poterna	85	0,4	Construções no Terraço Sudoeste
Poterna	168	16,4	Construções na Acrópole Alta

## ANEXO II – CONTEÚDO DAS IMPRESSÕES DE SELOS EM MIDEA

01/04/2021

LiBER | Filtered tablets

logout [gustavojppeixoto@gmail.com](mailto:gustavojppeixoto@gmail.com)**LiBER | Linear B Electronic Resources**[PROJECT](#) [DATABASE](#) [SEARCH](#) [MAP](#) [HOW TO](#) [NEWS](#)

<b>MI Wv 1</b>	Lower terrace, near Megaron (Room 7)   Scribe: –
.α	OLE <i>supra sigillum</i> (CMS V Suppl. 3,2, Nr. 238)
.β	ro-zo
.γ	vacat
<b>MI Wv 3</b>	West Gate Area (Room 6b)   Scribe: –
.α	GRA <i>supra sigillum</i> (CMS V Suppl. 3,2, Nr. 236)
.β	vacat
.γ	vacat
<b>MI Wv 5</b>	Lower terrace, near Megaron (Room 7)   Scribe: –
.α	OLE <i>supra sigillum</i> (CMS V Suppl. 3,2, Nr. 240)
.β	pa-zo-jo
.γ	vacat
<b>MI Wv 6</b>	S.W. slope (S.E. of Rooms 1-4)   Scribe: –
.α	o-pa <i>supra sigillum</i> (CMS V Suppl. 3,2, Nr. 237)
.β1	me-ka-ro-de
.β2	vacat
.γ	a <sub>3</sub> -so-ni-jo

Fonte: LiBER, 2021<sup>165</sup>.

<sup>165</sup> **LiBER** / Database. 2021. Disponível em: <http://liber.isma.cnr.it/cgi-bin/list.pl?choice=all>. Acesso em: 1 abr. 2021.

## ANEXO III – E-mail da Profa. Dra. Katie Demakopoulou

02/06/2021

Gmail - Midea - North Gate



Gustavo Jorge Peloso Peixoto &lt;gustavojppeixoto@gmail.com&gt;

## Midea - North Gate

Katie Demakopoulou <k.demakopoulou@gmail.com>  
 Para: Gustavo Jorge Peloso Peixoto <gustavojppeixoto@gmail.com>

27 de maio de 2021 10:32

Dear Mr Peixoto,

Thank you for your nice answer, which gave me much joy! As to the location of the palace in Midea, I think it would be in the Upper Acropolis, as Persson, the first excavator of Midea, had already suggested. Moreover, it must be noted that the East Gate, the main gate of the acropolis, led to the palace area. Unfortunately it is difficult to conduct an interview, because I don't use skype.

Best wishes,

Dr Katie Demakopoulou

Στις Τρί, 25 Μαΐ 2021 στις 5:47 μ.μ., ο/η Gustavo Jorge Peloso Peixoto &lt;gustavojppeixoto@gmail.com&gt; έγραψε:

Dear Dr. Katie Demakopoulou,

Thank you very much for the information. As I commented I admire your work and it is a great honor for me to be able to use this information in my master's degree. I am currently doing viewshed analysis of several points on the site and have started to do astronomical measurements to investigate relationships between the orientation of the buildings in Midea and the solstices and lunistics.

One thing that has always puzzled me is the location of the palace and I would really like to know your perception on this, whether it would be on the high acropolis or whether it would be in the megaron complex, Also, I would like to ask you if we could possibly conduct an interview,

Kindest regards,  
 Gustavo

Em seg., 24 de mai. de 2021 às 08:38, Katie Demakopoulou &lt;k.demakopoulou@gmail.com&gt; escreveu:

Dear Mr Peixoto,

Thank you for your e-mail and your kind words. As to the North Gate of Midea, it was recently investigated and there is no yet published material on that. It will be included in the volume of the final publication of the Midea excavations, which is in preparation by me and my colleagues. Yes, this gate is dated also to Late Helladic IIIB2.

Best wishes for your study,

Dr Katie Demakopoulou

Στις Παρ, 21 Μαΐ 2021 στις 2:30 π.μ., ο/η Gustavo Jorge Peloso Peixoto &lt;gustavojppeixoto@gmail.com&gt; έγραψε:

Dear Dr. Katie Demakopoulou,

My name is Gustavo Jorge Peloso Peixoto. I'm a member of Labeca (laboratory of studies on the ancient city) and, I'm currently doing a master's degree at the University of São Paulo, Brazil. In my master's, I study the sites of Mycenae, Tiryns, and Midea in the Late Bronze Age.

First I would like to show my admiration for the years of hard work you have devoted to the Midea site and all the publications coming from the excavations.

I wanted to ask for some help, recently I saw an article from 2020 that showed a map of the citadel with the "north gate", is there any published material that deals with this gate?

Does this door also belong to LH IIIB?

This last information is very important, as I am studying the different paths formed between the megaron and the gates.

Kindest regards,  
 Gustavo J. P. Peixoto  
 Archaeologist

## ANEXO IV – BANCO DE DADOS

**Introdução**

Neste anexo apresentamos o Banco de Dados construído para as análises espaciais e arqueoastronômicas. Ele reúne aspectos relativos aos edifícios presentes na cidadela de Midea, seus elementos arquitetônicos e os materiais encontrados. Buscamos apresentar os materiais de acordo com os relatórios de escavação e as demais publicações sobre o sítio, indicando, os termos originais em inglês entre parêntesis.

O Banco de Dados está organizado nas seguintes partes: portas, edifícios da Acrópole Alta (“Área do Palácio”, Terraço Sacrificial, Trincheiras A e Aa e Complexo de Quartos) e edifícios da Acrópole Baixa (Complexo de Construções, Construções do Terraço Sudoeste, Santuário e Complexo do mégaron). Dentro de cada seção são apresentados conjuntos de edifícios e as trincheiras escavadas nessas áreas.

Esse banco possui as seguintes limitações: por vezes os relatórios indicam somente os materiais encontrados ao longo de trincheiras, não indicando, assim, os quartos ou edifícios onde foram encontrados os materiais, além disso, não foram coletados todos os dados relativos a trincheiras na área extramuros e rampas, ou em espaços no interior da cidadela onde não existiam muros que caracterizam a existência de construções.

O Banco de Dados e seus mapas podem ser utilizados para comparar ou aprofundar elementos que são apresentados ao longo da dissertação e, principalmente, possibilitar eventuais discussões sobre a funcionalidade de um determinado edifício.



## Portas

### 1. Nome:

Porta Leste

### 2. Unidade Construtiva:

### 3. Local:

### 4. Estrutura:

Circuito Murado

Porta – Entrada simples

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

### 7. Estatuetas:

### 8. Ferramentas:

### 9. Outros:

Lascas de  
obsidiana

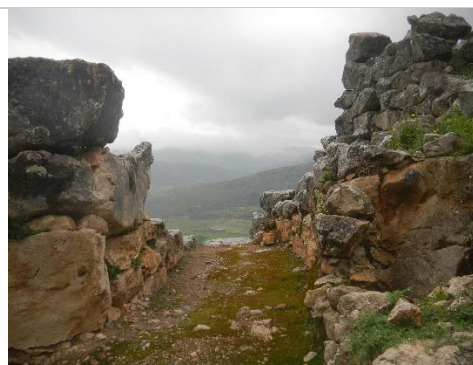
### 10. Comentários:

"Levava à acrópole alta, onde o palácio deveria estar" (DEMAKOPOULOU, 2012, p.18). Não há baluarte na entrada e é seguida por um portão interno à leste.  
"Está preservado o soquete para o apoio da porta" (DEMAKOPOULOU, 2012, p.18).

### 11. Imagens/plantas:



(MITOS, 2017)



(WIKIMEDIA, 2011)



(MUNICIPALITY OF NAFPLIO, 2021)

### 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
Midea East Gate- **Wikimedia**. 2011. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Midea\\_East\\_Gate.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Midea_East_Gate.jpg). Acesso em: 20 nov. 2021.  
MITOS, Y. **Midea, the east gate - Vici.org**. 2017. Disponível em: <https://vici.org/vici/46800/>. Acesso em: 20 nov. 2021.  
Mycenaean Acropolis of Midea. 2011. **Municipality of Nafplio** Disponível em: <https://www.nafplio.gr/en/arxaiologikoixoroiseimiamenu2/143-2011-06-04-07-23-13.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

**1. Nome:**

Porta Norte

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Circuito Murado

Porta – Entrada simples

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:****7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:****10. Comentários:**

Portão de fácil acesso com degraus. Localizado na parte baixa, próximo ao Complexo do mégaron. Largura permite a passagem de carros de boi e de guerra.

**11. Imagens/plantas:**

(MITOS, 2017)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, Katie. A Mycenaean pictorial vase from Midea. *Opuscula*, v. 13, p. 113-121, 2020.  
 MITOS, Y. Midea, the north gate - *Vici.org*. 2017. Disponível em: <https://vici.org/vici/46802/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

**1. Nome:**

Porta Oeste

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Circuito Murado

Porta – Entrada simples

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Tigelas fundas dos grupos A e B, crateras, jarros com alça em estribo, jarros piriformes, jarro com pescoço em colar, copo, pithoi, cálices, grelha de cozinhar, vasos de chumbo,

**7. Estatuetas:**

10 estatuetas.

**8. Ferramentas:**

2 almofarizes em pedra.

1 mó elíptica

Rebites de chumbo

**9: Outros:**

Fragmentos de chumbo.

Pontas de flecha, fragmentos de madreperla e bronze. Selo prismático em faiança com motivos circulares. Gesso pintado.

**10. Comentários:**

Presença de um bastião e uma sala de guarda. (DEMAKOPOULOU, 1995, p.154). O baluarte é similar ao de Micenas, mas os blocos não são em silhar (na forma de paralelepípedos)

"As paredes do portão eram decoradas com gesso" (DEMAKOPULOU, 2012, p.21). A porta possui uma câmara de entrada (*guardroom*) e o batente parece ser feito com conglomerado (rocha sedimentar).

**11. Imagens/plantas:**

(MITOS, 2017)



(MUNICIPALITY OF NAFPLIO, 2021)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. Mycenaean citadels: recent excavations on the acropolis of Midea in the Argolid. **BICS**, n. 40, 1995.

\_\_\_\_\_. Stone vases from Midea. In: CLINE, E.; HARRIS-CLINE, D. (Eds.). The Aegean and the Orient in the second millennium proceedings of the 50th Anniversary Symposium, Cincinnati, 18–20 April 1997. **Aegaeum**, v. 18, Liège, p. 221–227, 1998.

\_\_\_\_\_. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea: figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, Robert; HÄGG, R. (Eds.). *Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age. Proceedings of the 8th International Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale*. Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000, **Aegaeum**, v. 22, Liège, p. 181–190, 2001.

MITOS, Y. **Midea, the west gate - Vici.org**. 2017. Disponível em: <https://vici.org/vici/46799/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Mycenaean Acropolis of Midea. 2011. **Municipality of Nafplio** Disponível em: <https://www.nafplio.gr/en/arxaiologikoixoroiseimiamenu2/143-2011-06-04-07-23-13.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

**1. Nome:**

Baluarde da Porta Oeste
-------------------------

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

	Circuito Murado	Baluarde
--	-----------------	----------

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC
-------------------------

**6. Vasos:****7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**

Fragmentos da tigela funda do Grupo B. Fragmentos do LHII-III B de período romano e bizantino.		Lascas de obsidiana e sílex.	Tampas de chumbo, pedaços de madre-pérola, fluorita e conchas.
--	--	------------------------------	--

**10. Comentários:**

Baluarde de defesa antes da Porta Oeste. Estrutura quadrangular de 11m x 11m, similar ao da entrada de Micenas. Há a presença de um dreno de água na região e de uma rampa de acesso (DEMAKOPOULOU <i>et al.</i> , 2005, p. 24-25)
--

**11. Imagens/plantas:**

(MITOS, 2017)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. <i>The mycenaean acropolis of Midea</i> . Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012. DEMAKOPOULOU, K. <i>et al.</i> Excavation in Midea 2004. <i>Opuscula Atheniensi</i> , v.30, p. 7-34, 2005. MITOS, Y. 2017. <i>Midea, the west gate - Vici.org</i> . 2017. Disponível em: <a href="https://vici.org/vici/46799/">https://vici.org/vici/46799/</a> . Acesso em: 20 nov. 2021.
---

**1. Nome:**

Porta Interna

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Intramuros

Porta – Entrada simples

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica de LH IIIB2 (vasos com alça em estribo).

**7. Estatuetas:**

Fragmentos de estatuetas

**8. Ferramentas:**Fusos em esteatita, pinos de bronze e *quern* (mó) de pedra.**9. Outros:**

Pedaços de tijolos. Pedaços de chumbo e objetos em bronze.

**10. Comentários:**

Portão interno que levava até a acrópole alta (DEMAKOPOULOU, 2012, p.33)  
 “Na parte interna na esquerda há uma muralha de 2,5m de largura, construída em ângulos retos com a parede da fortificação. Uma passagem de 2,0m de largura, entre essa parede e a parede da fortificação forma uma porta interior que leva para a acrópole alta...” (DEMAKOPOULOU; DIVARI-VALAKOU, 1999, p. 208).  
 Há degraus de acesso e rampas de entrada (ASTRÖM *et al.*, 1990, p. 9).

**11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

ÅSTRÖM, P. *et al.* Excavations in Midea 1987. **Opuscula Atheniensi**a, v. 18, n.1, p. 9-22, 1990.  
 DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
 DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. The fortifications of the Mycenaean Acropolis of Midea. In: LAFFINEUR, Robert. (Ed.). *Polemos: le contexte guerrier en Égée á l'âge du Bronze*. Actes de la 7e Rencontre égéenne internationale Université de Liège, 14-17 avril 1998. **Aegaeum**, v. 19, Liège, p. 205–215, 1999.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999: excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensi**a, v. 25–26, p. 35–52, 2000-2001.

**1. Nome:**

Poterna

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Circuito Murado

Poterna

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos do LH IIIB: tigelas do Grupo A e B (mais comuns), tigelas com base, crateras, jarro com alça em estribo, algumas tigelas usadas como tampa, crateras e canecas (*mugs*) (menos comuns), ânforas, alabastro, ríton, jarros, *pithoi*, vasos para cozinhar com trípodes, hídria e anforisco. Fragmentos sem decoração: cálices, tigelas fundas, canecas, conchas (*dippers* – mergulhadores), bacias, jarros, vasos com trípode para cozinhar e cerâmica manual queimada (*Handmade Burnished Ware*). Vaso de chumbo.

(DEMAKOPOULOU *et al.* 2010, p. 17-18)

**7. Estatuetas:**

Estatuetas em terracota feminina (Phi, Psi e Tau) bovídeo e modelo de trono.

**8. Ferramentas:**

Pino de bronze, fragmento de faca de bronze, e lâminas em obsidiana e sílex.  
Mó, pilão e socador (*mortar*) em pedra.  
Fusos de esteatita







**9: Outros:**

Perna de trípodes, trípode, mó, pilão, argamassa (*mortar*).  
Esqueleto de criança coberta com pedras de modo “rudimentar” (sem oferendas). 2 crânios (sem a presença do restante do esqueleto).  
Fragmentos de madrepérola, fluorita, conchas, ocre e gesso pintado (painted plaster).  
1 conta de vidro, 2 presas de javali, figos carbonizados, sementes.

**10. Comentários:**

“Lintel monolítico na entrada, teto coberto com grandes blocos horizontais, mas pode ter arco corbelado em alguns trechos, chão escavado na pedra natural e descida mediadas por degraus” (DEMAKOPOULOU, 2012, p. 21) (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 12). Argumenta que era passagem de escape devido ao método de construção da estrutura (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p.12). Após um provável terremoto, o muro teria sido reformado e a saída da poterna teria sido bloqueada, essa reforma do período pós-palacial teria uma técnica de construção diferente, utilizando blocos médios e pedras pequenas (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 15). Room I possuía um fogo central delimitado com cerâmica (DEMAKOPOULOU *et al.* 2009, p. 22).

## 11. Imagens/plantas:

<p>Entrada da Poterna</p>  <p>(MITOS, 2017)</p>	<p>Tigelas fundas do Grupo A encontradas na camada de destruição</p>  <p>(DEMAKOPOULOU <i>et al.</i>, 2010, fig. 17)</p>
<p>Estatueta de bovídeo.</p>  <p>(DEMAKOPOULOU, <i>et al.</i>, 2010, fig. 40)</p>	<p>Esqueleto no canto direito da imagem.</p>  <p>(DEMAKOPOULOU <i>et al.</i>, 2009, fig. 19)</p>
<p>Caneca grande</p>  <p>(DEMAKOPOULOU <i>et al.</i>, 2009, fig. 24)</p>	<p>Estatuetas de bovídeos na Trincheira C, a da esquerda é do LH IIIC.</p>  <p>(DEMAKOPOULOU <i>et al.</i>, 2009, fig. 34)</p>

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.
- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. **Opuscula**, v.2, 2009.
- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. **Opuscula**, v.3, 2010.
- MITOS, Y. **Midea, postern [syrinx] gate** - Vici.org. 2017. Disponível em: <https://vici.org/vici/46803/>. Acesso em: 20 nov. 2021.



**1. Nome:**

Sala de guarda ( <i>guardroom</i> ) (Porta Oeste)
---

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

	Circuito Murado	Sala de guarda
--	-----------------	----------------

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC
-------------------------

**6. Vasos:**

*Pithoi*, ânforas, vasos para cozinhar, tigelas fundas dos grupos A e B, cálices, mergulhadores, jarros de pescoço estreito, alabastra, cratera e vasos com alça em estribo.

**7. Estatuetas:**

11 estatuetas (Phi, Psi e Tau). Estatuetas de animais.

**8. Ferramentas:****9. Outros:**

Vestígios de figos, grãos, uvas e azeitonas na cerâmica. Objetos de bronze e osso.

**10. Comentários:**

--

**11. Imagens/plantas:**

(DEMAKOPOULOU, 1995, pl. 4b)

**12. Bibliografia:**

ÅSTRÖM, P. *et al.* Excavations in Midea 1987. *Opuscula Atheniensi*, v. 18, n.1, p. 9-22, 1990.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea: figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, Robert; HÄGG, R. (Eds.). *Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age*. Proceedings of the 8th International Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale. Göteborg University, 12-15 April 2000, *Aegaeum*, v. 22, Liège, p. 181-190, 2001.

DEMAKOPOULOU, K. Mycenaean citadels: recent excavations on the acropolis of Midea in the Argolid. *BICS*, n. 40, 1995.

\_\_\_\_\_. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.

**Acrópole Alta (Trincheiras e edifícios)****1. Nome:**

“Área do Palácio” (Persson)
-----------------------------

**2. Unidade Construtiva:**

Acrópole Alta
---------------

**3. Local:**

Intramuros
------------

**4. Estrutura:****5. Datação:**

Heládico Médio
----------------

**6. Vasos:**

Cerâmica do Heládico Médio e do Heládico Recente (jarro com alça em estribo, tigelas e globets e alabastro). 1 alça em bronze.
---

**7. Estatuetas:**

Mais de 8 fragmentos de estatuetas
------------------------------------

**8. Ferramentas:**

2 pinças de bronze 1 agulha de bronze Botões em esteatito (fusos?) 1 trípede em pedra vulcânica. Fusos cônicos 1 faca em bronze 1 pedra para triturar. 1 millstone (mó) 1 carretel de argila 1 prego de bronze
---

**9: Outros:**

1 maça em pedra verde 1 pomo de espada em pedra esverdeada. Fragmentos de chumbo. 1 objeto de marfim na forma de peça de xadrez. 1 placa de marfim elíptica.
--

**10. Comentários:**

Suposta área do palácio na Acrópole Alta.
---

**11. Imagens/plantas:**

--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. <i>The mycenaean acropolis of Midea</i> . Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012. 1942. PERSSON, A. <i>New tombs at Dendra near Midea</i> . Londres Oxford University Press, 1942.
--

**1. Nome:**

Terraço sacrificial

**2. Unidade Construtiva:**

Acrópole Alta

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:****5. Datação:**

Heládico Médio

**6. Vasos:**

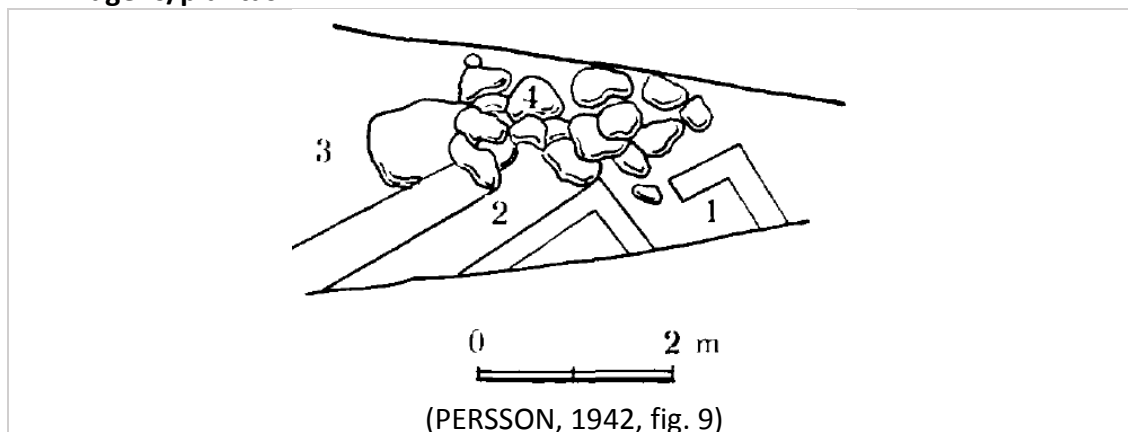
Fragmentos de vasos micênicos (*globets* com base) e de cerâmica Minyan (maioria do Heládico Médio).

**7. Estatuetas:**

1 fragmento de estatueta feminina

**8. Ferramentas:****9. Outros:**

1 botão em esteatito.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012. 1942.

PERSSON, A. *New tombs at Dendra near Midea*. Londres Oxford University Press, 1942.

**1. Nome:**

Trincheira A

**2. Unidade Construtiva:**

Edifícios na Acrópole Alta

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Sem classificação

**5. Datação:**

Heládico Antigo II ao Heládico Recente

**6. Vasos:**

Maior parte dos jarros é do HA II-III e do HM.  
 Fragmentos do Heládico Antigo III: jarro com pescoço estreito, píxide, jarro com boca larga, e pithoi.  
 Heládico Médio: cerâmica cinza e amarela *minyán*.  
 Heládico Antigo II: Barcos para molho, tigelas com base em anel e concha, 1 askos, pithoi.

**7. Estatuetas:**

2 estatuetas antropomórficas.  
 1 zoomórfica.

**8. Ferramentas:**

1 bobina de mármore (*spool* – Heládico inicial – pode ser pistilo ou peso de balança).  
 1 fuso  
 2 fragmentos de lâminas de obsidiana.  
 1 raspador de sílex.  
 Heládico Recente I-III B: 2 mós e 1 macerador em pedra (*stone pounder*).

**9. Outros:**

Ossos  
 1 amuleto de argila.  
 Flechas de obsidiana.  
 Heládico Antigo III – presença de uma base de fogueira em cerâmica (*hearth*).  
 Heládico Recente I-III B2: fragmentos de madrepérola.  
 2 túmulos danificados e com perturbação (Grave 1 retangular – ossos e 1 machado em pedra, copo e base de pedestal/ Grave 2 – poço, com esqueleto, amuleto em pedra) datado do Heládico Inicial III.  
 Selo cônico de argila.

**10. Comentários:**

Outras fontes para vestígios dessa área: "Note 10. On the same northwest terrace of the Upper Acropolis further east of Trench A another trench was excavated in 1987 and 1989 by the Swedish team. Remais of walls and graves were found with Early Helladic II-III and Middle Helladic pottery, see Fisher 1990, and 1992 and Alram-Stern 2004." (DEMAKOPOULOU *et al.* 2004, nota 10).

Na parte Nordeste da trincheira uma muralha foi encontrada, provavelmente nesta parte há um quarto. 2,46m x 0,7m (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 23)

**11. Imagens/plantas:**



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 40)

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. **Opuscula Atheniensi**a, v.29, p. 9–27, 2004.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. **Opuscula Atheniensi**a, v.30, p. 7–34, 2005.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. **Opuscula Atheniensi**a, v.31–32, p. 7–29, 2006–2007.

**1. Nome:**

Trincheira Aa

**2. Unidade Construtiva:**

Edifícios na Acrópole Alta

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina de lascamento

**5. Datação:**

Heládico Antigo II até Heládico Recente IIIB

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica do Heládico Antigo II-III. Vasos de armazenamento, tigelas grandes, *pithoi*, cântaro e concha. Fogo central em argila (hearth)  
LH IIIB2: tigela em roseta, tigela funda do Grupo A, alabastro, jarro com boca larga, cálices e mergulhadores (dippers), pithos.

**7. Estatuetas:**

2 fragmentos de estatuetas.  
1 cabeça de polos  
1 parte de um trono

**8. Ferramentas:**

Ferramentas em pedra.  
Lascas de obsidiana.  
Socadores e pilões.  
2 fusos cônicos  
2 fusos cônicos de esteatito

**9: Outros:**

1 Fragmento de cifre de cervo.  
1 ponta de flecha em obsidiana.  
Conchas perfuradas e fragmentos de madrepérola.  
1 conta de vidro egípcia (*eye-bead*)

**10. Comentários:**

A construção está associada com o sistema defensivo do Heládico Inicial. Muitos fragmentos do Neolítico. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 11).

**11. Imagens/plantas:**

Chifre de cervo  
(DEMAKOPOULOU *et al.* 2008, fig. 20)



Conta de vidro egípcia  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 23).

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. *Opuscula*, v.1, 2008.

**1. Nome:**

Trincheira B

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Intramuros

**5. Datação:**

Heládico Antigo ao Heládico Recente IIIB

**6. Vasos:**

Taças profundas, crateras, jarras e jarro com alça em estribo.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta de argila (Psi).

**8. Ferramentas:**3 fusos de esteatito  
Fragmentos de lâminas e lascas de obsidiana e de sílex;  
Ferramentas de pedra.  
2 pedras para polir**9. Outros:**

Pedaços de fluorita e madrepérola, pedaços distorcidos de chumbo, pontas de seta e conchas marinhas.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 37)**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensia*, v.30, p. 7–34, 2005.

**1. Nome:**

Trincheira L (Terraço 1)

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

	Intramuros	Oficina ou local de armazenamento
--	------------	-----------------------------------

**5. Datação:**

Heládico Médio

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica do Heládico Médio.  
Fragmentos de tampas de chumbo.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

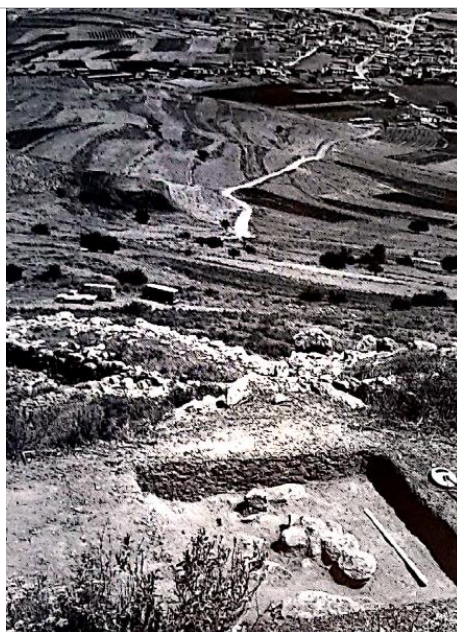
Raspadores e pedaços de obsidiana.  
1 pedra furada (pendente de colar?)

**9. Outros:**

12 fragmentos de chumbo.  
Ossos na forma de placas decoradas, presas de javali, pedaços de chifre e marfim.

**10. Comentários:**

Abaixo do chamado "Terraço Sacrificial" de Persson. 95% dos vestígios cerâmicos são do Heládico Médio (ÅSTRÖM *et al.*, 1990, p. 16-17).

**11. Imagens/plantas:**

(ÅSTRÖM *et al.*, 1990, fig. 21)

**12. Bibliografia:**

ÅSTRÖM, P. *et al.* Excavations in Midea 1987. *Opuscula Atheniensia*, v. 18, n.1, p. 9-22, 1990.



## Área da Porta Leste

### 1. Nome:

Room 6

### 2. Unidade Construtiva:

Complexo de Quartos

### 3. Local:

Intramuros

### 4. Estrutura:

Oficina multifuncional

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

*Pithoi* e vários fragmentos cerâmicos.  
2 tampas perfuradas.

### 7. Estatuetas:

### 8. Ferramentas:

1 peso de tear, 2 fusos e 4 fusaiolas, 1 ferramenta de pedra.  
1 peso de chumbo.  
1 ferramenta de pedra.

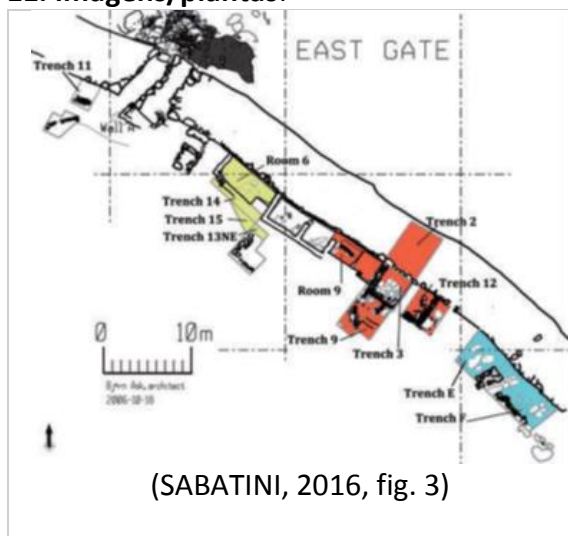
### 9: Outros:

1 ponta de flecha em obsidiana encontrada nos degraus.  
Fragmentos de tijolos, ossos e conchas.  
Chão com argila e placas de "lime".

### 10. Comentários:

Room 6 e as trincheiras 14, 15 e 13NE: 1 peso de tear, 2 fusos e 4 fusaiolas, *pithoi*, fragmentos cerâmicos, uma ferramenta de pedra e uma pequena placa de ouro decorada com o motivo de argonautas, indicando um local que servia para tecelagem e armazenamento. A entrada do Room 6 possuía degraus em pedra. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 26-27).

### 11. Imagens/plantas:



Degraus na entrada do Room 6  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 62)

### 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.  
SABATINI, S. Textile tools from the East Gate at Mycenaean Midea, Argolis, Greece. *Opuscula*, v. 9, p. 217-247, 2016.

**1. Nome:**

Room 7

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 *pithos*,  
Vários fragmentos  
de vasos de  
chumbo.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**

Ocre amarelo,  
provavelmente o  
conteúdo de um  
*pithos*.

**10. Comentários:**

Muros preservados até a altura dos muros da cidadela. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 73-74)

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997-1999 excavation, conservation, restoration. *Opuscula Atheniensia*, v. 25-26, p. 35-52.

**1. Nome:**

Room 8

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Vários vasos e pedaços de chumbo.

**7. Estatuetas:**

2 estatuetas em terracota.

**8. Ferramentas:**

Trituradores, polidores, amoladores, botões em esteatita, lâminas em obsidiana. 1 pino de bronze.

**9. Outros:**

Ocre amarelo. 1 selo em hematita. 1 ponta de flecha em bronze. 1 conta em faiança.

**10. Comentários:**Provavelmente havia um fogo central na área (*hearth*). (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 74).**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.SABATINI, S. Textile tools from the East Gate at Mycenaean Midea, Argolis, Greece. *Opuscula*, v. 9, p. 217-247, 2016, p.225.

**1. Nome:**

Room 9

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

4 jarros com vasos com alça em estribo e tigelas com forma de sino (*bell-shaped bowls*)

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

1 triturador ou amassador em pedra.

**9. Outros:**

Ossos de animais, figos e sementes carbonizadas. Ocre amarelo.

**10. Comentários:**

Local de armazenamento de bens agrícolas e produtos diversos. Construção com possíveis dois andares. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2000-2001, p. 50)

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. *Opuscula Atheniensia*, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

**1. Nome:**

Trincheira 3

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina (Room 9 e 10?)

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de *pithoi* e vasos (tigela com base e tigela funda).  
Fragmentos de vasos em chumbo.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta feminina Psi.  
1 estatueta Phi.  
1 estatueta de bovídeo.

**8. Ferramentas:**

1 rebite de bronze.  
1 fuso em esteatito.  
1 peso de tear em chumbo.  
Mó (*quern*) e pedras de mão (*handstones*).

**9: Outros:**

Conchas, ossos de pequenos mamíferos e sementes carbonizadas.  
1 objeto de bronze de uso indeterminado.  
1 ponta de flecha.

**10. Comentários:**

Construção com 2 andares, um deles com chão com gesso (*plaster*). Vasos utilizados para armazenamento e uso doméstico (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 26-27)

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Espaço entre o <i>Room</i> 9 e a Trincheira 3
---

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos
---------------------

**3. Local:**

Intramuros
------------

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional
------------------------

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC
-------------------------

**6. Vasos:**

<i>Pithos</i> , vasos de armazenamento e fragmentos de cerâmica decorada.
---

**7. Estatuetas:**

2 fragmentos de estatuetas femininas. 1 cabeça de estatueta feminina.
--

**8. Ferramentas:****9. Outros:**

1 ferramenta em osso trabalhado. 2 Fragmentos de relevo em osso representando pernas e uma face humana. Figs carbonizados 1 conta de faiança. Fragmentos de osso, metal e pedra.
--

**10. Comentários:**

Construção com 2 andares.

"O espaço entre as Trincheiras 3 e 9 foi derrubado. Fragmentos de *pithoi* e grandes vasos eram comuns e foi encontrado um artefato de osso trabalhado. E um alfinete plano com o desenho de um corpo e cabeça pontiagudos, talvez utilizado como ferramenta de escrita" (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p.33)

**11. Imagens/plantas:**

(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 49)



Objeto trabalhado em osso (ferramenta para escrever?)  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 68)



Estatueta feminina em terracota (Psi).  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig. 47)



Relevo em osso  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig. 49a)

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensi*, v.30, p. 7-34, 2005.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. *Opuscula*, v.1, 2008.

**1. Nome:**

Espaço entre Trincheiras 3 e a Trincheira 9

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de 4 vasos com alça em estribo.  
Tigela com base, com representações e *pithoi*.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

Pino plano com ponta afiada.  
1 fuso

**9. Outros:**

Ossos de animais são frequentes.  
1 ponta de flecha em obsidiana.  
1 selo cilíndrico com imagem de quadrúpedes.

**10. Comentários:**

Evidência de incêndio na Camada 4.

**11. Imagens/plantas:**

(DEMAKOPOULOU, 2010, p. 58)



(DEMAKOPOULOU, 2010, p. 57)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2004. *Opuscula Atheniensia*, v.30, p.7–34, 2005.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. *Opuscula*, v.2, 2009.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. *Opuscula*, v.3, 2010.



**1. Nome:**

Trincheira 9

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:****5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmento de cratera, cálice, jarro com alça em estribo.

**7. Estatuetas:**

2 Fragmentos de estatuetas.

**8. Ferramentas:**

Ferramenta dentada.

**9. Outros:**

20 figos e sementes carbonizadas.  
Ossos de animais, conchas  
Sementes, figos e conchas.  
1 ponta de flecha dentada.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**

Ferramenta dentada  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, fig.62)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2004. *Opuscula Atheniensi* v.30, p.7–34, 2005.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. *Opuscula*, v.2, 2009.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. *Opuscula*, v.3, 2010.

**1. Nome:**

Trincheira 12

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Despensa/depósito

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

2 tampas de cerâmica.  
Fragmentos cerâmicos desde o Heládico Inicial até a Idade Média.  
Quarto no canto da trincheira:  
1 vaso de chumbo  
1 cuba (vat)  
1 fragmento de bacia (*Basin*)

**7. Estatuetas:**

Fragmentos de estatuetas (Psi e Tau) parte do corpo e uma cabeça de estatueta feminina (Camada 3).  
Quarto no canto da trincheira: fragmento de estatueta em terracota.

**8. Ferramentas:**

Ferramenta em pedra para macerar.  
1 pino de bronze.  
2 fusaiolas cônicas (Camada 3) e 1 bicônica (Camada 5).  
1 ferramenta de pedra  
Quarto no canto da trincheira:  
Pedra de moer (quern)  
1 fuso  
1 botão em esteatito

**9. Outros:**

1 ponta de flecha de obsidiana e 2 fragmentos de ponta de flecha.  
1 objeto em forma de eixo e sementes carbonizadas.  
Camada 3: 1 Anel de chumbo  
Camada 4: 1 pedra pesada com furo, 2 tampas de cerâmica e 1 fragmento de telha.  
Camada 5: cristais  
**No poço:** ossos de animais (pequenos roedores). Tampa de chumbo 2 pontas de flecha de obsidiana.  
**Canto sudoeste:** Ossos trabalhados, fragmento de gesso. Três objetos de chumbo.  
**Quarto no canto da trincheira:** 2 objetos planos de bronze, tiras de chumbo, contas de faiança azul e uma placa de vidro. Ossos grandes de animais. 1 folha de chumbo quadrada.

**10. Comentários:**

Poço: "O solo estava marrom, granulado, muito solto e de algum modo com cheiro".  
"Na parede 1... parece existir uma bancada ou prateleira".  
Na camada 3 o material poderia ser das construções na parte de cima da colina. A camada 4 poderia ser do segundo andar, enquanto a camada 5 da construção propriamente dita" (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 31).  
No quarto relevado no canto da trincheira: andesine quern, fragmentos de estatueta em terracota, uma tampa de cerâmica, 2 objetos planos de bronze, um vaso de chumbo, tiras de chumbo, 1 fuso e contas de faiança azul, e uma placa de vidro.

**11. Imagens/plantas:**



Anel de chumbo  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p.78)



Molde de vidro com figura antropozomórfica em torno de um pilar.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, p. 77)



Poço  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, fig. 69)



Ferramenta em forma de eixo  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, fig. 67)



Fragmentos de estatueta  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2010, fig. 64-65)

## 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2008–2009. *Opuscula*, v.3, 2010.

**1. Nome:**

Trincheira 13NE e 13S

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Plataforma?

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de vasos pesados e de vasos leves do Heládico Recente. Base de *pithos*.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta feminina em miniatura

**8. Ferramentas:****9. Outros:****10. Comentários:**

Há uma plataforma/muro de função não definida nesta área, ela possui 1m de largura e 3.2 de comprimento. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, p. 29).

**11. Imagens/plantas:**

Estatueta em miniatura:  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 62)



Plataforma?  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 59)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. *Opuscula*, v.1, 2008.

**1. Nome:**

Trincheira 14

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:****5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos cerâmicos do Heládico Recente IIIB de tigelas fundas, jarros e cálices.

**7. Estatuetas:**

1 cabeça de estatueta feminina.

**8. Ferramentas:**

1 placa de vidro revestida com ouro com o motivo de argonautas na entrada do *Room 6*.  
1 fuso fragmentado.  
1 fuso de formato cônico.  
1 peso de chumbo.  
Fragmentos de obsidiana.

**9. Outros:**

Sementes carbonizadas.  
Metade de um figo carbonizado.  
1 tampa plana de vaso de chumbo.  
3 pedaços de chumbo sem função definida.  
Conchas do mar e grandes ossos de animais e figo carbonizado.  
Fragmentos de obsidiana e de madrepérola.

**10. Comentários:**

Problemas na identificação de estruturas devido à erosão. Identificado um pavimento em pedra.

**11. Imagens/plantas:**

(DEMAKOPOULOU, 2012, p. 33)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. *Opuscula*, v.2, 2009.  
DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.

**1. Nome:**

Trincheira 15

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

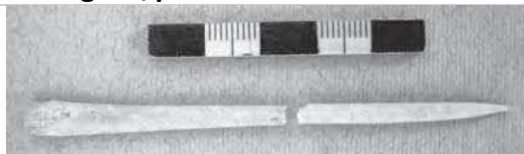
Intramuros

**4. Estrutura:****5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
vasos.**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**1 agulha de osso  
1 fuso de pedra**9. Outros:**

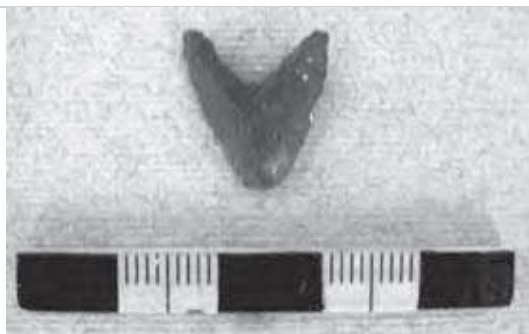
1 Ponta de Flecha

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**

Agulha de osso  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 65)



Fuso em pedra  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 66)



Ponta de flecha  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 67)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. **Opuscula**, v.1, 2008.

**1. Nome:**

Trincheiras E e F

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo de Quartos

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:****5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de cerâmica.  
2 Tigelas fundas.**7. Estatuetas:**

3 fragmentos de estatuetas em terracota.

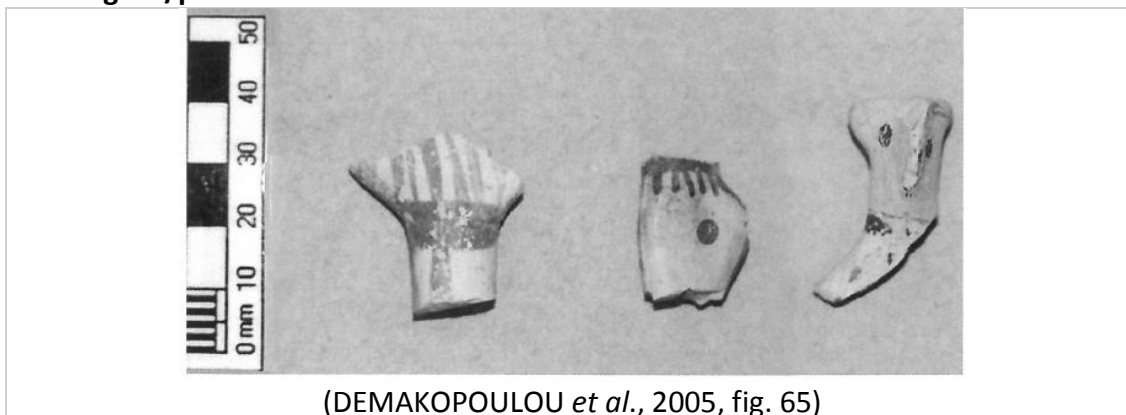
**8. Ferramentas:**

1 fuso de espiral

**9. Outros:**Ossos de animais.  
1 Tapa de osso.  
2 pedaços de chumbo.  
Sementes de azeitona.  
Objeto de gesso.**10. Comentários:**

“Linha de gesso branco na muralha... Na trincheira 3 a mesma peculiaridade é interpretada como vestígios do piso superior”.

O espaço entre as trincheiras E e F escondia várias surpresas, sendo a primeira uma parede transversal substancial construída de grandes rochas... e o pequeno espaço contido na abertura continha grandes quantidades de achados, incluindo muita cerâmica e ossos de animais, fragmentos de estatuetas, um objeto de gesso hemisférico, uma tampa de osso, uma pedra pesada e redonda usada talvez como peso, ferramenta ou arma, dois pedaços de chumbo, um fuso de espiral e sementes carbonizadas. As sementes de azeitonas eram comuns, mas a maioria deles eram fragmentários e difíceis de identificar e recolher... (trincheira F) Os cacos datam dos períodos Heládico Médio e Recente” (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, 32-33)  
Trincheira F: bancada de argila. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p.32)

**11. Imagens/plantas:**(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 65)**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensia*, v.30, p. 7-34, 2005.

**1. Nome:**

Trincheira 11

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Intramuros

Pavimento (rua)

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

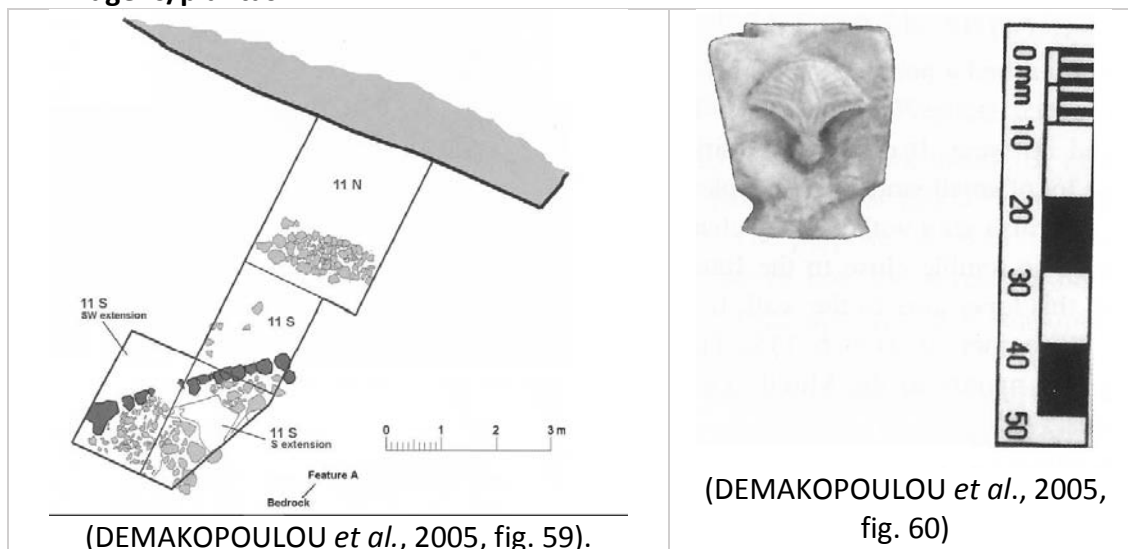
*Pithos*, vaso de chumbo e 1 tigela funda do Grupo B.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**

1 fragmento de objeto em marfim com motivo de palma (papiro).  
Fragmentos de ossos

**10. Comentários:**

Trincheiras na Acrópole Baixa logo após a entrada da Porta Leste. A área parece consistir em um pavimento de rua.

**11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensi*, v.29, p. 9–27, 2004.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensi*, v.30, p. 7–34, 2005.



## Área da Porta Oeste

### 1. Nome:

Room II

### 2. Unidade Construtiva:

Complexo construtivo (Porta Oeste)

### 3. Local:

Intramuros

### 4. Estrutura:

Oficina multifuncional

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

Fragmentos de vasos cerâmicos, de pithos, tigelas fundas dos Grupos A e B, vasos para cozinhar, cratera.

### 7. Estatuetas:

Fragmentos de estatuetas em terracota.  
Na trincheira T: estatueta em formato de trono.

### 8. Ferramentas:

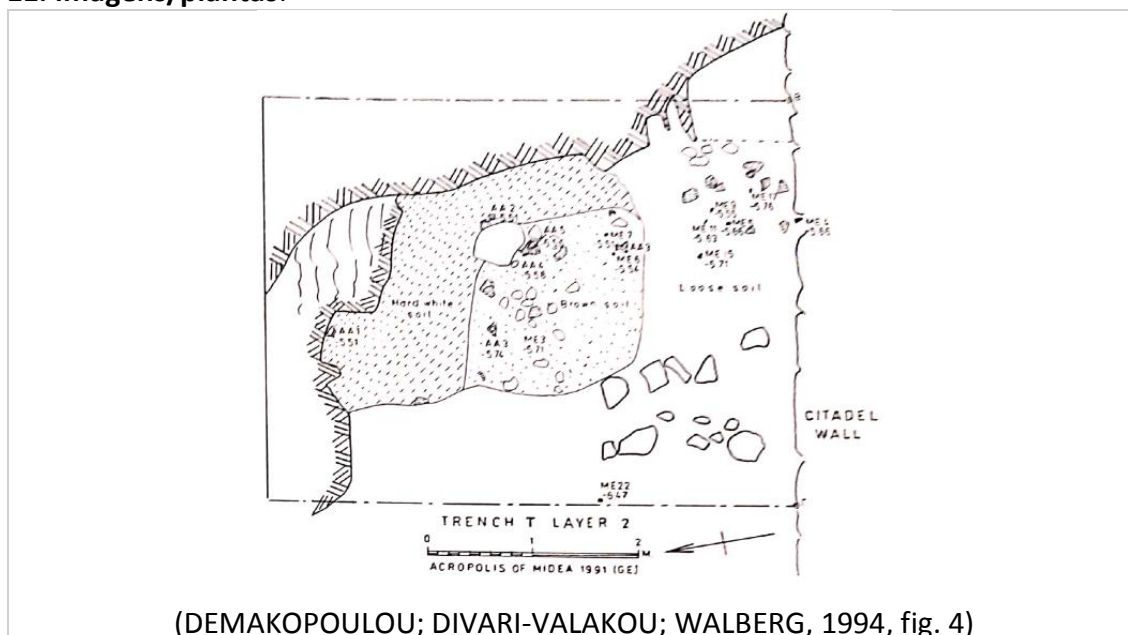
Fusos em esteatito.

### 9. Outros:

1 pedra grande no centro do espaço (*baetyly*).  
1 conta de esteatito  
Trincheira T: molde de joia (local de produção de joias), 4 pontas de flecha e fragmento de rython em ametista.

### 10. Comentários:

### 11. Imagens/plantas:



### 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. *Opuscula Atheniensia*, v. 20, p. 19–41, 1994.

**1. Nome:**

Wall 1 A (após a Porta Oeste) Trincheira S

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

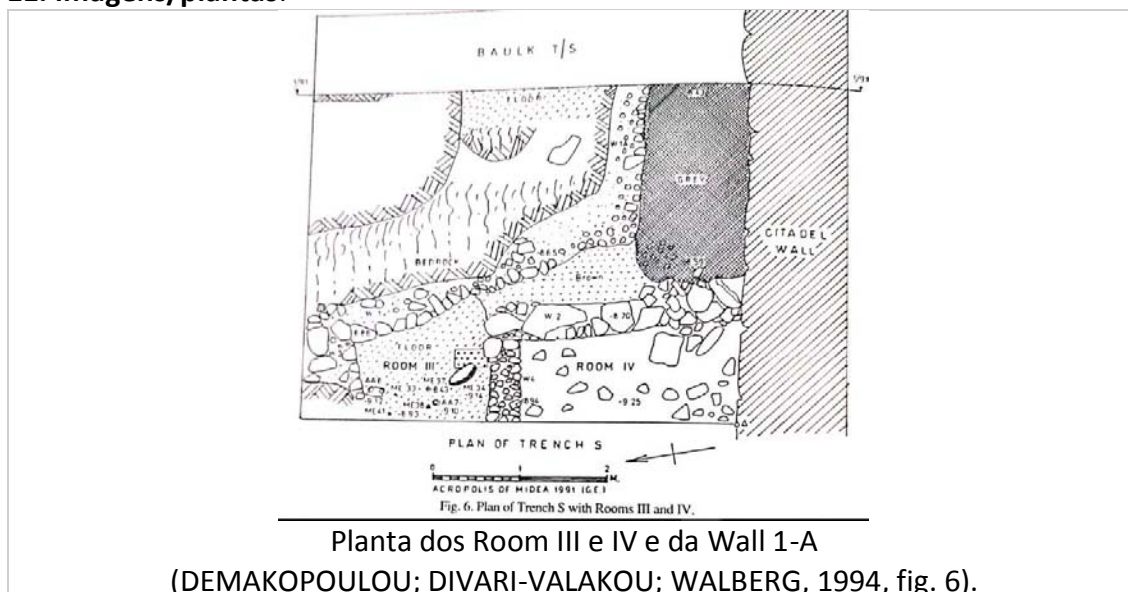
Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
vasos cerâmicos  
(*pithoi*).  
Vaso em Chaminé.**7. Estatuetas:**Estatuetas Psi, Phi,  
Tau e de animais.**8. Ferramentas:**Fusos em esteatito.  
Ferramentas em  
pedra e osso.  
Aglhas de bronze**9: Outros:**Contas de  
esteatito.  
Objetos de  
chumbo.  
4 selos. (um deles  
com a  
representação de  
um minotauro e  
um escudo em 8).  
Ossos, conchas,  
figos e azeitonas.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. *Opuscula Atheniensia*, v. 20, p. 19–41, 1994.

**1. Nome:**

Room III

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
vasos cerâmicos.**7. Estatuetas:**1 estatueta no  
nível do chão.**8. Ferramentas:**2 millstones (mós).  
Ferramentas em  
pedra.  
Lâmina de  
obsidiana.**9: Outros:**1 conta de  
esteatita  
Figs e caroços de  
azeitonas.**10. Comentários:**

--

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. *Opuscula Atheniensia*, v. 20, p. 19–41, 1994.

**1. Nome:**

Room IV

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Jarro de cerâmica (juglet), pithoi, vasos para cozinhar.  
Room III e IV:  
Fragmentos de cerâmica.

**7. Estatuetas:**

2 estatuetas abaixo do nível do chão.

**8. Ferramentas:****9. Outros:****10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N.; WALBERG, G. Excavations and restoration work in Midea 1990–1992. *Opuscula Atheniensia*, v. 20, p. 19–41, 1994.

**1. Nome:**

Room V

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:****7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**2 estatuetas no  
nível do chão.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensi*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.

**1. Nome:**

Room VI (a e b)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Vasos de armazenamento: pithoi; ânforas; hídrias; jarros com alça em estribo, jarros com pescoço estreito, jarros piriformes e com pescoço em forma de colar, alabastra, garradas de alimentação, crateras, canecas, tigelas, tigelas fundas dos Grupos A e B, tampas, cálices carinados e usados como tampas, mergulhadores (dippers), askoi, bacias, vasos para cozinhar, spit-stand, vasos de chumbo.

Vaso de Creta com inscrição em Linear B (wi-na-jo) (Outros encontrados em Knossos e Armenoi). Copo em miniatura e vasos em miniatura (culto).

1 grelha para cozinhar.

**7. Estatuetas:**

12 estatuetas. Estatueta feminina em terracota feito com um torno.

**8. Ferramentas:**

15 fusos menor de 13g;  
Mós, pilões, martelo, pedras de amolar, lâminas de obsidiana e de sílex, 2 cinzéis de bronze, pinos e agulhas de bronze  
2 almofarizes com tripé.  
2 pistilos  
1 almofariz sem tripé.  
1 machado em pedra.

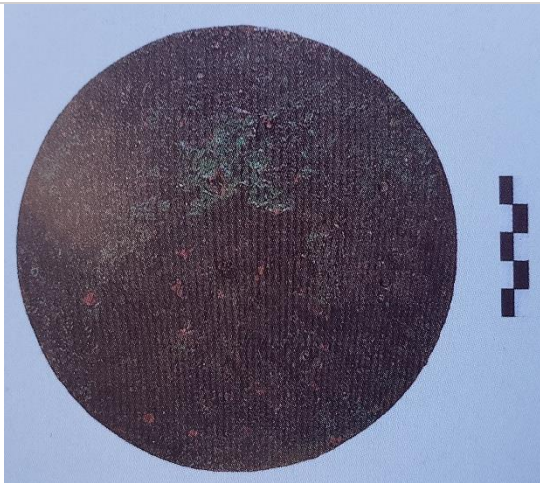
**9: Outros:**

Nódulo prismático com impressão de aranha e inscrição GRA (trigo).  
Objetos de pedra, bronze, vidro, osso e argila.  
Espelho de bronze.  
1 espelho em bronze.  
Restos de alimentos: figos carbonizados, caroços de azeitona, ossos de animais e conchas.

**10. Comentários:**

Possivelmente os quartos tinham uma superestrutura em tijolo, devido aos inúmeros fragmentos de tijolo distorcido. (DEMAKOPOULOU, 1997-1998, p. 59).

**11. Imagens/plantas:**



Espelho de bronze.  
(DEMAKOPOULOU, 2012, fig. 33)



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, fig. 1).



Impressão de selo com inscrição de GRA.  
(CMS VS3 236).



Estatueta em terracota  
Domínio Público (Wikimedia).



Grelha para cozinhar.  
Domínio Público (Wikimedia)

## 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, R.; HÄGG, R. (eds.). **Potnia**: deities and religion in the Aegean Bronze Age. Proceedings of the 8th International

Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale. Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000, Liège, p. 181–190, 2001.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995–1996. **Opuscula Atheniensia**, v. 22–23, p. 57–90, 1997-1998.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Textile tools from Midea, mainland Greece. In: STRAND, E.; NOSCH, M. **Tools, Textiles and Contexts**. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, 2015.

**Arachne - Individual object 166556: Siegelabdruck CMS VS3 236 - unbekannt**. 2021. Disponível em: [https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view\[section\]=uebersicht&view\[layout\]=objekt\\_item&view\[caller\]\[project\]=&view\[page\]=24&view\[category\]=overview&search\[data\]=ALL&search\[mode\]=meta&search\[match\]=similar&view\[active\\_tab\]=overview&search\[constraints\]=Midea](https://arachne.uni-koeln.de/arachne/index.php?view[section]=uebersicht&view[layout]=objekt_item&view[caller][project]=&view[page]=24&view[category]=overview&search[data]=ALL&search[mode]=meta&search[match]=similar&view[active_tab]=overview&search[constraints]=Midea). Acesso em: 9 dez. 2021.

Gridle tray, Midea, 1250-1200 BC, AM of Nafplio, 202170.jpg - **Wikimedia Commons**. 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gridle\\_tray,\\_Midea,\\_1250-1200\\_BC,\\_AM\\_of\\_Nafplio,\\_202170.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gridle_tray,_Midea,_1250-1200_BC,_AM_of_Nafplio,_202170.jpg). Acesso em: 9 dez. 2021.

Terracotta figure of a goddess, Midea, 1250-1200 BC, AM of Nafplio, 202152.jpg - **Wikimedia Commons**. 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta\\_figure\\_of\\_a\\_goddess,\\_Midea,\\_1250-1200\\_BC,\\_AM\\_of\\_Nafplio,\\_202152.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Terracotta_figure_of_a_goddess,_Midea,_1250-1200_BC,_AM_of_Nafplio,_202152.jpg). Acesso em: 9 dez. 2021.



**1. Nome:**

Room VII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

2 *Pithoi*, jarros com alça em estribo, jarros, alabastra, tigelas fundas dos grupos A e B, canecas, vasos em miniatura, cálices, tigelas cônicas e angulares, potes, copo cônico, bacias, mergulhadores, potes para cozinhar com tripode, balde (scuttle), e cerâmica doméstica pintada, copos e vasos em miniatura (culto).

**7. Estatuetas:**

6 estatuetas

**8. Ferramentas:**

12 fusos de 20g, pilões, mós e pedra de moer elíptica.  
1 Almofariz em pedra com tripé.  
1 mó elíptico.  
Socadores e pistilos.

**9: Outros:**

Pesos de argila.  
Pesos de chumbo.  
1 conta de vidro cilíndrica.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995–1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22–23, p. 57–90, 1997–1998.

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Textile tools from Midea, mainland Greece. In: STRAND, E.; NOSCH, M. **Tools, Textiles and Contexts**. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, 2015.

DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, R.; HÄGG, R. (eds.). **Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age**. Proceedings of the 8th International Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale. Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000, Liège, p. 181–190, 2001.

**1. Nome:**

Room VIII (a e b)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Cerâmica pintada do LH IIIB 2, abundância de cerâmica doméstica grosseira, vasos em miniatura (culto), jarros em forma piriforme, com alça em estribo, com pescoço em colar e com pescoço estreito, crateras, tigelas fundas dos Grupos A e B, tigelas fundas em roseta, com base e cônicas, cálices, canecas, mergulhadores e *askoi*, potes para cozinha, ânforas, bacias e *pithoi*. 2 vasos em miniatura, uma hídria, grelhas para cozinhar.

**7. Estatuetas:**

7 estatuetas de humanos e animais.

**8. Ferramentas:**

8 fusos de 14g em esteatito e vidro;  
3 almofarizes de pedra com base em tripé;  
1 pistilo,  
Pedras de amolar;  
1 pedra de moer (mó) em formato elíptico;  
Lâminas em obsidiana e sílex.  
1 agulha de bronze.

**9: Outros:**

Objetos de bronze, vidro e osso.  
3 Pontas de flecha em bronze.  
Modelo de marfim de um escudo em oito (pode estar conectado com deusa da guerra).  
Tijolos e gesso (afresco) (plesia).  
Pedaços de madrepérola, fragmento de ocre rosa e amarelo.  
Conchas e figos carbonizados.

**10. Comentários:**

O muro entre os quartos serviria para sustentar o teto ou o segundo andar da construção (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2000-2001, p. 37).

**11. Imagens/plantas:**



Almofariz e pistilo em pedra.  
(DEMAKOPOULOU, 2012, fig. 34)



Modelo em marfim de escudo  
em oito.  
(DEMAKOPOULOU, 2012, fig.  
35)

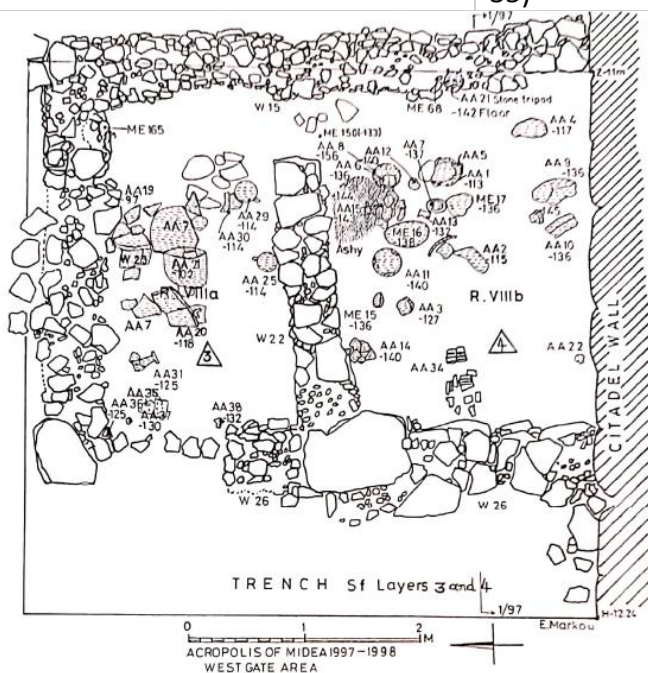


Fig. 6. Plan of Rooms VIIIa and VIIIb with the finds in layers 3 and 4.

Planta do Room VIIIa e VIIIb  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2000-2001, fig. 6).

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Textile tools from Midea, mainland Greece. In: STRAND, E.; NOSCH, M. **Tools, Textiles and Contexts**. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, 2015.
- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999: excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000-2001.
- DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.
- DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. Evidence for cult practice at Midea figures, figurines and ritual objects. In: LAFFINEUR, R.; HÄGG, R. (eds.). **Potnia: deities and religion in the Aegean Bronze Age**. Proceedings of the 8th International Aegean Conference / 8e Rencontre égéenne internationale. Göteborg, Göteborg University, 12-15 April 2000, Liège, p. 181–190, 2001.

**1. Nome:**

Room IX

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**1 cálice carinado.  
Room IX e X:  
Fragmentos de  
tigelas funas, com  
base e jarros de  
armazenamento.**7. Estatuetas:**Room IX e X:  
3 fragmentos de  
estatueta.**8. Ferramentas:**Room IX e X:  
Socadores em  
pedra.  
Lâminas e lascas de  
obsidiana e sílex.  
Fusos**9. Outros:**Room IX e X:  
Conta de vidro na  
forma de papiro,  
madrepérola, ocre  
e gesso.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**

Fotografia da aérea  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, fig. 44)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

**1. Nome:**

Room X

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Room IX e X:  
Fragmentos de  
tigelas funas, com  
base e jarros de  
armazenamento.**7. Estatuetas:**Room IX e X:  
3 fragmentos de  
estatueta.**8. Ferramentas:**Room IX e X:  
Socadores em  
pedra.  
Lâminas e lascas de  
obsidiana e sílex.  
Fusos**9. Outros:**Room IX e X:  
Conta de vidro na  
forma de papiro,  
madrepérola, ocre  
e gesso.**10. Comentários:**

“Room X, measuring 3.10 x 2 m, was closed on the north side by wall 29, which is rather well preserved and built with large and small stones” (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, p. 27).

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. **Opuscula Atheniensia**, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

**1. Nome:**

Trincheira Sc Sc1 Se

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
tigelas com  
rosetas, jarros,  
vaso cilíndrico  
(chaminé)**7. Estatuetas:**Fragmentos de  
estatuetas  
humanas e de  
animais (1 do  
grupo de carro e  
guerra)**8. Ferramentas:**Fusos em esteatito.  
Lâminas de  
obsidiana.  
1 mó.  
SOcadores em  
pedra.**9: Outros:**1 selo em  
esteatita.  
1 ponta de flecha  
em bronze.  
Pedaços de  
madrepérola.  
Pedaços de bronze  
com furo.  
1 tampa de  
chumbo para baso.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

**1. Nome:**

Room XI

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Room XI e resto da trincheira Sh: Fragmentos de jarros  
1 jarro com alça em estribo; 1 tigela funda; Crateras; 1 cálice carinado; 1 tigela angular; Vasos para zozinhar; Pithoi; Grelhas para cozinhar; 2 vasos de chumbo;  
Room XI e XII: Fragmentos de tigelas fundas, crateras, vaso com alça em estribo, cálice carinado, vasos de armazenamento e para cozinhar.

**7. Estatuetas:**1 estatueta de animal.  
Room XI e XII:**8. Ferramentas:**

Ferramentas em pedra.  
1 amolador (whetstone)  
Socadores  
1 mó  
Lâminas de obsidiana e sílex.  
Room XI e XII:  
1 pino de bronze.  
Fusos em esteatito,  
ferramentas em osso e pedra,

**9: Outros:**

Conchas, ocre, gesso pintado, fluorita e madrepérola.  
Presença de fragmentos de afrescos.  
Room XI e XII: lascas de obsidiana e sílex, ocre rosa, pedaços de madrepérola, conchas e figos carbonizados.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**

Fotografia da aérea  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, fig. 44)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

**1. Nome:**

Room XII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Room XI e XII:  
Fragmentos de  
tigelas fundas,  
crateras, vaso com  
alça em estribo,  
cálices carinados,  
vasos de  
armazenamento e  
para cozinhar.**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**Room XI e XII:  
1 pino de bronze.  
Fusos em esteatito,  
ferramentas em  
osso e pedra,**9. Outros:**Presença de  
fragmentos de  
afrescos.  
Room XI e XII:  
lascas de obsidiana  
e sílex, ocre rosa,  
pedaços de  
madrepérola,  
conchas e figos  
carbonizados.**10. Comentários:**

--

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.



**1. Nome:**

Trincheira Sg (Quarto não numerado)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
tigelas, jarro com  
pescoço estreito,  
jarro com alça em  
estribo, bacia,  
pequeno vaso para  
cozinhar com  
trípode,**7. Estatuetas:**Fragmentos de  
estatuetas  
humanas e de  
animais.**8. Ferramentas:**Fusos em esteatito.  
1 cinzel em bronze.  
1 pino de bronze.  
Lâminas em  
obsidiana e sílex.  
Socadores em  
pedra.  
1 mó.**9. Outros:**1 selo lentoide de  
esteatito com  
representação de  
animal.  
1 conta de vidro  
com forma de  
esteatito.  
Pedacos de gesso e  
ocre.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

**1. Nome:**

Room XIII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmento cerâmicos de tigelas fundas dos grupos A e B, tigelas com base, cratera, jarros com alça em estribo, 1 pithos próximo à parede, 1 cratera grande, 1 jarro com alça em estribo globular, 1 tigela funda do Grupo B, 1 cálice cônico, 1 vaso para cozinhar, hídria, canecas, kalathos, ânfora e copos para beber vinho (dippers), cuba (vat) e vasos de cozinhar. (DEMAKOPOULOU, 2009, p.19)

**7. Estatuetas:**1 estatueta animal  
2 estatuetas humanas.**8. Ferramentas:**

1 fuso de esteatito

**9: Outros:**Esqueleto não sepultado.  
1 selo não terminado de esteatito.  
1 flecha de obsidiana.**10. Comentários:**

Dimensões 2,80 x 3,00m (quase quadrado).

**11. Imagens/plantas:**(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig. 4)(DEMAKOPOULOU *et al.* 2008, fig. 26)



Cálice cônico  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 30)



Estatueta animal:  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2008, fig. 33)

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2006. **Opuscula**, v.1, 2008.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. **Opuscula**, v.2, 2009.

**1. Nome:**

Trincheira Si (quartos XIII e XIV e área para esquerda)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de cântaro, vasos com alça em estribo, jarros e tigelas fundas dos Grupos A e B, tigelas com base, crateras e canecas, mergulhadores (dippers), cálices, vasos para cozinhar

**7. Estatuetas:**Fragmento de estatueta em terracota (Psi) (cabeça, parte de baixo e trono).  
1 polos em uma cabeça de estatueta.  
1 fuso**8. Ferramentas:**1 pino de bronze.  
1 fuso em esteatito.  
1 lâmina.  
Fragmentos de lascas de obsidiana e sílex.  
2 socadorem em pedra.**9: Outros:**1 conta de vidro.  
Pedaços de madrepérola, fluorita e esteatito, fragmentos de gesso pintado, ocre.  
2 pedaços de chumbo.  
Conchas marinhas, figos e sementes de azeitona carbonizadas.  
1 ponta de flecha em obsidiana.**10. Comentários:**Provável presença de uma área de culto na parte nordeste da trincheira (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p.19).**11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31-32, p. 7-29, 2006-2007.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. *Opuscula*, v.2, 2009.

**1. Nome:**

Trincheira Sj (Área abaixo do complexo construtivo)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica do LH IIIB2:  
Tigelas fundas, crateras, canecas, jarros, jarros piriformes, jarro em alça em estribo do tipo globular, cratera, cálices, mergulhadores, *pithoi*, vasos de armazenagem, bacias, vasos para cozinhar e grelhas e larnakes.  
1 vaso de chumbo.

**7. Estatuetas:**

1 fragmento de estatueta humana  
1 estatueta de animal (bovídeo).  
1 fragmento de modelo de trono.

**8. Ferramentas:**

Fusos de esteatito e argila.  
Ferramentas em pedra (socadores e amoladores)  
1 machado em pedra  
1 prego de bronze  
Fusos em esteatito.  
Lâminas em obsidiana e sílex.

**9: Outros:**

Pedaços de bronze e de chumbo.  
1 conta de esteatito.  
Lascas de obsidiana e sílex, pedaços de fluorita, madrepérola, conchas e fragmentos de gesso.  
1 pedra furada (pendão).  
Fragmentos de ocre rosa.  
Madrepérola, figos carbonizados e ossos de animais.

**11. Imagens/plantas:**

(DEMAKOPOULOU et al., 2002, fig. 11)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

**1. Nome:**

Room XIV

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Porta Oeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 Jarro de pescoço estreito (FS 121),  
 1 Jarro de pescoço largo decorado (FS 105); 1 jarro com alça em estribo  
 1 alabastro com pernas.  
 1 pithos alto  
 1 kalanthos  
 1 ânfora  
 1 jarro com pescoço em colar  
 1 juglet plano (pequeno jarro).  
 Tigelas com base, tigelas fundas do Grupo B, crateras, bacias, vasos de transporte e para cozinhar.  
 1 tigela funda de roseta FS 284; 1 tigela com base, FS 305; 1 askos;  
 Fragmentos de tigelas dos grupos A e B, jarros com pescoço largo, cálices, hídria, vasos para cozinhar, cubas, grelhas para cozinhar e pithoi.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta humana  
 1 estatueta de animal

**8. Ferramentas:**

1 lâmina de obsidiana  
 2 socadores  
 1 pilão

**9. Outros:**

1 selo de hematita com cena de culto (cabeça rodeada por cobras) datada do século XV a.C. Produção local (há uma oficina de produção de selos na cidadela).  
 Pedacos de madrepérola, gesso pintado, cochas e figo carbonizados.  
 1 esqueleto de adolescente  
 1 esqueleto de criança.

**10. Comentários:**

"É uma sala aproximadamente quadrada, medindo 3,00 x 2,70 m, e está construída contra a parede da fortificação como a Sala XIII e as outras salas da ala sudoeste do complexo do edifício... O quarto é fundado em parte sobre a rocha e tem um chão feito de terra pisada, inclinado para oeste" (2009, p. 7).  
 Condições de conservação baixas (autoras levantam a hipótese de terremoto na área).

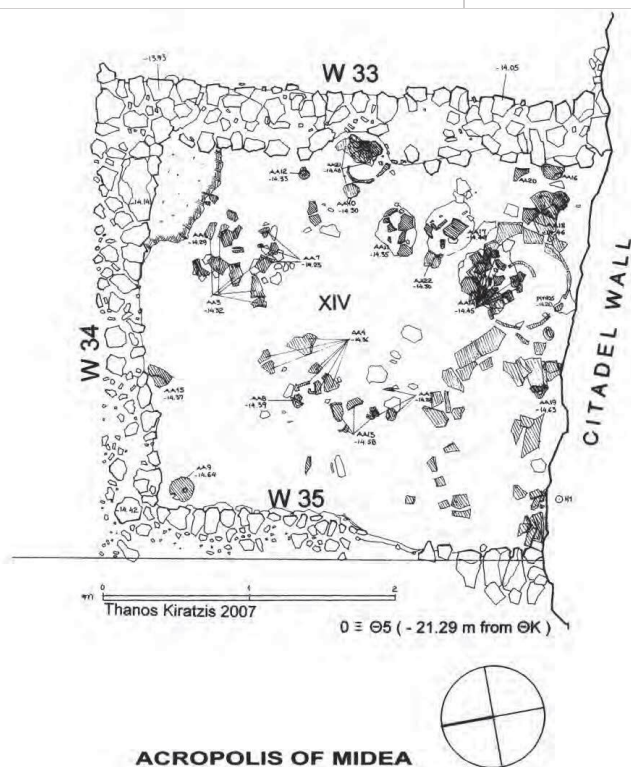
**11. Imagens/plantas:**



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig. 4)



Selo lentóide.  
(DEMAKOPOULOU *et al.* 2009,  
fig. 11)



ACROPOLIS OF MIDEA  
WEST GATE AREA  
TRENCH Si - Room XIV  
Planta com os achados.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2009, fig.6)

## 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2007. **Opuscula**, v.2, 2009.

## Construções do Terraço Sudoeste

### 1. Nome:

Room I

### 2. Unidade Construtiva:

Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)

### 3. Local:

Intramuros

### 4. Estrutura:

Oficina multifuncional

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

Trincheiras Rb-d: Fragmentos de tigelas dos grupos A e B, tigelas em roseta, tigelas fundas do tipo A, crateras, canecas, ríton, jarros piriformes, jarros com pescoço em colar, alabastro e jarro em alça em estribo, vasos em miniatura, cálices, mergulhadores, tampas, vasos de cozinhar, pithoi, bacias, ânforas, grelhas para cozinhar e jarros com trípode.  
Room I: cálices, bacia e *pithos*.

### 7. Estatuetas:

### 8. Ferramentas:

### 9: Outros:

1 almofariz  
2 fragmentos de mó  
1 fuso em esteatita

### 10. Comentários:

Chão revestido com gesso é visível em alguns pontos (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, p. 34)

### 11. Imagens/plantas:

--	--

### 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.



**1. Nome:**

Room II (trecho da Trincheira Rb)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Poucos fragmentos  
de cerâmica e  
pithoi.**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**1 enterramento de  
criança do Shaft  
Grave Period (vaso  
minian, base de  
um vaso,  
puxadores de  
marfim de uma  
caixa, pedaço de  
orpiment – usado  
para colorir em  
amarelo  $As_2S_3$ )**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

**1. Nome:**

Room III

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de tigelas fundas do Grupo A e B, 1 cratera, 2 jarros, cálices carinados, 1 cuba, tampas, vasos com alça em estribo, 1 vaso pequeno, *pithoi*, cubas e vasos para cozinha.

**7. Estatuetas:**

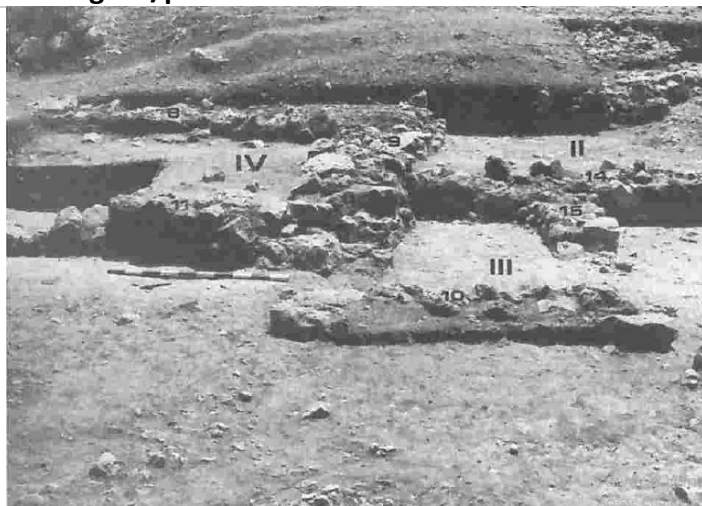
Fragmento de dois cavalos pertencentes a uma cena com carros de guerra. E perna de figura animal.

**8. Ferramentas:**

Room II, III e IV  
Fusos em esteatito.

**9. Outros:**

1 selo em esteatito com representação de animal.  
1 ponta de flecha.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:**

Fotografia do Room III e quartos adjacentes.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, fig. 60).



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, fig. 80)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. et al. Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensia*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

**1. Nome:**

Room IV

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de vasos de armazenamento (jarro com alça em estribo), *pithoi* e balde (*scuttle*).**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**Room II, III e IV:  
Fusos em estatito.  
Lâminas e lascas de obsidiana e sílex.  
Mó, ferramentas em pedra (polidores, maceradores, socadores, pistilos)**9. Outros:**Room II, III e IV:  
2 selos lentoides de pedra branca e esteatito.  
Contas de vidro (uma na forma de altar).  
Vários pedaços de matéria prima semi-trabalhada. (ágata, cornalina, p. 11-13, esteatita verde, fluorita crisal, madreperla e ocre).  
3 pontas de flecha em obsidiana.  
1 ponta de flecha em bronze.  
Conchas e rebite, gesso com cor, figos carbonizados e azeitonas.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. *Opuscula Atheniensi*, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

**1. Nome:**

Room V

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Poucos fragmentos de vasos do LH IIIB2. Jarros, tigelas com base e cálices.

**7. Estatuetas:**

Estatueta de formato humano e animal.

**8. Ferramentas:**

1 fuso de esteatito. Lâminas e lascas de obsidiana e pedra.

**9. Outros:**

Pedços de ocre e matérias primas como fluorita e cristal de rocha e madreperola.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* "Excavations in Midea 2003", *OpAth* v. 29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Room VI

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Room VI e VII:  
Fragmentos de  
tigelas fundas dos  
grupos A e B,  
cratera, canecas,  
bacias, jarro com  
alça em estribo,  
cálices carinados,  
tigelas cônicas,  
vaso para cozinhar  
em tripode,  
grelhas, bacias,  
banheiras e pithoi.

**7. Estatuetas:**

Room VI e VII:  
Fragmento de  
estatuetas  
humanas e de  
animais.

**8. Ferramentas:**

Room VI e VII:  
Fragmentos de  
obsidiana e sílex.  
Fuso sem esteatito.  
Socadores e mós  
em pedra.

**9: Outros:**

1 adereço espiral  
em bronze.  
Na trincheira Rc –  
muitas contas de  
vidro.  
Trincheira Ra:  
Figos carbonizados.  
1 bola de argila.  
1 ponta de flecha.  
Contas, ocre, gesso  
pintado.  
1 foice em bronze.

**10. Comentários:**

Sistema de drenagem que se conecta a uma cisterna. Três drenos.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 20). O chão é recoberto com gesso amarelado e há vestígios de incêndio (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2000-2001, p. 48).

**11. Imagens/plantas:**

Objetos de bronze nas proximidades;  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2000-2001, fig. 55).

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999: excavation, conservation, restoration. *Opuscula Atheniensia*, v. 25–26, p. 35–52, 2000-2001.

**1. Nome:**

Room VII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

2 fragmentos de vasos com decoração

1 jarro globular com alça em estribo (FA 173).

1 jarro médio com decoração linear (FS 110).

2 cálices lisos carenados (FS 267)

Fragmento de crateras (FS 281) e tigelas fundas do Grupo A, tigelas com base, canecas, tigela monocromática, jarras e vasos em miniatura.

Copos, tigelas cônicas e dippers (conchas).

Pithos, cubas, panelas e recipientes para cozinha.

(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p. 11)

Room VI e VII:

Fragmentos de tigelas fundas dos grupos A e B, cratera, canecas, bacias, jarro com alça em estribo, cálices carinados, tigelas cônicas, vaso para cozinhar em trípode, grelhas, bacias, banheiras e pithoi.

**7. Estatuetas:**

Room VI e VII:

Fragmento de estatuetas humanas e de animais.

**8. Ferramentas:**

1 fuso

1 fragmentos de lâmina em obsidiana e de sílex.

Room VI e VII:

Fragmentos de obsidiana e sílex. Fusos em esteatito.

Socadores e mós em pedra.

**9: Outros:**

1 ponta de flecha.

Pedaços de madrepérola, fragmentos de gesso pintado, ocre e figos carbonizados

1 impressão de selo com “contribuição de Aisonijo para o mégaron”.

Trincheira Ra:

Figos carbonizados.

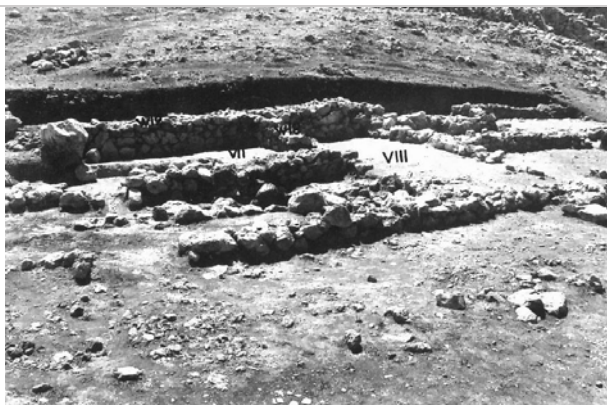
1 bola de argila.

1 ponta de flecha.

Contas, ocre, gesso pintado.

1 foice em bronze.

**10. Comentários:**Camada com tijolos distorcidos e cerâmica do LH IIIB2. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p. 11)**11. Imagens/plantas:**



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 3)

## 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensi*, v.30, p. 7–34, 2005.

**1. Nome:**

Room VIII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
jarro com alça em  
estribo,  
Jarro médio com  
decoração linear,  
2 cálices**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:****10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. *Opuscula Atheniensi*, v.30, p. 7-34, 2005.



**1. Nome:**

Room IX

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de *pithoi* e vasos de armazenamento, cerâmica fina do LH IIIB2, tigelas do Grupo A e *spit-holder*.

1 jarro com alça em estribo, pescoço e ombro de grande jarro (FS 105).

1 fragmento de vaso de chumbo.

1 fragmento de vaso de bronze.

Sudoeste da trincheira RH:

Fragmentos de vasos de armazenamento e de cozinha, jarros e tigelas fundas e jarro com alça em estribo com pintura.

**7. Estatuetas:**

Estatuetas em terracota de humanos e animais.

Sudoeste da trincheira RH:

Cabeça de estatueta feminina e de estatuetas de animais.

**8. Ferramentas:**

1 agulha de bronze.

1 furador de bronze.

Fragmentos de lâminas de bronze.

Lâminas e lascas de obsidiana e sílex.

Almofariz em pedra.

1 cinzel de bronze.

**9. Outros:**

Suporte (*spit-holder*).

2 pedaços arredondados de chumbo, um deles com marca de corte (possivelmente lingotes 390g e 51,6g – matéria-prima).

1 fíbula de bronze em forma de arco.

Restos de bronze e chumbo.

Fragmentos de gesso e ocre.

Pontas de flecha de obsidiana e sílex.

Contas de vidro em relevo.

Pedaços de pedra semi-preciosa: ágata, cristais de rocha e fluorite, espigões de esteatito, e pedaços de madrepérola; Pedaços de madrepérola são incrustações.

Figos carbonizados e conchas.

1 Selo lentóide com a cabeça de um touro.

Sudoeste da trincheira RH:

Fragmentos de ágata, fluorita e conta de vidro

**10. Comentários:**

"A sala IX é uma espaçosa sala rectangular medindo 5,50 x 2,85 m. É a maior sala encontrada até à data na parte ocidental da Acrópole. Comunica com a estrada por uma larga porta, 0,70 m de largura, no seu lado sudeste. O batente sul da porta foi bem preservada". (DEMAKOPOULOU, *et al.* 2004, p.9).

" Construído contra a parede 21 no lado nordeste da Sala IX é um banco (plataforma) feito de pequenas e algumas pedras grandes. Mede 2,50 x 0,80 m e a sua altura preservada é de 0,13 a 0,35 m com dois cursos de pedras. Os lados estreitos do banco eram adjacentes às paredes 7 e 24 respectivamente... duas placas de pedra encontradas no meio da construção eram provavelmente bases de colunas". (DEMAKOPOULOU, *et al.* 2004, p.12)

### 11. Imagens/plantas:



Lingotes de chumbo  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, fig. 12)

### 12. Bibliografia:

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Trincheira Rh

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica do LH IIIB2: vasos de armazenamento e de cozinha – tigelas jarros e jarro com alça em estribo.

**7. Estatuetas:**

Cabeça de estatueta feminina e fragmentos de estatuetas animais.

**8. Ferramentas:**

Ferramentas em pedra.

**9. Outros:**

Gesso pintado, pedaços de ágata e fluoritae conta de vidro.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Room XI

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de tigelas fundas dos grupos A e B, tigelas com base, roseta e tigelas monocromáticas, crateras, jarros, canecas, garrafas de alimentação (feeding bottles), mergulhadores, cálices lisos carinados, jarros com alça em estribo (grandes) para transporte, jarro em miniatura, Vasos de armazenagem e de cozinha: *pithoi*, cubas, ânforas e hídrias, potes e jarros de cozinha, alguns deles com tripé e grelha para cozinhar. Jarros de pescoço largo e estreito e alabastro.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta feita à mão do tipo Tau.  
9 fragmentos de estatuetas femininas. Delas 7 são Psi: uma é do tipo padrão Psi, outra pertence ao tipo Psi de cintura alta e 4 são do tipo Psi oca, uma das quais é miniatura.  
2 estatuetas de animais – bovídeos. (templo doméstico?).

**8. Ferramentas:**

1 mó (pedra para moer grãos).  
Almofariz e pistilo.  
Fusos de esteatito.  
Socadores em pedra.

**9: Outros:**

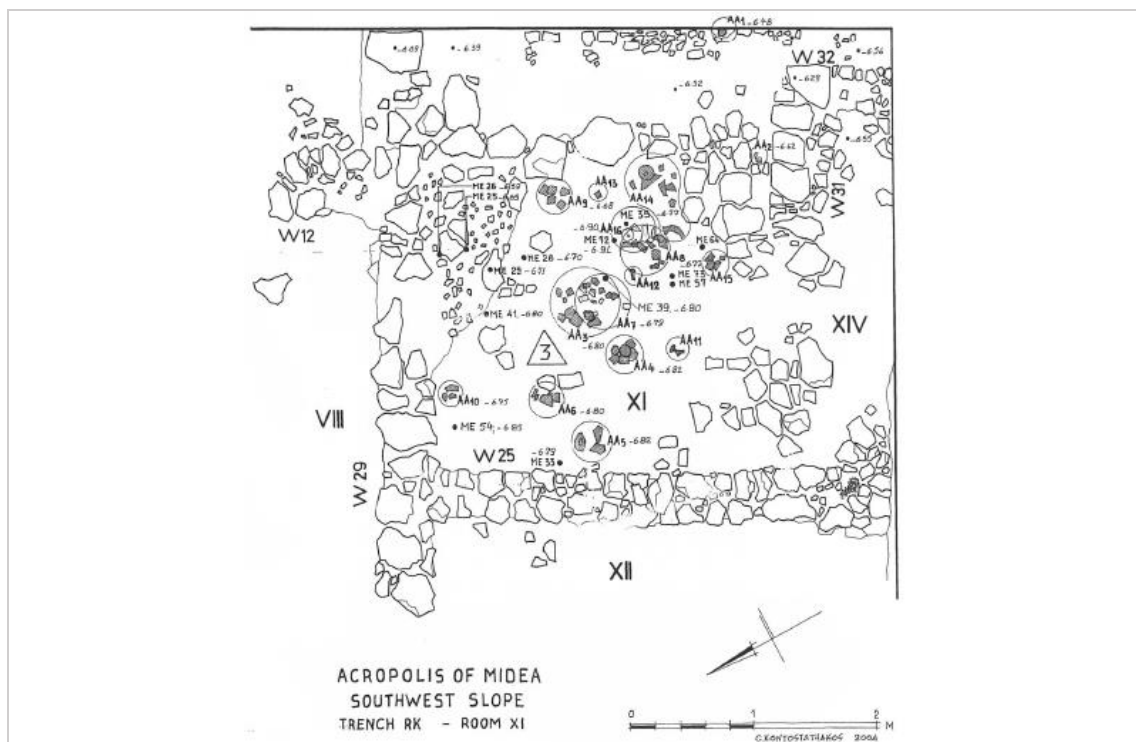
1 Ponta de flecha de bronze.  
1 conta de vidro globular.  
1 pedra de vedação de esteatito com uma representação muito desgastada de um animal.  
Fragmentos de gesso pintado e ocre.  
1 pequeno pedaço de cristal de rocha não trabalhado  
Figs carbonizados.

**10. Comentários:**

“Todas estas estatuetas podem ter sido associadas ao banco do Room XI, porque duas delas foram encontradas nele e as outras caíram em frente dele. É provável que este tenha sido um santuário doméstico”. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, p. 11-13). Presença de um balcão triangular na parte leste da sala.

**11. Imagens/plantas:**

Planta da construção com os objetos plotados.



(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 10).

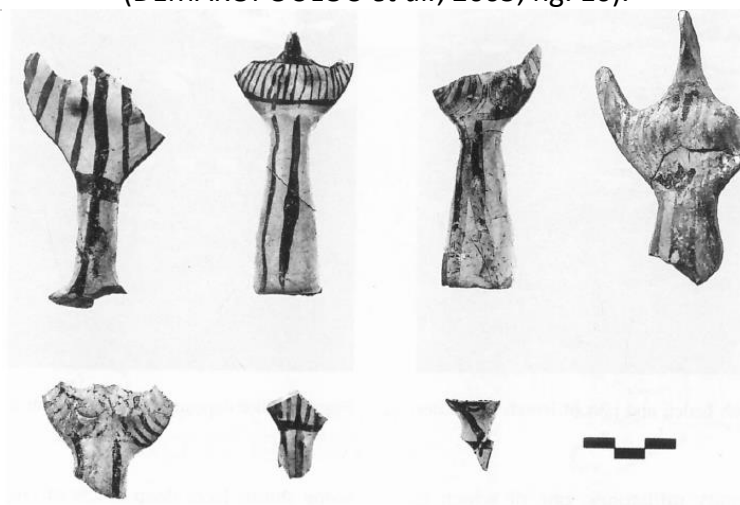


Fig. 12. Handmade figurines of Psi type from Room XI.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2005, fig. 12).

## 12. Bibliografia:

- DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2003. **OpAth**, v. 29, p. 9–27, 2004.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2004. **OpAth**, v.30, p. 7–34, 2005.

**1. Nome:**

Room XII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 cratera com base anelar  
 2 hídrias em miniatura feitas à mão  
 1 jarro com decoração linear  
 1 pequeno jarro com alça em estribo  
 2 fragmentos de recipientes para cozinhar  
 1 bacia  
 Fragmentos de tigelas do grupo A e B, tigelas cônicas e cálices.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9: Outros:**Fusos de esteatito,  
2 socadores.Sementes de azeitona,  
figos carbonizados e  
grãos.  
Fragmentos de gesso  
pintado.**10. Comentários:**

"(Paredes) A sua largura é de aproximadamente 0,40-0,45 m e a sua altura pré-programada é de 0,10-0,40 m com um ou dois pratos de pedras... O chão da sala, que foi encontrado relativamente bem preservado, foi feito de terra pisada..."  
 (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 18)

**11. Imagens/plantas:**

Figos carbonizados:  
 (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, fig. 34)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Room XIII

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 tigela com base, 1 tigela de roseta, 1 jarro, roavelmente de pescoço estreito, 2 cálices lisos, um carenado e outro cônico,  
1 crateras com bico  
Depósitos acumulados na zona noroeste de Trench Rk:  
Fragmento de tigelas fundas dos grupos A e B e de 1 jarro com pescoço de cola, *pithoi*, crateras, jarros,  
1 alça de vaso de chumbo

**7. Estatuetas:**

Fragmentos de 2 estatuetas de animais e estatuetas de um cavaleiro e condutor de carruagem.

**8. Ferramentas:**

Fusos de esteatito  
Trench Rk:  
1 perfurador de bronze  
1 fuso em esteatito  
2 lâminas de sílex  
1 lâmina de sílex  
1 pedra de amolar (whetstone).

**9: Outros:**

Sementes de azeitona e figos carbonizados.  
1 tampa de chumbo.  
Fragmentos de madrepérola e fluorite  
Trench Rk:  
Figs carbonizados.  
1 selo lentoide retratando um animal.  
1 ponta de flecha.  
1 grampo de chumbo

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *The mycenaean acropolis of Midea*. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensi*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Room XIV

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 pequeno jarro com decoração linear (*juglet*).  
Vaso de chumbo fragmentado, fragmentos dos Grupos A e B, tigelas fundas, fragmentos de cratera, jarro com alça em estribo, alabastro, vasos em miniatura feitos à mão, mergulhador, *pithoi*, cálices, cerâmica para cozinhar (alguns com trípode), pote de cozinha com base em trípode, *pithos* e larnax.

**7. Estatuetas:**

1 Estatueta Phi.  
1 Cabeça de estatueta feminina em terracota.

**8. Ferramentas:**

Fusos.  
Lascas de obsidiana  
Socadores em pedra.  
1 fragmento de lâmina de sílex, flocos de sílex obsidiana e de sílex.

**9. Outros:**

Fragmento de selo em pedra.  
1 conta de vidro em forma de papiro.  
Conchas e gesso pintado.  
Banheira com marcas de impressão digital.  
Fragmentos de madrepérola, conchas do mar e figos carbonizados.

**10. Comentários:**

Faz parte de uma das três construções no Terraço Sudoeste.  
Há uma pequena bancada triangular de pedra no canto.

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.



**1. Nome:**

Room XV

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Tigela funda do Grupo A, crateras, jarros, jarros com alça em estribo, pithoi e jarros piriformes.  
Fragmentos de vaso para cozinhar.  
1 vaso de chumbo.  
1 alça de vaso de bronze

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

Lâminas e flocos de obsidiana e pedra.  
1 cinzel de bronze

**9: Outros:**

Pedaços de gesso pintado, ocre, madrepérola e fluorite, e figos carbonizados.  
1 relevo de conta de vidro.  
Pedaços de cristal e fluorita.  
1 selo de esteatito com imagem de touro.

**10. Comentários:**

O quarto encontra-se entre as paredes 21 e 23 próximas ao quarto IX.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 12)

**11. Imagens/plantas:**

Selo em esteatito  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, fig. 18)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensia*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Room XVI

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

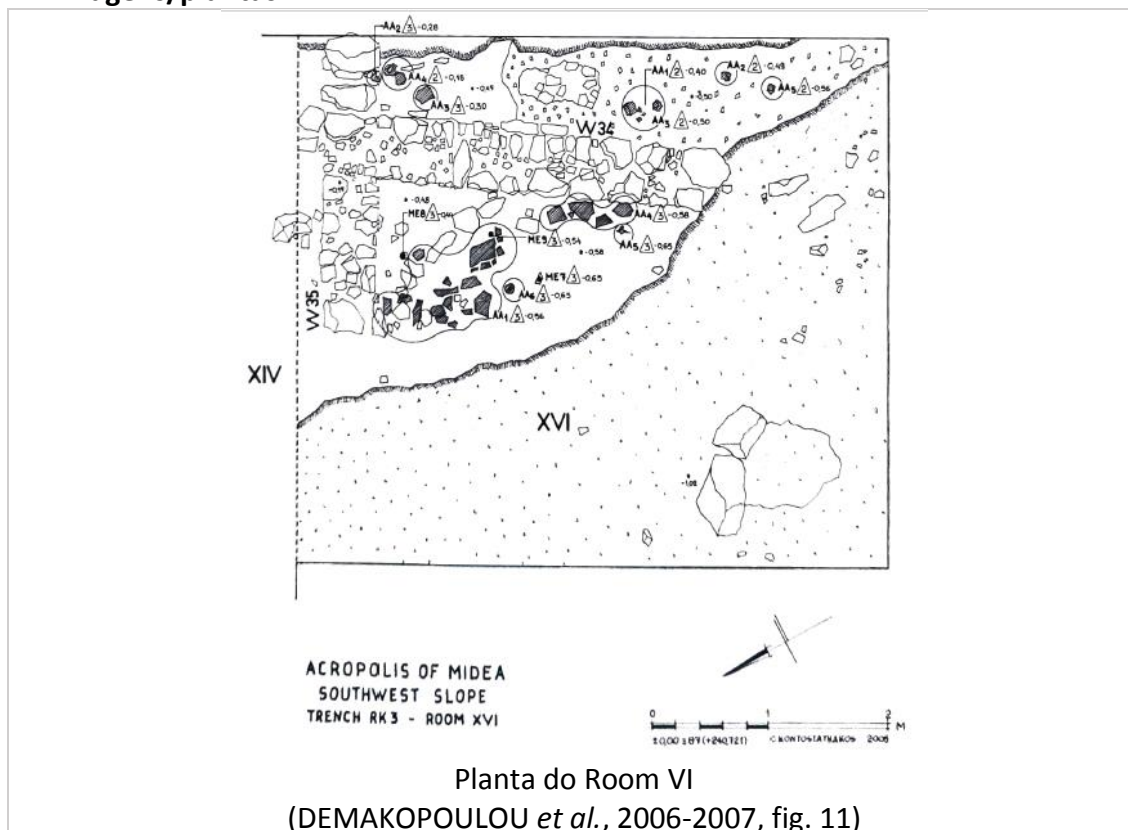
Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**1 pithos grande encontrado na bancada.  
Cálice e tigela funda de roseta.**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

2 socadores em pedra (1 na bancada).

**9. Outros:**1 ponta de flecha em bronze.  
1 pedaço de hematita com sinais de corte.**10. Comentários:**"Somente a metade do quarto está preservada... há uma bancada triangular para culto" (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p.11)**11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31-32, p. 7-29, 2006-2007.

**1. Nome:**

Trincheira Ri-1

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos de  
vasos grosseiros**7. Estatuetas:**1 estatueta de  
animal**8. Ferramentas:**2 fusos de  
esteatito**9: Outros:**Fragmentos de  
telha em terracota.**10. Comentários:**Localizado atrás dos quartos IV e V. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2004, p. 20).**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. **The mycenaean acropolis of Midea**. Atenas: Ministry of Culture and Tourism, 2012.  
 DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. **Opuscula Atheniensia**, v.29, p. 9–27, 2004

**1. Nome:**

Trincheira RI

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Jarros, tigelas com  
base e cálices lisos.**7. Estatuetas:**Fragmentos de  
estatuetas animais  
e humanas.**8. Ferramentas:**1 fuso em esteatita  
Lâminas e blocos  
de obsidiana.**9: Outros:**1 fragmento de  
pinça de bronze.  
Ocre.  
Pedaços de  
fluorita, cristal,  
madrepérola.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavation in Midea 2003. *Opuscula Atheniensi*, v.29, p. 9–27, 2004.

**1. Nome:**

Trincheira Rk3

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**Área de cozinha ou  
preparação de alimentos.**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de tigelas fundas dos Grupos A e B, tigelas com roseta, crateras, jarro com alça em estribo, jarros, cálices, copos, pithoi e vasos para cozinhar.

Fora do Room XVI (parte de trás): vários vasos para cozinhar com trípode, um copo de alça única, um jarro de boca larga, um alabastro.

**7. Estatuetas:**

Fora do Room XVI (parte de trás): fragmento de estatueta humana

**8. Ferramentas:**

Fora do Room XVI (parte de trás): lascas de obsidiana e sílex  
1 fuso de esteatito

**9. Outros:**

Fora do Room XVI (parte de trás): conchas, pedaços de fluorita e madrepérola, figos e sementes carbonizadas.

**10. Comentários:**

Vestígios encontrados nas proximidades do Room XVI.

**11. Imagens/plantas:**

Vaso para cozinhar com trípode.  
(DEMAKOPOULOU, *et al.*, 2006-2007, fig. 16)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31-32, p. 7-29, 2006-2007.

**1. Nome:**

Trincheira Rk4

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de tigelas fundas, crateras, jarros, jarro com alça em estribo, cálices, vasos de cozinha, pithoi, vasos de armazenamento e alabastro.

**7. Estatuetas:**

Duas cabeças com polos.

**8. Ferramentas:**

Lâmina e lascas de obsidiana e sílex, ponta de flecha em obsidiana, socadores de pedra e machado em pedra.

**9. Outros:**

Selo lenticular de esteatito, conta de vidro, fragmento de bronze e de gesso pintado, conchas, figos carbonizados e sementes.

**10. Comentários:**Possivelmente há outro quarto nesta área: pedaços de paredes e pilhas de pedras (DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 14).**11. Imagens/plantas:**

Ponta de machado em pedra.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 22).

**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31-32, p. 7-29, 2006-2007.

**1. Nome:**

Trincheira Rn (sudoeste do Rooms XI, XIV e XVI)

**2. Unidade Construtiva:**Complexo construtivo  
(Terraço Sudoeste)**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

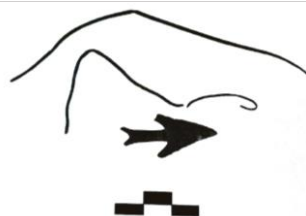
Fragmentos de vasos de armazenamento, pithoi, vasos para cozinhar, vaso com alça em estribo, jarros, tigelas fundas, crateras e cálices.

**7. Estatuetas:**

Fragmento de estatueta humana e animal (possivelmente parte de uma figura de carro de guerra).

**8. Ferramentas:**2 agulhas de bronze.  
Fusos cônicos em esteatito.  
Uma pedra de moer grãos, fragmentos de lâminas em obsidiana e sílex.**9. Outros:**Tampas de chumbo, contas em forma de papiro. Pedacos de madrepérola, conchas, figos carbonizados e caroços de azeitonas.  
1 ponta de flecha.**10. Comentários:**"Provavelmente era usado como uma área aberta próxima à construção"(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, p. 15).**11. Imagens/plantas:**

Fig. 8. Papyrus-shaped beads of steatite from Room XIV and Trenches Rk3, Rn and Si.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 8).



Agulhas de bronze e ponta de flecha.  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2006-2007, fig. 14).

**12. Bibliografia:**DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2005. *Opuscula Atheniensia*, v.31-32, p. 7-29, 2006-2007.

**1. Nome:**

Área adjacente aos Room VII, VIII e XI
--

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo construtivo (Terraço Sudoeste)
--

**3. Local:**

Intramuros
------------

**4. Estrutura:**

Oficina multifuncional
------------------------

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC
-------------------------

**6. Vasos:**

Fragmentos de tigelas fundas do tipo B, tigelas com base, alabastro, concha, cálices, mergulhadores (dippers), vasos com alça em estribo, bacias, <i>pithoi</i> , caneca, vasos de armazenamento e cozinha. Próximo ao Room XI: tigela, caneca, cratera, jarros, jarro com alça em estribo e vasos para cozinhar.
---

**7. Estatuetas:**

Estatuetas femininas e de animais. 3 figuras fragmentadas: 2 estatuetas Psi e uma cabeça com polos.
--

**8. Ferramentas:**

1 faca em miniatura e chumbo, possivelmente votiva.
---

**9. Outros:**

3 pontas de flecha (2 de bronze e 1 de obsidiana). Fragmentos de bronze e de chumbo.
---

**10. Comentários:**

--

**11. Imagens/plantas:**

--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. <i>et al.</i> Excavations in Midea 2005. <i>Opuscula Atheniensia</i> , v.31–32, p. 7–29, 2006-2007.
--



## Santuário

### 1. Nome:

Room II

### 2. Unidade Construtiva:

Área de Culto

### 3. Local:

Intramuros

### 4. Estrutura:

Santuário

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

Vasos para cozinhar.  
Vaso de chumbo.

### 7. Estatuetas:

Estatuetas

### 8. Ferramentas:

Ferramentas em pedra para corte

### 9. Outros:

Fragmentos de itens de luxo: vidro, joias, contas e marfim.  
Alimentos carbonizados (figos).

### 10. Comentários:

Autora indica que edifício teria dois andares, um com itens de luxo e outro para a preparação de alimentos (WALBERG, 2007, p.62).

### 11. Imagens/plantas:

--	--

### 12. Bibliografia:

WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room VIII

**2. Unidade Construtiva:**

Área de Culto

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Santuário

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de jarro com alça em estribo decorado com machados duplos, chifre de consagração, flores e pássaros.  
Vasos de chumbo.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta feminina em terracota.  
1 fragmento de estatueta de bovino.

**8. Ferramentas:****9. Outros:****10. Comentários:**

Room VIII sugere a possibilidade de atividade de culto (WALBERG, 2007, p.62). O Room é pequeno e sua forma e dimensões (2,40 x 1,00 m) as da sala de culto do LH IIIC em Tirinto.

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Prehistoric Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XXXII

**2. Unidade Construtiva:**

Área de Culto

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Santuário

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de *pithoi*, tigelas fundas, em roseta e com base.

**7. Estatuetas:**

1 estatueta feminina feita no torno.  
1 estatueta de bovino feita no torno.  
1 trípole (mesa de oferendas) de terracota em miniatura.

**8. Ferramentas:**

1 pino de bronze.

**9. Outros:**

1 fogo central com carvão e cinzas.  
1 estande em terracota (mesa).  
15 fragmentos de osso e 1 conta.  
1 ponta de flecha em bronze.

**10. Comentários:**

Room XXXII era feito de solo compactado. Em seu piso havia um grande fogo central. (WALBERG, 2007, p.63).

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. *OpAth*, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.  
WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XXXIII

**2. Unidade Construtiva:**

Área de Culto

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Santuário

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de  
tigelas fundas,  
jarros com alça em  
estribo, e vaso com  
base.

**7. Estatuetas:**

2 estatuetas  
femininas

**8. Ferramentas:**

1 fuso

**9. Outros:**

Pedaços de osso e  
1 conta.  
1 conta de bronze.

**10. Comentários:**

Room XXXIII "sugere que serviu como um pátio. Ao longo da base da parede da cidadela, era um trecho em forma de prateleira" (WALBERG, 2007, p.63).

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

## Complexo do mégaron

### 1. Nome:

Trincheira H (Acrópole Baixa)

### 2. Unidade Construtiva:

Complexo do mégaron

### 3. Local:

Intramuros

### 4. Estrutura:

Complexo do mégaron

### 5. Datação:

LH IIIB2 (1240-1210) BC

### 6. Vasos:

Fragmento de cerâmica do Heládico Médio e do Heládico Recente IIIB e C.

### 7. Estatuetas:

3 fragmentos de estatuetas de animais.

### 8. Ferramentas:

1 socador

### 9. Outros:

Fragmento de presa de javali, ossos, pedaços de chumbo.

### 10. Comentários:

--

### 11. Imagens/plantas:

--	--

### 12. Bibliografia:

ÅSTRÖM, P. *et al.*, Excavations in Midea 1987. *Opuscula Atheniensi*, v. 18, 9–22, 1990.

**1. Nome:**

Room V

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Nicho 1: Cálice e concha (*ladle*).  
 Nicho 2: *pithos* e lécito (LH IIIC),  
 ríton cônico do LH IIIA2.  
 Área da plataforma: cacos de  
 cerâmica micênica decorada (10%)  
 e lisa (40%).

**7. Estatuetas:**

Fragmento de  
 estatueta.

**8. Ferramentas:**

Nicho 2: 1 fuso.  
 Nicho 1: 1 fuso em pedra.

**9. Outros:**

Nicho 1: 3 Pômos de espadas em marfim, alabastro e *lapis lacedaemonius* e um colar de faiança (formado por 13 contas).  
 1 placa de vidro. Ossos, dentes e pedaço de cherte (rocha), quartzo e conchas.  
 Nicho 2: chão com cor clara, ossos, cerâmica, fragmentos de líticos e de chumbo.

**10. Comentários:**

Presença de uma plataforma de pedra retangular.

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensi*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.  
 WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room VII

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Base de vaso anelar.  
1 ânfora.  
1 pescoço de frasco

**7. Estatuetas:**

1 fragmento de estatueta  
de animal.

**8. Ferramentas:**

Socadores em pedra.  
Lâminas e lascas em  
obsidiana.  
1 broca (*borer*) em  
obsidiana.  
1 pedra para moer (*quern*)  
1 amolador (*whetstone*)  
1 mó (millstone)  
3 Fusos  
1 faca em bronze

**9. Outros:**

2 pontas de flecha.  
1 colher de mármore.  
Ossos de animais.  
3 nódulos (1 impressão de selo com inscrição pa-zo-jo e 1  
impressão de selo com bode)  
2 pedaços de sandstone.  
1 ponta de flecha.  
2 contas de pedra  
1 conta de âmbar  
1 conta de cristal  
Fragmentos de bronze.

**10. Comentários:**

Evidências de preparação de alimentos e administração de itens (DEMAKOPOULOU  
*et al.*, 1997-1998, p. 84).

**11. Imagens/plantas:**

Impressão de selo

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.  
WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007.

**1. Nome:**

Room X

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmento de cratera.

**7. Estatuetas:**

2 fragmentos de terracota.

**8. Ferramentas:**1 prego de bronze  
1 agulha de bronze  
1 Lâmina em obsidiana  
1 socadores em pedra  
1 peso de tear (*loomweight*)**9. Outros:**

Pedacos de chumbo

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Prehistoric Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007



**1. Nome:**

Room XI

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Cerâmica do  
Heládico Médio.**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**5 socadores em  
pedra  
1 quern/millstone  
(pedra de moer)  
1 fuso em  
serpentina  
1 faca em bronze.  
1 lâmina em  
obsidiana.**9. Outros:**Pigmentos  
vermelhos. Grande  
quantidade de  
ossos de animais.**10. Comentários:**

Quarto provavelmente utilizado para a preparação de alimentos. (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p.75).

“Quartos na parte de trás do mégaron são interpretadas como locais para armazenamento ou para dormir” No caso do Room XI a autora não acredita que seja uma área para dormir (WALBERG, 2007, p. 64)

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.  
WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XIII

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

Heládico Médio

**6. Vasos:**

1 grelha em cerâmica.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**Socadores em pedra.  
1 ferramenta denticulada.**9. Outros:**Tijolos dissolvidos.  
Presença de 2 contrafortes para sustentar as paredes.  
Área central com presença de um círculo de gesso no chão.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Prehistoric Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XIV

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Cerâmica.  
1 base de *goblet*.**7. Estatuetas:**Fragmento de  
estatuetas em  
terracota (feminina  
e animal).**8. Ferramentas:**1 perfurador de  
bronze  
1 fuso  
1 ferramenta  
denticulada**9. Outros:**Ossos.  
1 conta.  
2 Fragmentos de  
gesso pintado.  
Chão com piso  
amarelo.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XV

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:****7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**

Esqueleto de período romano em fosso. Há uma lâmina em pedra no pescoço.

**10. Comentários:**

Passagem aberta entre os quartos XVI e VII. (WALBERG, 2007, p. 69)

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XVI

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Oficina ou arquivo

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de pithos, cratera, 1 vaso de chumbo

**7. Estatuetas:**

Vários fragmentos de estatuetas. 1 desses fragmentos é de estátua de animal.

**8. Ferramentas:**2 fusos  
1 pino de bronze  
3 ferramentas denticuladas.  
1 botão em bronze  
1 agulha de bronze  
1 fuso de chumbo**9. Outros:**Pedacos de ocre amarelo  
Pequenas contas.  
Ossos de animais.  
3 nódulos (2 com inscrições em Linear B).  
1 bancada coberta por gesso branco.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997*, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XVII

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:****7. Estatuetas:**Fragmentos de  
estatuetas  
femininas.**8. Ferramentas:**1 Lâmina em  
obsidiana.**9. Outros:**Pedaço de parede  
em gesso.  
1 ponta de flecha  
em bronze.**10. Comentários:**

Consiste no pórtico do mégaron.

**11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XVIII

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos cerâmicos.  
1 vaso de cerâmica  
1 tampa de chumbo  
1 *pithos*

**7. Estatuetas:**

1 estatueta Psi  
1 cabeça de cobra em terracota  
1 fragmento de perna de animal.

**8. Ferramentas:**

1 amolador de pedra (whetstone).

**9. Outros:**

1 bancada.  
3 impressões de selos com linear B.  
1 disco em terracota  
Ossos queimados e presença de manchas com sinais de queima (fogueira ou incêndio).  
Gesso amarelo e vermelho no chão.  
1 tampa de chumbo.

**10. Comentários:**

Quarto possui acesso ao poço que possivelmente se conecta com os ductos de água.

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999 excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000–2001.

WALBERG, G. **Midea: The Megaron Complex and Shrine Area.** Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XIX (Shaft)

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

Fragmentos de cerâmica (Heládico Médio IIIB e Heládico Recente I).

1 fragmento de perna de vaso em tripode de pedra.

**7. Estatuetas:****8. Ferramentas:**

1 pistilo.

**9. Outros:**

Ossos e camada de plesia. Poço que leva para uma cisterna.

1 osso trabalhado.

**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995–1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22–23, p. 57–90, 1997–1998.

WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007



**1. Nome:**

Room XX

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**

1 vaso de chumbo.  
1 pithos.  
1 vaso pequeno para cozinhar em trípode.  
1 ânfora  
1 ríton

**7. Estatuetas:**

1 estatueta em Tau  
2 fragmentos de estatuetas de animais.

**8. Ferramentas:**

2 socadores em pedra  
4 fragmentos de pedra de moer (quern).  
1 fuso cônico.  
1 pedra de amolar (whetstone).  
1 lâmina de obsidiana.

**9. Outros:**

1 pomo de espada em marfim.  
1 ponta de flecha  
Pedaços de gesso pintado.  
1 altar ou plataforma semi-circular  
1 pedra esférica.  
1 pedaço de chumbo.

**10. Comentários:**

Possivelmente trata-se de um santuário (DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, p. 90).

**11. Imagens/plantas:**

Plataforma  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 1997-1998, fig. 102)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998  
WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997*, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XXII

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:****7. Estatuetas:****8. Ferramentas:****9. Outros:**

	1 fragmento de estatueta animal. 3 fragmentos de estatuetas femininas.	1 pistilo 1 fuso	1 disco perfurado em terracota. 1 conta de faiança 1 peso de bronze.
--	---	---------------------	--

**10. Comentários:**

--

**11. Imagens/plantas:**

--	--

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 1995-1996. *Opuscula Atheniensia*, v. 22-23, p. 57-90, 1997-1998.  
 WALBERG, G. *Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994-1997, Prehistoric Monographs*, v. 20, Philadelphia, 2007.

**1. Nome:**

Room XXV

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**1 vaso fragmentado  
1 cálice**7. Estatuetas:**

1 estatueta de animal

**8. Ferramentas:**1 lâmina de bronze  
1 mó  
2 ferramentas dentadas em obsidiana.  
2 lâminas de obsidiana  
1 socador em pedra**9. Outros:**Conchas, ossos e ocre vermelho e amarelo.  
1 pedaço de fluorita cortado  
1 conta de vidro  
1 concha de triton  
1 peneira (*sieve*)**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Work in Midea 1997–1999: excavation, conservation, restoration. **Opuscula Atheniensia**, v. 25–26, p. 35–52, 2000-2001.

WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XXVI

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**1 cálice  
1 base de cálice**7. Estatuetas:**

1 estatueta Psi

**8. Ferramentas:**1 fuso  
Lâminas em  
obsidiana.**9. Outros:**Conchas, ossos,  
marfim e pedaço  
de metal.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Room XXX

**2. Unidade Construtiva:**

Complexo do mégaron

**3. Local:**

Intramuros

**4. Estrutura:**

Complexo do mégaron

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Room XXX e XXIX:  
cálice, pithos e  
vaso de chumbo.**7. Estatuetas:**Room XXX e XXIX: 4  
estatuetas**8. Ferramentas:**Room XXX e XXIX:  
Fusos, líticos, mós.**9. Outros:**O duto três passa  
pela estrutura.**10. Comentários:****11. Imagens/plantas:****12. Bibliografia:**WALBERG, G. **Midea**: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

**1. Nome:**

Trincheira 1 (Acrópole Média)

**2. Unidade Construtiva:****3. Local:****4. Estrutura:**

Intramuros

**5. Datação:**

LH IIIB2 (1240-1210) BC

**6. Vasos:**Fragmentos  
cerâmicos.**7. Estatuetas:**1 fragmento de  
estatueta de  
animal.  
1 Fragmentos de  
estatuetas em  
miniatura.**8. Ferramentas:****9. Outros:**Ossos, carvão,  
gesso e conchas.**10. Comentários:**

Há aparentemente alguns muros.

**11. Imagens/plantas:**

Trincheira 1  
(DEMAKOPOULOU *et al.*, 2002, fig. 38)

**12. Bibliografia:**

DEMAKOPOULOU, K. *et al.* Excavations in Midea 2000 and 2001. **Opuscula Atheniensia**, v. 27, p. 27–58, p. 38–39, 2002.

WALBERG, G. **Midea: The Megaron Complex and Shrine Area. Excavations on the Lower Terraces 1994–1997**, Pre-historic Monographs, v. 20, Philadelphia, 2007

ANEXO V - AZIMUTES  
Terraço Sudoeste - Azimute

<b>Edifício</b>	<b>Orientação</b>	<b>Azimute</b>
Room I	AZ C	22,81
Room I	AZ B	124
Room I	AZ D	199,47
Room I	AZ A	303,6
Room II	AZ B	34,3
Room II	AZ C	134,17
Room II	AZ A	213
Room II	AZ D	312,6
Room III	AZ C	32,07
Room III	AZ B	124,35
Room III	AZ D	211,82
Room III	AZ A	305,2
Room IV	AZ C	42,8
Room IV	AZ B	132,8
Room IV	AZ D	220,5
Room IV	AZ A	310
Room IX	AZ D	28,42
Room IX	AZ A - N	116,45
Room IX	AZ A - S	123,1
Room IX	AZ C	207,6
Room IX	AZ B - N	296,12
Room IX	AZ B - S	303,5
Room V	AZ C	16,02
Room V	AZ B	134,5
Room V	AZ D	194
Room V	AZ A	312,7
Room VI	AZ C	24,93

Room VI	AZ B	117,1
Room VI	AZ D	204,6
Room VI	AZ A	294,03
Room VII	AZ A	24,8
Room VII	AZ C	115,6
Room VII	AZ B	205,12
Room VII	AZ D	293,3
Room VIII	AZ C	25,8
Room VIII	AZ B	115,4
Room VIII	AZ D	203,5
Room VIII	AZ A	293,5
Room XI	AZ B	26,4
Room XI	AZ C	116,35
Room XI	AZ A	206,27
Room XI	AZ D	293,73
Room XII	AZ C	26,67
Room XII	AZ B	117,23
Room XII	AZ D	205,77
Room XII	AZ A	292,72
Room XIV	AZ B	28,51
Room XIV	AZ C	113,38
Room XIV	AZ A	207,62
Room XIV	AZ D	291,64
Room XV	AZ D	39,1
Room XV	AZ A	116,46
Room XV	AZ C	214
Room XV	AZ B	293,27
Room XVI	AZ D	35,38
Room XVI	AZ B	125,5



Room XVI	AZ C	213,77
Room XVI	AZ A	302,5

### Acrópole Alta – Azimutes

<b>Edifício</b>	<b>Orientação</b>	<b>Azimute</b>
Trincheira A	AZ A	331
Trincheira A	AZ B	149,5
Trincheira A	AZ C	235,8
Trincheira A	AZ D	59,7
Trincheira Aa	AZ A	333
Trincheira Aa	AZ B	154

### Edifícios na Porta Leste

<b>Edifício</b>	<b>Orientação</b>	<b>Azimute</b>
Room 6	AZ B	43,44
Room 6	AZ C	135,9
Room 6	AZ A	224,03
Room 6	AZ D	316,1
Room 7	AZ B	37,9
Room 7	AZ C	130,35
Room 7	AZ A	216,25
Room 7	AZ D	307,24
Room 8	AZ B	37,85
Room 8	AZ C	126,7
Room 8	AZ A	218
Room 8	AZ D	307,92
Trench 3 e 12	AZ B	38,34
Trench 3 e 12	AZ C	132
Trench 3 e 12	AZ A	215,9
Trench 3 e 12	AZ D	309

Trench F	AZ B	63
Trench F	AZ A	245

### Edifícios na Porta Oeste

<b>Edifício</b>	<b>Orientação</b>	<b>Azimute</b>
Room IV	AZ D	9
Room IV	AZ B	94,9
Room IV	AZ C	185
Room IV	AZ A	276,64
Room IX	AZ D	0,87
Room IX	AZ A	83,2
Room IX	AZ C	180,5
Room IX	AZ B	264,97
Room V	AZ A	5,8
Room V	AZ C	90,6
Room V	AZ B	185,72
Room V	AZ D	272,6
Room VI	AZ D	3,34
Room VI	AZ A	87,8
Room VI	AZ C	182,02
Room VI	AZ B	266,7
Room VII	AZ A	3,07
Room VII	AZ C	94,56
Room VII	AZ B	181,35
Room VII	AZ D	247,8
Room VIII	AZ C	10,64
Room VIII	AZ B	105,18
Room VIII	AZ D	191
Room VIII	AZ A	284,9

Room X	AZ A	84
Room X	AZ C	178
Room X	AZ B	260
Room X	AZ D	359,9
Room XIII	AZ A	11,7
Room XIII	AZ C	110,2
Room XIII	AZ B	191,25
Room XIII	AZ D	287
Room XIV	AZ A	13
Room XIV	AZ C	101,8
Room XIV	AZ B	191,3
Room XIV	AZ D	284,8